

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 22, N 45 SÃO PAULO, BRAZIL
JANUARY - JUNE 2023





CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 22, N. 45
(Jan.- Jul. 2023).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

45

JUNE - 2023



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

*Editorial Board
Cuerpo Editorial*

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali
Universidade de São Paulo
Vivian Urquidí
Universidade de São Paulo

Editora Convidada - N. 45

*Editora Convidada - N. 45
Guest Editor - N. 45*

Rafaela Nunes Pannain
Universidade de São Paulo

Coordenação Editorial

*Coordinación Editorial
Editorial Coordination*

Bruno Massola Moda
Maria Medeiros Palazzo Rolim
Universidade de São Paulo

Editoras/es Associadas/os

*Associate Editors
Editoras/es Asociadas/os*

Bernardo Maçano Fernandes
Universidade Estadual de São Paulo
Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez
Universidade Federal de Paraná

Eduardo Guedes Pereira
University of West Indies

Félix Pablo Friggeri
Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos
Universidade de Brasília

Júlio César Suzuki
Universidade de São Paulo

Lincoln Secco
Universidade de São Paulo

Lucilene Cury
Universidade de São Paulo

Marilene Proença Rebello de Souza
Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa
Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry
Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias
Universidade de São Paulo

Editoras/es Honorárias/os

*Honorary Editors
Editora/es Honorarias/os*

Sedi Hirano
Universidade de São Paulo
Emir Simão Sader
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado
Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani
Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves
Universidade de São Paulo

Arte

Graphic Design
Gabriel Galdino
Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

*International Advisory Board
Cuerpo Editorial Internacional*

Ana Esther Ceceña
Universidad Nacional Autónoma de México

Andrés Donoso Romo
Universidad Playa Grande

Angel Guillermo Quinteros
Universidad de Puerto Rico

Ariel Gómez Ponce
Universidad Playa Grande

Elissa Loraine Lister Brugal
Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw
Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón
Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján
Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya
Universidad Nacional de Colombia

Luis Carlos Jiménez Reyes
Universidad Nacional de Colombia

Nohora Inés Carvajal Sanchez
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Nohra Leon Rodriguez
Universidad Nacional de Colombia

Octavio Quesada García
Universidad Autónoma de México

Pablo Rocca
Universidad de la República

Raúl Bernal-Meza
Universidades Nacional del Centro

Tício Escobar
Centro de Artes Visuales

Vincent Gouëset
Université Rennes 2

Wladimir Mejía Ayala
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editora/es Assistentes

*Assistant Editors
Asistentes Editoriales*

Giovanna Fidelis Chrispiano
Andréa Rosendo da Silva
Graziela Tavares de Souza Reis
Fernanda Durazzo de Oliveira
Suzana Maria Loureiro Silveira
Ygor Pierry Piemonte Ditão
Gabriel Dibb Daub De Vuonno
Deise dos Santos Oliveira
Lucas Cotosck Lara
Helena S. Rodrigues Cunha
Karen Marcello
Isabela Furegatti Corrêa
Ana Paula Dias
Francielli Mores Gusso
Maira Alejandra Amaris Buelvas
Universidade de São Paulo

Estagiárias

Intern

Marsol Oliveira Rocha
Maria Eduarda de Oliveira Alves
Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de ***BJLAS*** priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras ***Editors***

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi 
Universidade de São Paulo

Editores convidados ***Guest Editors***

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

ARTIGOS / Artículos / Papers

Pablo González Casanova (1922-2023), um grande latino-americanista

Pablo González Casanova (1922-2023), un gran latinoamericanista

Pablo González Casanova (1922-2023): a great Latin Americanist

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Rafaela Pannain

Bruno Massola Moda

01

Por uma sociologia para a emancipação: Pablo González Casanova e a sociologia militante latino-americana

Por una sociología para la emancipación: Pablo González Casanova y la sociología militante latinoamericana

For a sociology for emancipation: Pablo González Casanova and Latin American militant sociology

Lia Pinheiro Barbosa

59

As condições para o surgimento do Movimento Armado Socialista do México e a contrainsurgência entre as décadas de 1960 e 1980

Las condiciones para el surgimiento del Movimiento Armado Socialista de México y la contrainsurgencia entre 1960 y 1980

The conditions for the Socialist Armed Movement emergence in Mexico and the counterinsurgency between the 1960's and 1980's.

Larissa Jacheta Riberti

92

América latina: la trampa para las clases reinantes

América Latina: a armadilha para as classes reinantes

Latin America: the trap for the reigning classes

Marcos Cueva Perus

129

“El marxismo dará salud a los enfermos”: ideia-chave da medicina social latino-americana

“El marxismo dará salud a los enfermos”: idea clave de la medicina social latinoamericana

“El marxismo dará salud a los enfermos”: key idea of Latin American social medicine

Diego de Oliveira Souza

En búsqueda de un cine simbiótico: Shun de la ecuatoriana Sani Montahuano y Yollotl del mexicano Fernando Colin Roque

Em busca de um cinema simbiótico: Shun da equatoriana Sani Montahuano e Yollotl do mexicano Fernando Colin Roque

In pursuit of a symbiotic cinema: Shun by the Ecuadorian Sani Montahuano and Yollotl by the Mexican Fernando Colin Roque

Lucía Fernanda Romero Paz y Miño

179

Revolução Cubana entre artistas e intelectuais brasileiros: o caso de Violão de Rua

La Revolución Cubana entre artistas e intelectuales brasileños: el caso de 'Violão de Rua'

The Cuban Revolution between Brazilian artists and intellectuals: the "Violão de Rua" case

Dédallo Neves

204

O pluralismo jurídico como alternativa para a América Latina em âmbito supranacional de proteção multinível de direitos humanos

El pluralismo jurídico como alternativa para América Latina en el ámbito supranacional de la protección multinivel de los derechos humanos

Legal pluralism as an alternative for Latin America in the supranational scope of multi-level protection of human rights

Guilherme Marinho de Araújo Mendes

Claudyvan Jose dos Santos Nascimento Silva

227

ARTIGOS / Artículos / Papers

O presente peronista: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” no discurso populista de Juan Domingo Perón (1946-1955)

El presente peronista: “espacio de experiencia” y “horizonte de expectativa” en el discurso populista de Juan Domingo Perón (1946-1955)

The peronist present: “space of experience” and “horizon of expectation” in the populist discourse of Juan Domingo Perón (1946-1955)

Ana Laura Galvão Batista

247

Conjunturas críticas, mudanças de ciclos políticos e desdemocratização na Venezuela ao longo dos governos chavistas

Coyunturas críticas, cambios en los ciclos políticos y desdemocratización en Venezuela a lo largo de los gobiernos chavistas

Critical conjunctures, changes in political cycles and de-democratization in Venezuela throughout the Chavista governments

Jefferson Nascimento

271

Kaldor e Prebisch: reflexões sobre a industrialização e as economias de Brasil e Argentina

Kaldor y Prebisch: reflexiones sobre la industrialización y las economías de Brasil y Argentina

Kaldor and Prebisch: reflections on industrialization and the economies of Brazil and Argentina

Francisco Thainan

306

RESENHA / Book Review / Reseña

Uma América Latina em constante (re)definição

Una América Latina en constante (re)definición

A Latin America in constant (re)definition

Igor Lemos Moreira

331

Flora Tristan e o sistema de justiça patriarcal: a insurgência de “Peregrinações de uma Pária”

Flora Tristán y la justicia patriarcal: la insurgencia de “Peregrinaciones de una paria”

Flora Tristan and the patriarchal justice system: the insurgency of “Pilgrimages of an Pariah”

Joana das Flores Duarte

341

El desafío del desarrollo. trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX

O desafio do desenvolvimento: trajetórias dos grandes economistas latinoamericanos do século XX

The development challenge: trajectories of the great Latin American economists of the 20th century

Héctor López Terán

352

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Pablo González Casanova (1922-2023), um grande latino-americanista

A **BJLAS** abre esta edição com uma justa homenagem póstuma a **Pablo González Casanova**, um grande intelectual latino-americanista e referência permanente ao pensamento crítico latino-americano. Faleceu no mês de abril de 2023, aos 101 anos de idade, mantendo até os últimos dias uma atividade intelectual e o desafio de interpretar a realidade latino-americana. Deixou, assim, um lastro de pensamento crítico na sociologia latino-americana, a começar pelo seu país, o México, apontando questões sobre a história das ideias e também sobre o Estado, a democracia, o processo de modernização política e econômica e o contraste com a situação de desigualdade e marginalidade social, além da situação da sociedade plural e a necessidade da justiça social. Militou ao longo da sua vida no campo das esquerdas, dedicando seus últimos anos a acompanhar as lutas sociais contemporâneas e autonomias indígenas zapatistas.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programa de Pós-graduação Integração da América Latina. *E-mail:* ciamali@uol.com.br

³ Mestre em Ciência Política/Relações Internacionais pela Université Paris 1 Sorbonne (2008) e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2014). Membro do grupo de trabalho Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", do Núcleo de Pesquisa, Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latinoamericanas (Nupdelas) e do Grupo Mobilizações Sociais, da Universidade de São Paulo. *E-mail:* rafaelapannain@usp.br

⁴ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

Por esta trajetória rica que inclui ter sido reitor da *Universidad Autónoma de México (UNAM)* – único reitor de esquerda -, recebeu dessa instituição a rara indicação de pesquisador e professor emérito pela ativa participação pela institucionalização e a profissionalização da sociologia mexicana, bem como pela criação e consolidação de centros de pesquisa entre os quais o *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*. Consagra-se, assim, como pai de uma geração importante de pensadores de diversas instituições e países da América Latina, de modo que nossa homenagem é também para um grande latino-americanista.

Iniciou sua formação no curso de Direito, área em que muitos dos cientistas sociais daquela época começavam seus estudos. Até a década de 1950, no México, assim como em outras universidades da América Latina, as Ciências Sociais e a Filosofia estavam dentro dos cursos de Direito e, como tais, submetidas às diretrizes do formalismo jurídico.

Havia já, contudo, na década de 1940, um movimento pela institucionalização das ciências sociais e humanidades, e o desenvolvimento do campo e das técnicas de pesquisa social, de modo que Pablo González Casanova pôde seguir essa trilha ingressando no mestrado no curso de *Ciencias Históricas* no *Colegio de México*. Caracterizava este programa de pós-graduação o diálogo da História com as Ciências Políticas, a Sociologia e a Filosofia ao amparo de uma geração de docentes mexicanos e, particularmente, de professores espanhóis que chegaram ao México trazendo na bagagem suas expertises e também o aprendizado com as lutas de resistência contra o franquismo e pela defesa das liberdades. Desse modo, num cenário renovado das ciências sociais e humanidades, de pluralismo das ideias e de pensamento insurgente contra as formas autoritárias do Estado, o pós-graduado aprendeu a se afastar não apenas das tendências fascistas, mas também do forte dogmatismo stalinista nos intelectuais comunistas mexicanos.

Paralelamente ao mestrado, González Casanova se vinculou também ao *Instituto de Investigaciones Sociales* (IIS) da UNAM, destacado centro de pesquisa que adotara de forma pioneira no país a disciplina de Sociologia, num ambiente propício que contava com uma das mais importantes bibliotecas especializadas em ciências sociais e de um programa de bolsas para seus estudantes.

Nesse ambiente de crítica política, renovação epistêmica e fomento para a pesquisa, o mestre se desenvolverá intelectualmente no campo da história das ideias e das pesquisas empíricas na sociologia.

As ciências sociais mexicanas recebiam naquele período importante incentivo do governo com investimentos na educação superior, principalmente a partir da década de 1930, visando alinhar a universidade aos propósitos de produzir profissionais para atuar no aparato estatal e, assim, favorecer a consolidação do projeto político e cultural nacional-populista, a partir de estudos sociais e da História do rico patrimônio cultural mexicano.

Nos ambientes acadêmicos, porém, a filiação dos intelectuais à burocracia estatal causava progressivo desconforto pela perda de autonomia e pelo gradual desgaste político do populismo e das tendências autocráticas do partido no governo, o *Partido Revolucionario Institucional - PRI*, que desde sua formação, na década de 1930, se impunha no aparato governamental sem alternância política.

Vislumbrava-se, pois, já uma crise no modelo político nacionalista pós-revolucionário, bem como tornavam-se progressivamente incontestes os contrastes da modernização econômica e industrial, com a situação de marginalidade social da população e dos povos indígenas, o que impunha a consolidação de uma ciência social rigorosa do ponto de vista teórico e metodológico, seja nos estudos sociais empíricos – vertente mais consolidada, em claro diálogo com a academia norte-americana -, ou na

matriz crítica do marxismo. Ambas as fontes de pensamento e bases epistêmicas estão articuladas nas obras de González Casanova.

Findado o mestrado, consagrou seu perfil de pesquisador na França, com um doutorado na Sorbonne sob orientação do revolucionário da historiografia, Fernand Braudel.

Nesse período, num cenário de pós-guerra na França e de efervescência do marxismo nos foros acadêmicos, González Casanova aprofundou seus conhecimentos sobre o materialismo histórico, encontrando nas diversas correntes marxistas aquela que mais lhe interessaria, a do filósofo italiano Antonio Gramsci. Na análise das estruturas de poder e dominação, e no reconhecimento da importância da luta ideológica e cultural como um elemento fundamental na reprodução das desigualdades e da exploração, González Casanova pôde pensar melhor o contexto latino-americano e as estruturas culturais e simbólicas que sustentam a *Hegemonia*. Nesta perspectiva, o conceito de democracia ganha o sentido mais abrangente do poder de base popular, o que incluiria a organização e a participação da sociedade civil pelo caminho das lutas das classes populares na transformação das dinâmicas políticas e sociais locais e da justiça social. A democracia seria um método de governo, enquanto que a luta pelo socialismo seria o caminho da organização popular.

No doutorado, González Casanova realiza uma análise – que é também uma denúncia – sobre a historiografia europeia e o modo como ela explica a realidade hispano-americana entre os séculos XVI e XVIII, observando sua influência na interpretação, nos projetos e nas ideologias com que autores hispano-americanos analisam a própria história, permeada de preconceitos e eurocentrismo.

Com essa rica acumulação de conhecimentos e novas preocupações sócio-históricas, de retorno ao México, já na década de 1950, González

Casanova se reincorpora à pesquisa no *Instituto de Investigaciones Sociales* da UNAM e à academia na *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales* (ENCPyS, futura *Facultad de Ciencias Políticas y Sociales*) desta Universidade. No período entre 1957 e 1965, assume a Direção da ENCPyS com um projeto de profissionalização da sociologia no México, e neste cargo, em 1960, cria o *Centro de Estudios Latinoamericanos* (CELA), um espaço e marco fundamental para a constituição do pensamento social latino-americano e de estudos políticos e socioeconômicos sobre a América Latina e o Caribe. Desde sua criação, a clara convicção *latino-americanista* - estimulada pela recente Revolução Cubana - em perspectiva interdisciplinar, deu ao Centro as bases para desenvolver um pensamento crítico e pesquisas sobre a região, além de favorecer as condições para o acolhimento progressivo, nas próximas décadas, de intelectuais e pensadores influentes – principalmente marxistas - provindos de outros países da América Latina onde o campo científico da sociologia também vinha se consolidando desde a década de 1950, principalmente no *Instituto de Sociología* da *Universidad de Buenos Aires*; e na escola crítica brasileira, na trilha de Florestan Fernandes, na *Universidade de São Paulo*.

A centralidade acadêmica do CELA desde a década de 1960 na produção de conhecimento sobre a América Latina e o Caribe – a pós-graduação em *Estudios Latinoamericanos* será criada logo, em 1973 - tem a ver com o inegável compromisso da universidade mexicana, enquanto o México se constituía como país de asilo de intelectuais oriundos de países latino-americanos governados por ditaduras, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970. A UNAM recebeu cientistas sociais de alto nível de produção de pensamento e pesquisa, tais como os equatorianos Bolívar Echeverría e Agustín Cueva, o boliviano René Zavaleta Mercado, os brasileiros Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Sérgio Bagu e Ruy Mauro Marini, os chilenos Hugo Zemelman e Orlando Caputo, e, entre outros, os argentinos Gregorio Selser, Adolfo Gilly e José Aricó, além dos salvadorenos Rafael Menjivar Larín, Rafael Guidos Béjar e

Ernesto Richter. Muitos deles foram acolhidos no *Centro de Estudios Latinoamericanos*, resultando em estudos vanguardistas sobre a região.

Neste momento de afluência das mais lúcidas mentes latino-americanas e *latino-americanistas*, em 1969, realiza-se o IX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS) no México, em que Pablo González Casanova será eleito presidente da Associação (na década de 1980, exercerá o cargo novamente). Anteriormente, já tinha também ocupado o cargo de Diretor e Presidente da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (1957-1965).

O contexto de golpes de Estado na América Latina, de lutas de *libertação* com horizontes revolucionários, bem como de crise política e progressivo déficit democrático no México constituíram o cenário para que González Casanova escrevesse em 1965 uma de suas obras mais influentes e marco dos estudos sociais e políticos, *La Democracia en México*.

Na obra, González Casanova analisa as contradições de um México que se moderniza econômica e politicamente, mas que é incapaz de superar a situação interna de subdesenvolvimento e marginalidade social. Com essa obra, se abre um debate sobre as estruturas de dominação, o conformismo e a desigualdade social, e se propõem, também, alternativas pela mobilização política e a luta social para a construção democrática. A obra se ancora numa pesquisa histórica e também empírica com interpretações críticas no campo marxista sobre o *relativo conceito de democracia* –considerado o caráter eurocêntrico do conceito e experiências de referência –, e deste modo, permite compreender um México determinado por relações políticas, sociais, econômicas e culturais de herança colonial embrenhadas na história pós-revolucionária. O estudo trata da natureza da crise política mexicana a partir da crítica ao populismo, o que exigia repensar o papel do Estado - enfraquecido pelos poderes econômicos locais e de frágil soberania perante os Estados Unidos -, e as

tendências autoritárias, além da ausência de pluralidade partidária. Tendo em vista o horizonte socialista, o autor critica a falta de autonomia sindical, em cenários de manipulação política e conformismo, e a situação das organizações populares e das classes marginalizadas, desafios centrais de um projeto democrático. Cabe destacar que neste período, nas zonas rurais e urbanas, surgiram movimentos, inclusive armados, que seriam fortemente reprimidos pelo Estado. Uma análise deste período é apresentada neste número da revista pela historiadora Larissa J. Riberti, no artigo ***As condições para o surgimento do movimento armado socialista do México e a contrainsurgência entre as décadas de 1960 e 1980.***

Corresponde a este período, entre os anos 1970 e 1972, a nomeação de González Casanova como reitor da *Universidad Nacional Autónoma de México*, período em que tentou realizar profundas transformações pedagógicas na instituição, como a participação da comunidade universitária nos debates que levariam à tomada de decisões sobre a estrutura - acadêmico-científica e física - da universidade. Contudo, a reação institucional - com o risco de invasão policial e perda da autonomia universitária - induz González Casanova a apresentar no segundo ano da sua gestão a renúncia.

Numa América Latina convulsionada, tais cenários não eram estranhos quando se tratava de pensar as democracias do resto dos países latino-americanos.

Neste livro clássico da sociologia mexicana - de fato, não apenas nele -, González Casanova desenvolve uma das compreensões mais sofisticadas para interpretar também a realidade latino-americana, qual seja a do *Colonialismo Interno*, conceito analítico que logo repercutirá na sociologia e na antropologia latino-americanas. Na compreensão de González Casanova, o “*colonialismo interno*” caracteriza as experiências dos países marcados pela situação de “*marginalidade*” social e pela “*pluralidade*”

social” - hoje dir-se-ia pela *heterogeneidade sócio-histórica e cultural*. Define particularmente o tratamento aos povos indígenas e às populações rurais, com os quais se estabelecem relações do tipo colonial, semelhantes às relações entre metrópole e colônia. No *colonialismo interno*, a luta de classes tem conteúdo de luta de nações culturalmente distintas dentro do mesmo país, sendo que o segmento que domina a política e a economia é étnica e culturalmente distinta ao segmento dominado, o das nações indígenas.

Neste número da **BJLAS**, abrimos a edição com o artigo oportuno ***Por uma sociologia para a emancipação: Pablo González Casanova e a sociologia militante latino-americana*** da socióloga Lia Pinheiro, docente e pesquisadora na *Universidade Estadual de Ceará (UECE, Brasil)*, em que as contribuições teóricas e a atualidade dos conceitos e do pensamento de González Casanova são minuciosamente tratadas.

Sabe-se que o pensamento crítico latino-americano nasceu dos desafios de pensar a complexidade regional a partir da produção de um conhecimento local e com a urgência política da transformação. González Casanova assumiu este compromisso no campo das esquerdas a partir do materialismo histórico, mas sem ortodoxia. No livro também clássico, *Sociología de la Exploración* (1969), ele defende a vigência das categorias marxistas, mas critica as vertentes mais ortodoxas e deterministas sobre as etapas do capitalismo. Aos dependentistas é dirigida a crítica de negligenciar a teoria do valor. Dialoga com o estrutural-funcionalismo, mas expõe sua rejeição ao falso rigor empirista das teorias da modernização.

As contribuições da obra de González Casanova, e a recepção do seu trabalho ao longo da América Latina, são testemunhos incontestes da validade das suas estratégias epistêmicas plantadas na direção na ENCPyS e, posteriormente, no *Instituto de Investigaciones Sociales*, onde se formaram pesquisadores de e para a América Latina. Nas próximas

décadas, novas gerações de teóricos sociais *latino-americanistas*, bem como ativistas e militantes – inclusive da luta armada –, além de intelectuais indígenas vão se nutrir das reflexões de González Casanova.

A volumosa obra de González Casanova inclui 24 livros, como os clássicos já citados *La Democracia en México* (1965) e a *Sociología de la Exploración* (1969), além de *Imperialismo y Liberación en América Latina* (1990). Organizou duas coletâneas centrais que favoreceram o diálogo entre intelectuais da região. A primeira reúne estudos sobre a situação dos camponeses indígenas na América Latina, e a segunda trata da história dos países da região ao longo de cinco décadas do século XX, ambas editadas pela *Siglo Veintiuno*. A coletânea “*Historia Política de los Campesinos Latinoamericanos*” foi publicada em cinco volumes entre 1984 e 1985; a segunda coletânea “*América Latina: Historia de medio siglo*”, foi editada em dois volumes publicados em 1977 (no Brasil, “*América Latina: História de meio século*”, em quatro volumes, foi traduzida pela Editora da UNB e lançada em 1988).

Escreveu também sobre a Revolução Cubana, as lutas armadas em Guatemala, El Salvador, Nicarágua e Colômbia; o golpe contra a Unidad Popular no Chile; o Che na Bolívia... e a insurreição chiapaneca, esta última já num cenário em que o horizonte revolucionário socialista havia desaparecido dos projetos políticos das esquerdas, e a democracia consolidada era a neoliberal. Aos 96 anos, o *Comité Clandestino Revolucionario Indígena del Ejército Zapatista de Liberación Nacional* lhe outorgou o digno título de *Comandante do EZLN Pablo Contreras*, em reconhecimento ao apoio ao movimento no processo de paz, por sua luta para o cumprimento dos acordos de San Andrés, e também pelos artigos, conferências, manifestos e participação em eventos ao lado dos zapatistas. O Comandante “*Contreras*” recebeu o codinome pelo pensamento sempre crítico e independente, insurgente, atuando incansavelmente ao lado dos povos indígenas e dos oprimidos.

Os novos desafios do neoliberalismo e a consolidação do sistema mundo o fizeram repensar e atualizar, já no século XXI, o conceito de *colonialismo interno* à luz das novas formas de acumulação das redes empresariais e financeiras transnacionais, dos limites dos poderes e das funções do Estado, do desmonte da classe operária e da crise do Estado-Nação. Ele vislumbrou também com esperança a necessidade de apostar no internacionalismo das novas resistências antissistêmicas e nas lutas revigoradas dos povos indígenas do novo século. Seu pensamento, assim, manteve-se atual e por isso será constantemente resgatado nos desafios dos povos oprimidos do século XXI, nas reconfigurações de Estados (pluri)nacionais e sempre quando a urgência política das pendências sociais históricas da América Latina e do Caribe assim o exigirem.

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** deseja dedicar o número 45 a este pensador latino-americano e ativista do mais legítimo e autêntico latino-americanismo.

Cabe ainda um destaque final nesta homenagem. Pablo González Casanova teve diversas passagens pelo Brasil, pelo *Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS)*, instituição de pesquisa e ensino criada com apoio da UNESCO, em 1957, com o propósito de promover a formação e pesquisa nas ciências sociais, exclusivamente sobre América Latina. González Casanova foi presidente da CLAPCS por duas vezes, em 1961-1962 e em 1965-1966. No período entre 1959 e 1976, o Centro publicou a revista "*América Latina*", cuja relevância destacamos em continuação.

Assim como González Casanova, o CLAPCS recebeu outro grande intelectual mexicano, o antropólogo Rodolfo Stavenhagen, que além de assumir a Secretaria Geral do CLAPCS (entre 1962 e 1964) foi editor da revista "*América Latina*", onde foram publicados, cabalmente, os artigos

que compõem um dos debates e diálogos mais profícuos sobre um conceito que nascia, *Colonialismo Interno*. Saber-se-ia, depois, que o conceito foi mencionado anteriormente num Seminário do CLAPCS, pelo sociólogo norte-americano Charles W. Mills. A revista “*América Latina*” foi o âmbito em que, na edição número 3, publicada em 1963, Pablo González Casanova elaborou suas primeiras reflexões sociológicas sobre o conceito num artigo intitulado “*Sociedad Plural, Colonialismo Interno y Desarrollo*”. No número seguinte, na edição número 4 do mesmo ano, o conceito apareceu novamente em um artigo de Rodolfo Stavenhagen, sob o nome de “*Clase, Colonialismo y Aculturación*”, em que os aspectos culturais do conceito começavam a ser formulados. Um debate intelectual assim foi iniciado. Dialogando com ambos, também no número 3 da revista, o antropólogo brasileiro, Roberto Cardoso de Oliveira publicou o artigo “*Articulação e ‘Fricção Interétnica’*” em que o *Colonialismo Interno* ganhava o sentido de denúncia ao papel dos antropólogos nas políticas assimilacionistas sobre as populações indígenas.

Verifica-se que em determinados momentos, a realidade complexa pode colocar questões que exigem dos pensadores respostas criativas, questões que progressivamente se tornarão conceitos explicativos e analíticos centrais, ideias geradoras ou verdadeiros marcos referenciais de novas compreensões comuns sobre a complexidade. González Casanova esteve sempre na vanguarda de projetos intelectuais sobre a América Latina, iluminando com sua sensibilidade latino-americanista o caminho das ciências sociais na região.

Esta homenagem não será artigo de referência sobre o autor, cuja obra ultrapassa em muito o relato singelo destas palavras. Foram apenas destacados aspectos da produção latinoamericanista e atuação política do pensador como reconhecimento da sua obra e do sentimento que sua ausência nos deixa. Para tal, nos baseamos em estudos de pesquisadores que sintetizaram o percurso da institucionalização da sociologia na

América Latina (TAVARES DOS SANTOS; BAUMGARTEN, 2005; TRINDADE, 2018), que trilharam a obra e alguns conceitos centrais do autor (GANDARILLA, 2017; ROITMAN ROSENMAN, 2015; HERNÁNDEZ NAVARRO, 2015[2007]); e que se debruçaram sobre a passagem de González Casanova pelo Brasil (BRINGEL; LEONE, 2021), além das próprias obras do pensador, reunidas em valiosa antologia (GONZÁLEZ CASANOVA, 2015).

Uma análise muito original sobre Pablo González Casanova poderá ser encontrada neste número 45 da ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** elaborado pela pesquisadora da *Universidade Estadual do Ceará (UECE, Brasil)*, Lia Pinheiro Barbosa. A socióloga segue a obra de González Casanova pelo caminho que vincula a teoria crítica e a prática transformadora. Inicia a tarefa pela análise da *sociologia da exploração*, apresentando conceitos centrais, como o *colonialismo interno*, para progressivamente desvendar o projeto político do autor em termos de autonomia de classe, o que incluirá uma análise das lutas populares, como a do movimento indígena zapatista. O artigo intitula-se ***De uma sociologia para a emancipação: Pablo González Casanova e a sociologia militante latino-americana.***

O segundo artigo é uma análise do cenário histórico das décadas pós-revolucionárias no México em que se observam a inclinação progressiva ao enrijecimento do regime político sob o Partido Revolucionário Institucional (PRI) e a crescente tendência à repressão da oposição política de outros partidos como o *Partido Comunista*, o *Partido Popular* ou o *Partido Obrero Campesino de México*. No artigo intitulado ***As condições para o surgimento do Movimento Armado Socialista do México e a contrainsurgência entre as décadas de 1960 e 1980*** a historiadora social, Larissa Jacheta Riberti, da *Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)* analisa a repressão contra a população organizada e contra os partidos políticos de oposição, além do controle da imprensa e o uso violento do aparato militar e paramilitar. Paralelamente,

explica o modo como surgem os grupos de luta armada de ideologia socialista, além de outras mobilizações populares, como as de camponeses indígenas, nas áreas rurais, ou a dos estudantes universitários. O *Massacre de Tlatelolco*, o *Halconazo*, entre outros, são os episódios narrados deste período, pois explicam a emergência do *Movimiento Armado Socialista* do México.

Em diálogo com o filósofo Michael Foucault e o conceito de *soberania*, o próximo artigo que apresentamos na **BJLAS** trata dos governos progressistas latinoamericanos das últimas décadas e dos projetos de inclusão social. Em estilo de ensaio, se observa que a gestão das políticas de inclusão é ineficaz por não conseguir superar a hegemonia neoliberal e, também, pela confluência dessa hegemonia com a carga ideológica da colonialidade ainda vigente tanto nas elites/oligarquias como nos segmentos médios - aqui caracterizadas como *clases reinantes*. Além disso, os governos estão limitados pela autonomia relativa do Estado perante os capitais empresariais internos e externos, bem como pela interferência dos Estados Unidos. Nesse cenário, deve-se concluir que os governos progressistas não apenas ficaram marcados pelo insucesso das políticas sociais, como também porque agora enfrentam um tipo de violência paraestatal que se soma às formas históricas da violência de longa duração e limitam o sucesso da inclusão social. O artigo intitulado **América Latina: La trampa para las clases reinantes** é de Marcos Cuevas Perus, pesquisador do *Instituto de Investigaciones Sociales da Universidade Nacional Autónoma de México* (IIS/UNAM, México).

O quarto artigo deste número dialoga a partir da arte com as análises já apresentadas. Sob o título de **“El marxismo dará salud a los enfermos”**: **Ideia-chave da Medicina Social Latino-americana**, Diego de Oliveira Souza, pesquisador da *Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Brasil)*, estabelece vínculos criativos entre a filosofia da Medicina Social e as artes plásticas engajadas e assim contribui para a história do pensamento e da

arte latinoamericanos. A partir da interpretação de uma pintura da mexicana Frida Kahlo - reconhecida pelos autorretratos inspirados no México pós-revolucionário - o artigo relaciona questões da identidade nacional mexicana com preocupações políticas sobre a classe, as relações raciais e a situação das mulheres. De fato, tal leitura da realidade tem a ver não apenas com suas posições políticas como membro do Partido Comunista Mexicano, mas também com sua própria experiência da dor. Neste artigo, Diego de Oliveira Souza interpreta a pintura "*El Marxismo dará salud a los enfermos*" (1954), a partir das formulações de Georg Lukács sobre estética e política. A originalidade desta análise reside em que o autor, formado em Serviço social, faz dialogar sua área de conhecimento com a história da medicina e da arte. Contextualiza a vida de Frida Kahlo, sua obra, sua filiação ideológica no marxismo e sua atuação política no partido comunista mexicano. Também coloca tal cenário, dentro de um momento histórico mais amplo, o latino-americano em que a Medicina Social surge com preocupações também marxistas e críticas ao modo como a modernização e a economia de mercado transformam a saúde em mercadoria. Desse modo, o artigo nos permite recompor os diversos cenários das décadas pós-revolucionárias no México.

As possibilidades que a arte permite de representar os dilemas políticos e sociais contemporâneos é a temática do quinto artigo publicado na **BJLAS** sob o título de ***Em busca de um cinema simbiótico: Shun da equatoriana Sani Montahuano e Yollotl do mexicano Fernando Colin Roque***. O artigo analisa dois curtas-metragens que, mediante a linguagem do cinema, permitem realizar *simbioses* entre humanos e não humanos. A proposta se valoriza com referências ao pensamento ameríndio, permitindo questionar aspectos da sociedade contemporânea - como a crise ambiental - e oferecendo saídas a partir de uma releitura dos saberes ancestrais. Ambos os curtas-metragens são interpretados pela pesquisadora e criadora visual Lucía Fernanda Romero Paz y Miño, da

Universidad Andina Simón Bolívar (UASB, Ecuador), e foram produzidos pela cineasta indígena equatoriana Sani Montahuano, que ainda agrega elementos femininos, e pelo também cineasta Fernando Colin Roque, indígena mexicano.

O artigo que vem a seguir estabelece um diálogo das artes com as ciências sociais. O autor é o sociólogo Dédallo Neves, da *Universidade Federal do Paraná (UFPR, Brasil)*, que apresenta uma pesquisa sobre o impacto da Revolução Cubana na obra de poetas e intelectuais brasileiros. A fonte que o cientista utiliza é uma antologia de poemas, intitulada *Violão de Rua* (três volumes), e organizada pelo escritor e pesquisador Moacyr Félix, entre 1962 e 1963. Como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Félix incluiu na antologia escritos de autores como Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna e Geir Campos, com versos sobre a Revolução Cubana, Che Guevara e as Ligas Camponesas. Na prosa dos poetas, estão os ideais antiimperialistas e de superação do capitalismo, além da esperança no Terceiro Mundo, nas lutas dos trabalhadores proletários e dos camponeses, bem como o desejo de orientar o rumo do povo brasileiro em direção à Revolução. São temáticas que ecoam o impacto da Revolução Cubana, em que os horizontes de transformação radical da sociedade compunham o que o autor do artigo, Dédallo Neves, chama de “brasilidade revolucionária”. O nome do artigo é ***A Revolução Cubana entre artistas e intelectuais brasileiros: o caso de Violão de Rua.***

Os quatro últimos números desta revista garantem a diversidade temática das publicações na ***BJLAS***, pois são artigos no campo do Direito, da História, das Ciências Políticas e da Economia. Todas as propostas trazem modelos teóricos para interpretar ou intervir na realidade.

A partir da constatação de que na América Latina não existe tutela interna efetiva dos Direitos Humanos, o artigo intitulado ***O pluralismo jurídico como alternativa para a América Latina em âmbito***

supranacional de proteção multinível de Direitos Humanos é uma proposta e um exercício de pensar as possibilidades de construir um sistema de proteção supranacional que complemente as políticas nacionais de garantia dos direitos. O estudo analisa as possibilidades e virtudes das alternativas de proteção supranacional, apostando especificamente no pluralismo jurídico. Com prudência, discutem-se também as limitações dessas alternativas, principalmente no relativo a questões legais ou aos aspectos culturais internos de cada país, como por exemplo, a presença de povos indígenas com formas próprias de exercício da justiça. O artigo é escrito pelos cientistas jurídicos Guilherme Marinho de Araújo Mendes e Claudyvan José dos Santos Nascimento Silva, ambos da *Universidade Federal da Paraíba (UFPB, Brasil)*.

No artigo seguinte, o exercício teórico é interpretar o populismo na América Latina, especificamente o Peronismo argentino entre os anos 1946 a 1955, tendo como ferramenta a Metafísica do Tempo Histórico e o pressuposto das múltiplas temporalidades, conforme modelo do alemão Reinhart Koselleck. A abordagem permite analisar as convergências temporais no discurso populista de Perón e do povo argentino. A fonte de pesquisa são os documentos oficiais dos discursos de Perón. O artigo intitula-se **O presente peronista: “Espaço de experiência” e “Horizonte de expectativa” no discurso populista de Juan Domingo Perón (1946-1955)** e foi escrito pela pesquisadora em História, Ana Laura Galvão Batista, da *Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP, Brasil)*.

A Venezuela dos governos chavistas é o *locus* do próximo artigo. A proposta é utilizar um modelo metodológico que distingue recortes temporais ou ciclos políticos, em que se analisam as conjunturas críticas dos ciclos, e o resultado em termos de democratização ou não. O primeiro momento interpretado é o das transformações do governo Hugo Chávez, cujo conteúdo seria a democratização social e política. No segundo

momento, avalia-se a fase de desdemocratização da experiência chavista, principalmente depois da morte do Chávez, quando se inicia a gestão de Maduro. Esta segunda fase, caracterizar-se-ia como o ciclo da (des)democratização. A proposta é de Jefferson Nascimento, cientista político do *Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ, Brasil)*, e se intitula **Conjunturas críticas, mudanças de ciclos políticos e desdemocratização na Venezuela ao longo dos governos chavistas**.

O último artigo da revista é também um exercício teórico de análise de duas experiências de industrialização na Argentina e no Brasil em meados do século passado, a partir de dois autores: Nicholas Kaldor (1908-1986) e Raúl Prebisch (1901-1986), aqui colocados em comparação e, conforme se conclui, complementares quando se trata do crescimento e do desenvolvimento econômico. O artigo é intitulado **Kaldor e Prebisch: Reflexões sobre a industrialização e as economias de Brasil e Argentina** e foi escrito por Francisco Thainan, cientista econômico da *Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, Brasil)*.

Como projeto editorial, a **Brazilian Journal of Latin American Studies** apresenta no final de cada número resenhas de livros publicados recentemente sobre a América Latina e o Caribe, e também de obras consagradas pela literatura regional ou escritas por autores de importante trajetória intelectual sobre esta região.

A primeira obra resenhada é uma organização no campo da história das ideias e da história dos conceitos sobre a formação das identidades latino/hispano/ibero-americanas. Em **Uma América Latina em constante (re)definição**, Igor Lemos Moreira, da *Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC, Brasil)* faz uma resenha detalhada dos capítulos do livro *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX* organizado por Eliana Regina de Freitas Dutra e Jorge Myers.

A segunda resenha é um clássico da literatura de gênero latino-americana. Na resenha ***Flora Tristan e o sistema de justiça patriarcal: a insurgência de “Peregrinações de uma Pária”***, a pesquisadora do *Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (ISS/UNIFESP, Brasil)*, Joana das Flores Duarte, apresenta o livro *As peregrinações de uma pária* em que a autora, Flora Tristán, trata da sua viagem ao Peru desde a França, como uma obra testemunhal da sua relação com o país e de sua posição política contra o sistema de justiça patriarcal. No Peru, Flora Tristán escreveu suas memórias no início do século XIX, o que a transforma numa autora de vanguarda do movimento feminista e sua obra em clássico da literatura latino-americana escrita por uma mulher.

A última resenha versa sobre o pensamento econômico latino-americano e foi elaborada por Héctor López Terán, da *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*. A resenha preserva o título do livro ***El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX*** [O desafio do desenvolvimento. Trajetórias dos grandes economistas latino-americanos do século XX], organizado por Juan Odisio e Marcelo Rougier. Intelectuais como Aníbal Pinto, Victor Urquidi, Carlos Mallorquin e Celso Furtado, entre outros, são destacados na resenha.

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Pablo González Casanova (1922-2023), un gran latinoamericanista

BJLAS abre esta edición con un justo homenaje póstumo a **Pablo González Casanova**, gran intelectual latinoamericanista y referente permanente del pensamiento crítico latinoamericano. Falleció en abril de 2023, a la edad de 101 años, manteniendo hasta sus últimos días una actividad intelectual y el desafío de interpretar la realidad latinoamericana. Dejó así un lastre de pensamiento crítico en la sociología latinoamericana, a comenzar por su país, México, señalando interrogantes sobre la historia de las ideas y también sobre el Estado, la democracia, el proceso de modernización política y económica, el contraste con la situación de la desigualdad y la marginalidad social, además de la situación de una sociedad plural y la necesidad de justicia social. Militó toda su vida en el campo de la izquierda, dedicando sus últimos años a acompañar las luchas sociales contemporáneas y las autonomías indígenas zapatistas.

¹ Doctora en Sociología por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Centro de Estudos Sociais de la Universidade de Coimbra. Es profesora adjunta de la Universidade de São Paulo en el Curso de Gestão de Políticas Públicas y en los Programas de Postgrado Integración de América Latina, y de Estudios Culturales. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doctora en Economía por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Instituto de Tecnología de Massachusetts y en la Universidad de Nueva México. Es profesora titular de la Universidade de São Paulo en la Facultad de Economía y Administración, y en el Programa de Postgrado Integración de América Latina E-mail: ciamali@uol.com.br

³ Máster en Ciencias Políticas/Relaciones Internacionales por la Université Paris 1 Sorbonne (2008) y Doctora en Sociología por la Universidade de São Paulo (2014). Integrante del grupo de trabajo de Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", del Centro de Investigaciones, Diálogos Interseccionales y Epistemologías Latinoamericanas (Nupdelas) y del Grupo de Movilizaciones Sociales, de la Universidade de São Paulo. Correo electrónico: rafaelapannain@usp.br

⁴ Investigador de Doctorado en el Programas de Postgrado Integración de América Latina de la Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

Debido a esta rica trayectoria, que incluye ser rector de la *Universidad Autónoma de México (UNAM)* -el único rector de izquierda-, recibió de esa institución el raro nombramiento de investigador y profesor emérito por su activa participación en la institucionalización y profesionalización de la sociología mexicana, así como por su contribución en la creación y consolidación de centros de investigación, entre ellos el *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*. Así, se consagró como precursor de una importante generación de pensadores de distintas instituciones y países de América Latina, por lo que nuestro homenaje es también para un gran latinoamericanista.

Inició su formación en la carrera de Derecho, área en la que iniciaron sus estudios muchos de los científicos sociales de la época. Hasta mediados del siglo pasado, en México, así como en otras universidades de América Latina, las Ciencias Sociales y la Filosofía formaban parte de las carreras de Derecho y, como tales, sujetas a los lineamientos del formalismo jurídico.

Ya existía, sin embargo, en la década de 1940, un movimiento de institucionalización de las ciencias sociales y humanidades, y de desarrollo del campo y técnicas de la investigación social, por lo que Pablo González Casanova pudo seguir este camino ingresando a la maestría en la carrera de *Ciencias Históricas* en el *Colegio de México*. Tal posgrado se caracterizaba por el diálogo entre Historia y Ciencias Políticas, Sociología y Filosofía, apoyado para ello en una generación de profesores mexicanos y, particularmente, españoles que llegaron a México trayendo consigo a sus saberes y también su experiencia en las luchas de resistencia contra el franquismo y por la defensa de libertades. De esta manera, en un escenario renovado de las ciencias sociales y humanidades, de pluralismo de ideas y de pensamientos insurgentes frente a las formas autoritarias del Estado, el posgraduado aprendió a distanciarse no sólo de las tendencias fascistas, sino también del afecto intelectual por el comunismo más dogmático en México.

Paralelamente a su maestría, González Casanova también estuvo vinculado al *Instituto de Investigaciones Sociales (IIS)* de la UNAM, centro de investigación líder y pionero en el país en la disciplina de Sociología, un entorno propicio que contaba con una de las más importantes bibliotecas especializadas en temas sociales y programas de becas para sus estudiantes.

En este ambiente de crítica política, renovación epistémica y fomento de la investigación, el maestro se desarrollará intelectualmente en el campo de la historia de las ideas y la investigación empírica en sociología.

En aquel período, las ciencias sociales mexicanas recibieron importantes incentivos del gobierno con inversiones en educación superior, principalmente a partir de la década de 1930, buscando alinear la universidad con los propósitos de producir profesionales para trabajar en el aparato estatal y, así, favorecer la consolidación del proyecto político y la cultura nacional-populista, a partir de los estudios sociales y la historia del rico acervo cultural mexicano.

En los ambientes académicos, sin embargo, la afiliación de intelectuales a la burocracia estatal provocó un progresivo malestar por la pérdida de autonomía y la paulatina erosión política del populismo y las tendencias autocráticas del partido gobernante, el *Partido Revolucionario Institucional - PRI*, que desde su formación en la década de 1930, se impuso en el aparato de gobierno sin alternancia política.

Ya se advertía una crisis en el modelo político nacionalista posrevolucionario, así como se veían los contrastes entre la modernización económica e industrial, y la situación de marginalidad social de la población y los pueblos indígenas. Ello imponía la consolidación de una ciencia social rigurosa desde el punto de vista teórico y metodológico, ya sea en los estudios sociales empíricos - la rama más consolidada, en claro diálogo con la academia norteamericana -, ya sea en la matriz crítica del

marxismo. Ambas vertientes del pensamiento y las bases epistémicas se articulan en la obra de González Casanova.

Tras realizar su maestría, consagró su perfil como investigador en Francia, con un doctorado en la Sorbona bajo la tutela del revolucionario de la historiografía, Fernand Braudel.

Durante este período, en un escenario de posguerra en Francia y de efervescencia del marxismo en los foros académicos, González Casanova profundizó en su conocimiento del materialismo histórico, encontrando en las diversas corrientes marxistas la que más le interesaba, la del filósofo italiano Antonio Gramsci. En el análisis de las estructuras de poder y dominación, y en el reconocimiento de la importancia de la lucha ideológica y cultural como elemento fundamental en la reproducción de las desigualdades y la explotación, González Casanova pudo pensar mejor el contexto latinoamericano y las estructuras culturales y simbólicas que sustentan la *Hegemonía*. En esta perspectiva, el concepto de democracia adquiere el sentido más amplio de poder de base popular, que incluiría la organización y participación de la sociedad civil por el camino de las luchas populares de clases en la transformación de las dinámicas políticas y sociales locales y la justicia social. La democracia sería un método de gobierno, mientras que la lucha por el socialismo sería la forma de organización popular.

En su doctorado, González Casanova realiza un análisis - que es también una denuncia - de la historiografía europea y la forma en que ella explica la realidad hispanoamericana entre los siglos XVI y XVIII, señalando su influencia en la interpretación, los proyectos y las ideologías con que los autores hispanoamericanos analizan su propia historia, impregnándola de prejuicios y eurocentrismo.

Con este rico cúmulo de conocimientos y nuevas inquietudes sociohistóricas, a su regreso a México en la década de 1950, González

Casanova se reincorporó a la investigación en el *Instituto de Investigaciones Sociales* de la UNAM y a la academia en la *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales (ENCPyS, futura Facultad de Ciencias Políticas y Sociales)* de esta Universidad. Entre 1957 y 1965 asumió la dirección de la *ENCPyS* con un proyecto de profesionalización de la sociología en México, y en ese cargo, en 1960, creó el *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*, espacio y hito fundamental para la constitución del pensamiento social latinoamericano, y para los estudios políticos y socioeconómicos sobre América Latina y el Caribe. Desde su creación, la clara convicción latinoamericanista - estimulada por la reciente Revolución Cubana - en una perspectiva interdisciplinaria, ha dado al Centro las bases para desarrollar un pensamiento crítico e investigaciones sobre la región. Además, ha favorecido las condiciones para una progresiva acogida, en las décadas venideras, de influyentes intelectuales y pensadores - principalmente marxistas - de otros países latinoamericanos, donde el campo científico de la sociología también se venía consolidando desde la década de 1950, principalmente en el *Instituto de Sociología* de la *Universidad de Buenos Aires*; y en la escuela crítica brasileña, siguiendo el camino de Florestan Fernandes, en la *Universidad de São Paulo*.

La centralidad académica del CELA desde la década de 1960 en la producción de conocimiento sobre América Latina y el Caribe – el posgrado en *Estudios Latinoamericanos* se creará luego, en 1973– tiene que ver con el compromiso innegable de la universidad mexicana, en el período en que México se constituía en país de asilo para intelectuales de países latinoamericanos gobernados por dictaduras, principalmente en las décadas de 1960 y 1970. Los ecuatorianos Bolívar Echeverría y Agustín Cueva, el boliviano René Zavaleta Mercado, los brasileños Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Sérgio Bagu y Ruy Mauro Marini, los chilenos Hugo Zemelman y Orlando Caputo, y, entre otros, los argentinos Gregorio Selser, Adolfo Gilly y José Aricó, además de los salvadoreños Rafael Menjivar Larín,

Rafael Guidos Béjar y Ernesto Richter. Muchos de ellos fueron acogidos en el *Centro de Estudios Latinoamericanos*, dando como resultado estudios de vanguardia sobre la región.

En esta época de afluencia de mentes latinoamericanas y *latinoamericanistas* más lúcidas, en 1969, se realizó en México el IX Congreso Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS), en el cual Pablo González Casanova fue elegido presidente de la Asociación (en la década de 1980, volvió a ocupar el cargo). Anteriormente, también había ocupado el cargo de Director y Presidente de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (1957-1965).

El contexto de los golpes de Estado en América Latina, las luchas de liberación con horizontes revolucionarios, así como la crisis política y el déficit democrático progresivo en México constituyeron el escenario para el que González Casanova escribió, en 1965, una de sus obras más influyentes y un hito en estudios sociales y políticos, *La Democracia en México*.

En la obra, González Casanova analiza las contradicciones de un México que se moderniza económica y políticamente, pero que es incapaz de superar la situación interna de subdesarrollo y marginalidad social. Con este trabajo se abre un debate sobre las estructuras de dominación, el conformismo y la desigualdad social, y se proponen también alternativas de movilización política y lucha social para la construcción democrática. El trabajo echa anclas en investigaciones históricas y empíricas con interpretaciones críticas en el campo marxista sobre el *concepto relativo de democracia* - considerando el carácter eurocéntrico del concepto y las referencias -, y de este modo, permite comprender un México determinado por relaciones políticas, sociales, económicas y culturales de herencia colonial, inmerso en la historia posrevolucionaria. El estudio aborda la naturaleza de la crisis política mexicana desde el punto de vista de la crítica al populismo, que exigía repensar el papel del Estado -debilitado por los poderes económicos locales y la frágil soberanía frente a Estados Unidos-, y

las tendencias autoritarias, además de la ausencia de pluralidad partidista. Teniendo presente el horizonte socialista, el autor critica la falta de autonomía sindical, en escenarios de manipulación política y conformismo, y la situación de las organizaciones populares y clases marginadas, desafíos centrales de un proyecto democrático. Cabe señalar que en este período, en las zonas rurales y urbanas, surgieron movimientos, incluso armados, que serían fuertemente reprimidos por el Estado. Un análisis de este período lo presenta en este número de la revista la historiadora Larissa J. Riberti, en el artículo ***Las condiciones para el surgimiento del Movimiento Armado Socialista de México y la contrainsurgencia entre 1960 y 1980.***

Correspondiente a este período, entre los años 1970 y 1972, fue el nombramiento de González Casanova como rector de la *Universidad Nacional Autónoma de México*, período en el que trató de realizar profundas transformaciones pedagógicas en la institución, como la participación de la comunidad universitaria en los debates que permitirían la toma de decisiones sobre la estructura - académico-científica y física - de la Universidad. Sin embargo, la reacción institucional - con posible invasión policial a la Universidad, colocando en riesgo su autonomía -, indujo a González Casanova a presentar su renuncia en el segundo año de su mandato.

En una América Latina convulsa, tales escenarios eran comunes en la región, lo que hacía posible pensar las democracias en el resto de los países latinoamericanos.

En este libro clásico de la sociología mexicana - de hecho, no sólo en él -, González Casanova desarrolla una de las más sofisticadas comprensiones para interpretar también la realidad latinoamericana, a saber, la del *Colonialismo Interno*, un concepto analítico que pronto tendrá repercusiones en la sociología y antropología latinoamericanas. En la

comprensión de González Casanova, el “*colonialismo interno*” caracteriza las experiencias de países marcados por una situación de “*marginalidad*” social y “*pluralidad social*”, hoy, diríase, por la *heterogeneidad sociohistórica y cultural*. En particular, define el tratamiento a los pueblos indígenas y las poblaciones rurales, con quienes se establecen relaciones de tipo colonial, similares a las relaciones entre metrópoli y colonia. En el *colonialismo interno*, la lucha de clases tiene el contenido de la lucha de naciones culturalmente distintas dentro de un mismo país, siendo el segmento que domina la política y la economía étnica y culturalmente distinto del segmento dominado, el de las naciones indígenas.

En este número de la **BJLAS**, abrimos la edición con el oportuno artículo ***Por una sociología para la emancipación: Pablo González Casanova y la sociología militante latinoamericana*** de la socióloga Lia Pinheiro, profesora e investigadora de la *Universidade do Estado de Ceará (UECE, Brasil)*, en el que los aportes teóricos y la actualidad de conceptos y del pensamiento de González Casanova son minuciosamente tratados.

Se sabe que el pensamiento crítico latinoamericano nació de los desafíos de pensar la complejidad regional desde la producción de saberes locales y con la urgencia política de la transformación. González Casanova asumió este compromiso en el campo de la izquierda desde el materialismo histórico, pero sin ortodoxia. En el igualmente clásico libro *Sociología de la Exploración* (1969), defiende la vigencia de las categorías marxistas, pero critica las perspectivas más ortodoxas y deterministas sobre las etapas del capitalismo. Se critica a los dependentistas por descuidar la teoría del valor. Dialoga con el estructural-funcionalismo, pero expone su rechazo al falso rigor empirista de las teorías de la modernización.

Los aportes de la obra de González Casanova, y la recepción de su obra a lo largo de América Latina, son testimonios incontestables de la vigencia de sus estrategias epistémicas plantadas en la dirección de la ENCPyS y, posteriormente, en el *Instituto de Investigaciones Sociales*,

donde se formarán diversos investigadores de y para América Latina. En las próximas décadas, las nuevas generaciones de teóricos sociales *latinoamericanistas*, así como de activistas y militantes –incluidos los de la lucha armada–, además de intelectuales indígenas se nutrirán de las reflexiones de González Casanova.

La voluminosa obra de González Casanova incluye 24 libros, como los ya mencionados clásicos *La Democracia en México* (1965) y *Sociología de la Exploración* (1969), así como *Imperialismo y Liberación en América Latina* (1990). Organizó dos colecciones centrales que favorecieron el diálogo entre los intelectuales de la región. El primero reúne estudios sobre la situación de los campesinos indígenas en América Latina, y el segundo aborda la historia de los países de la región en cinco décadas del siglo XX, ambos fueron editados por la Siglo Veintiuno. La colección “*Historia Política de los Campesinos Latinoamericano*” se publicó en cinco tomos entre 1984 y 1985; la segunda colección “*América Latina: Historia de medio siglo*”, fue editada en dos volúmenes publicados en 1977 (en Brasil, “*América Latina: História de meio século*”, en cuatro volúmenes, fue traducida por la Editora da UNB y publicada en 1988).

También escribió sobre la Revolución Cubana, las luchas armadas en Guatemala, El Salvador, Nicaragua y Colombia; el golpe de estado contra la Unidad Popular en Chile; Che en Bolivia... y la insurrección chiapaneca, esta última ya en un escenario en el que el horizonte revolucionario socialista había desaparecido de los proyectos políticos de izquierda, y la democracia consolidada era la neoliberal. A la edad de 96 años, el *Comité Clandestino Revolucionario Indígena del Ejército Zapatista de Liberación Nacional* le otorgó el digno título de *Comandante del EZLN Pablo Contreras*, en reconocimiento a su apoyo al movimiento en el proceso de paz, por su lucha para el cumplimiento de los acuerdos de San Andrés, y también por los artículos, conferencias, manifiestos y participación en eventos junto a los zapatistas. El Comandante “*Contreras*” recibió el apodo por su

pensamiento siempre crítico e independiente, insurgente, actuando incansablemente al lado de los pueblos indígenas y los oprimidos.

Los nuevos desafíos del neoliberalismo y la consolidación del sistema mundial hicieron repensar y actualizar, ya en el siglo XXI, el concepto de *colonialismo interno* a la luz de las nuevas formas de acumulación de redes empresariales y financieras transnacionales, de los límites de los poderes y funciones del Estado, del desmantelamiento de la clase obrera y la crisis del Estado-Nación. También vio con esperanza la necesidad de apostar por el internacionalismo de las nuevas resistencias antisistémicas y por las luchas revitalizadas de los pueblos indígenas del nuevo siglo. Su pensamiento, así, se mantuvo vigente y por ello será constantemente rescatado en los desafíos de los pueblos oprimidos del siglo XXI, en las reconfiguraciones de los Estados (pluri)nacionales y siempre que la urgencia política de las históricas cuestiones sociales en América Latina y el Caribe así lo requieran.

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** desea dedicar el número 45 a este pensador y activista latinoamericano y más legítimo y auténtico *latinoamericanista*.

También hay un punto culminante final en este homenaje. Pablo González Casanova pasó varias temporadas en Brasil, en el *Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales (CLAPCS)*, una institución de investigación y enseñanza creada con el apoyo de la UNESCO, en 1957, con el propósito de promover la formación y la investigación en ciencias sociales, exclusivamente sobre América Latina. González Casanova fue presidente de CLAPCS en dos ocasiones, en 1961-1962 y en 1965-1966. En el período comprendido entre 1959 y 1976, el Centro editó la revista "*América Latina*", cuya relevancia destacamos a continuación.

Al igual que González Casanova, el CLAPCS recibió a otro gran intelectual mexicano, el antropólogo Rodolfo Stavenhagen, quien además

de asumir la Secretaría General del CLAPCS (entre 1962 y 1964) fue director de la revista "*América Latina*", donde se publican los artículos que componen uno de los debates y diálogos más fructíferos sobre un concepto que nacía, el *Colonialismo Interno*. Más tarde se supo que el concepto fue mencionado anteriormente en un Seminario del CLAPCS, por el sociólogo estadounidense Charles W. Mills. La revista "*América Latina*" fue el espacio en el que, en el número 3, publicado en 1963, Pablo González Casanova elaboró sus primeras reflexiones sociológicas sobre tal concepto en un artículo titulado "*Sociedad Plural, Colonialismo Interno y Desarrollo*". En el siguiente número, el 4 publicado el mismo año, el concepto vuelve a aparecer en un artículo de Rodolfo Stavenhagen, bajo el título de "*Clase, Colonialismo y Aculturación*", en el que se empiezan a formular los aspectos culturales del concepto. Comenzó así un debate intelectual. Dialogando con ambos, también en el número 3 de la revista, el antropólogo brasileño Roberto Cardoso de Oliveira publicó el artículo "*Articulação e 'Fricção Interétnica'*" en el que el *Colonialismo Interno* cobraba el sentido de denuncia del papel de los antropólogos en las políticas asimilacionistas sobre las poblaciones indígenas.

Parece que en determinados momentos, la realidad compleja puede plantear preguntas que requieren respuestas creativas de los pensadores, preguntas que progresivamente se convertirán en conceptos explicativos y analíticos centrales, ideas generadoras o verdaderos referentes de nuevas comprensiones comunes sobre la complejidad. González Casanova siempre ha estado a la vanguardia de los proyectos intelectuales sobre América Latina, iluminando el camino de las ciencias sociales en la región con su sensibilidad latinoamericanista.

Este homenaje no será un artículo de referencia sobre el autor, cuya obra va mucho más allá del simple relato de estas palabras. Sólo se destacaron aspectos de la producción y actividad política latinoamericanista del pensador como reconocimiento a su obra y el

sentimiento que nos deja su ausencia. Para ello, nos basamos en estudios de investigadores que resumieron el curso de la institucionalización de la sociología en América Latina (TAVARES DOS SANTOS; BAUMGARTEN, 2005; TRINDADE, 2018), que siguieron la obra y algunos conceptos centrales del autor (GANDARILLA, 2017; ROITMAN ROSENMANN, 2015; HERNÁNDEZ NAVARRO, 2015[2007]); y que se rindieron al paso de González Casanova por Brasil (BRINGEL; LEONE, 2021), además de la propia obra del pensador, reunida en una valiosa antología (GONZÁLEZ CASANOVA, 2015).

Un análisis muy original de Pablo González Casanova se puede encontrar en este número 45 de la ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** elaborado por la investigadora de la *Universidade Estadual de Ceará* (UECE, Brasil), Lia Pinheiro Barbosa. La socióloga sigue la obra de González Casanova por el camino que vincula la teoría crítica y la práctica transformadora. Comienza la tarea analizando la *sociología de la explotación*, y presenta conceptos centrales como el *colonialismo interno*, para revelar progresivamente el proyecto político del autor en términos de autonomía de clase, que incluirá un análisis de las luchas populares, como la del movimiento indígena zapatista. El artículo se titula ***Por una sociología para la emancipación: Pablo González Casanova y la sociología militante latinoamericana.***

El segundo artículo es un análisis del escenario histórico de las décadas posrevolucionarias en México, en el que se evidencian la progresiva inclinación al endurecimiento del régimen político bajo el *Partido Revolucionario Institucional (PRI)* y la creciente tendencia a la represión de la oposición política de otros partidos como el *Partido Comunista*, el *Partido Popular* o el *Partido Obrero Campesino de México*. En el artículo titulado ***Las condiciones para el surgimiento del Movimiento Armado Socialista de México y la contrainsurgencia entre 1960 y 1980***, la historiadora social Larissa Jacheta Riberti, de la *Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)* analiza la represión contra la

población organizada y contra los partidos políticos de oposición, además del control de la prensa y el uso violento del aparato militar y paramilitar. Al mismo tiempo, explica cómo surgen grupos de lucha armada con ideología socialista, así como otras movilizaciones populares, como las de campesinos indígenas en zonas rurales, o la de estudiantes universitarios. La *Masacre de Tlatelolco*, el *Halconazo*, entre otros, son los episodios narrados de este período, pues explican el surgimiento del *Movimiento Armado Socialista* en México.

En diálogo con el filósofo Michael Foucault y el concepto de soberanía, el próximo artículo que presentamos en la **BJLAS** trata sobre los gobiernos latinoamericanos progresistas de las últimas décadas y los proyectos de inclusión social. En estilo de ensayo, se observa que la gestión de las políticas de inclusión es ineficaz por no poder superar la hegemonía neoliberal y, también, por la confluencia de esta hegemonía con el lastre ideológico de la colonialidad aún vigente tanto en las élites/oligarquías como en las capas medias -aquí caracterizadas como *clases reinantes*. Además, los gobiernos están limitados por la relativa autonomía del Estado frente al capital corporativo nacional y extranjero, así como por la interferencia de Estados Unidos. En este escenario, se debe concluir que los gobiernos progresistas no solo estuvieron marcados por el fracaso de las políticas sociales, sino también porque ahora enfrentan un tipo de violencia paraestatal que se suma a las formas históricas de violencia de larga duración y limita el éxito de las políticas sociales inclusivas. El artículo titulado ***América Latina: La trampa para las clases reinantes*** es de Marcos Cuevas Perus, investigador del Instituto de *Investigaciones Sociales* de la *Universidad Nacional Autónoma de México (IIS/UNAM, México)*.

El cuarto artículo de este número dialoga desde el arte con los análisis ya presentados. Bajo el título ***“El marxismo dará salud a los enfermos”***: ***Idea clave de la Medicina Social Latinoamericana***, Diego de Oliveira Souza, investigador de la *Universidade Federal de Alagoas (UFAL,*

Brasil), establece vínculos creativos entre la filosofía de la Medicina Social y las artes plásticas comprometidas, contribuyendo así a la historia del pensamiento y del arte latinoamericanos. A partir de la interpretación de un cuadro de la mexicana Frida Kahlo -reconocida por sus autorretratos inspirados en el México posrevolucionario- el artículo relaciona cuestiones de identidad nacional mexicana con preocupaciones políticas de clase, relaciones raciales y situación de la mujer. De hecho, tal lectura de la realidad tiene que ver no solo con sus posiciones políticas como miembro del Partido Comunista Mexicano, sino también con su propia experiencia de dolor. En este artículo, Diego de Oliveira Souza interpreta el cuadro "*El marxismo dará salud a los enfermos*" (1954), a partir de las formulaciones de Georg Lukács sobre estética y política. La originalidad de este análisis reside en que el autor, licenciado en Trabajo Social, establece un diálogo entre su área de conocimiento y la historia de la medicina y del arte. Contextualiza la vida de Frida Kahlo, su obra, su filiación ideológica con el marxismo y su actividad política en el Partido Comunista Mexicano. También sitúa este escenario dentro de un momento histórico más amplio, el latinoamericano, en el que la Medicina Social surge con preocupaciones también marxistas y críticas con la forma en que la modernización y la economía de mercado convierten la salud en una mercancía. De tal modo, el artículo permite recomponer los distintos escenarios de las décadas posrevolucionarias en México.

Las posibilidades que permite el arte para representar los dilemas políticos y sociales contemporáneos es el tema del quinto artículo publicado en la **BJLAS** bajo el título ***En búsqueda de un cine simbiótico: Shun de la ecuatoriana Sani Montahuano y Yollotl del mexicano Fernando Colin Roque***. El artículo analiza dos cortometrajes que, a través del lenguaje cinematográfico, permiten la simbiosis entre humanos y no humanos. La propuesta se valora con referencias al pensamiento amerindio, permitiendo cuestionar aspectos de la sociedad contemporánea -como la crisis ambiental- y ofreciendo soluciones a partir

de una reinterpretación de saberes ancestrales. Ambos cortometrajes son interpretados por la investigadora y creadora visual Lucía Fernanda Romero Paz y Miño, de la *Universidad Andina Simón Bolívar (UASB, Ecuador)*, y fueron producidos por la cineasta indígena ecuatoriana Sani Montahuano, que aún agrega elementos femeninos, y por el cineasta indígena mexicano Fernando Colin Roque .

El artículo que sigue establece un diálogo entre las artes y las ciencias sociales. El autor es el sociólogo Dédallo Neves, de la *Universidade Federal de Paraná (UFPR, Brasil)*, quien presenta una investigación sobre el impacto de la Revolución Cubana en la obra de los poetas e intelectuales brasileños. La fuente que utiliza el científico es una antología de poemas, titulada *Violão de Rua* (tres volúmenes), y organizada por el escritor e investigador Moacyr Félix, entre 1962 y 1963. Como militante del Partido Comunista Brasileño (PCB), Félix incluyó en la antología textos de escritores como Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna y Geir Campos, con versos sobre la Revolución Cubana, el Che Guevara y las Ligas campesinas. En la prosa de los poetas están los ideales antiimperialistas y de superación del capitalismo, además de la esperanza en el Tercer Mundo, en las luchas de los trabajadores y campesinos proletarios, así como el deseo de orientar el rumbo del pueblo brasileño hacia la Revolución. Son temas que hacen eco del impacto de la Revolución Cubana, en que los horizontes de transformación radical de la sociedad componían lo que el autor del artículo, Dédallo Neves, denomina "*brasilidad revolucionaria*". El título del artículo es ***La Revolución Cubana entre los artistas e intelectuales brasileños: el caso de "Violão de Rua"***.

Los últimos cuatro números de esta revista garantizan la diversidad temática de las publicaciones de ***BJLAS***, ya que se trata de artículos en las áreas de Derecho, Historia, Ciencias Políticas y Economía. Todas las

propuestas traem modelos teóricos para interpretar o intervenir en la realidad.

A partir de la constatación de que en América Latina no existe una efectiva tutela interna de los Derechos Humanos, el artículo titulado ***El pluralismo jurídico como alternativa para América Latina en el ámbito supranacional de la protección multinivel de los Derechos Humanos*** es una propuesta y un ejercicio para pensar las posibilidades de construir un sistema supranacional de protección que complemente las políticas nacionales de garantía de derechos. El estudio analiza las posibilidades y virtudes de las alternativas supranacionales de protección, centrándose específicamente en el pluralismo jurídico. Con prudencia también se discuten las limitaciones de estas alternativas, principalmente en lo que respecta a cuestiones jurídicas o aspectos culturales internos de cada país, como por ejemplo, la presencia de pueblos indígenas con formas propias de ejercer la justicia. El artículo es escrito por los juristas Guilherme Marinho de Araújo Mendes y Claudyvan José dos Santos Nascimento Silva, ambos de la *Universidade Federal de Paraíba (UFPB, Brasil)*.

En el siguiente artículo, el ejercicio teórico es interpretar el populismo en América Latina, específicamente el peronismo argentino entre los años 1946 e 1955, utilizando como herramienta la Metafísica del Tiempo Histórico y el supuesto de las múltiples temporalidades, según el modelo del alemán Reinhart Koselleck. El abordaje permite analizar las convergencias temporales en el discurso populista de Perón y del pueblo argentino. La fuente de investigación son los documentos oficiales de los discursos de Perón. El artículo se titula ***El presente peronista: “Espacio de experiencia” y “Horizonte de expectativa” en el discurso populista de Juan Domingo Perón (1946-1955)*** y fue escrito por la investigadora en Historia, Ana Laura Galvão Batista, de la *Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP, Brasil)*.

La Venezuela de los gobiernos chavistas es el *locus* del próximo artículo. La propuesta es utilizar un modelo metodológico que distinga cortes temporales o ciclos políticos, en el que se analicen las coyunturas críticas de los ciclos, y el resultado en términos de democratización o no. El primer momento interpretado son las transformaciones del gobierno de Hugo Chávez, cuyo contenido sería la democratización social y política. En el segundo momento, se evalúa la fase de desdemocratización de la experiencia chavista, especialmente luego de la muerte de Chávez, cuando comienza la gestión de Maduro. Esta segunda fase se caracterizaría como el ciclo de (des)democratización. La propuesta es de Jefferson Nascimento, politólogo del *Instituto de Estudos Sociais e Políticos* de la *Universidade do Estado de Río de Janeiro (IESP/UERJ, Brasil)*, y se titula ***Coyunturas críticas, cambios de ciclos políticos y desdemocratización en Venezuela a lo largo de los gobiernos chavistas.***

El último artículo de la revista es también un ejercicio teórico de análisis de dos experiencias de industrialización en Argentina y Brasil a mediados del siglo pasado, a partir de dos autores: Nicholas Kaldor (1908-1986) y Raúl Prebisch (1901-1986), situados aquí en comparación y, como se concluye, también complementarios cuando se trata de crecimiento y desarrollo económico. El artículo se titula ***Kaldor y Prebisch: Reflexiones sobre la industrialización y las economías de Brasil y Argentina*** y fue escrito por Francisco Thainan, científico económico de la *Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, Brasil)*.

Como proyecto editorial, la ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** presenta al final de cada número reseñas de libros publicados recientemente sobre América Latina y el Caribe, así como obras destacadas de la literatura regional o de autores con importante trayectoria intelectual en esta región.

El primer trabajo reseñado es una organización en el campo de la historia de las ideas y la historia de los conceptos sobre la formación de las identidades latino/hispano/iberoamericanas. En ***Una América Latina en constante (re)definición***, Igor Lemos Moreira, de la *Universidade Estadual de Santa Catarina (UESC, Brasil)* hace una revisión detallada de los capítulos del libro *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX* [*Continente por Definir: Las Ideas de América en el siglo XX*], organizado de Eliana Regina de Freitas Dutra y Jorge Myers.

La segunda reseña es un clásico de la literatura de género latinoamericana. En la reseña ***Flora Tristán y la justicia patriarcal: la insurgencia de "Peregrinaciones de una Paria"***, investigadora del *Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (ISS/UNIFESP, Brasil)*, Joana das Flores Duarte, presenta el libro *Las peregrinaciones de una paria* en la que la autora, Flora Tristán, aborda su viaje al Perú desde Francia, como obra testimonial de su relación con el país y su posicionamiento político frente a la justicia patriarcal. En Perú, Flora Tristán escribió sus memorias a principios del siglo XIX, lo que la convierte en una autora de vanguardia del movimiento feminista y su obra en clásico de la literatura latinoamericana escrita por una mujer.

La última reseña trata sobre el pensamiento económico latinoamericano y fue escrita por Héctor López Terán, de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). La reseña conserva el título del libro ***El desafío del desarrollo. Trayectorias de los Grandes Economistas Latinoamericanos del Siglo XX***, organizado por Juan Odisio y Marcelo Rougier. Se destacan en la reseña intelectuales como Aníbal Pinto, Víctor Urquidí, Carlos Mallorquín y Celso Furtado, entre otros.

*Vivian Urquidi
Maria Cristina Cacciamali
Rafaela Nunes Pannain
Bruno Massola Moda*

Vivian Urquidi¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 
Universidade de São Paulo, Brazil

Pablo González Casanova (1922–2023): a great Latin Americanist

BJLAS opens issue 45 with a posthumous tribute to **Pablo González Casanova**, a great Latin Americanist intellectual and permanent reference in Latin American critical thought. He died in April 2023, at the age of 101, having been intellectually active until his last days and, at the same time, facing the challenge of interpreting Latin American reality. Hence, he left a lasting foundation of critical thinking in Latin American sociology. His starting point was his country, Mexico, where Casanova pointed out questions about the history of ideas, the State, democracy, the process of political and economic modernization, and the contrasts stemming from situations of inequality and social marginality, in addition to touching on the case of the need for plural society and social justice. He was active throughout his life within the field of the left, dedicating his last years to accompanying contemporary social struggles and the Zapatista indigenous autonomy initiatives.

¹ PhD in Sociology from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Center for Social Studies of the University of Coimbra. She is Associate Professor at the University of São Paulo in the Public Policy Management Course and in the Postgraduate Latin American Integration and Cultural Studies Programs. E-mail: yurquidi@usp.br

² PhD in Economics from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Massachusetts Institute of Technology and at the Universidad de Nueva México. She is a Full Professor at the University of São Paulo at the Faculty of Economics and Administration and at the Latin American Integration Postgraduate Programs. E-mail: ciamali@uol.com.br

³ Master in Political Science/International Relations by the Université Paris 1 Sorbonne (2008) and Ph.D. in Sociology by the University of São Paulo (2014). Member of the CLACSO working group "Indigenous peoples and autonomic processes", Center for Research, Intersectional Dialogues and Latin American Epistemologies (Nupdelas) and of the Social Mobilizations Group at the University of São Paulo. E-mail: rafaelapannain@usp.br

⁴ Ph.D candidate at the Postgraduate Integration Programs in Latin America at the University of São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

Due to this rich trajectory, which includes being president of the *Universidad Autónoma de México (UNAM)* – the only left-wing president – he received from that institution the rare indication of emeritus researcher and professor for his active participation in the institutionalization and professionalization of Mexican sociology, as well as for the creation and consolidation of research centers, including the *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*. Therefore, Casanova was consecrated as the father of an important generation of thinkers from various institutions and countries in Latin America; hence, our homage is also for a great Latin Americanist.

Casanova began his education in law school, an area in which many of the social scientists of that time began their studies. Until the 1950s, in Mexico and other universities in Latin America, Social Sciences and Philosophy were part of Law courses and, as such, subject to the guidelines of legal formalism.

However, in the 1940s, there was already a movement for the institutionalization of the social sciences and humanities and the development of the field and techniques of social research. Pablo González Casanova was able to follow this path by entering the *Historical Sciences* master program at the *Colegio de México*. This postgraduate program was characterized by the dialogue between History and Political Sciences, Sociology, and Philosophy, and it was supported by a generation of Mexican professors and, in particular, Spanish professors who arrived in Mexico with their expertise and also learnings from resistance struggles against Francoism and in defense of freedoms. In this way, in a renewed scenario of the social sciences and humanities characterized by the pluralism of ideas and insurgent thinking against the authoritarian forms of the State, Casanova learned to distance himself not only from fascist tendencies but also from the strong Stalinist dogmatism present amongst Mexican communist intellectuals.

In addition to earning his master's degree, González Casanova joined UNAM's *Instituto de Investigaciones Sociales (IIS)*, a renowned research institution that helped establish sociology as a field of study in the nation. He enjoyed a favorable environment with one of the most significant social sciences libraries and a scholarship program for its students. Casanova's intellectual development in the fields of intellectual history and empirical sociological research took place in this milieu of political criticism, epistemic renewal, and research promotion.

The government provided significant financial support for higher education during that time, primarily from the 1930s onward, to produce professionals for the state apparatus. This supported the consolidation of the national-populist political and cultural project, which was based on social studies and the history of the rich Mexican cultural heritage.

In academic settings, however, intellectuals' affiliation with the state bureaucracy caused progressive discomfort due to the loss of autonomy, the gradual political erosion of populism, and the autocratic tendencies of the ruling party, the *Partido Revolucionario Institucional (PRI)*, which has imposed itself in the governmental apparatus without political alternation since its formation in the 1930s.

As a result, the post-revolutionary nationalist political model was already in crisis, and the contrasts caused by economic and industrial modernization, as well as the social exclusion of certain groups of people and indigenous peoples, forced the consolidation of a rigorous social science from a theoretical and methodological standpoint, whether in empirical social studies (a more consolidated aspect), in open dialogue with the North American academy, or in the critical matrix of Marxism. Both sources of thought and epistemic bases are articulated in the works of González Casanova.

After earning his master's degree, he furthered his career as a researcher in France by pursuing a doctorate at the Sorbonne under the mentorship of Fernand Braudel, a revolutionary historian.

During this time, in post-war France and amid the effervescence of Marxism in academic forums, González Casanova deepened his knowledge of historical materialism, finding among the Marxist currents the one that most interested him, that of the Italian philosopher Antonio Gramsci. In the analysis of the structures of power and dominance and the recognition of the importance of the ideological and cultural struggle as a fundamental element in the reproduction of inequalities and exploitation, González Casanova was able to better think about the Latin American context and the cultural and symbolic structures that sustain the *Hegemony*. In this perspective, the concept of democracy takes on the broader meaning of popularly based power, which would include the organization and participation of civil society along the path of popular class struggles in the transformation of local political and social dynamics and social justice. Democracy would be a method of government, while the struggle for socialism would be a path of popular organization.

In his doctorate, González Casanova carried out an analysis – which is also a denunciation – of European historiography and the way it explains Hispanic-American reality between the 16th and 18th centuries, noting its influence on the interpretation, projects, and ideologies with which Hispanic-American authors analyze their own history, permeated by prejudices and Eurocentrism.

With this rich accumulation of knowledge and new socio-historical concerns, González Casanova returned to Mexico in the 1950s and was reincorporated into research at the *Instituto de Investigaciones Sociales* at UNAM and into academia at the *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales* (ENCPyS, future *Facultad de Ciencias Políticas y Sociales*) at this same university. In the period between 1957 and 1965, he directed the

ENCPyS, where he led a project to professionalize sociology in Mexico, and in 1960 he created the *Centro de Estudios Latinoamericanas (CELA)*, a space and fundamental landmark for the constitution of Latin American social thought and political and socioeconomic studies in Latin America and the Caribbean. Since its creation, the clear Latin Americanist conviction – stimulated by the then-recent Cuban Revolution – in an interdisciplinary perspective, has given the Center the bases to develop critical thinking and research on the region, in addition to favoring the conditions for the progressive reception, in the coming decades, of influential intellectuals and thinkers – mainly Marxists – coming from other Latin American countries where the scientific field of sociology had also been consolidating since the 1950s, mainly at the *Instituto de Sociología* of the *Universidad de Buenos Aires*; and in the Brazilian critical school, following the path of Florestan Fernandes, at the *Universidade de São Paulo*.

The academic centrality of CELA since the 1960s in the production of knowledge about Latin America and the Caribbean – the postgraduate course in *Estudios Latinoamericanos* would be created soon, in 1973 – has to do with the undeniable commitment of UNAM as Mexico was constituted as a country of asylum for intellectuals from Latin American countries governed by dictatorships, mainly from the 1960s and 1970s. UNAM received social scientists of a high level of production of thought and research, such as the Ecuadorians Bolívar Echeverría and Agustín Cueva, the Bolivian René Zavaleta Mercado, the Brazilians Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Sérgio Bagu, and Ruy Mauro Marini, the Chileans Hugo Zemelman and Orlando Caputo, and, among others, the Argentines Gregorio Selser, Adolfo Gilly, and José Aricó, in addition to Salvadorians Rafael Menjivar Larín, Rafael Guidos Béjar, and Ernesto Richter. Many of them were hosted at the *Centro de Estudios Latinoamericanos*, resulting in avant-garde studies about the region.

At this time of the influx of the most lucid Latin American minds and Latin Americanists, in 1969, the *IX Congress of the Latin American Association of Sociology (ALAS)* was held in Mexico, and Pablo González Casanova was elected president of the Association (in the 1980s, he was re-elected again). Previously, he had also held the positions of Director and President of the *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* (1957-1965).

The context of coups d'état in Latin America, *liberation* struggles with revolutionary horizons, as well as the political crisis and progressive democratic deficit in Mexico, constituted the scenario for González Casanova to write, in 1965, one of his most influential works and a landmark of social and political studies, *La Democracia en México*.

In this work, González Casanova analyzes the contradictions of a Mexico that is modernizing economically and politically but is incapable of overcoming its internal situation of underdevelopment and social marginality. This work opens a debate on the structures of domination, conformism, and social inequality and also proposes alternatives for political mobilization and the social struggle for democratic construction. The work is anchored in historical and empirical research with critical interpretations in the Marxist field on the *relative concept of democracy*, considering the Eurocentric character of the concept and experiences of reference, and thus allows understanding of a Mexico characterized by political, social, economic, and cultural relations of colonial heritage embedded in post-revolutionary history. The study deals with the nature of the Mexican political crisis from the point of view of criticizing populism, which required rethinking the role of the State – weakened by local economic powers and fragile sovereignty vis-à-vis the United States –, and authoritarian tendencies, in addition to the absence of party plurality. Bearing in mind the socialist horizon, the author criticizes the lack of union autonomy in scenarios of political manipulation and conformism and the

situation of popular organizations and marginalized classes, which are central challenges of a democratic project. It should be noted that in this period, in rural and urban areas, movements emerged, including armed ones, which would be strongly repressed by the State. An analysis of this period is presented in this **BJLAS** issue by historian Larissa J. Riberti in the article ***The Conditions for the Socialist Armed Movement's Emergence in Mexico and the Counterinsurgency between the 1960s and 1980s.***

In the same period between 1970 and 1972, González Casanova was appointed rector of the *Universidad Nacional Autónoma de México*, a period in which he tried to carry out profound pedagogical transformations in the institution, such as the participation of the university community in debates that would lead to decision-making on the structure – academic-scientific and physical – of the university. However, the institutional reaction, which included the risk of police invasion and loss of university autonomy, led González Casanova to present his resignation in the second year of his term.

In a convulsed Latin America, such scenarios were not strange when thinking about democracies in the rest of Latin American countries.

In this classic book of Mexican sociology, not only in it, González Casanova develops one of the most sophisticated understandings to interpret Latin American reality, *Internal Colonialism*. An analytical concept that would soon have repercussions in Latin American sociology and anthropology. For González Casanova, “*internal colonialism*” characterizes the experiences of countries marked by a situation of social “*marginality*” and “*social plurality*” – today one would say by *socio-historical and cultural heterogeneity*. It particularly defines the treatment of indigenous peoples and rural populations, with whom colonial-type relationships are established, similar to the relationships between metropolis and colony. In *internal colonialism*, the class struggle has the content of the struggle of

culturally distinct nations within the same country, with the segment that dominates politics and the economy being ethnically and culturally distinct from the dominated segment, that of indigenous nations.

We open this **BJLAS'** issue with the opportune article ***For a sociology for emancipation: Pablo González Casanova and Latin American militant sociology***, of sociologist Lia Pinheiro, professor, and researcher at the State University of Ceará (UECE, Brazil), in which the theoretical contributions and the actuality of the concepts and thought of González Casanova are thoroughly covered.

It is known that Latin American critical thinking was born from the challenges of thinking about regional complexity through the production of local knowledge and the political urgency of transformation. González Casanova assumed this commitment in the field of the left from the point of view of historical materialism but without orthodoxy. In his other classic book, *Sociología de la Exploración* (1969), he defends the validity of Marxist categories but criticizes the more orthodox and determinist perspectives on the stages of capitalism. He criticizes the *dependentist* theory for neglecting the theory of value. He dialogues with structural-functionalism but rejects the false empiricist rigor of modernization theories.

The contributions of González Casanova and the reception of his work throughout Latin America are uncontested testimonies of the validity of his epistemic strategies planted in ENCPyS and, later, in the *Instituto de Investigaciones Sociales*, where researchers from and for Latin America were trained. In the coming decades, new generations of *Latin Americanist social theorists*, activists, and militants – including those in the armed struggle –, as well as indigenous intellectuals, were nourished by the reflections of González Casanova.

The voluminous work of González Casanova includes 24 books, such as the aforementioned classics *La Democracia en México* (1965) and *Sociología de la Exploración* (1969), as well as *Imperialismo y Liberación en*

América Latina (1990). He organized two central collections that favored dialogue between intellectuals in the region. The first focuses on studies on the situation of indigenous peasants in Latin America, and the second deals with the history of countries in the region over five decades of the 20th century, both edited by Siglo Veintiuno. The collection "*Historia Política de los Campesinos Latinoamericanos*" was published in five volumes between 1984 and 1985; the second collection "*América Latina: Historia de medio siglo*", was edited in two volumes published in 1977 (in Brazil, "*América Latina: História de meio século*", in four volumes translated by Editora da UNB and released in 1988).

He also wrote about the Cuban Revolution, armed struggles in Guatemala, El Salvador, Nicaragua, and Colombia; the coup against Unidad Popular in Chile; Che in Bolivia... and the Chiapaneca insurrection, the latter already in a scenario in which the socialist revolutionary horizon had disappeared from the political projects of the left and the consolidated democracy was the neoliberal one. At the age of 96, the *Comité Clandestino Revolucionario Indígena del Ejército Zapatista de Liberación Nacional* awarded him the worthy title of *Commander of the EZLN Pablo Contreras*, in recognition of his support for the movement in the peace process, for his struggle to comply with the San Andrés accords, and also for his articles, conferences, manifestos, and participation in events alongside the Zapatistas. Commander "Contreras" received the nickname for his always critical and independent thinking, insurgent, acting tirelessly alongside indigenous and oppressed peoples.

The new challenges of neoliberalism and the consolidation of the world system made Casanova rethink and update, in the 21st century, the concept of *internal colonialism* in light of the new forms of accumulation of transnational business and financial networks, the limits of the powers and functions of the State, the dismantling of the working class, and the crisis of the Nation-State. He also saw with hope the need to ensure the

internationalism of the new anti-systemic resistances and the reinvigorated struggles of the indigenous peoples of the new century. His thought, thus, has remained up-to-date, and for that reason, it will be constantly resumed in the challenges of the oppressed peoples of the 21st century, in the reconfigurations of (pluri)national States, and whenever the political urgency of the historical social issues in Latin America and the Caribbean so requires.

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** wishes to dedicate issue 45 to this Latin American thinker and activist of the most legitimate and authentic Latin Americanism.

There is also a final highlight in this homage. Pablo González Casanova had several passages in Brazil at the *Centro Latinoamericano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS)*, a research and teaching institution created with the support of UNESCO in 1957 to promote training and research in the social sciences exclusively about Latin America. González Casanova was president of CLAPCS twice, in 1961-1962 and 1965-1966. In the period between 1959 and 1976, the Center published the journal "*América Latina*", whose relevance is highlighted below.

Like González Casanova, CLAPCS received another great Mexican intellectual, the anthropologist Rodolfo Stavenhagen, who, in addition to assuming the General Secretariat of CLAPCS (between 1962 and 1964), edited the "*América Latina*" journal that published articles that made up one of the most fruitful debates and dialogues on a concept that was being born, *Internal Colonialism*. It would later become known that the concept was mentioned earlier in a CLAPCS Seminar by the American sociologist Charles W. Mills. Pablo González Casanova published in 1963, in issue number 3 of the *América Latina*", his first sociological reflections on the concept in an article entitled "*Sociedad Plural, Colonialismo Interno y Desarrollo*". In the following issue, issue number 4 of the same year, the concept appeared again in an article by Rodolfo Stavenhagen, under the

title “*Clase, Colonialismo y Aculturación*”, in which the cultural aspects of the concept began to be formulated. An intellectual debate thus began. Dialoguing with both, also in issue 3 of the journal, the Brazilian anthropologist Roberto Cardoso de Oliveira published the article “*Articulação e ‘Fricção Interétnica’*” in which Internal Colonialism denounced the role of anthropologists in assimilationist policies on indigenous populations.

It appears that at certain times, complex realities can pose questions that require creative responses from thinkers, questions that will progressively become central explanatory and analytical concepts, generative ideas, or true milestones of new common understandings about social heterogeneity. González Casanova has always been at the forefront of intellectual projects on Latin America, illuminating the path of social sciences in the region with his Latin Americanist sensibility.

This tribute will not be a reference article about the author, whose work goes far beyond the simple report of these words. Only aspects of the Latin Americanist production and political activity of the thinker were highlighted in recognition of his work and the feeling that his absence leaves us with. To this end, we base ourselves on studies by researchers who synthesized the course of the institutionalization of sociology in Latin America (TAVARES DOS SANTOS; BAUMGARTEN, 2005; TRINDADE, 2018), who followed the work and some of the author's central concepts (GANDARILLA, 2017; ROITMAN ROSENMAN, 2015; HERNÁNDEZ NAVARRO, 2015[2007]); and who focused on González Casanova's passage through Brazil (BRINGEL; LEONE, 2021), in addition to the thinker's own works gathered in a valuable anthology (GONZÁLEZ CASANOVA, 2015).

In a very original analysis of Pablo González Casanova in issue 45 of the ***Brazilian Journal of Latin American Studies***, Lia Pinheiro Barbosa, sociologist and researcher from the *State University of Ceará (UECE, Brazil)*,

follows the work of González Casanova along the path that links critical theory and transformative practice. Barbosa begins analyzing the *sociology of exploitation* by presenting central concepts such as *internal colonialism* to progressively unveil the author's political project in terms of class autonomy, which will include an analysis of popular struggles such as that of the Zapatista indigenous movement. The article is entitled ***For a sociology for emancipation: Pablo González Casanova and Latin American militant sociology.***

The second article is an analysis of the historical scenario of the post-revolutionary decades in Mexico, in which the progressive inclination towards the hardening of the political regime under the Institutional Revolutionary Party (PRI) and the growing tendency towards repression against the political opposition of other parties such as the *Communist Party*, the *Popular Party*, or the *Partido Obrero Campesino de México* are observed. In the article entitled ***The conditions for the Socialist Armed Movement's emergence in Mexico and the counterinsurgency between the 1960s and 1980s***, social historian Larissa Jacheta Riberti, from the *Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN, Brazil)*, analyzes the repression against the organized population and against political opposition parties, in addition to the control of the press and the violent use of the military and paramilitary apparatus. At the same time, it explains how armed struggle groups with socialist ideology emerge as well as other popular mobilizations, such as those of indigenous peasants in rural areas or those of university students. The *Massacre of Tlatelolco* and the *Halconazo*, among others, are events from this period that explain the emergence of the *Movimiento Armado Socialista* in Mexico.

In dialogue with the philosopher Michael Foucault and the concept of sovereignty, the next article we present at the ***BJLAS*** deals with progressive Latin American governments in recent decades and social inclusion projects. In an essay style, the author observes that the management of inclusion policies is ineffective because it is not able to

overcome the neoliberal hegemony and, also, because of the confluence of this hegemony with the ideological burden of coloniality still in force both in the elites and oligarchies and in the middle-class segments, here characterized as the *ruling classes*. In addition, governments are constrained by the relative autonomy of the State vis-à-vis domestic and foreign corporate capital, as well as by United States interference. Considering this scenario, the author states that progressive governments were not only marked by the failure of social policies but also because they now face a type of parastatal violence that adds to the historical forms of long-term violence and limits the success of social inclusion. The article titled ***Latin America: The trap for the reigning classes*** is by Marcos Cuevas Perus, a researcher at the *Instituto de Investigaciones Sociales* of the *National Autonomous University of Mexico (IIS/UNAM, Mexico)*.

The fourth article in this issue dialogues with the analysis already presented from the arts perspective. Under the title ***“El Marxismo dará salud a los enfermos”***: ***Key idea of Latin American Social Medicine***, Diego de Oliveira Souza, a researcher at the *Federal University of Alagoas (UFAL, Brazil)*, establishes creative links between the philosophy of Social Medicine and engaged visual arts and thus contributes to the history of Latin American thought and art. Based on the interpretation of a painting by Mexican Frida Kahlo, recognized for her self-portraits inspired by post-revolutionary Mexico, the article relates questions of Mexican national identity with political concerns about class, racial relations, and the situation of women. Such a reading of reality has to do not only with his political position as a member of the Mexican Communist Party but also with his own experience of pain. In this article, Diego de Oliveira Souza interprets the painting *“El Marxismo dará salud a los enfermos”* (1954) [*“Marxismo will give health to the sick”*], based on Georg Lukács' formulations on aesthetics and politics. The originality of this analysis resides in the fact that the author, who graduated in Social Work,

establishes a dialogue between his area of knowledge and the history of medicine and art. It contextualizes the life of Frida Kahlo, her work, her ideological affiliation with Marxism, and her political activities in the Mexican Communist Party. He also places this scenario within a broader historical moment, the Latin American one, in which Social Medicine arises with concerns that are also Marxist and critical of how modernization and the market economy turn health into a commodity. In this way, the article allows us to recompose the different scenarios of the post-revolutionary decades in Mexico.

The possibilities that art allows for representing contemporary political and social dilemmas are the theme of the fifth article published in ***BJLAS*** under the title ***In pursuit of a symbiotic cinema: Shun by the Ecuadorian Sani Montahuano and Yollotl by the Mexican Fernando Colin Roque***. The article analyzes two short films that, through the language of cinema, allow for symbiosis between humans and non-humans. The article proposal gets enriched with references to Amerindian thought, allowing it to question aspects of contemporary society, such as the environmental crisis, and offer solutions based on a reinterpretation of ancestral knowledge. Both short films are interpreted by researcher and visual creator Lucía Fernanda Romero Paz y Miño, from *Universidad Andina Simón Bolívar (UASB, Ecuador)*, and were produced by Ecuadorian indigenous filmmaker Sani Montahuano, who still adds female elements into her works, and by filmmaker Fernando Colin Roque, Mexican indigenous.

The article that follows establishes a dialogue between the arts and the social sciences. The author is sociologist Dédallo Neves, from the *Federal University of Paraná (UFPR, Brazil)*, who presents research on the impact of the Cuban Revolution on the work of Brazilian poets and intellectuals. The source that the scientist uses is an anthology of poems, entitled *Violão de Rua (Street Guitar)* (three volumes), organized by the

writer and researcher Moacyr Félix between 1962 and 1963. As a member of the Brazilian Communist Party (PCB), Félix included in the anthology writings by authors such as Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna, and Geir Campos, with verses about the Cuban Revolution, Che Guevara, and the Peasant Leagues. In the poets' prose, there are anti-imperialist ideals and the overcoming of capitalism, in addition to hope in the Third World, the struggles of proletarian workers and peasants, and the desire to guide the course of the Brazilian people toward the Revolution. These are themes that echo the impact of the Cuban Revolution, in which the horizons of radical transformation of society composed what the author of the article, Dédallo Neves, calls "revolutionary Brazilianness". The name of the article is ***The Cuban Revolution among Brazilian artists and intellectuals: The "Violão De Rua" Case.***

The last four issues of this journal guarantee the thematic diversity of publications in ***BJLAS***, as they are articles in the fields of Law, History, Political Sciences, and Economics. All proposals use theoretical models to interpret or intervene in reality.

From the observation that in Latin America there is no effective internal protection of Human Rights, the article entitled ***Legal pluralism as an alternative for Latin America in the supranational scope of multi-level protection of Human Rights*** is a proposal and an exercise to think about the possibilities of building a supranational protection system that complements national policies for guaranteeing rights. The study analyzes the possibilities and virtues of supranational protection alternatives, focusing specifically on legal pluralism. With prudence, the limitations of these alternatives are also discussed, mainly regarding legal issues or the internal cultural aspects of each country, such as the presence of indigenous peoples and their own ways of exercising justice. The article is written by legal scientists Guilherme Marinho de Araújo Mendes and

Claudyvan José dos Santos Nascimento Silva, both from the *Federal University of Paraíba (UFPB, Brazil)*.

In the following article, the theoretical exercise is to interpret populism in Latin America, specifically Argentine Peronism between the years 1946 to 1955, using the Metaphysics of Historical Time as a tool and the assumption of multiple temporalities, according to the model of the German Reinhart Koselleck. The approach allows analyzing the temporal convergences in the populist discourse of Perón and the Argentine people. The research source is the official documents of Perón's speeches. The article is entitled ***The Peronist present: "Space of experience" and "Horizon of expectation" in the populist discourse of Juan Domingo Perón (1946-1955)*** and was written by a researcher in History, Ana Laura Galvão Batista, from São Paulo State University Júlio Mesquita Filho (UNESP, Brazil).

The Venezuela of the Chavista governments is the locus of the next article. The proposal is to use a methodological model that distinguishes temporal insights or political cycles, in which the critical conjunctures of the cycles are analyzed, and the result in terms of democratization or not. The first moment interpreted is that of the transformations of the Hugo Chávez government, whose content would be social and political democratization. In the second moment, the des-democratization phase of the Chavista experience is evaluated, especially after Chávez's death, when Maduro's management begins. This second phase would be characterized as the cycle of (de)democratization. The proposal is by Jefferson Nascimento, a political scientist at the *Institute of Social and Political Studies at the State University of Rio de Janeiro (IESP/UERJ, Brazil)*, and is entitled ***Critical conjunctures, changes in political cycles and de-democratization in Venezuela throughout the Chavista governments.***

The last article in the journal is also a theoretical exercise in the analysis of two experiences of industrialization in Argentina and Brazil in the middle of the last century, based on two authors: Nicholas Kaldor

(1908-1986) and Raúl Prebisch (1901-1986), placed here in comparison and, as it turns out, complementary when it comes to economic growth and development. The article is titled ***Kaldor and Prebisch: Reflections on Industrialization and the Economies of Brazil and Argentina*** and was written by Francisco Thainan, an economic scientist at the *Federal University of São Paulo (UNIFESP, Brazil)*.

As an editorial project, the ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** presents, at the end of each issue, reviews of recently published books on Latin America and the Caribbean, as well as well-known works of regional literature or works written by authors with an important intellectual trajectory on this region.

The first work reviewed is an organization in the field of the history of ideas and the history of concepts on the formation of Latin/Hispano/Ibero-American identities. In ***A Latin America in constant (re)definition***, Igor Lemos Moreira, from the *State University of Santa Catarina (UESC, Brazil)* makes a detailed review of the chapters of the book *Continent to be Defined: The Ideas of America in the 20th Century*, organized by Eliana Regina de Freitas Dutra and Jorge Myers.

The second book review is a classic of Latin American genre literature. In the review, ***Flora Tristan and the patriarchal justice system: the insurgency of "Pilgrimages of an Pariah"***, Joana das Flores Duarte, researcher from the *Health and Society Institute from Federal University of São Paulo (ISS/UNIFESP, Brazil)*, presents the book *As peregrinações de uma pária (Pilgrimages of an Pariah)*, in which the author, Flora Tristán, deals with her trip to Peru from France, as a testimonial work of her relationship with the country and her political position against the patriarchal justice system. In Peru, Flora Tristán wrote her memoirs at the beginning of the 19th century, which makes her an avant-garde author of the feminist movement and her work a classic of Latin American literature written by a woman.

The last book review is on Latin American economic thought and was written by Héctor López Terán, from the *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*. The review preserves the title of the book ***The Challenge of Development. Trajectories of the Great Latin American Economists of the 20th Century***, organized by Juan Odisio and Marcelo Rougier. Intellectuals such as Aníbal Pinto, Víctor Urquidí, Carlos Mallorquin, and Celso Furtado, among others, are highlighted in the review.

References

BRINGEL, Breno; LEONE, Miguel. La construcción intelectual del concepto de Colonialismo Interno en América Latina: Diálogos entre Cardoso de Oliveira, González Casanova y Stavenhagen (1959-1965). **Mana**, v. 27, n. 2. p.1-36, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a204>

GANDARILLA, José. Notas sobre la construcción de un instrumento intelectual. El “colonialismo interno” en la obra de Pablo González Casanova. **Pléyade**, n. 21, jan-jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0719-36962018000100141>

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO; 2015. Available in: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/casanova.pdf>. Access at: 29 jun. 2023.

HERNANDEZ NAVARRO, Luis. A Don Pablo. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI (Antología)**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO; 2015. Available in: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/22.pdf>. Access at: 29 jun. 2023.

ROITMAN ROSENMANN, Marcos. Pablo González Casanova: de la sociología del poder a la sociología de la explotación. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI (Antología)**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO, 2015[2007]. Available in: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/01.pdf>.

Access at: 29 jun. 2023.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; BAUMGARTEN, Maíra. Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social. Dossiê Sociologia na (em) América Latina, ALAS, **Sociologias**, v. 7, n. 14, jul/dec 2005, p. 178-243. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222005000200009>

TRINDADE, Hélgio, “Disciplinarização” e construção institucional da sociologia nos países fundadores e sua reprodução na América Latina. **Sociologias**, v. 20, n. 47, jan/apr 2018, p. 210-256. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-020004707>

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.214626](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.214626)

*Received on: 30/07/2023
Accepted on: 30/07/2023
Published on: 30/07/2023*



**POR UMA SOCIOLOGIA PARA A EMANCIPAÇÃO: PABLO
GONZÁLEZ CASANOVA E A SOCIOLOGIA MILITANTE
LATINO-AMERICANA**

POR UNA SOCIOLOGÍA PARA LA EMANCIPACIÓN: PABLO GONZÁLEZ
CASANOVA Y LA SOCIOLOGÍA MILITANTE LATINOAMERICANA

FOR A SOCIOLOGY FOR EMANCIPATION: PABLO GONZÁLEZ CASANOVA
AND LATIN AMERICAN MILITANT SOCIOLOGY

*Lia Pinheiro Barbosa*¹ 

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a contribuição teórico-analítica e de método de Pablo González Casanova (1922-2023) à construção de uma sociologia militante e para a emancipação. Para tanto, recupero quatro categorias da teoria social do pensador mexicano, as quais considero centrais em seu pensamento intelectual e que demarcam o trânsito entre a sociologia da exploração à sociologia da emancipação: o colonialismo, a exploração, hegemonia e crise, e a autonomia de classe. Ao apresentá-las, destaco as rotas analíticas de González Casanova e, em particular, suas articulações com a história, a cultura e as lutas empreendidas pelo campo popular para pensar e construir horizontes emancipatórios.

Palavras-chave: Sociologia militante; Teoria Social; Pablo González Casanova; Emancipação.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo presentar la contribución teórico-analítica y de método de Pablo González Casanova (1922-2023) a la construcción de una sociología militante y para la emancipación. Para ello, recupero cuatro categorías de la teoría social del pensador mexicano, las cuales considero centrales en su pensamiento intelectual y que demarcan el tránsito entre la sociología de la explotación a la sociología de la emancipación: el colonialismo, la explotación, hegemonía y crisis, y la

¹ Doutora em Estudos Latino-Americanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE). Bolsista Produtividade PQ2/CNPq. E-mail: lia.barbosa@uece.br

autonomía de clase. Al presentarlas, destaco las rutas analíticas de González Casanova y, en particular, sus articulaciones con la historia, la cultura y las luchas emprendidas por el campo popular para pensar y construir horizontes emancipatorios.

Palabras-clave: Sociología militante; Teoría Social; Pablo González Casanova; Emancipación.

Abstract: In this essay, I address the theoretical-analytical and methodological contributions of Pablo González Casanova (1922–2023) to the construction of a militant sociology for emancipation. To this end, I recover four categories of the Mexican thinker's social theory, which I consider central to his intellectual thought and which demarcate the transition from the sociology of exploitation to the sociology of emancipation. These are colonialism; exploitation; hegemony, crisis; and class autonomy. In presenting them, I highlight González Casanova's analytical trajectories and in particular his engagement with history, culture, and popular struggles, in order to think through and construct emancipatory horizons.

Keywords: Militant sociology; Social Theory; Pablo González Casanova; Emancipation.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.212262](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.212262)

*Recebido em: 21/05/2023
Aprovado em: 03/07/2023
Publicado em: 30/07/2023*

1 Introdução ao «caminhar perguntando» de Pablo González Casanova

No ano de 2023, aos 101 anos de idade, faleceu um dos maiores expoentes da teoria social latino-americana e caribenha, Pablo González Casanova, uma referência imprescindível na construção da sociologia latino-americana e, sobretudo, na preocupação por consolidar um labor científico e uma análise sociológica com arraigo na história, na cultura e na economia política da região, especialmente para investigar, cientificamente, a desigualdade, a dissimetria e a marginalização intrínsecos à natureza da exploração. Em sua produção intelectual, o sociólogo mexicano estabeleceu a articulação dialética entre ciência, conhecimento e

práxis para a superação do colonialismo e do servilismo intelectual (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969).

De sua clássica obra “Sociología de la Explotación”,² escrita em 1968 e publicada em 1969, González Casanova concebe uma teoria social original, tornando público o caminho teórico-metodológico assumido por ele como bússola de suas reflexões mais profundas e das perguntas que se fez “para estudar distintas formas de exploração de uns homens por outros” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 03, tradução nossa). Na introdução desta obra, González Casanova faz uma advertência de método (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 03, tradução e destaque nossos):

A ordem em que [os ensaios] são publicados é exatamente o oposto da ordem em que foram escritos. Um leitor que quiser acompanhar o processo de pesquisa terá de ler primeiro o último ensaio, e assim por diante, até o primeiro. [...] O livro foi escrito sobretudo para estudantes da América Latina e de países que adotaram o falso rigor empirista tão associado às ciências sociais predominantes nos Estados Unidos atualmente. Também foi escrito para aqueles que estão presos aos slogans e às palavras pomposas do marxismo ortodoxo e dogmático, renunciando às grandes tradições que o próprio marxismo tem de pesquisa científica de alto nível, que sempre acompanhou a **investigação militante**.

Esse livro incorpora uma genuína abordagem sociológica das formas de exploração decorrentes da dialética do antagonismo de classes e do colonialismo, resultado de um exercício intelectual anterior em que González Casanova conceitualiza o *colonialismo interno*,³ em dois ensaios, a saber, “El desarrollo del capitalismo en los países coloniales”,⁴ de 1959, e “Sociedad plural, colonialismo interno y desarrollo” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1963). O *colonialismo interno* se tornou uma categoria chave na obra intelectual de González Casanova para a análise dos problemas sociais que emergem de uma ordem colonial e suas reverberações na estruturação do capitalismo e do imperialismo.

² Escrito na ocasião do 150º aniversário de Karl Marx.

³ Conforme analisa Torres Guillén (2014), o conceito de colonialismo interno não foi de uso exclusivo de Pablo González Casanova, uma vez que também foi utilizado por outros autores em outros contextos e linhas metodológicas distintas. Para conhecer algumas referências dessas abordagens analíticas acerca do colonialismo interno, vide Torres Guillén (2014).

⁴ Segundo González Casanova (1969), este ensaio era a versão definitiva de um escrito preliminar destinado a um livro que seria inédito. Na obra “Sociología de la Explotación”, de 1969, encontramos uma versão atualizada no capítulo “El desarrollo del capitalismo en los países coloniales y dependientes”.

Pablo González Casanova iniciou suas reflexões em um contexto histórico-político em que se respirava os ares frescos das prístinas revoluções dos séculos XIX e XX, como a Revolução Haitiana, a Revolução Mexicana, a Revolução Soviética e a Revolução Cubana. Em si mesma, a experiência dos processos revolucionários constituía um terreno fértil para o pensamento crítico acerca da história e da cultura da região, sobretudo para examinar, com acuidade, a natureza do caráter marginal e subdesenvolvido, intrínseco à integração dependente e subordinada da América Latina e do Caribe ao capitalismo. Além disso, esses processos revolucionários, juntamente com as lutas pela libertação nacional e pela emancipação política na África, convergiram para o surgimento de dois conceitos fundamentais, analisados por Paulo Freire (2014 [1968]) e Franz Fanon (2008 [1952]): “oprimido” e “libertação”. A potência de ambos os conceitos provocou outras perguntas com o objetivo de refinar as categorias analíticas inerentes à luta de classes: Quem são as e os oprimidos nos processos históricos que foram marcados pela colonização e por uma forma diferente de integração ao capitalismo?; Como as opressões são caracterizadas nesses contextos históricos e em suas dialéticas nacionais, transnacionais e globais? E o mais importante: como lograr um processo de libertação em um terreno democrático?

Esse «caminhar perguntando» também esteve presente na trajetória de Pablo González Casanova, essência de uma postura intelectual crítica e reflexiva. Nesse primeiro ensaio sociológico sobre a natureza da exploração, o sociólogo revela três preocupações fundamentais (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969): 1) Desenvolver uma teoria social da exploração, analisando seus atributos e determinações históricas; 2) Assumir o materialismo histórico-dialético como método de análise e produção de conhecimento para superar as contradições históricas da exploração e 3) A consolidação de uma sociologia autêntica com uma postura de pesquisa militante. Isso implicou um desafio e, ao mesmo tempo, uma capacidade criativa em relação às perguntas a serem feitas e, em particular, sobre quais caminhos escolher na criação de uma “ciência para uma causa popular”

(BONILLA et. al, 1972), construída a partir dos sujeitos históricos e que se vincule a uma interpretação crítica e coerente dos fenômenos sociais em sua complexidade. Um elemento dessa «ciência popular» era não incorrer nos silêncios e silenciamentos de uma pretensa história universal (TROUILLOT, 2018 [1995]), colocando no centro da discussão a análise cuidadosa da cultura oprimida, enquanto aparato ideológico resultante da sedimentação de grupos e classes sociais em uma formação nacional (CASIMIR, 2018 [1980]).

Pablo González Casanova é um intelectual forjado nesse processo histórico. Um aprendiz inquieto que não se contenta em ser o receptáculo de uma teoria social criada no norte global para ser assumida, sem questionamentos, como a estrutura universal a ser reproduzida de maneira cartesiana ou dogmática. Ao contrário, desde sempre González Casanova aprendeu a *sulear*⁵ (FREIRE, 1992) seu olhar analítico, tornando-o uma *práxis* intelectual posicionada, em um reconhecimento do Sul em suas epistemologias, em suas ontologias e em seus sujeitos históricos, em um horizonte de construção de uma *práxis* teórico-política para a libertação e a emancipação.

Em uma apropriação do pensamento crítico e da *práxis*, compreendeu que a ciência social crítica é a ciência das lutas, e que “o saber latino-americano, rebelde e crítico, tendeu a combinar, mais que a enfrentar ou contrapor-se, o tipo de lutas que o saber de outros mundos aprisionou em compartimento separados (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b, p. 311, tradução nossa). Nessa direção, González Casanova elaborou uma teoria social em consonância com a leitura crítica das determinações históricas de nossa formação social, situando a exploração e as e os oprimidos enquanto chaves analíticas na elaboração de uma sociologia do poder e da exploração (ROITMAN ROSENMANN, 2009) e de uma sociologia da emancipação. Portanto, dedicou-se a elaborar uma análise precisa

⁵ O termo foi desenvolvido por Paulo Freire a partir de diálogos com seu amigo Márcio Campo, um físico, que questionava a forma de localização dos pontos cardeais determinada pelo hemisfério norte. Sabiamente, Paulo Freire identificou que: “Em qualquer referencial local de observação, o Sol nascente do lado do Oriente permite a orientação. No hemisfério Norte, a Estrela Polar, Polaris, permite o norteamento. No hemisfério Sul, o Cruzeiro do Sul permite o “SULeamento”.” (FREIRE, 1992, p. 113).

acerca dos elementos e dinâmicas constitutivos da exploração, do colonialismo, do imperialismo, da crise e hegemonia, da democracia, conceitos imprescindíveis a essa sociologia comprometida, sobretudo para a análise do desenvolvimento do capitalismo na região latino-americana e caribenha como uma relação histórica concreta.

Neste artigo, recupero quatro categorias fundantes da teoria social de Pablo González Casanova, as quais considero centrais em seu pensamento intelectual e que demarcam o trânsito entre a sociologia da exploração à sociologia da emancipação: o colonialismo, a exploração, hegemonia e crise, e a autonomia de classe. Ao apresentá-las, enfatizo os percursos analíticos de González Casanova e, em particular, desde onde ele situa as possibilidades para pensar e construir horizontes emancipatórios.

2 Os problemas, somos nós que os colocamos

Ao adentrar a obra intelectual de Pablo González Casanova, identificamos aqueles que inspiraram suas reflexões teórico-políticas: José Carlos Mariátegui, Karl Marx, Vladimir I. Lênin e Antonio Gramsci⁶, os movimentos revolucionários e, sobretudo, os povos originários da América Latina. No caso destes últimos, González Casanova reconheceu que é fundamental situar os povos indígenas na problemática nacional e regional, para estabelecer as devidas articulações interpretativas da dialética colonial passada e contemporânea, a estruturação das formas de dominação, exploração e poder, a natureza da desigualdade (de uma classe sobre outra; de uma região sobre outra), além dos vazios na consolidação de um processo verdadeiramente democrático.

Desde seus primeiros escritos, Pablo González Casanova parte de uma cuidadosa revisão da história para reposicionar os povos indígenas, no

⁶ Em seu escrito "Proceso y análisis de investigación: autopercepción intelectual de un proceso histórico" (González Casanova, 2009a), o sociólogo mexicano nos apresenta os fundamentos políticos e teóricos de sua formação intelectual nos estudos filosóficos, sociológicos e do marxismo, como também da experiência histórica das revoluções, em especial, da Revolução Mexicana, e dos movimentos revolucionários e democráticos de Cuba, Haiti, Guatemala, El Salvador, Nicarágua e Chile.

âmbito da análise sociológica, como sujeitos do processo histórico de sua existência e de um tensionamento contínuo do Estado-nação e da forma assumida pela luta de classes na América Latina. Em outros termos:

A história dos “índios” e dos “camponeses” é una⁷ e a mesma até os tempos presentes. Poderia ser considerada como a história de um Estado e de uma sociedade onde o povo trabalhador foi tratado como um povo colonizado, desde o capitalismo mercantil até o capitalismo global, seja por causa de sua “raça” ou de sua cultura, ou para além da “raça” e da cultura, como ocorre com os brancos “pobres” do Caribe, ou com os pobres da América Latina – mais brancos que índios – aqueles que são tratados como colonizados, situação que afeta toda sociedade e o Estado, assim como as lutas nacionais e de classes (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 307, tradução nossa).

Pablo González Casanova manteve um frutífero diálogo com os processos políticos articulados pelos movimentos indígenas no México. Particularmente, a insurgência armada do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), constituiu um referente teórico e político na produção intelectual de González Casanova. Inclusive, nos espaços em que participou como convidado do EZLN, González Casanova enfatiza uma aprendizagem em relação com o mundo indígena, (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b): “os problemas, somos nós que os colocamos”.⁸ E manteve seu compromisso ético e intelectual, no sentido de ajustar as lentes sociológicas para identificar quais seriam as grandes problemáticas que deveriam ser analisadas, não desde uma concepção da história que toma Europa como o centro de onde emana a história social das civilizações, ou ainda em uma análise centrada unicamente no Estado.

Ao contrário, Pablo González Casanova coloca no centro aqueles que, no processo histórico, são os que vivenciam, na carne, como cultura oprimida e classe social em luta permanente, as contradições inerentes à nossa formação sócio-histórica. Por essa razão, sempre se interessou em situar, a partir da ótica dos povos indígenas, ou ainda desde o reconhecimento de sua existência milenária, o ponto de partida para uma

⁷ No texto original, o termo “una” vem do latim, de unidade. Não é equivalente ao artigo indefinido “uma” no português. Portanto, mantenho o primeiro sentido, de unidade.

⁸ Em ocasião de sua participação no “Primer Coloquio Internacional In Memoriam Andrés Aubry, realizado em 2007, no Cideci, Chiapas, Pablo González Casanova cita esta frase dita por Aubry ao lhe compartilhar uma aprendizagem sua ao visitar um Caracol Zapatista.

análise precisa acerca dos fenômenos que ocupam nossa história passada e presente, e perguntar-se: quais seriam os problemas apresentados pelos povos indígenas que merecem ser analisados criticamente?

Em sua obra, identificamos três questões centrais que demarcam o lugar histórico dos povos indígenas e sua relação com o Estado: o colonialismo, a exploração e a crise da democracia. Para González Casanova, essas categorias possuem um potencial de explicação sociológica do fenômeno do desenvolvimento, do subdesenvolvimento e da marginalização; também da natureza das classes sociais e de seus antagonismos, nos planos nacionais e globais. Do mesmo modo, são conceitos que evidenciam a essência da configuração das classes sociais e da luta de classes na América Latina e Caribe, elemento que nos permite situar quem são os sujeitos da emancipação.

3 *Colonialismo em sua face interna e internacional*

No centro da análise de González Casanova, o colonialismo é considerado um fenômeno integral e intercambiável de categoria internacional para categoria interna (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969). Quando a colonização se consolidou, formou-se uma estrutura colonial cuja finalidade política e econômica era a de promover um processo de pleno desenvolvimento da metrópole em escala internacional, sob o monopólio e a exploração dos bens naturais e da força de trabalho nas colônias, além da promoção do mercado para a circulação de mercadorias e outros insumos.

A instauração da ordem colonial demarcou um novo padrão de dominação nas relações sociais, culturais e econômico-políticas marcado pelo colonialismo, que penetra todas as instâncias da organização material, simbólico-ideológica e subjetiva da vida na colônia. Em uma perspectiva clássica, o colonialismo é caracterizado pelo monopólio que um país exerce sobre o outro, impondo um lugar sócio-histórico à colônia, que passa a assumir os seguintes atributos: 1) a condição de economia complementar à

metrópole; 2) de dependência econômica da metrópole; 3) fornecedora de mão de obra barata; 4) de padrões de vida inferiores; e 5) de aplicação de sistemas repressivos aos conflitos de classe (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969).

De acordo com González Casanova (1969), além do monopólio e da dependência, o colonialismo se expressa na cultura e nos padrões de vida por meio do estabelecimento de uma hierarquia social baseada em critérios étnico-raciais. O autor enfatiza que “o racismo e a segregação racial são essenciais para a exploração colonial, de alguns povos por outros, e influenciam todas as formas de desenvolvimento e cultura colonial. [...] O racismo e a discriminação correspondem à psicologia e à política tipicamente coloniais” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 237, tradução nossa). O colonialismo, portanto, gera implicações em termos subjetivos, de uma psicologia social marcada pelo racismo, pela discriminação e por um processo de desumanização do colonizado, sedimentado nas relações sociais e produtivas. Nas palavras de González Casanova (1969, p. 238, tradução nossa):

Essa psicologia, com regras de tratamento muito complicadas, preconceitos e formas de percepção do homem colonizado como uma coisa, está vinculada às formas de política interna da sociedade colonial, a uma política de manipulação e discriminação que aparece na ordem jurídica, educacional, linguística, administrativa e que tende a sancionar e aumentar o “pluralismo” social e as relações de dominação e exploração características da colônia.

González Casanova esclarece que o colonialismo não é um fenômeno que opera apenas em uma esfera internacional, “mas dentro da mesma nação, na medida em que há nela uma heterogeneidade étnica, em que se ligam certos grupos étnicos aos grupos e classes dominantes, e outros aos dominados” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1965, p. 89, tradução nossa). Ao ser incorporado à dinâmica social nacional, o colonialismo se amplia a um colonialismo interno, que (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 240, tradução nossa):

[...] corresponde a uma estrutura de relações sociais de dominação e exploração entre grupos culturais heterogêneos e distintos. Se ela tem alguma diferença específica em relação a outras relações de dominação e exploração [...] é a heterogeneidade cultural que historicamente produz a conquista de alguns povos por outros, e

que nos permite falar não apenas de diferenças culturais (que existem entre a população urbana e rural e nas classes sociais), mas de uma diferença de civilização.

O conceito de *colonialismo interno* desenvolvido por González Casanova constitui uma contribuição conceitual para a inovação teórico-analítica do antagonismo social e das esferas de dominação na América Latina e no Caribe, fundamentalmente por dimensionar a natureza do poder e da exploração não apenas na esfera da ordem colonial ou das relações produtivas inerentes à acumulação originária e ao desenvolvimento do capitalismo, mas também nas formas mais profundas que estabelecem as conexões entre sociedades heterogêneas em contextos nacionais e na geopolítica internacional.

O sociólogo mexicano considerava que o colonialismo também era um fenômeno interno observável nos processos de independência das antigas ex-colônias da América Latina, África, Ásia e Oceania, cujas experiências de autonomia política levaram ao surgimento de novas relações sociais e desafios concretos à consolidação das ideias de independência e desenvolvimento (GONZÁLEZ CASANOVA, 1963). Em outras palavras, o colonialismo, como um fenômeno integral perceptível em suas facetas internacionais e internas, constituiu um desafio à legitimação da autonomia política e ao pleno exercício da democracia em contextos pós-independência. Por essa razão, a apreensão analítica do colonialismo interno favorece um “potencial para a explicação sociológica do subdesenvolvimento e para a explicação operacional dos problemas das sociedades subdesenvolvidas” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1963, p. 17, tradução nossa).

Nessas prístinas formulações, a preocupação de González Casanova era contribuir para um estudo objetivo e sistemático do fenômeno do colonialismo interno no contexto político das novas nações que, segundo ele, “preservam o caráter dual da sociedade e um tipo de relações semelhantes às da sociedade colonial” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 239, tradução nossa). Por outro lado, deve-se ressaltar que a abordagem intelectual do conceito de colonialismo interno foi desenvolvida ao longo

da década de 1960, um processo que foi acompanhado por uma segunda preocupação analítica de González Casanova sobre como definir, sociologicamente, as sociedades latino-americanas. O pensador mexicano atribuiu a essas sociedades o caráter de sociedades duais ou plurais, caracterizadas por uma heterogeneidade cultural, econômica e política que divide cada país em dois ou mais mundos, com características diferentes, sob a dominação e a exploração de alguns grupos culturais por outros. Assim, a marginalização, a sociedade plural e o colonialismo interno são legados do passado colonial que persistem contemporaneamente nos países latino-americanos, sob novas formas que caracterizam a sociedade e a política nacional.

A recepção dos conceitos de “colonialismo interno” e “sociedades duais” estimulou um debate fértil na teoria social latino-americana, especialmente em um momento de aspiração de consolidar uma produção intelectual original. Nesse campo, Pablo González Casanova recebeu duras críticas a ambos os conceitos por parte de Rodolfo Stavenhagen (1981) e André Gunder Frank (1973). No caso de Gunder Frank, este imputou um caráter burguês à tese de González Casanova, alegando que ela se referia a “tentativas de justificar e encobrir o imperialismo e/ou o revisionismo” (GUNDER FRANK, 1973, p. 205, tradução nossa). Na perspectiva do autor, é insuficiente supor que o colonialismo interno seja uma das causas do subdesenvolvimento dos países latino-americanos, uma vez que os parâmetros de desenvolvimento ou subdesenvolvimento não se limitam a uma dinâmica desigual de diferenciação social ou cultural. Argumenta ainda que, em vez disso, a condição subdesenvolvida é o resultado das contradições inerentes ao desenvolvimento estrutural do capitalismo. Portanto, deveria ser analisada à luz da teoria de classes e em estreita conexão com uma teoria do imperialismo, uma expressão do colonialismo externo.

Por sua vez, em Rodolfo Stavenhagen, a crítica está na aplicação do termo “dual” para explicar a existência de duas sociedades, uma capitalista e outra feudal, ou mesmo uma moderna e outra arcaica, assim definidas

pelo princípio da disparidade social, cultural e econômica. Para Stavenhagen, embora coexista uma estrutura social e econômica dual, uma de tipo feudal com uma base social conservadora, composta por uma aristocracia latifundiária e relações políticas clientelistas, e outra caracterizada por núcleos de uma economia capitalista, ambas devem ser interpretadas dialeticamente, como consequência de um único processo histórico que representa “o funcionamento de uma única sociedade global da qual ambos os polos são partes integrantes” (1981, p. 17, tradução nossa).

Motivado por esse debate, Pablo González Casanova escreveu uma redefinição do conceito, fazendo mudanças e adaptações em seu texto sobre o colonialismo interno, que passou por revisões nas primeiras versões, de 1963 e 1969. Na publicação da redefinição, em 2003, González Casanova ressalta que o conceito se tornou uma categoria tabu em diferentes correntes ideológicas de análise do imperialismo, nacionalismo, das esquerdas e do marxismo, até mesmo do socialismo (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003a). Além disso, o autor revela suas fontes teórico-metodológicas para o desenvolvimento do conceito: 1) a questão nacional, na obra de Lênin, para pensar as estratégias de autodeterminação das nações e os desafios para a concretização de um processo socialista revolucionário em um país marcado pela presença de diferentes grupos étnicos e que merecia “a solução do problema das nacionalidades e grupos étnicos oprimidos no estado czarista até o triunfo da revolução bolchevique.” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003a, p. 05, tradução nossa); 2) a problemática nacional e a questão indígena nas análises de José Carlos Mariátegui e 3) as contribuições de Antonio Gramsci no estudo dos campos de luta nas relações entre o norte e o sul da Itália, que destacam o problema da unidade na diversidade para a formação de um bloco histórico em direção às autonomias políticas.

González Casanova também revela a rota genealógica de sua própria obra para elaborar e refinar sua análise do colonialismo interno, baseando-se também nos esforços de Wright Mills (1963), que usou o termo pela primeira vez. Enfatiza González Casanova que, no século XXI, há uma

redefinição histórica das categorias de dominação que ampliam as escalas do colonialismo (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003a, p. 20, tradução nossa): “O triunfo mundial do capitalismo sobre os projetos comunistas, social-democratas e de libertação nacional, as políticas globalizantes e neoliberais das grandes empresas e os grandes complexos político-militares tendem a uma integração da colonização inter, intra e transnacional.”

Ao demarcar historicamente o conceito de colonialismo interno, Pablo González Casanova destaca o movimento dialético assumido pelo que ele denomina de “mediação colonial”⁹ na dinâmica de exploração e dominação em diferentes escalas - internacional, nacional e transnacional - e suas reverberações na marginalização, no subdesenvolvimento e na desigualdade dos países que ocuparam o *status* histórico de colônias. O significado atribuído à “mediação colonial” refere-se às gradações do colonialismo em seus níveis de interferência para maximizar o domínio do capitalismo global. No século XXI, isso inclui a reestruturação dos sistemas sociais, com refuncionalizações de classes, camadas e setores médios e de políticas de distribuição para a articulação e combinação de forças ligadas ao capitalismo (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003a, p. 21, tradução nossa), conforme destaca:

[...] desde os complexos militar-empresarial e científico, por meio de suas redes financeiras, tecnológicas e comerciais, até a organização dos complexos empresariais das chamadas empresas transnacionais e multinacionais que controlam tudo, desde seus próprios bancos, passando por sua mídia publicitária, até seus mercados de serviços, mercadorias, territórios e “consciências”. [...] Todos eles trabalham na forma de um sistema autorregulável, adaptável e complexo que tende a dominar o sistema-mundo sem dominar as imensas contradições que ele gera. Em suas políticas, há espaço para os diferentes tipos de colonialismo organizado que se combinam, se complementam e se articulam em projetos associados para a maximização dos lucros e do poder das empresas e dos Estados que as apoiam.

⁹ Aqui, Pablo González Casanova estabelece um diálogo com o marxismo clássico na análise da exploração no contexto da Inglaterra. Para o autor (GONZÁLEZ CASANOVA, 1998), naquela época do estudo rigoroso da exploração, Marx tinha dificuldades em compreender a importância do colonialismo, priorizando uma abordagem da exploração baseada na mediação do mercado de trabalho. Deve-se destacar que a observação de Casanova foi feita na década de 1990, quando os escritos de Marx sobre a questão colonial ainda não haviam sido retomados. Hoje, são notórios os esforços contemporâneos para recuperar a questão colonial na obra de Marx, especialmente o Caderno de Londres nº XIV sobre Colonialismo, de 1851.

González Casanova afirma que esse processo acentua a marginalização, a exclusão e a eliminação das populações mais discriminadas e desfavorecidas (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003a). Marginalização, para González Casanova (2009a), significa estar à margem do desenvolvimento do país, não participar do desenvolvimento econômico, social e cultural. Nessa condição marginal estão as populações que não têm nada, uma situação característica das sociedades subdesenvolvidas com distribuição desigual de riqueza, de cultura geral e técnica, e que têm dois ou mais conglomerados socioculturais, um dominante e outro dominado. A primeira dinâmica interna da desigualdade é a separação entre aqueles que participam do desenvolvimento e aqueles que estão à margem do desenvolvimento. No caso dos países latino-americanos, a população indígena é aquela que está em uma posição social muito marginalizada e tem quase todos os atributos de uma sociedade colonial. É por essa razão que González Casanova (1965) apresenta a premissa, em diálogo com Mariátegui, de que a questão indígena constitui um problema de colonialismo interno, um fato que não está presente na consciência nacional, já que estamos “acostumados a pensar no colonialismo como um fenômeno internacional, não pensamos em nosso próprio colonialismo” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1965, p. 104, tradução nossa).

González Casanova (1969) analisa que, nas colônias, há racismo, discriminação, exploração do tipo colonial, formas ditatoriais, alinhamento simbólico-ideológico de uma população dominada por outra, de raça, cultura e classes diferentes. O autor aponta duas formas de colonialismo interno: na primeira, a metrópole exerce o monopólio do comércio e do crédito indígena, promovendo relações de troca desfavoráveis aos indígenas em uma descapitalização permanente. Nesse contexto, as comunidades sobrevivem da monocultura e dependem da economia nacional. A segunda forma de colonialismo interno assume a forma de uma exploração conjunta da população indígena por diferentes classes sociais da população mestiça e/ou branca. A exploração é combinada em

uma mistura de feudalismo, capitalismo, escravidão, trabalho assalariado e forçado, parceria, peonagem e serviços gratuitos.

A partir de uma análise das expressões do colonialismo em sua face interna, Pablo González Casanova o articula a uma dimensão internacional e transnacional, no sentido de verificar como a dialética do colonialismo opera no *continuum* da exploração em escala global. Como fenômeno integral, o colonialismo se atualiza e se reproduz, a partir da mediação colonial que se incorpora ao próprio processo de consolidação capitalista, manifestando-se na forma imperialista. Nessa reconfiguração de um capitalismo globalizado, a exploração é aprofundada e um padrão de colonialismo, agora de caráter global, é mantido na relação centro-periferia.

Isso interfere diretamente na dinâmica interna e externa do Estado-nação, em termos do papel cultural e político-econômico desempenhado por suas forças políticas e, sobretudo, no aprofundamento de uma integração internacional e transnacional dependente e subordinada. Essa forma de integração também pode levar a crises que impedem a consolidação de um processo democrático, no qual a sociedade como um todo assume seu lugar em termos de participação política efetiva.

4 Exploração global

Ao situar o colonialismo (interno e global) como um fenômeno integral que determina a natureza do Estado-nação, dos grupos ou classes sociais, das forças políticas e produtivas e das relações sociais estabelecidas nos níveis nacional e internacional, González Casanova aprofunda sua análise com relação ao lugar da exploração nos processos históricos marcados pelo estabelecimento de uma ordem colonial e capitalista. Nesse contexto, estabelecer uma abordagem sociológica da exploração é uma questão fundamental para interpretar os horizontes históricos da luta de classes. Uma premissa fundamental apresentada por González Casanova é o

reconhecimento da própria existência da exploração, como conceito e fenômeno, e sua ordem de magnitude (GONZÁLEZ CASANOVA, 1998). De acordo com seu prisma analítico, a exploração constitui um conceito com possibilidades heurísticas e práticas, ainda pouco analisado no debate marxista clássico. Nessa direção, essa premissa permite:

[...] construir pontes entre a análise estrutural e a histórica; entre as relações sociais, econômicas, políticas e culturais; entre a alienação econômica e a alienação teórica ou ideológica; entre as lutas políticas, as utopias e os interesses ávidos por manter as relações de exploração e capazes não apenas de atos máximos de repressão, mas também de cooptação, mediação e mediatização mercantil, política, tecnológica, trabalhista, organizativa, estrutural e sistêmica" (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 173, tradução nossa).

A exploração, como categoria essencial, permite um duplo movimento: por um lado, a interpretação crítica do conjunto de mediações inerentes ao colonialismo e ao capitalismo; por outro, que aqueles setores que buscam construir e conduzir alternativas tenham uma compreensão clara da estrutura social que sustenta a exploração, a dominação e o poder, condição que lhes permite identificar suas contradições e as possibilidades de superá-las. González Casanova aponta para uma diferenciação de abordagem, entre o marxismo clássico e a teoria crítica na história contemporânea, com respeito à exploração como categoria, particularmente com relação a suas formas e substâncias. Nessa direção, Pablo González Casanova identifica três diferenças na abordagem da exploração (GONZÁLEZ CASANOVA, 1998): 1) no período clássico, a exploração entre o empresariado e os trabalhadores era colocada em termos de antagonismo e da luta de uma classe contra a outra. Na atualidade, a exploração não gera necessariamente efeitos diretos e lineares na luta de classes; nem as insurreições levam a processos revolucionários; 2) os sistemas e subsistemas de exploração se tornaram mediatizados e globalizados; 3) a centralidade do colonialismo e da mediação colonial na demarcação de uma nova história universal de mediações. Em suas palavras (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 177, tradução nossa):

Marx e seus sucessores passaram a entender e incluir a *mediação colonial* em sua análise da exploração e suas alternativas, embora nem sempre percebessem que se tratava de uma mediação que, com muitas outras, deu início a *uma nova história universal de mediações*. As mediações assumiram uma presença enorme e seus atores desempenhariam um papel protagônico que nunca haviam desempenhado antes na compreensão e mudança da sociedade e do Estado.

Outra importante contribuição teórica na obra de Pablo González Casanova diz respeito ao papel histórico da “mediação colonial” e o seu vínculo com o que o autor chama de “uma nova história universal das mediações”, em termos de uma complexificação da estrutura e das formas de exploração em uma perspectiva global. Podemos até inferir que o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo em escala global evidencia elementos substantivos dessa mediação colonial nas relações estabelecidas entre centro e periferia. Vejamos esse processo nos termos do autor (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 177, tradução nossa):

Após a nova história, não apenas a estrutura da exploração mudou, mas também o conjunto dos sistemas e subsistemas em que operam como uma relação social característica de todo o sistema ou que, de diferentes formas, está presente nas diferentes partes do sistema e permite o funcionamento do conjunto. [...] Não era mais apenas uma luta centrada na mais-valia; era uma luta reestruturada, mediatizada e universalizada pelo excedente e pela distribuição do produto dentro das nações e em escala global.

Para Pablo González Casanova, à medida que o capitalismo se consolida em sua face imperialista, a exploração aumenta na periferia global e o colonialismo se expande em seus aspectos comerciais, tributários, produtivos, financeiros, monetários, culturais e políticos (GONZÁLEZ CASANOVA, 1998). Na dialética da exploração em escala global, surge uma enorme população que se oferece para trabalhar como e onde puder (González Casanova, 1998), em um movimento quase inevitável entre ser explorado a ser excluído.

Ao lançar luz sobre a precisão dessa análise no caráter espoliador do capitalismo do século XXI, são clarividentes as diferentes tramas dessas mediações na exploração global. Neste século, os países periféricos permanecem presos em um colonialismo global, como regiões

fornecedoras de matérias-primas, mão de obra barata e escravizada, além de se tornarem zonas de sacrifício (SVAMPA, 2019), em nome de um desenvolvimento baseado na espoliação territorial, no saque violento e predatório, na desterritorialização, nos fluxos migratórios resultantes do aumento da violência, da pobreza e da desigualdade, e em uma profunda crise de democracia e hegemonia. No caso da América Latina, a exploração global afeta toda a sociedade, mas sua face mais cruel encontra-se no meio rural, pois a região é considerada estratégica para o capital financeiro e transnacional, sobretudo por ser reduto de água, minérios, energia eólica, solar, sementes, terras, entre outros bens naturais de grande interesse econômico. A disputa territorial se dá entre conglomerados econômicos ligados ao capital transnacional, forças políticas internas e os povos indígenas, camponeses, ribeirinhos, comunidades tradicionais, quilombolas, pescadores, entre outros, que defendem seus territórios contra a ofensiva do capitalismo por espoliação, portanto, do capitalismo global.

Isso implica situar a natureza das classes, seus antagonismos e a luta política em outras configurações que não se limitam aos termos da abordagem marxista clássica. De acordo com González Casanova (2017), a luta de classes na América Latina contra a exploração e a discriminação não pode ser compreendida sem uma análise concreta da luta colonial e neocolonial. Em sociedades marcadas pela fundação de uma ordem colonial, como é o caso das sociedades latino-americanas, a análise do Estado e da própria sociedade requer adentrar no que o autor chama de “metamorfose do colonialismo e do capitalismo”, como marco analítico para interpretar as determinações históricas de opressão, exclusão e midiaticização na luta de classes. Nos termos de González Casanova “nem o Estado latino-americano pode ser entendido sem uma sociedade multiétnica, nem a construção democrática, popular e nacional pode deixar de expressar e representar essa sociedade.” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 308, tradução nossa). Em nossas sociedades, o nó dialético entre o colonialismo e o capitalismo é transmutado em um sistema colonial e

neocolonial que se consolida por meio de uma justaposição de desigualdade colonial. Em suas palavras (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 298, tradução nossa): “Destruir o colonialismo e o neocolonialismo exige articulações políticas e revolucionárias muito mais complexas do que uma simples luta de raças e classes.”

No campo da teoria crítica, González Casanova faz uma importante advertência àqueles que consideravam os povos indígenas e não indígenas como “simplesmente categorias antagônicas e contraditórias” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a), uma visão equivocada da natureza da luta de classes na América Latina e no Caribe. Por essa razão, ele enfatiza que a definição dos termos da luta de classes na região requer uma compreensão adequada das complexidades da construção da unidade política na diversidade, o que implica estabelecer desafios concretos (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a): 1) compreender que o processo de identificação dos povos indígenas com a cultura nacional e estatal, reconhecendo-se como parte de uma “raça mestiça” constitui “um obstáculo tão sério à consciência e à identidade do índio quanto sua fusão permanente com o camponês, o trabalhador agrícola e a classe trabalhadora.” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 299, tradução nossa); 2) apreender o caráter consubstancial e inseparável da luta das etnias e dos povos colonizados também como uma luta de classes; 3) que a luta de classes não é apenas contra a exploração, mas também contra a discriminação, a humilhação e a opressão.

Um aspecto medular da análise de Pablo González Casanova é justamente ter presente o papel histórico que os povos indígenas desempenham no tensionamento do Estado-nação, especialmente por desvelar, em sua condição histórica de oprimidos, as contradições inerentes a um projeto nacional que se funda nas tramas do colonialismo e da exploração global. Para González Casanova (1996), a luta histórica na América Latina é entre os grupos étnicos coloniais e o Estado, que é multiétnico. Em um prisma sociológico, González Casanova situa a categoria “índio” como marco analítico da luta de classes contemporânea,

que não se limita ao antagonismo entre “burguesia e proletariado”, em termos clássicos, mas que se atualiza e reivindica outras formas de nomear a classe em si, para si e em luta permanente. Argumenta que a categoria “índio” não desapareceu e mantém seu significado colonial. Em si mesma, constitui uma categoria social, mas carece de expressão como categoria política (GONZÁLEZ CASANOVA, 1996). Isso se deve ao fato de que, ao cristalizar o amálgama de uma identidade nacional ou de uma cultura nacional, a presença histórica dos povos indígenas é suplantada, tornando-se um obstáculo à conscientização de sua própria identidade cultural e política e, portanto, um obstáculo adicional à sua unificação como categoria social e política (GONZÁLEZ CASANOVA, 1996).

Entretanto, argumenta González Casanova (1996), os povos indígenas são a principal matriz do campesinato latino-americano, ao tempo em que são a categoria social remanescente e renovada das relações coloniais de produção. Em uma perspectiva histórica, os povos indígenas estão posicionados contra a persistência da era colonial clássica e do neocapitalismo periférico estratificado. A sensibilidade analítica de Pablo González Casanova em relação à história social e política da América Latina o levou a indagar sobre o caráter do Estado e o caráter das lutas. O surgimento do movimento zapatista, em meados da década de 1990 e sua consigna política “nunca mais um México sem nós”, constituíram um referente central no argumento analítico de González Casanova sobre o papel histórico dos povos indígenas, especialmente nos horizontes da superação da exploração e nos caminhos da construção e consolidação da democracia. A problemática indígena, como um fenômeno colonial e neocolonial, esteve sempre presente na análise de Pablo González Casanova. Entretanto, a experiência cultural e política do zapatismo levou González Casanova a captar a transcendência da comunidade como uma estrutura social de entramados organizativos e políticos complexos; a existência da comunidade é uma expressão da transcendência histórica da resistência:

O índio transforma sua comunidade em uma estrutura social preparada para resistir à longa guerra colonial. A comunidade indígena é muito mais do que um refúgio. Ela é a base social para a produção, o comércio, a migração, a rebelião e a política [...] A estrutura interna da comunidade indígena contribui para a compreensão de sua força (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 293, tradução nossa).

A comunidade indígena e sua força política se transmutam na criação dos Caracóis¹⁰ Zapatistas e das Juntas de Buen Gobierno,¹¹ uma nova forma de pensar e realizar a luta política baseada em redes de resistência e autonomia (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003b) González Casanova destaca:

[...] também apontam para a construção de um Estado pluriétnico que fortaleça a unidade na diversidade e a articulação das comunidades locais, municipais, regionais e nacionais, incluindo o particular e o universal. O novo pacto de direitos humanos não incluirá apenas o direito à igualdade, mas também os direitos às diferenças. Não incluirá apenas os direitos das nações, dos trabalhadores e dos camponeses: também constituirá um sistema de democracia com poder dos povos, pelos povos e com os povos para decidir, no uso de suas autonomias, sobre programas sociais, econômicos, culturais e políticos dentro de um pluralismo que também respeite as diferentes culturas, crenças, filosofias e raças, e que seja guiado pelos conceitos de democracia, justiça e liberdade como valores universais (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 241, tradução nossa).

A estrutura organizativa dos municípios autônomos zapatistas, com o governo autônomo e os trabalhos coletivos, abriu caminho para imaginar outra concepção de política, de democracia, alinhada com o “povo”, o sujeito histórico do discurso revolucionário latino-americano e caribenho, aquele que deve tomar o caminho da libertação e da emancipação em suas próprias mãos.

¹⁰ Os Caracóis são os centros regionais administrativos e logísticos, responsáveis pela coordenação das atividades internas e externas dos Municípios Rebeldes Autônomos Zapatistas (MAREZ). Em 2003, havia cinco Caracóis e estes foram ampliados, em 2019, com mais onze, agora também chamados de Centros de Resistência Autônoma e Rebelião Zapatista (CRARZ).

¹¹ Constituem o coração administrativo do Caracol. Estão conformadas por um(a) dois delegados(as) dos Conselhos Autônomos dos MAREZ, que são eleitos pela assembleia, principal instância participativa. As Juntas de Bom Governo conduzem todas as demandas que chegam ao Caracol e cumprem um mandato de dois anos, sem receber qualquer remuneração para o exercício do cargo para o qual foram eleitos(as). Para um maior aprofundamento, vide Barbosa (2015; 2016).

5 La autonomia de classe: caminho para a emancipação

O desenvolvimento de uma sociologia da exploração permitiu que Pablo González Casanova apresentasse os elementos básicos para a análise crítica de como se caracteriza o processo de consolidação do capitalismo sob uma estrutura colonial e racista, a natureza do Estado-nação, dos grupos e classes sociais e, sobretudo, as reconfigurações contemporâneas do poder e da exploração, nos planos nacional e global. Em um diálogo com a teoria marxiana, González Casanova é enfático ao afirmar a existência de novos elementos que caracterizam a luta de classes: “temos que perceber que a luta pela independência, assim como a luta de classes, mudou. A estruturação das relações entre as classes, e a estruturação interna de cada classe, não é igual àquela de duzentos anos atrás” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b, p. 304, tradução nossa). Para González Casanova, as lutas sociais realizadas no final do século XX, marcadamente contra a exploração, articulavam uma abordagem política baseada na construção de mediações que lhes permitiriam alcançar o ideal de uma “democracia para todos”:

[...] no terreno político e cultural se deve repensar o problema do respeito ao pluralismo religioso, ideológico e cultural, ou o problema da unidade na diversidade. É assim que aparece o problema de um sistema mundial de exploração que os cidadãos, trabalhadores, povos e etnias tem que enfrentar quando queiram construir uma democracia de todos, isto é, uma democracia que não se limite a escolher entre dois ou mais partidos que mais ou menos mudem algo (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 183, tradução nossa).

Nesse sentido, González Casanova argumenta que o conjunto dessas lutas enfrenta três tipos de crise: 1) a crise econômica; 2) a crise hegemônica; e 3) a crise sistêmica (GONZÁLEZ CASANOVA, 1998). Como analisa González Casanova (1996), toda crise implica um acirramento das lutas e um rearranjo das forças sociopolíticas, uma vez que a própria crise revela um caudal de contradições nacionais e de classe que se expressam na política, na economia, na ideologia e na repressão. Uma crise desemboca em novas formas hegemônicas de governo e de persuasão das

massas, bem como em novas linguagens de condução na articulação do político.

A crise, como fenômeno histórico, revela as antinomias que afetam a ordem social, em sua organização interna, no conjunto de normas sociais e em suas instituições políticas, alimentando certas problemáticas que não podem ser resolvidas sem tocar nas contradições mais profundas de nossa formação sócio-histórica. Pablo González Casanova argumenta que, na luta por uma nova hegemonia, a vontade coletiva se manifesta como vontade coletiva nacional contra o imperialismo como capital monopólico e como Estado (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017). Uma característica concreta da hegemonia dos países latino-americanos é o fato de que eles combinam as formas mais tradicionais da cultura colonial com as do neocolonialismo e do neocapitalismo cultural.

Isso significa que a hegemonia na América Latina assume algumas especificidades: 1) a luta pela hegemonia da classe trabalhadora ocorre em um Estado não hegemônico; 2) a transição do colonialismo cultural para o neocolonialismo, que penetra não apenas as relações de dominação, mas pode se manifestar até mesmo em atos de rebelião e no próprio pensamento revolucionário; 3) a luta pela hegemonia parte da questão nacional e da questão democrática como elementos unificadores de uma população heterogênea; 4) a classe trabalhadora atua em uma sociedade multiforme, na qual a hegemonia do proprietário como proprietário não se expressa claramente; 5) no âmbito da direção partidária, estabelece-se uma distância de linguagens e conceitos entre a vanguarda e as massas, típica de uma dimensão colonial (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017).

Essa caracterização da hegemonia no contexto político latino-americano impõe desafios concretos para se pensar a essência do proletariado na América Latina e como articular a construção de uma nova hegemonia. Isso porque, em nossas regiões, predominou um desenvolvimento desigual e combinado de modos de produção e culturas considerados diferentes daqueles dos países capitalistas avançados e que mantêm uma combinação de racismo e neocapitalismo. Diante desse

desafio, González Casanova avança em sua reflexão teórico-política ao propor a “autonomia de classe”, uma categoria que foi analisada em seus escritos da década de 1980,¹² para pensar a unidade da classe trabalhadora no contexto da luta de classes. Em suas palavras (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 377-378, tradução nossa):

A luta por uma nova hegemonia começa com a luta pela autonomia das organizações, pela autonomia da consciência, a moral e a disciplina. [...] Se complementa -após a tomada do poder ou para a tomada do poder – com experiências de órgãos de poder popular, em comitês dessa, em sistemas de co-governo, de participação, cogestão e autogestão, em “assembleias de reativação das fábricas” e nos “Conselhos de Produção [...]

A inspiração para a elaboração da categoria “autonomia de classe” vem da observação dos processos revolucionários em Cuba, Nicarágua e El Salvador, na construção cotidiana do socialismo. Na perspectiva de González Casanova, esses processos constituíram, em si mesmos, uma base teórico-prática para a defesa e a construção social de um socialismo verdadeiramente democrático. Da mesma forma, a experiência do governo autônomo e dos trabalhos coletivos nos territórios zapatistas constitui um referente inspirador nas reflexões do sociólogo mexicano. A partir da observação cuidadosa das experiências revolucionárias, Pablo González Casanova identifica uma contribuição singular para a teoria da luta de classes e da hegemonia, relacionada ao surgimento do povo e do popular como uma categoria real e contraditória que impulsiona e sustenta os sentidos do processo revolucionário:

[...] é que o primeiro protagonista destas lutas não é o proletariado, mas o povo. Em todos os casos do triunfo aparece a categoria do popular, desde o início do processo até a tomada e consolidação do poder libertador. A classe trabalhadora e o projeto socialista constantemente se veem mediados pela categoria concreta do povo, seja antes da tomada do poder, ou no triunfo das forças libertadoras (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 390, tradução nossa).

No caso da história política da América Latina e do Caribe, isso nos permite situar os termos da luta de classes em relação a uma política hegemônica, especialmente na análise de como a luta de classes opera dentro da categoria do povo e do popular. Considero que a “autonomia de

¹² No livro “El poder al pueblo”, publicado no México pela Océano, em 1985.

classe” revela o esforço intelectual de González Casanova para vislumbrar possibilidades concretas de um bloco histórico de caráter popular que interpela, no campo ideológico e da *práxis* política, o colonialismo global, a exploração global e a crise de hegemonia, uma vez que se articula em um compromisso político com um projeto emancipatório:

[...] em que a classe trabalhadora cumpra um papel hegemônico mais importante, que inclua a direção da luta popular, a articulação de grupos e frações de classe, a difusão do ideal socialista e democrático na sociedade, e o alcance de um consenso ativo e direto que integre a visão de mundo, a vontade popular nacional, a política de alianças, os programas a curto e longo prazo [...] (GONZÁLEZ CASANOVA, 2017, p. 391, tradução nossa).

Instigado pelo projeto de autonomia zapatista, González Casanova argumenta que a autonomia constitui uma forma de se opor às lógicas de poder que se limitam a uma perspectiva estadocêntrica, ou seja, no “poder do Estado”, típico das posições revolucionárias e reformistas (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003b). Em sua análise, ele considera que a experiência política dos Caracóis zapatistas representa a vontade coletiva de construir um processo democrático baseado na articulação de povos-governos e que deve ser vista como um exemplo concreto de uma democracia de base, na qual o povo ocupa seu lugar como sujeito histórico da consolidação do poder popular. Os Caracóis combinam (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a, p. 339, tradução nossa): “[...] e integram na prática ambas as lógicas, a de construção do poder por redes de povos autônomos e a integração de órgãos de poder como autogovernos dos que lutam por uma alternativa dentro do sistema.” O entramado comunitário torna-se central porque representa o acúmulo histórico de uma resistência que vem ocorrendo há mais de cinco séculos e não foi encapsulada na lógica homogeneizadora do capitalismo e de uma atividade política que, em última instância, nega o poder do povo. Nessa direção, a *práxis* política do zapatismo inspira Pablo González Casanova, sobretudo na ampliação conceitual do sujeito revolucionário, presente na tradição teórica e política latino-americana e caribenha, penetrando a interpretação histórica e sociológica da

“libertação”, perguntando-se permanentemente que caminhos construir como comunidades que resistem aos opressores há séculos.

Na perspectiva de González Casanova, a insurgência armada de um exército indígena e a autonomia como um processo político de base, de povos-governos, constituem um exemplo concreto da história política da região que aponta outro horizonte para o exercício da “democracia de todos e para todos”, que se vincula ao repensar da luta política na recuperação de outras formas de organização da vida e da atividade política anteriores aos marcos das estruturas coloniais e capitalistas ocidentais. A autonomia, concebida e realizada a partir da perspectiva dos povos indígenas, marca uma renovação na concepção de um projeto político popular e de uma democracia popular.

As lutas populares ocorridas nos umbrais do século XXI, aquelas realizadas pelos movimentos indígenas, seja na disputa direta do Estado ou na interpelação da forma estatal, como no caso do zapatismo, nos desafiam a uma revisão teórico-analítica, nos marcos das ciências políticas e sociais, no que diz respeito à concepção e ao exercício da democracia em uma perspectiva popular. No campo da teoria crítica, nos instigam a imaginar o sujeito histórico-político forjado em uma resistência milenar e o que isso significa nos entramados de uma práxis emancipatória e no potencial criativo de uma sociologia da emancipação. Movido pelo mesmo sentimento, Pablo González Casanova (2009b, p. 308, tradução nossa) afirma:

Nos povos rebeldes como o zapatista não vemos uma rebelião meramente indígena, o que já seria muito legítimo. Vemos a única força que, vindo dos pobres da terra, é potencialmente capaz de criar ou construir um mundo alternativo em que se façam concretas as lutas pela liberdade, justiça e democracia, isto é, pelos distintos projetos de emancipação dos seres humanos e de proteção da Natureza e da vida na Terra.

A “autonomia de classe” é um legado conceitual de Pablo González Casanova para que continuemos refletindo, em termos teóricos e políticos, sobre o que os processos políticos conduzidos pelos movimentos indígenas, entre outros movimentos do campo popular, nos propõem em

relação a uma sociologia da emancipação. Em outras palavras, uma sociologia da emancipação que esteja comprometida não apenas com a interpretação da natureza histórica da exploração, mas que possa evidenciar o poder criativo dos processos revolucionários e populares em direção a horizontes democráticos e emancipatórios.

6 Aprendizagens do método dialético dos “da cor da terra”: reflexões finais

Uma marca da trajetória intelectual de Pablo González Casanova é a defesa de que o paradigma científico das ciências sociais é sustentado pelo fato de ser uma ciência das lutas (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009a), em que os “objetos” estudados são, na realidade, sujeitos e são reivindicados como tal. O conjunto de saberes que emergem nos contextos de luta são sementes para a criação criativa e a organização crítica de pensamentos e conhecimentos necessários para a compreensão de nossos processos sócio-históricos e de uma *práxis* voltada para horizontes emancipatórios. Para continuar refletindo sobre a abertura de futuras linhas de pesquisa inspiradas no legado de González Casanova, apresento algumas perguntas: quais são as contribuições das categorias que estão na base da teoria social de Pablo González Casanova para a problematização da sociologia da exploração e da dominação na estrutura social atual? Como se expressam a ordem colonial e a cultura do colonialismo hoje?

Para responder a ambas as perguntas, nosso principal desafio consiste em retomar o caminho analítico de Pablo González Casanova, no que diz respeito à organização capitalista mundial, uma vez que, nas lógicas da mundialização e da acumulação, o caráter global da exploração continua vigente e a cultura do colonialismo interno e internacional se atualiza de diferentes formas: 1) na crise democrática em diferentes países que, no século XXI, sofreram golpes políticos e/ou intervenções imperialistas diretas dos EUA; 2) nos acordos bilaterais e multilaterais, nos quais os países

periféricos mantêm seu papel de fornecedores de *commodities*, com o fortalecimento do terreno político-econômico da transnacionalização, da expropriação territorial e de políticas de liberalização, privatização e ajuste, desnacionalização, tudo sob regulação dos Estados nacionais; 3) a crise humanitária resultante dos exorbitantes fluxos migratórios do Sul para o Norte global, que gera uma desumanização sem precedentes, sob uma lógica discriminatória racial e patriarcal; 4) a violação sistemática dos direitos humanos dos povos em guerras internacionais e internas, com o conseqüente agravamento da miséria e da pobreza, tudo isso vinculado ao persistente subdesenvolvimento dos países periféricos da América Latina, África e Ásia.

Por outro lado, como uma cultura da emancipação se manifesta hoje? Como mencionado no início deste artigo, González Casanova forjou seu pensamento crítico observando de perto a cultura oprimida, a resistência popular e os processos revolucionários, todos reconhecidos como verdadeiras bússolas que nos permitem identificar as raízes mais profundas das determinações históricas de nossa dominação e exploração. Da mesma forma, com os da “cor da terra”, ou seja, os povos indígenas, González Casanova descobriu os significados que a *práxis* pode adquirir na esfera da luta de classes e um poder emancipatório que assume seus próprios significados em uma concepção democrática, a partir do povo.

Embora o pensador mexicano não tenha caracterizado, de forma direta, uma concepção de emancipação, empreendeu um percurso analítico próprio do pensamento social crítico latino-americano para destacar as problemáticas nodais de nossa formação sócio-histórica como região, nossas inquietudes sociais e políticas enquanto sociedades marcadas pela «metamorfose do colonialismo e do capitalismo» e, a partir de um rigoroso método de análise, adentrou nossas problemáticas com o fito de determinar os diferentes matizes de sua dinâmica histórica. E vai além, ao desenvolver um trabalho teórico que permita um horizonte explicativo para tais problemáticas, com a elaboração de categorias uma interpretação crítica dos processos constitutivos de nossa especificidade e

de seu vínculo dialético com o universal. Portanto, Pablo González Casanova nos herda uma teoria social crítica, de criação de nossas próprias categorias explicativas para pensarmos-nos dialeticamente vinculados com culturas globais, muito embora com uma autonomia intelectual para propormos horizontes de transformação em uma perspectiva popular, nacional e universal.

Na América Latina e no Caribe identificamos a persistência da luta do campo popular na definição e construção de sua própria concepção de democracia e dos processos de participação política, não isenta de contradições, mas tingida de originalidade, inclusive em seus níveis de incidência na forma Estado e na forma governo, como nos casos da Bolívia e do Equador, que conseguiram, na primeira década do século XXI, a outorga de novas Constituições Plurinacionais. Ou, ainda, em uma densa e persistente luta popular diante do golpe de Estado na Bolívia em 2019. Os povos indígenas da América Latina continuam sua luta, desafiando-nos teórica e politicamente a debater a persistência da questão colonial e dos colonialismos, como apontam os zapatistas e outros povos indígenas do México, os Shuar do Equador e do Peru, o povo Mapuche, entre outros, que se posicionam para definir e defender os termos do reconhecimento da autonomia e da autodeterminação em seus territórios. O mesmo pode ser dito com relação à força da categoria “povo” na sustentação de mais de seis décadas do processo revolucionário cubano, que resiste bravamente ao embargo econômico e à ofensiva cultural e política promovida pelos Estados Unidos.

Escrever e inscrever uma sociologia da emancipação nos desafia a olhar para o dinamismo histórico desses processos, dessas lutas travadas pelos povos, o coração e a mente do popular. Em sua participação no Primeiro Colóquio Internacional *In Memoriam* Andrés Aubry, realizado em 2007 no CIDECI, em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, Pablo González Casanova enfatizou que, para conhecer nossa realidade social em profundidade, a primeira coisa que precisamos fazer é perder o medo. E “perder o medo” constitui o primeiro passo para a *práxis*, isto é, “um saber

indispensável para conhecer, compreender, atuar e criar o que ainda não existe, e que, para além de novo, é algo parecido ao vivido e criado, porém é outro” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b, p. 296, tradução nossa). E continua (2009b, p. 294, tradução nossa), “aprisionarmo-nos em nossa subcultura da emancipação torna impossível a emancipação. [...] Dominar a cultura dominante é ato de rebelião, tão necessário, como compenetrar-se do saber rebelde e do conhecimento crítico radical.”

Nesse caminho de construção de um projeto político rumo à emancipação, González Casanova destaca a “moral rebelde” como um valor intrínseco à luta de classes construída a partir da luta dos povos. Essa “moral rebelde” é a salvaguarda de uma trajetória de resistência, de confronto, de luta contra as lógicas de dominação inerentes ao colonialismo e à exploração; é a dignidade que alimenta a consciência de classe e a busca permanente de suplantar todas as formas de exploração em direção a um horizonte emancipatório. Pablo González Casanova argumenta que a articulação do conhecimento e dos saberes dos povos em resistência consiste em um “processo de criação teórica insuspeito, de criação expressiva e prática que nem pode ser classificado em categorias anteriores [...] nem pode separar-se do grande legado de experiências que mantém o povo” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b, p. 310, tradução nossa). Uma sociologia da emancipação deve ter a capacidade de identificar as categorias que emergem dessa dialética do conhecimento prático e do conhecimento crítico (GONZÁLEZ CASANOVA, 2009b), um processo que também lhe dará um caráter militante, no sentido de se assumir como uma sociologia da libertação e por uma emancipação.

7 Referências

BARBOSA, Lia Pinheiro. Educação rebelde e autônoma na práxis revolucionária Zapatista. *In*: REBUÁ, Eduardo; SILVA, Pedro (Orgs.).

Educação e filosofia da práxis: reflexões de início de século. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, p. 48-79.

BARBOSA, Lia Pinheiro. **Educación, resistencia y movimientos sociales: la praxis educativo-política de los Sin Tierra y los Zapatistas.** México: LIBRUNAM, 2015.

BONILLA, Víctor D. et. al. **Causa Popular, Ciencia Popular: una metodología del conocimiento científico a través de la acción.** Bogotá: Publicaciones de La Rosca, 1972.

CASIMIR, Jean. Teoría y definición de la cultura oprimida. *In*: VALDÉS LEÓN Camila; VOLTAIRE, Frantz (orgs.). **Antología del pensamiento crítico haitiano contemporáneo.** Buenos Aires, CLACSO, 2018 [1980], p.153-200.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas.** Salvador, EDUFBA, 2008 [1952].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014 [1968].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Explotación, colonialismo y lucha por la democracia en América Latina.** México: Akal / Inter Pares, 2017.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación. Pensar América Latina en el Siglo XXI.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores / Buenos Aires: CLACSO Coediciones, 2009a.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **El saber y el conocer de los pueblos.** Primer Coloquio Internacional *In Memoriam* Andrés Aubry. San Cristóbal de las Casas: Cideci Unitierra Ediciones, 2009b, p. 293-316.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. "Colonialismo Interno (una redefinición)". *In*: **Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestro tiempo.** México: Instituto de Investigaciones Sociales / UNAM, 2003a, pp. 02-30. Disponible

em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20130909101259/colonia.pdf>.

Acesso em: janeiro de 2022.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Los “Caracoles” Zapatistas: redes de resistencia y autonomía. *Memoria*, n. 176, pp. 14-19, 2003b.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. La explotación global. *Memoria* n. 116, p. 136-166, 1998.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Las etnias coloniales y el Estado multiétnico. *In*: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo; ROITMAN ROSENMANN, Marcos (orgs.). **Democracia y Estado multiétnico en América Latina**. México: UNAM/CIICH, 1996, p. 23-36.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **El poder al pueblo**. México: Océano, 1985.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Sociología de la Explotación**. México: Siglo XXI Editores, 1969.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **La democracia en México**. México: ERA, 1965.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Sociedad plural, colonialismo interno y desarrollo. **América Latina**, v. 6, n. 3, Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales, Río de Janeiro, pp. 15-32, 1963.

GUNDER FRANK, André. **América Latina: subdesarrollo y revolución**. México: Era, 1973.

ROITMAN ROSENMANN, Marcos. Pablo González Casanova: de la sociología del poder a la sociología de la explotación. *In*: ROITMAN ROSENMANN, Marcos (Org.). **De la sociología del poder a la sociología de la explotación. Pensar América Latina en el Siglo XXI – Antología Pablo González Casanova**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores / Buenos Aires: CLACSO Coediciones, 2009, p. 09-51. Disponible em:

<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/casanova/> Acesso em: 26 jun. 2023.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Siete tesis equivocadas sobre América Latina. *In*: **Sociología y subdesarrollo**. México: Nuestro Tiempo, 1981.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. São Paulo: Elefante, 2019.

TORRES GUILLÉN, Jaime. El carácter analítico y político del concepto de colonialismo interno de Pablo González Casanova. **Desacatos**, n. 45, pp. 85-98, maio-ago 2014,

TROUILLOT ROLPH, Michel. Una historia impensable: la Revolución Haitiana como un no-acontecimiento. *In*: VALDÉS LEÓN, Camila; VOLTAIRE, Frantz (orgs.). **Antología del pensamiento crítico haitiano contemporáneo**. Buenos Aires, CLACSO, 2018 [1995], p. 47-88. Disponível em:

https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/contador/sumar_pdf.php?id_libro=1456



AS CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO DO MOVIMENTO ARMADO SOCIALISTA DO MÉXICO E A CONTRAINSURGÊNCIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1980

*LAS CONDICIONES PARA EL SURGIMIENTO DEL MOVIMIENTO ARMADO
SOCIALISTA DE MÉXICO Y LA CONTRAINSURGENCIA ENTRE 1960 Y 1980*

*THE CONDITIONS FOR THE SOCIALIST ARMED MOVEMENT'S EMERGENCE IN
MEXICO AND THE COUNTERINSURGENCY BETWEEN THE 1960S AND 1980S*

Larissa Jacheta Riberti¹ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: Fenômeno social que se manifestou na zona rural e urbana do país, o Movimento Armado Socialista (MAS) foi um conjunto de guerrilhas surgidas entre as décadas de 1960 e 1980 no México. Apesar de terem diferentes orientações ideológicas, esses grupos contestaram o progressivo fechamento das vias institucionais de diálogo e um sistema político autoritário e violento, controlado, há várias décadas, pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI). Tal experiência também está marcada pelo contexto da Guerra Fria, pela ampliação e sistematização da violência e da perseguição aos movimentos sociais. Durante as décadas em que o MAS atuou, o governo mexicano colocou em prática uma estratégia de contrainsurgência, mobilizando grupos militares e paramilitares para a perseguição e aniquilação dos lutadores sociais, bem como para a desarticulação de possíveis redes de apoio. Esse artigo analisa o contexto de surgimento do MAS, a atuação de diferentes guerrilhas nas zonas rurais e urbanas, bem como as estratégias de repressão praticadas pelos agentes do Estado mexicano. Para tanto, recorre-se à produção historiográfica sobre o assunto e ao Informe Histórico da *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP), publicado em 2006.

Palavras-chave: Movimento Armado Socialista; Guerra Fria; Contrainsurgência; México.

¹ Professora adjunta de História Contemporânea na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em História Social pela História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: larissa.riberti@gmail.com

Resumen: Fenómeno social que se ha manifestado en la zona rural y urbana del país, el Movimiento Armado Socialista (MAS) fue un conjunto de guerrillas surgidas entre las décadas de 1960 y 1980 en México. Aunque hayan sido conformados a partir de distintas orientaciones ideológicas, tales grupos se enfrentan al cierre progresivo de las vías institucionales de diálogo y a un sistema político autoritario y violento, controlado, desde hace varias décadas, por el Partido Revolucionario Institucional (PRI). Tal experiencia también está marcada por el contexto de la Guerra Fría, por la ampliación y sistematización de la violencia, y por la persecución a los movimientos sociales. Durante las décadas en las cuales el MAS ha actuado, el gobierno mexicano puso en práctica una estrategia de contrainsurgencia, movilizándolo a grupos militares y paramilitares para la persecución y aniquilación de luchadores sociales y para la desarticulación de posibles redes de apoyo. Este artículo analiza el contexto de surgimiento del MAS, la actuación de diferentes guerrillas en zonas rurales y urbanas, así como las estrategias de represión ejecutadas por agentes del Estado mexicano. Se hará uso de la producción historiográfica sobre el asunto y del Informe Histórico de la *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP), publicado en 2006.

Palabras clave: Movimiento Armado Socialista; Guerra fría; Contrainsurgencia; México.

Abstract: This article aims to analyze the Mexican Socialist Armed Movement (MAS) between the 1960s and 1980s. As a social phenomenon that manifested itself in rural and urban areas of the country, the guerrillas challenged an authoritarian and violent political system controlled by the Institutional Revolutionary Party since 1929. Such groups emerge in a context marked by the Cold War, by the expansion and systematization of violence and the persecution of social movements. During the decades in which MAS operated, the Mexican government implemented a counterinsurgency strategy, mobilizing military and paramilitary groups to persecute and annihilate social fighters. Therefore, his article analyzes the context in which the MAS emerged, the activities of different guerrillas in rural and urban areas, and the repression strategies practiced by agents of the Mexican State. For this work, we use the historiographical production about the subject and the Historical Report of the *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP), published in 2006.

Keywords: Socialist Armed Movement; Mexico; Cold War; Counterinsurgency.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206895](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206895)

Recebido em: 16/01/2023
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/07/2023

1 O processo histórico de surgimento do Movimento Armado Socialista

As denominações “Movimento Armado Socialista” ou “Movimento Armado Socialista Moderno” fazem referência aos grupos armados rurais e urbanos surgidos no México a partir da década de 1960 com diferentes orientações ideológicas e propostas. Apesar de suas especificidades, as guerrilhas dessa época tinham o objetivo comum de combater a hegemonia do *Partido Revolucionário Institucional* (PRI) que, desde fins da década de 1920, governava o país². Como veremos adiante, o partido se consolidou através de práticas autoritárias e antidemocráticas e, principalmente no contexto da Guerra Fria e com a incorporação da Doutrina de Segurança Nacional, especializou suas políticas de segurança e aparatos repressivos para perseguir grupos políticos de oposição, sobretudo os de orientação socialista e comunista.

Na visão de Daniel Cosío Villegas (1973, p. 22), o sistema político mexicano construído após o processo revolucionário está definido por duas peças centrais: a presidência da República e a criação de um “partido nacional”. Assim, a singularidade desse sistema político deu-se através de um profundo fortalecimento do poder executivo, cuja atuação transcendeu, em muitos momentos da história recente, os limites de suas atribuições; e através da existência de um partido de massas, oficial e cuja plataforma política buscou institucionalizar muitas das demandas defendidas por diferentes grupos sociais durante a Revolução Mexicana.

Na interpretação de Arnaldo Córdova (1972, p.21-22) o presidencialismo construído no México a partir dos anos 1920 foi forjado a partir de uma aliança institucionalizada entre determinados grupos sociais,

² É importante destacar que o PRI dominou a política mexicana de 1929, momento de sua fundação, até o ano de 2000, em que seu candidato Francisco Labastida Ochoa foi derrotado nas urnas por Vicente Fox, candidato do *Partido Acción Nacional* (PAN). De acordo com José Woldenberg (2012), esse fato marca a consolidação do processo de transição mexicana depois de mais de 70 anos de governos presidenciais ininterruptos do PRI. Desde 1997, o PRI havia perdido, também, maioria no Congresso Nacional. Sobre a história do PRI ver HERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, 2016.

como as classes médias e a burguesia liberal, e os representantes de fato do poder, como presidente, governadores e prefeitos, dirigentes de partido, membros do Legislativo. Além disso, a construção de uma imagem forte e centralizadora do “chefe da nação” fez com que o presidente se convertesse numa espécie de “árbitro supremo”, e ao qual ficava submetida a representatividade de determinados grupos, além da capacidade de poder legitimar ou não os seus interesses. Soma-se a isso, o estímulo ao culto da figura presidencial junto às massas, além de práticas tradicionais de relação pessoal entre agentes do Estado e a sociedade civil, como o apadrinhamento político e o “servilismo” (CÓRDOVA, 1972, p. 57). Essas estratégias eram formas de manter a dependência e o controle do pessoal político posto a serviço do presidente e da administração pública³.

A título de exemplo, vale destacar que ao presidente foi outorgada a função de chefe do poder executivo, do exército, e guia da política externa. Isso significa que, constitucionalmente, o presidente em exercício é também o “Chefe Supremo das Forças Armadas”, função que deve ser exercida através de seu próprio mandato ou do Secretário de Defesa Nacional, o que lhe confere amplos poderes e capacidades sobre as questões de segurança pública nacional (MEYER,1993). Em matéria de política externa, cabe à presidência da república a tomada de decisões sobre todos os aspectos internacionais, sem interferência do Congresso Nacional. Ao presidente cabem, ainda, as decisões sobre o gasto público, políticas de crédito e monetárias, decisões tangentes ao setor agrário, trabalhista, educativo, dentre outros (MEYER,1993).

A construção de um sistema político centralizador e basicamente voltado para as ações do presidente, fez com que o âmbito executivo se sobrepusesse, inclusive, ao legislativo e ao judiciário. O controle exercido pelo presidente na composição do Congresso Nacional era possível a partir de três fatores: a não reeleição dos legisladores, a decisão presidencial sobre a indicação de candidaturas de seu partido, e o domínio sobre os postos burocráticos (MEYER, 1993). Em relação ao judiciário, era atribuída ao

³ Sobre o assunto ver, ainda: CARPIZO, 1985.

presidente a função de nomear juizes e magistrados da Suprema Corte (FAVELA, 2010). Tais práticas não só reduziam o espaço de atuação de representantes de ambas as esferas, como contribuíram para consolidar uma cúpula política hegemônica e inquebrantável por décadas, na qual se exercia o poder de forma arbitrária e personificada.

Às funções que constitucionalmente foram atribuídas ao presidente, somam-se as adquiridas “metaconstitucionalmente”⁴, cuja principal é a liderança e controle indiscutível do seu partido político, o *Partido Revolucionário Institucional* (PRI). Criado em 1929 durante o mandato do presidente Plutarco Elías Calles e inicialmente chamado de *Partido Nacional Revolucionário* (PNR), o PRI se consolidou ao longo do século XX através de um programa político que se orientava pelo chamado “nacionalismo revolucionário” (CEDILLO, 2008, p.51). Tal ideal se caracterizava por um conjunto de práticas que pretendiam fazer do partido oficial um aglutinador de diferentes setores da sociedade civil, disseminando a imagem de que, após os conflitos que marcaram o período revolucionário, um novo projeto político era capaz de manter a paz e o consenso entre os grupos.

Na prática, o nacionalismo revolucionário traduziu-se, principalmente, pela incorporação de demandas populares oriundas da Revolução Mexicana. De acordo com Arnaldo Córdova (1978, p.21-22), os governos pós-revolucionários “institucionalizaram” as reivindicações de grupos operários e camponeses mobilizados no período revolucionário – como a reforma agrária, os direitos trabalhistas, o direito à educação e moradia – encaminhando reformas que, na teoria, seriam capazes de solucionar esses problemas. Na prática, porém, essas reformas não atenderam imediata e definitivamente as reivindicações, e se tornaram importantes armas políticas, sendo empregadas, cada vez mais, como instrumentos de poder para evitar explosões revolucionárias ou movimentos sociais de amplo alcance. Além disso, contribuíram para forjar a figura de um Estado

⁴ De acordo com Meyer (1993, p.60) são atribuições que ultrapassam os marcos legais e que podem refletir uma política anticonstitucional.

comprometido com os interesses das classes populares e, assim, mobilizar as massas a seu favor.

A ideologia do nacionalismo revolucionário, portanto, serviu para erigir um “consenso” entre as classes sociais e as forças políticas do país, impondo a chamada *pax priista* (CEDILLO, 2008). O uso dessa ideologia, bem como o monopólio das instituições políticas, econômicas, sociais e culturais, o corporativismo e a progressiva especialização de aparatos repressivos, transformou o PRI em um partido de Estado, ainda que, formalmente, ele não fosse o único partido existente⁵. Através de uma política paternalista e um sistema de dominação ideológica, o PRI evitou a pulverização do seu poder, controlou as eleições em todos os âmbitos políticos e garantiu uma sucessão de governos por sete décadas⁶.

Apesar da política autoritária exercida pelo PRI, o século XX foi marcado pela ascensão dos movimentos sociais que buscaram encaminhar disputas reais no processo eleitoral e criar espaços para a atuação de novos partidos e atores políticos. O opositor mais incomodo do PRI foi, sem dúvida, o *Partido Comunista Mexicano* (PCM), fundado em 1919 e que agrupou boa parte da esquerda do país até 1968⁷. Ademais do

⁵ Ao longo do século XX, o PRI exerceu uma política contraditória, apelando, não raras as vezes, para a negociação com a oposição a fim de manter a estabilidade política. Além de incorporar pautas como a ampliação dos direitos trabalhistas e sindicais, acesso à educação pública e uma política de valorização da cultura nacional, ações empreendidas principalmente durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), os governos *priistas* também concederam autorização para a criação de novos partidos como o *Partido Acción Nacional* (PAN), fundado em 1939, o *Partido Popular* (PP), instituído em 1948, e o *Partido Auténtico de la Revolución Mexicana* (PARM), criado em 1954. Esse pacto político, no entanto, estaria determinado pela condição de que a existência de novos partidos não mobilizasse a cidadania, ou parte dela, contra o governo. (CEDILLO, 2008, p. 49)

⁶ Durante o século XX, o PRI lançou mão de práticas para controlar o resultado das eleições, comprando votos e manejando o resultado das urnas, o que contribuiu para minar a confiança da sociedade civil no sistema eleitoral. Em 1936, por exemplo, o candidato à presidência Lázaro Cárdenas venceu as eleições com 98% dos votos válidos. Já em 1940, Manuel Ávila Camacho obteve 94% dos votos e, em 1970, Luís Echeverría venceu as eleições com 86% dos votos (LOAEZA, 2001). Este último candidato conquistou tal resultado num momento político delicado, já que sua campanha foi realizada após os acontecimentos violentos de 1968 e que resultaram no Massacre de Tlatelolco e no aumento da insatisfação popular com relação à hegemonia *priista*. Adela Cedillo (2008, p.48) aponta que tais cifras são inverossímeis em um real sistema político democrático e foram utilizadas para maquiagem o controle eleitoral, além de funcionarem como argumento para propagandear a falsa ideia de uma nação politicamente estável.

⁷ Desde sua fundação, o PCM esteve engajado na mobilização de grandes contingentes populares, principalmente na luta de operários e camponeses. Da sua atuação nos primeiros anos de existência, resultou uma forte aliança com as bases populares, como as que integravam as *Ligas de Comunidades Agrarias de Michoacán y Veracruz*, bem como com a *Confederación de Obreros y Campesinos*, atuante no estado de Durango. Dessa aliança, surgiu, em 1926, a *Liga Nacional Campesina*, que unificou boa parte do agrarismo autônomo do país, numa importante oposição ao *Partido Nacional Agrarista*, de característica oficialista. Em 1929, foi criado, ainda, o *Bloque Nacional Obrero y Campesino*, que teve atuação importante na construção de uma agenda em prol dos trabalhadores mexicanos. O PCM enfrentou um longo período de ilegalidade que se iniciou em meados de 1929, ainda que entre 1936 e 1951 o seu funcionamento tenha sido novamente legalizado. Apesar do registro definitivo para o funcionamento do partido ter sido expedido em 1978, o PCM foi dissolvido pouco tempo depois. Em 1981, seus membros e dirigentes se unem com outros partidos e organizações para fundar o *Partido Socialista Unificado de México*. Sobre o assunto ver: REYNOSO JAIME, 2018.

PCM, novos partidos de esquerda também emergiram no México como o já citado *Partido Popular (PP)* e o *Partido Obrero Campesino de México (POCM)*, criado em 1950 pelo então líder trabalhista, Vicente Lombardo Toledano. Ao longo do século XX, os comunistas e as organizações de esquerda mantiveram uma grande participação não só na contestação da ordem vigente, mas nos processos eleitorais, ainda que o sistema estivesse quase totalmente cooptado pelo *Partido Revolucionário Institucional*.

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por movimentos sociais importantes e que merecem menção visto que integram o contexto de crescimento da insatisfação popular em relação ao sistema político controlado pelo PRI. Além disso, como veremos a seguir, a experiência de tais lutas foi reiteradamente recuperada pelos que conformaram, a partir de 1965, o Movimento Armado Socialista. Uma dessas experiências foi protagonizada pelos trabalhadores ferroviários em 1958⁸. A greve encampada pela categoria foi caracterizada, principalmente, pelas demandas dos trabalhadores em tornarem independentes suas lideranças em relação à *Central de Trabajadores Mexicanos (CTM)*⁹ – criada durante o governo de Lázaro Cárdenas e então dirigida por Fidel Velázquez – e por melhores condições de trabalho (PELÁEZ RAMOS, 2016). Liderados por Demetrio Vallejo, representante do Sindicato Nacional dos Trabalhadores Ferroviários e por Valentin Campa, militante do Partido Comunista, os trabalhadores iniciaram, em junho de 1958, sucessivas paralisações, o que gerou conflitos intersindicais e uma campanha por parte CTM para desprestigiar a oposição (Idem, p.220)¹⁰. A luta dos trabalhadores ferroviários teve como resposta institucional a repressão e a prisão dos líderes do movimento que, dez anos depois, seguiam encarcerados sem que se pudesse discutir publicamente algum tipo de anistia.

⁸ Sobre o assunto ver: REYNA; TREJO DELARBRE, 1981 e PELÁEZ RAMOS, 2016.

⁹ A CTM, fundada em 1936, desempenhou um papel fundamental na consolidação do regime do PRI. Apesar de se definir como uma organização de trabalhadores, a CTM possuía uma estrutura verticalizada, que promoveu o corporativismo e controle das lideranças sociais. Além disso, sua estreita relação com o governo lhe rendeu críticas profundas de alguns setores da esquerda que acusavam seus dirigentes de peleguismo e de apaziguar a defesa das pautas sociais.

¹⁰ As décadas de 1950 e 1960 são marcadas pela mobilização de inúmeros setores sociais, dentre eles os médicos, professores, organizações estudantis do ensino médio e superior, e recorrentes greves operárias contra o autoritarismo político e o sindicalismo “charro”. Sobre o assunto ver: MARTINEZ NATERAS, 2016.

O contexto de insatisfação social foi marcado, ainda, pela forte mobilização estudantil de 1968, cujos protagonistas, estudantes universitários e secundaristas, se envolveram numa intensa luta caracterizada por uma greve estudantil, manifestações multitudinárias e ocupações de instituições de ensino, como a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e o Instituto Politécnico Nacional (IPN), entre os meses de julho e outubro. Reconhecido pela defesa da democratização do Estado mexicano, o movimento estudantil conduziu suas ações através do Conselho Nacional de Greve (CNG), caracterizado pela pluralidade entre representantes de diferentes cursos e instituições de ensino, e por uma petição pública que continha 6 pontos de reivindicação: dissolução do corpo de *granaderos* e da polícia metropolitana¹¹, forças de segurança acusadas de reprimir movimentos sociais e perseguir opositores políticos; destituição de chefes de polícia, militares e demais responsáveis pelo comando de repressão e violência sobre os manifestantes; indenizações pelos estudantes mortos e feridos desde as primeiras jornadas de luta, em julho de 1968; revogação dos artigos 145 e 145 *bis*, que regulamentavam e propunham penas ao chamado delito de dissolução social¹²; atribuição das devidas responsabilidades aos culpados pelas prisões e mortes; liberdade aos presos políticos, encarcerados a partir de 26 de Julho de 1968, e também aos líderes ferroviários, presos desde 1958.

De acordo com Aurelia Gómez Unamuno (2020, p.23), a importância histórica atribuída ao movimento estudantil de 1968 reside, ainda, no fato de que essa foi a primeira mobilização a se afastar do modelo de

¹¹ Sobre o corpo de *granaderos*, ver: AGUAYO, 2001.

¹² O *delito de disolución social* foi uma categoria jurídica criada em 1941 num contexto de graves conflitos internacionais sob a justificativa de evitar um possível crescimento da atividade de grupos fascistas no México. Na prática, porém, a lei se tornou um instrumento político que, com o passar dos anos, não mais respondia às necessidades que lhe deram origem e passou a ser objeto de interpretações equivocadas e instrumento de perseguição política. Esse argumento é defendido por José Rojo Coronado, advogado de defesa de militantes processados a partir da lei, como o comunista e ex-integrante do movimento dos ferroviários de 1958, Valentín Campa (*apud* GARCÍA RAMÍREZ, 1969). Segundo o artigo do Código Penal que previa a sanção por esse delito, se aplicaria prisão de “dos a seis años, al extranjero o nacional mexicano, que en forma hablada o escrita o por cualquier otro medio realice propaganda política entre extranjeros o entre nacionales mexicanos, difundiendo ideas, programas o normas de acción de cualquier gobierno extranjero que perturbe el orden público o afecte la soberanía del estado mexicano. Se perturba el orden público, cuando los actos determinados en el párrafo anterior tiendan a producir rebelión, sedición, asonada o motín. Se afecta la Soberanía Nacional cuando dichos actos puedan poner en peligro la integridad territorial de la República, obstaculicen el funcionamiento de sus instituciones legítimas o propaguen el desacato de parte de los nacionales mexicanos a sus deberes cívicos...”. (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.56)

negociação tradicional mediado pelos sindicatos e exigir um diálogo público dos representantes do governo. Há que se considerar, também, que o movimento se tornou um símbolo da luta pela democracia devido à forte repressão e violência que os estudantes, à despeito de se manifestarem de forma pacífica, sofreram das forças de segurança pública como o corpo de *granaderos*, as polícias locais e estaduais, membros do Exército e grupos paramilitares (SCHERER GARCÍA; MONSIVÁIS, 1999). O Massacre de Tlatelolco, ocorrido em 2 de outubro desse ano, e que resultou na prisão dos líderes do CNG, bem como na morte e desaparecimento de manifestantes e cidadãos¹³, serviu para ampliar o descontentamento social contra os governos *priistas* e evidenciar, a nível nacional, a ampliação e especialização das estratégias violentas de controle da dissidência.¹⁴

Em 1971, ocorreu um novo evento, conhecido como *Halconazo* ou *Jueves de Corpus*, e que integrou o histórico de repressão aos movimentos sociais promovido pelos governos *priistas*. Tal contexto esteve marcado por uma nova mobilização estudantil, iniciada em princípios daquele ano, e encabeçada, conforme veremos a seguir, pela comunidade acadêmica de Nuevo León. Apesar da pauta central da mobilização ter sido a proposta reformulação da Lei Orgânica da *Universidad Autónoma de Nuevo León* (UANL), fica evidente que os manifestantes também expressavam um

¹³ O debate sobre o número de mortos e desaparecidos durante o Massacre de Tlatelolco segue em aberto. Em pronunciamento público, Luíz Echeverría, presidente da República a partir de 1970, reconheceu a existência de um número de mortos que vai de 30 a 40 pessoas (*apud* FOURNIER, MARTÍNEZ HERRERA, 2008, p. 102-103). O desaparecimento de cadáveres, no entanto, nunca foi reconhecido por um representante ou presidente do PRI. A *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP), que investigou o caso a partir de sua criação, em 2001, também não conseguiu concluir a questão. O Informe Histórico, publicado oficialmente em 2006, lista o nome de 21 pessoas mortas nos ataques de 02 de outubro de 1968, número definido a partir da investigação de registros da *Secretaría de la Defensa Nacional* (SEDENA), documentos de organismos civis, como do CNH, documentos desclassificados pelo *National Security Archive* dos Estados Unidos, arquivos da *Dirección General de Investigaciones Políticas y Sociales* (DGIPS) e da *Dirección Federal de Seguridad* (DFS). (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.165). Para uma história da *Fiscalía Especial*, ver: RIBERTI, 2017.

¹⁴ A partir da abertura de arquivos produzidos por órgãos oficiais, como a DFS e a *Secretaría de Gobernación* (SG), no final dos anos 1990, investigadores puderam confirmar que a Operação Galeana, que desatou intensa repressão contra os estudantes reunidos no CNG, em 2 de outubro de 1968, na Praça das Três Culturas, havia sido discutida, negociada e executada pelo presidente em exercício, Gustavo Díaz Ordaz, pelo então secretário de governo – que viria a ser presidente no mandato seguinte – Luíz Echeverría, pelo General Marcelino García Barragán, Secretário de Defesa Nacional, e por membros do *Estado Mayor Presidencial*, coordenados pelo General Luis Gutiérrez Oropeza. O operativo resultou num fogo cruzado, previamente planejado, entre efetivos do exército e franco-atiradores posicionados nos edifícios que circundam a praça. Na versão oficial sobre os acontecimentos, amplamente difundida nos veículos de imprensa nos dias seguintes ao Massacre, os disparos que iniciaram o tiroteio foram atribuídos aos estudantes. Décadas depois, com a abertura dos arquivos, a verdade sobre a Operação e a participação do governo e de membros das forças de segurança pública pode ser revelada. Sobre o assunto ver: FISCALÍA ESPECIAL, 2008; SCHERER GARCÍA; MONSIVÁIS, 1999; DEL CASTILLO TRONCOSO, 2012; RIBERTI, 2013.

crescente em suas insatisfações com o sistema autoritário, principalmente depois dos acontecimentos de 1968. Soma-se a isso, o fato de que, logo no início de seu mandato, Luís Echeverría sinalizou que tomaria algumas medidas para reformar o sistema político e eleitoral, propagandeando a narrativa de que estava disposto a realizar uma “abertura democrática” (GÓMEZ UNAMUNO, 2020).

Evidentemente, essa estratégia discursiva desagradou alguns setores da sociedade civil, como os estudantes, que sofriam com a ampliação e especialização das estratégias de repressão e perseguição aos movimentos sociais. O esgotamento das perspectivas estudantis fez surgir duas correntes que se destacavam nos círculos universitários: uma delas era composta por aqueles que desejavam levar sua luta para fora dos recintos educacionais por meio da radicalização e da “revolução política”, a outra demandava a democratização da educação como objetivo central da luta estudantil (CASTELLANOS, 2011). Desta última vertente, surge um novo organismo, o *Comité Coordinador de Comités de Lucha* (CoCo), que organizou e encaminhou as demandas do movimento estudantil daquele momento¹⁵.

Um dos pontos fundamentais da disputa estudantil era, como já citado, o projeto de reformulação da Lei Orgânica da UANL, através do qual a sociedade pretendia estabelecer critérios mais democráticos na gestão universitária. A reformulação proposta pelo governo Echeverría, no entanto, previa uma maior intervenção do governo na administração da universidade e a criação de um conselho de administração composto por membros indicados pelo governo. No início de 1971, o governo local anunciou cortes no orçamento público para a universidade, o que gerou ainda mais insatisfação e prolongou o problema (ÁLVAREZ GARÍN, 1998). Em março do mesmo ano, o governo aprovou a nova lei orgânica,

¹⁵ As reivindicações do CoCo eram: liberdade aos presos políticos; permissão para que os presos políticos continuassem com seus estudos desde as prisões; reabertura da Vocacional 7 do bairro de Tlatelolco; combate à rematrícula requerida pelas autoridades universitárias (os estudantes entendiam que fornecer dados como endereço tornava a repressão mais eficiente e facilitava a vigilância); protestar pelas prisões de estudantes ocorridas em vários espaços educacionais, bem como exigir por mais liberdade dentro das escolas e universidades, além de melhorias na administração. (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p. 184).

autorizando a criação do tal conselho administrativo e convertendo-o no centro das decisões sobre a vida universitária (GUEVARA NIEBLA, 1988). A decisão desatou uma forte mobilização da comunidade acadêmica, pois era acusada de violar a autonomia universitária e representava uma ameaça à liberdade acadêmica. Com a pressão do movimento, uma nova legislação, fruto de acordos entre o governo federal e local, entrou em vigor em junho, levando a comunidade a crer que as forças democráticas haviam triunfado.

Concomitantemente, em vários lugares do país os universitários e professores iniciaram uma campanha de solidariedade às mobilizações iniciadas pela UANL. Foi justamente contra uma das manifestações em apoio aos estudantes de Nuevo León, realizada na Cidade do México, em 10 de junho de 1971, e integrada por cerca de 8 mil pessoas, dentre elas ex-presos políticos de 1968 e líderes de escolas e faculdades, que o governo de Luís Echeverría protagonizou mais um episódio de repressão política (FISCALÍA ESPECIAL, 2008). A ação destacou membros do corpo de *granaderos* e da polícia para agirem violentamente contra os manifestantes, inclusive com o emprego de armas de fogo, como ficou demonstrado a partir do trabalho investigativo da *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado*¹⁶. A ação contou, ainda, com a participação de membros de um grupo paramilitar conhecido como *Los Halcones*¹⁷ e foi executado a mando do presidente da República, com a anuência de seu secretário de governo, Mario Moya Palencia.

Assim, tanto o Massacre de Tlatelolco quanto o *Halconazo*, somados aos inúmeros episódios de violência política anteriores, são considerados,

¹⁶ A ação pode ser constatada através de documentos da *Dirección General de Investigaciones Políticas y Sociales*, intitulados “Sucesos relacionados con la anunciada manifestación estudiantil”, e citados no Informe. FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p. 248.

¹⁷ O grupo paramilitar *Los Halcones* atuava sob o comando do Cel. Manuel Díaz Escobar, subdiretor de serviços gerais do Departamento do Distrito Federal, quem contou com a colaboração de outros chefes do exército e da polícia para conformar o grupo. Os membros dos *Halcones* tinham entre 17 e 25 anos, eram funcionários do DDF e trabalhavam nas seções de limpeza e manutenção. Ou seja, eram prestadores de sub-serviços cujos salários estavam muito aquém do custo de vida na época. Alguns haviam pertencido ao Exército antes de pedirem baixa ou serem expulsos por mau comportamento. De acordo com o Informe da Femosp, os membros do grupo recebiam treinamento militar de ataque letal com base na Doutrina de Segurança Nacional. Dias após o *Jueves de Corpus* foram exibidas fotos de *Halcones* disparando contra a multidão, o que acarretou a extinção do grupo. Como não eram militares e agiam à margem da legalidade, muitos sofreram processos ou foram punidos posteriormente por roubos e outros crimes comuns. (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p 188).

como veremos no tópico a seguir, fatores centrais que motivaram a opção pela luta armada, principalmente de grupos que conformaram as guerrilhas urbanas como professores, estudantes, sindicalistas, ativistas políticos e trabalhadores operários (RUIZ MENDOZA, 2011). O histórico de luta social anterior ao Movimento Armado Socialista, principalmente o ano de 1968, evidenciou as contradições do sistema político mexicano que se construiu sob a hegemonia do *Partido Revolucionário Institucional*. Segundo Ruiz Mendoza (2011, p. 385), o antigo discurso nacionalista, que servira para erigir um consenso após a Revolução de 1910, havia se tornado obsoleto para alguns grupos, como os estudantes, que passaram a expressar um profundo descontentamento social respondido com a intensificação da violência de Estado e a utilização de dispositivos legais e ilegais de repressão.

Assim como em muitas cidades, nas comunidades rurais do país as diversas expressões do movimento camponês acompanharam a crítica ao sistema político autoritário, bem como o não cumprimento de uma demanda fundamental, reivindicada desde os tempos da Revolução Mexicana: a reforma agrária (BARRIOS CASTRO, 1987). O processo histórico que antecede a radicalização dos movimentos rurais no México pode ser analisado a partir de dois momentos. O primeiro está relacionado com as políticas de distribuição de terra realizadas durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940)¹⁸. Nesse período, houve relativa formação dos chamados *ejidos* – propriedades comunais pertencentes ao Estado mas de usufruto dos camponeses – a partir da desapropriação de latifúndios improdutivos. Por outro lado, não houve uma política de limitação do poder e da propriedade privada por parte dos *terratenientes* que, favorecidos pela doutrina do “nacionalismo revolucionário” *priista*, passaram a fazer parte de quadros políticos locais e estaduais do partido. A paulatina concentração de terra, atrelada ao poder dos chamados “caciques”, contribuiu para a promoção do despojo e do êxodo rural, cujo

¹⁸ Durante o governo de Lázaro Cárdenas foram repartidos mais de 17 milhões de hectares de terra aos camponeses. (GUERRERO, 2016, p.296)

ápice se constata pela grande explosão demográfica das áreas urbanas causada pela intensa migração interna ao longo da segunda metade do século XX (BARTRA, 2012)

Já o segundo momento é caracterizado por um refluxo das políticas de concessão de títulos de propriedade, quando se favoreceu a concentração de terra em regiões de produção agrícola durante os governos de Ávila Camacho e Miguel Alemán (PELÁEZ RAMOS, 2016). A partir da década de 1950, o PRI começou a mudar sua política agrária, passando a privilegiar o desenvolvimento industrial e urbano em detrimento do setor camponês e da chamada “propriedade social” (GUERRERO, 2016, p.296). O governo promoveu, então, a concentração da terra em grandes unidades produtivas e passou a favorecer o investimento em infraestrutura e tecnologia, ao invés de políticas de redistribuição fundiária. O *ejido* se converteu num cenário improdutivo e pauperizado, já que não foi suficientemente aportado por créditos e recursos técnicos, sendo taxado pelos representantes latifundiários de “antieconômicos” (*idem, ibidem*). O ataque à propriedade social e o fortalecimento da propriedade privada, inclusive através de práticas ilegais, como aluguéis de *ejidos*, favorecimento de créditos e capitalização de terras, favoreceram a concentração da produção agrícola, fragilizando a capacidade produtiva de comunidades camponesas e pequenos produtores.

Do ponto de vista da luta social, os camponeses sofreram, ainda, os efeitos da “domesticação” do movimento, promovida durante o governo Cárdenas e através de políticas de controle das entidades representantes dos trabalhadores do campo (GUERRERO, 2016). Foi no final dos anos 1940, com a criação da *Unión General de Obreros y Campesinos de México* (UGOCCM), que o movimento de trabalhadores rurais vivenciou um processo de reorganização. Dentre as pautas defendidas pelo organismo estava a retomada das políticas de redistribuição de terra, os direitos dos trabalhadores operários e o combate à corporativização dos movimentos sociais promovida pela *Central de Trabajadores Mexicanos* e por outras entidades controladas pelo governo, como a *Confederación Nacional*

Campesina (CNC)¹⁹. A criação desse organismo, juntamente com a atuação de líderes de oposição, conferiu novos espaços para as mobilizações pela reforma agrária (GOMEZJARA, 1970).

Entre as décadas de 1950 e 1960, portanto, o movimento camponês mexicano encontrou novo fôlego e recobrou novas atenções. Frente às mudanças e impactos causados pela “modernização” capitalista e dos limites da política econômica colocada em prática a partir dos anos 1940²⁰, a UGOCM empreendeu uma série de ações radicalizadas para mobilizar camponeses e indígenas (BARTRA, 2012). Retomando a tradição zapatista das invasões de terra, o movimento conseguiu, durante os primeiros anos da década de 1960, expropriar cerca de meio milhão de hectares em Cananea, no estado de Sonora (GUERRERO, 2016, p.298). As ações também se realizaram nos estados de Chihuahua, Morelos, Baja California e Nayarit e eram sempre acompanhadas de intensa repressão policial, além da prisão de líderes regionais importantes, como Jacinto López, então representante máximo da UGCOM.

O processo histórico que antecede e influencia o surgimento do Movimento Armado Socialista é, portanto, composto por uma série de movimentos urbanos e rurais, principalmente os que se incrementam a partir da década de 1960, e que denunciam as contradições de um sistema político autoritário e cerceador. Mais do que isso, é possível observar, como veremos adiante, que o advento da Guerra Fria influenciou a intensificação da perseguição aos movimentos sociais, a partir do emprego de técnicas,

¹⁹ A CNC foi criada pelo governo de Cárdenas em 1938 como parte de sua estratégia para corporativizar e limitar a atuação dos movimentos sociais. Braço aglutinador do movimento camponês dentro do Partido da Revolução Mexicana, nome anteriormente usado pelo PRI, a Confederação assumiu postura de relativa inércia e neutralidade em relação às demandas dos camponeses durante o governo de Miguel Alemán.

²⁰ Os governos *priistas* pós-Cárdenas empreenderam um pacote de medidas econômicas e sociais que conformou um período conhecido como “milagre econômico”. Durante o mandato de Miguel Alemán, por exemplo, o desenvolvimento econômico aconteceu sob a inversão de capital estrangeiro o que resultou, além da industrialização, na urbanização e na substituição da exportação de gêneros agrícolas por gêneros industrializados, bem como incentivos à extração e produção de petróleo. O aumento do desenvolvimento técnico e da capacidade produtiva do país modificou as estruturas da economia e, conseqüentemente, da política. Uma das chaves para entender todo esse processo, portanto, é considerar o surgimento de novas classes investidoras no país, principalmente estrangeiras, e o silenciamento dos movimentos trabalhistas, tanto no campo como nas cidades. Para camponeses e trabalhadores operários, o “milagre econômico” se realizou através do aumento das desigualdades, a exploração do trabalho e o paulino abandono de políticas públicas de distribuição de terra, renda, de proteção de direitos trabalhistas, acesso à educação, previdência social e moradia. Assim, o “milagre mexicano” aconteceu apenas para os grupos diretamente envolvidos nesse novo modelo administrativo e para uma nova classe dirigente interessada em financiar projetos vinculados a esse tipo de desenvolvimento excludente (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000)

estratégias e grupos especializados na repressão política. Esse escalonamento da violência transborda em fins da década de 1960, e principalmente nos anos 1970, conformando um contexto de contra insurgência, no qual as estratégias de repressão – ameaça, vigilância, tortura, perseguição, detenção arbitrária e clandestina, morte e desaparecimento forçado – foram operacionalizadas a partir da incorporação da Doutrina de Segurança Nacional e do uso de forças de segurança e de grupos paramilitares para o desmantelamento das forças de oposição armada e de suas redes de apoio.

Paradoxalmente, esse contexto também é marcado pela construção de um discurso e de uma imagem que defenderam o ideal do nacionalismo revolucionário e corroboraram a existência de um consenso social supostamente capaz de construir e consolidar uma democracia plural e inclusiva (GÓMEZ UNAMUNO, 2020). Enquanto países da América Latina sofriam golpes militares e a institucionalização de ditaduras sob o financiamento dos Estados Unidos no âmbito da Guerra Fria, o México conservou, através de sua política externa, a fachada de um país com estabilidade política e autonomia econômica. Internamente, porém, a política econômica *priista* se alinhava com o modelo liberal estadunidense, permitindo concentração de renda e níveis alarmantes de desigualdade social. Além disso, os mecanismos de controle social estiveram, desde o final do governo Lázaro Cárdenas, cada vez mais alinhados com a Doutrina de Segurança Nacional e sua execução previu a mobilização de forças de segurança, de forma cada vez mais sistemática, para conter o avanço da oposição e a formação de frentes que pudessem contestar a hegemonia *priista*. É nessa conjuntura que surge o Movimento Armado Socialista, objeto da análise a seguir.

2 O Movimento Armado Socialista e sua atuação nas zonas rurais e urbanas

Para muitos historiadores²¹, portanto, o surgimento do Movimento Armado Socialista na década de 1960 esteve profundamente influenciado pelo contexto de repressão política e pelo fechamento das vias institucionais de diálogo com o Governo e suas instituições. Além disso, a existência e a percepção – por parte dos setores mais mobilizados da sociedade mexicana – de uma violência de Estado que foi se aprofundando e especializando, principalmente na década de 1960, além da utilização de grupos paramilitares para a repressão política, estimulou a radicalização dos movimentos sociais. Assim, historiadores como Hugo Esteve Díaz (2016, p. 478), consideram os episódios de 1968 e 1971 como fortes detonadores da opção pela via armada, sobretudo dos movimentos surgidos nas zonas urbanas e articulados por setores estudantis.

No entanto, para além da contestação de um sistema político autoritário, os diferentes grupos armados possuíam outros objetivos, determinados também por fatores sociais, históricos e geográficos que afetavam de forma específica a vida dos grupos sociais nas diferentes regiões do país. Por isso, mesmo que o objetivo desse trabalho seja oferecer um panorama mais geral das guerrilhas que conformaram o MAS, é preciso considerar que a historiografia que se dedica a investigar esse tema classifica as experiências a partir do contexto geográfico em que surgiram: zonas rurais, como as dos estados de Guerrero, Chihuahua e Morelos; e zonas urbanas, como as do Estado do México, Puebla, Guadalajara, Nuevo León. (GÓMEZ UNAMUNO, 2020, p.28).

Também é necessário destacar que parte das investigações sobre o tema, e que foram analisadas nesse artigo, concorda que o marco inicial para o surgimento do Movimento Armado Socialista foi a breve experiência de luta armada do *Grupo Popular Guerrillero* (GPG), no estado de

²¹ Ver CEDILLO, 2008; GÓMEZ UNAMUNO, 2020.

Chihuahua²². Liderado por Arturo Gámiz, o GPG foi o primeiro foco insurrecional armado da década de 1960, e suas ações foram inspiradas na doutrina de guerra de guerrilhas, preconizada por Che Guevara (CASTELLANOS, 2011, p.349). Seus membros eram professores rurais, estudantes e camponeses que atuavam desde 1964 e que recuperavam a memória de Rubén Jaramillo, importante líder agrário das décadas anteriores²³. O grupo se tornou conhecido quando, em 23 de setembro de 1965, 13 de seus membros tentaram assaltar o *Cuartel Madera*. A tentativa, porém, foi derrotada por um confronto com as forças do exército que resultou, segundo os informes oficiais – questionados por testemunhas e camponeses locais – em dez soldados feridos e seis mortos (CASTELLANOS, 2011, p.80). Entre os guerrilheiros, oito foram mortos e cinco sobreviveram.

As imagens do episódio e dos cadáveres dos guerrilheiros foram amplamente divulgadas na imprensa mexicana e foram utilizadas em reportagens que alinhavam os membros do GPG ao comunismo internacional, acusando-os de práticas terroristas. O governo do estado de Chihuahua, à época liderado por Práxedes Giner Durán (PRI), também protagonizou uma campanha de difamação e vexação pública não apenas dos membros do grupo, mas de seus familiares e de sua comunidade. Após o ataque ao *Cuartel Madera*, o então Secretário de Defesa Nacional, Marcelino García Barragán, enviou uma menção honorífica aos militares e ao comandante, mortos no episódio. Por outro lado, os corpos dos militantes mortos foram vexados publicamente, num “desfile” em caminhão a céu aberto, diante da população de *Ciudad Madera* e dos povoados vizinhos. As famílias dos sublevados foram impedidas de realizar o sepultamento dos mortos em Chihuahua e os corpos foram levados pelas

²² Por exemplo, os trabalhos de Aurelia Gómez Unamuno, Rodolfo Muñoz Gamiño, Héctor Pedraza Reyes, Florencia Ruiz Mendoza, Laura Castellanos.

²³ Rubén Jaramillo foi o fundador do *Partido Agrario Obrero Mexicano* (PAOM) em 1945, pelo qual se lançou candidato ao governo do estado de Morelos – região então predominantemente agrária do país. Devido à perseguição sofrida, a estrutura do partido tornou-se clandestina entre 1946 e 1951 e, segundo investigações da FEMOSPP (2008), sofreu os primeiros casos de desaparecimento forçado do período pós-revolucionário. Ao lado da *Unión General de Obreros y Campesinos de México* (UGOCM), Jaramillo e o Partido centraram suas atividades na formação de uma guerrilha para atuar na serra *morelense*, a fim de lutar contra o despejo de terras que sofriam as comunidades de camponeses e contra o crescente poder político, econômico e militar dos latifundiários locais. Apesar de conseguir voltar à vida política legal anos depois, Jaramillo foi assassinado em 1962 juntamente com a esposa Epifânia, então grávida, e três de seus filhos, numa operação que ficou conhecida como “Xochicalco”, nome do local onde os cadáveres foram encontrados. (CASTELLANOS, 2011, pp. 238-239)

forças de segurança do estado e enterrados em fossas comuns (CASTELLANOS, 2011, p.81).

Apesar de derrotada, a experiência do GPG lançou sementes importantes em outros contextos, como no estado de Guerrero, região que historicamente foi palco de violentos conflitos relacionados às questões de terra e à ampliação do poder econômico e político de latifundiários²⁴. A radicalização dos movimentos camponeses neste estado também está fortemente vinculada à atuação dos professores normalistas Lucio Cabañas e Genaro Vázquez Rojas, importantes lideranças na defesa da terra nos anos anteriores e nas lutas regionais (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.327).

Desde fins da década de 1950, Vázquez atuava como sindicalista e liderava associações e grupos de trabalhadores rurais contrários ao governo estadual, autoritário e repressivo de Arturo Caballero. Foi um dos fundadores da *Asociación Cívica Guerrerense* (ACG) e da *Central Campesina Independiente* (CCI), cujas ações questionavam, ainda, a representação trabalhista oficial da CTM e da CNC (CERVANTES; FEDERICO, 2008). Desde a clandestinidade, Vázquez fundou a *Asociación Cívica Nacional Revolucionaria*, guerrilha fortemente combatida pela repressão Estatal. Por sua vez, Lucio Cabañas foi integrante da ACG e sua atuação guerrilheira começou em fins da década de 1960 com a fundação do *Partido de los Pobres* e seu braço armado, a *Brigada Campesina de Ajusticiamiento*. Dentre as principais ações do grupo, figura o sequestro do então candidato a governador do estado de Guerrero pelo PRI, Rubén Figueroa, em maio de 1974²⁵. A repressão a Lucio e seu grupo, que se escondiam na serra de Atoyac de Álvarez, envolveu um operativo militar e grupos paramilitares que cercavam as zonas próximas à serra, ameaçando e reprimindo também as comunidades camponesas e sequestrando familiares dos guerrilheiros (FISCALÍA ESPECIAL, 2008).

Dentre os grupos armados que surgiram entre 1960 e 1970, no âmbito rural, podemos citar a *Unión del Pueblo* (UP), as *Fuerzas Armadas*

²⁴ Para uma análise mais aprofundada dos grupos guerrilheiros rurais na década de 1960 e 1970, ver: BELLINGERI, 2003.

²⁵ Para uma narrativa sobre a história de Lucio e de sua atuação guerrilheira ver: MONTEMAYOR, 2009.

Revolucionarias (FAR) e, das cisões internas desta, a criação das *Fuerzas Armadas de Liberación* (FAL). A fusão das FAL e da UP deu origem ao *Partido Revolucionario Obrero Campesino Unión del Pueblo-Partido de los Pobres* (PROCUP-PDLP), antecessor do *Ejército Popular Revolucionario* que atua na semiclandestinidade até os dias de hoje. Vale destacar também o surgimento do *Ejército Insurgente Mexicano*, cujo desenvolvimento resultou na formação das *Fuerzas de Liberación Nacional* (FLN) e cujos membros que sobreviveram à perseguição durante a contrainsurgência das décadas de 1970 e início de 1980, integraram o levante do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* em 1994²⁶.

Segundo Adela Cedillo (2008, p.85) as bandeiras de luta dos movimentos armados das zonas rurais quase sempre estiveram exclusivamente focadas em questões agrárias. Assim, seus membros se lançaram à luta contra as estruturas de poder que não foram completamente desmanteladas pela revolução de 1910, como o poder latifundiário e o “caciquismo”²⁷. Tais forças representavam um atraso para o desenvolvimento das políticas em matéria de reforma agrária, favorecendo a concentração de terras e a diminuição de incentivos e recursos para os pequenos produtores. Outro fator que pode explicar a radicalização dos camponeses entre as décadas de 1960 e 1970 é o fato de que esses grupos sociais foram fortemente prejudicados e violentados por diferentes instâncias de poder, como as locais (caciques, latifundiários, autoridades municipais), federais e órgãos de segurança pública (*idem, ibidem*). Por fim, Cedillo destaca que as causas desses movimentos podem ser atribuídas a fatores como: acúmulo de velhas e novas formas de exploração; a penetração do capitalismo em comunidades mais resistentes a esse tipo de mudança; dificuldade de assimilar e resolver contradições, tanto pela falta de diálogo e manejo do poder público junto às comunidades, quanto

²⁶ Sobre o assunto ver o capítulo “Cronograma” de CASTELLANOS, 2011 e CEDILLO, 2008.

²⁷ Na língua espanhola e na historiografia sobre a América Latina, o termo “caciquismo” é frequentemente utilizado para definir relações de “clientelismo” ou “patronagem”. Em outras palavras, se refere a uma relação pessoal que se estabelece entre alguém que ocupa um status social ou econômico superior e uma ou várias pessoas em posição de subordinação, de tal forma que tal acordo, ainda que selado com a anuência de ambas as partes, resulte em benefícios desiguais para elas. (GÓMEZ PELLÓN, 2021, p.281)

pela falta de disposição das classes subalternas; progressivo abandono das políticas de distribuição de terra e de valorização das capacidades produtivas dos *ejidos*. Obviamente, todos esses fatores estavam diretamente relacionados com a existência de um sistema político autoritário, que perseguia lideranças sindicais e camponesas, barrava candidaturas políticas e controlava as eleições municipais e estaduais.

Hugo Esteve Díaz (2016, p. 476) defende que as primeiras guerrilhas rurais, surgidas ainda na década de 1960, como o *Grupo Popular Guerrilheiro* (GPG), a *Asociación Cívica Nacional Revolucionaria* (ACNR) e o *Partido de los Pobres* (PDLP), tiveram como importante referencial político e ideológico o triunfo da Revolução Cubana. Por esse motivo, a ênfase das ações desses grupos concentrava-se no contexto rural, condição reforçada, como dito anteriormente, pela problemática estrutural do campo – latifúndio, exploração do trabalho, concentração de terra e renda – que, mesmo depois da Revolução de 1910, não havia sido totalmente resolvida. As organizações que surgiram nesse contexto operaram de forma relativamente breve, com exceção do PDLP, que teve expressiva atuação até a morte de Lucio Cabañas, em 1974. Essas guerrilhas operavam de forma independente e desarticulada umas das outras, e, em sua maioria, mantinham um relativo isolamento em relação a outros movimentos, como os que foram surgindo nos contextos urbanos a partir de fins dos anos 1960.

Por sua vez, as experiências guerrilheiras surgidas a partir da década de 1970, principalmente no contexto urbano, são consideradas uma expressão direta das repressões desatadas contra os movimentos de 1968 e 1971 (RUIZ MENDOZA, 2011). Como já abordado anteriormente, a resposta violenta do Estado implicou numa transformação da orientação daqueles que antes compunham o movimento estudantil, tendo como resultado uma reorientação ideológica de seus membros em favor da radicalização das suas ações. Sergio Aguayo (2001) observa que segmentos urbanos, como professores e estudantes, concluíram que as armas seriam a única resposta possível depois da constante repressão contra categorias como os

ferroviários, médicos, trabalhadores rurais, entre outros, que vinham se mobilizando entre as décadas de 1950 e 1960. Adela Cedillo (2008) também defende que o surgimento dos grupos armados acontece a partir da adoção de uma justificativa unânime: os espaços de atuação política dentro da legalidade estavam totalmente fechados. Assim, a violência revolucionária seria “uma necessidade histórica para acabar com uma ordem fundamentalmente injusta e para resolver de maneira definitiva os grandes problemas nacionais para os quais não havia saída através dos caminhos legais” (*Idem*, 2008, p.138-139).

Apesar de se reconhecerem enquanto herdeiros da militância armada de grupos como o GPG e o *Partido de los Pobres*, as guerrilhas surgidas durante a segunda onda possuíam novas orientações ideológicas e objetivavam outras transformações. A vertente guerrilheira urbana era filha dos movimentos de classe média reprimidos e derrotados nos anos anteriores, como estudantes, professores, médicos, e a maioria dos seus integrantes, oriundos dessas categorias, se identificava com alguma das vertentes da ideologia socialista. Cedillo (2008, p.87) observa que os membros das guerrilhas urbanas desconheciam profundamente a realidade dos operários, o que os levou a interpretá-los como classes que eram incapazes de emanciparem-se sem a liderança ou o encaminhamento das ações por um outro grupo. Por essa composição de classe, as organizações guerrilheiras urbanas foram “fundamentalmente elites alternativas ou contraelites desprovidas de uma base de massas” (*Idem*, 2008, p.87). Ainda na visão da historiadora, as motivações desses organismos não eram de ordem econômica, visto que, apesar da realidade de desigualdade social, os próprios integrantes desses movimentos, como estudantes, médicos, professores, tinham sido beneficiados pela mobilidade social promovida pelo chamado “desenvolvimento estabilizador” ou milagre mexicano. Por isso, a radicalização das classes médias era produto, principalmente, da violência estrutural desatada por um sistema político autoritário contra suas demandas de maior participação política.

Hugo Esteves Díaz (2016, p. 479) entende o fenômeno das guerrilhas urbanas a partir de uma mudança na compreensão do conceito de “sujeito revolucionário”, promovida principalmente no contexto pós-1968. Se antes os principais processos revolucionários, como Cuba, Vietnã ou Guatemala, haviam sido encaminhados em cenários rurais e camponeses, após as experiências estudantis que marcam o ano de 1968 (Paris, Praga, México, Brasil, Córdoba), os estudantes passam a reivindicar um papel ativo junto aos operários, como atores e vanguarda do proletariado. Somam-se a isso fatores econômicos, sociais e até históricos que motivaram a eclosão de movimentos armados nas zonas urbanas, tais como: o surgimento de uma insurgência sindical, cujos protagonistas foram fortemente reprimidos nos tempos anteriores; o incremento populacional e sua concentração nas regiões urbanas, o que ampliou as desigualdades e criou novos problemas nas cidades; a continuidade do autoritarismo no México e a existência de regimes ditatoriais, principalmente na América Latina; e o aprofundamento dos desequilíbrios econômicos e sociais que ampliaram as desigualdades no país e na região.

Em grande medida, as estratégias desses grupos iam desde a implementação de um núcleo guerrilheiro, a construção de um partido proletário, até a formação de um exército revolucionário insurrecional (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.443). Ao contrário dos grupos armados rurais, que atrelavam suas ações ao cumprimento de demandas voltadas principalmente para as questões agrárias, os grupos urbanos de luta armada pretendiam uma ruptura total com o Estado e a instauração de um modelo socialista pela via revolucionária (ESTEVE DÍAZ, 2016, p. 480). Vale pontuar que, além dos estudantes e professores, eram protagonistas desse momento parte do operariado urbano, cristãos socialistas inspirados pela Teologia da Libertação e militantes das mais variadas vertentes que romperam com seus partidos ou que foram expulsos da militância por sua radicalização ideológica.

O primeiro grupo guerrilheiro urbano a realizar ações foi o *Movimiento de Acción Revolucionaria* (MAR), cuja criação aconteceu em

1969, em Moscou, por iniciativa de um grupo de estudantes “bolsistas” treinados para o combate guerrilheiro militar na Coreia do Norte e que foram membros da *Liga Leninista Espartaco*, das Juventudes Comunistas (JC) e do movimento estudantil da *Universidad Nicolaíta de Michoacán*²⁸. Já na década de 1970 surgem outros grupos urbanos como os *Procesos*, *Enfermos*, *Movimiento 23 de Septiembre*, *Lacandones*, *Guajiros*, *Macías*, *Movimiento Estudiantil Profesional* (MEP) e *Frente Estudiantil Revolucionario* (FER). Ao longo do tempo, tais grupos foram se redesenhando até originar a *Liga Comunista 23 de Septiembre* (LC23S), organismo urbano de maior alcance nacional, que empreendeu um esforço para a unificação dos grupos atuantes entre 1973 e 1982 (PEDRAZA REYES, 2008, p.96).

As ações empreendidas por tais guerrilhas podiam incluir assaltos, sequestros, saques, tomadas de cabines policiais e ataques a zonas militares. Dentre os grupos citados, o único a disseminar a sua ideologia política de forma contínua foi a *Liga Comunista 23 de Septiembre*, que o fez através da publicação do jornal *Madera*. Suas edições eram distribuídas clandestinamente principalmente entre operários e estudantes e eram fruto de um esforço para tentar ampliar a politização dos setores populares da sociedade²⁹. A LC23S, surgida em 1973, em Guadalajara, é considerada a maior guerrilha do período e a que causou maior impacto na opinião pública e pode ser interpretada como um grupo “piramidal, clandestino, celular e compartimentado” (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.476). Suas ações eram decididas pela *Coordinadora Nacional* e estavam orientadas pelo pensamento marxista-leninista, e seus dirigentes advinham de diversas localidades como Guadalajara, Cidade do México, Sinaloa, Chihuahua, Monterrey e Baixa Califórnia (CASTELLANOS, 2011, p.350). Seus membros se consideravam “profissionais da revolução, que interpretam a realidade política, econômica e social do país a partir das contradições de classe, sustentadas na última instância em um modo de produção específico e

²⁸ Os jovens que receberam treinamento na Coreia do Norte foram: Fabrício Gómez Souza, Camilo Estrada, Alejandro Lopez Murillo, Martha Maldonado e Salvador Castañeda. (CASTELLANOS, 2011, p. 350)

²⁹ Os exemplares do jornal *Madera* podem ser consultados em: <http://www.periodicomadera.mx/im/>

histórico e passível de transformar-se com a atividade do ser social” (FISCALÍA ESPECIAL, 2008 p.479).

A LC23S foi uma organização guerrilheira derivada do embrião *Organización Partidaria* cujas ações se orientavam pela tese da “universidade fábrica” (CEDILLO, 2008, p.139-140). Essa tese foi elaborada a partir da ideia de que os estudantes deveriam ser uma “vanguarda” e o “organizador coletivo” de grupos sociais como o operariado das grandes cidades. Assim, pretendia-se substituir os trabalhadores pelo “destacamento estudantil do proletariado”, aos quais caberiam as funções de vanguarda. Para Cedillo, esse é um dos aspectos mais sensíveis das organizações guerrilheiras urbanas, principalmente da LC23S, já que revela uma interpretação equivocada sobre a situação das classes sociais e seu papel na luta contra o Estado autoritário mexicano.

Desafortunadamente, los estudiantes no supieron leer uno de los mensajes de fondo de la experiencia del M-68: el de que la clase media había demostrado que por sí sola no podría acabar con el régimen. Y si el movimiento de masas más importante de aquellas décadas no había logrado establecer un pacto multiclassista que rebasara y reemplazara al del partido de Estado, las guerrillas tenían muchas menos probabilidades de conseguirlo (CEDILLO, 2008, p. 139-140).

As diferentes motivações, influências, reivindicações e estratégias levadas a cabo pelas guerrilhas revelaram uma formação dinâmica e heterogênea do Movimento Armado Socialista. Nesse sentido, é possível observar que esse fenômeno guarda algumas especificidades em relação à luta marcada na América Latina. Sobre isso, vale pontuar que o MAS foi o único movimento armado que não contou com o respaldo de Cuba nem de outro país socialista no mundo. Cedillo (2008, p. 89) explica que isso aconteceu pelo fato de que México era um hábil articulador em termos de política externa, o que inibiu outros países a tomarem partido da situação mexicana em plena Guerra Fria. Além disso, o MAS não foi unitário, mas sim marcado pela aparição de mais de 40 organizações armadas, com programas, princípios, estratégias e táticas próprias, e com diferentes graus de desenvolvimento e articulação entre si (idem, 2008, p.89).

Mesmo com a repressão sofrida por seus membros e a desarticulação de suas redes de apoio, as guerrilhas se fragmentaram e os sobreviventes foram integrando novos grupos que atuaram, inclusive, depois da década de 1980. Os rearranjos do Movimento Armado Socialista resultaram em grupos armados atuais, e conformaram um fenômeno denominado por Carlos Montemayor (2009) de “guerrilha recorrente”. Por isso, Cedillo (2008, p.90) defende que uma das características do MAS foi sua capacidade em permanecer ativo por décadas, mesmo com as estratégias de contrainsurgência empregadas para erradicá-lo, como veremos a seguir.

3 Contrainsurgência e perseguição aos movimentos armados

Uma grande parte dos trabalhos acadêmicos e das produções jornalísticas sobre o MAS e sobre a violência de Estado entre as décadas de 1960 e 1980 utilizaram o termo “guerra suja”³⁰ para se referirem a esse contexto. Não obstante, investigações mais recentes têm questionado o termo “guerra suja” e proposto sua substituição pelo conceito de “contrainsurgência”, uma categoria mais adequada para definir as práticas repressivas e o ciclo de violência que caracteriza o período. Adela Cedillo (2008, p. 76), por exemplo, propõe uma crítica a esse conceito, porque entende que em todos os conflitos armados existentes nos países periféricos durante o contexto da Guerra Fria, prevaleceu uma violência de Estado que resultou em massivos crimes de guerra e de lesa humanidade contra os dissidentes políticos. Não existem guerras “limpas” ou “sujas”, assim como o próprio emprego do termo “guerra” pode sugerir uma igualdade – militar, numérica, organizativa – inexistente entre as partes envolvidas nesse conflito e obscurecer a realidade sobre os movimentos

³⁰ No México, o termo “guerra suja” se popularizou entre pesquisadores para definir a época na qual houve o emprego sistemático da violência de Estado contra militantes sociais, fossem eles provenientes de movimentos armados ou não. De acordo com a pesquisadora Adela Cedillo (2008) a expressão foi sugerida por jornalistas mexicanos que, a partir da década de 1980, se apropriaram da terminologia utilizada no Cone Sul para denunciar situações irregulares de intervenção do exército contra as organizações guerrilheiras e civis.

armados: sua conformação deriva da resistência à uma violência estrutural que se aprofunda num determinado contexto histórico.

Em recente trabalho, Camilo Ovalle (2019) destacou que o termo “guerra suja” não é capaz de esclarecer empírica e conceitualmente o aprofundamento da violência política que afetou não apenas as organizações guerrilheiras, mas um conjunto mais amplo da dissidência política e da sociedade civil no México, entre 1960 e 1980. Quando se usa tal categoria para definir a violência de Estado, considera-se apenas as técnicas ilegais utilizadas na repressão, negligenciando o entendimento do processo de adaptação, aprendizagem e radicalização experimentado pelas políticas e estratégias policiais e militares que foram aplicadas na contrainsurgência. Também ficam excluídos os instrumentos legais de repressão, a tipificação de novos delitos, como o “terrorismo”, e as interpretações distorcidas das legislações, como do já citado *delito de disolución social*.

Assim, a derrota militar do MAS e a aniquilação dos seus integrantes foram alcançadas a partir de estratégias de contrainsurgência, que reuniram ações de inteligência e enfrentamento direto e indireto, como a infiltração de agentes das forças de segurança, perseguição, tortura, ameaça a comunidades, sequestros, desaparecimento forçado e assassinatos. Os métodos contrainsurgentes empregados pelo Exército e por policiais locais e estaduais buscavam não somente localizar e combater os militantes, mas também perseguir e ameaçar a população civil que pudesse apoiá-los. Para eliminar as lideranças de tais grupos, foram utilizados, ainda, grupos paramilitares que promoviam sequestros de familiares para obter, sob tortura, informações que indicassem a localização da pessoa procurada (ORTIZ ROSAS, 2014). Os presos e sequestrados ainda eram alvos de “vexações, torturas, chantagens, ameaças, violações e roubos” (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.508).

O ciclo de violência política entre os anos 1960 e 1980 se caracterizou pela ampliação e sistematização de práticas repressivas e de perseguição,

com o objetivo de conter o avanço do chamado “inimigo interno”³¹. Essa noção estava materializada em grupos de esquerda, comunistas, socialistas ou simplesmente opositores do regime *priista*. Assim, o Estado mexicano, que no contexto da Guerra Fria passou a tratar qualquer ação política como “ato terrorista” ou produto de infiltração e conspiração estrangeira (MELGAR BAO, 2006, p.10), forjou um aparato repressivo a partir da incorporação da Doutrina de Segurança Nacional. Em grande medida, a situação mexicana era bastante *sui generis* se comparada às outras experiências da América Latina, visto que, no México, a contrainsurgência foi uma estratégia colocada em prática por um Estado repressivo, mas que não assumiu o formato de uma ditadura militar como em outros países da região.

O aparato de segurança estatal mexicano (formal e informal) ficou sob a responsabilidade e coordenação da *Dirección Federal de Seguridad* (DFS)³², instituição criada em 1947, no marco da Guerra Fria, com o objetivo de criar estratégias e políticas para vigiar, analisar e informar sobre os acontecimentos relacionados com a segurança da nação. A DFS deveria, portanto, impedir o surgimento de grupos insurgentes e garantir a estabilidade política dos governos *priistas*. Depois da Revolução Cubana, o organismo centrou seus esforços em ações de vigilância e repressão que buscaram eliminar qualquer influência revolucionária nos movimentos e partidos de esquerda. Segundo Sergio Aguayo (2001), os serviços de inteligência do Estado mexicano eram desempenhados pelos membros da DFS em conjunto com outros organismos como a *Dirección General de Investigaciones Políticas y Sociales de la Secretaría de Gobernación* (DGIPS), criada em 1942 com o nome de *Departamento de Investigación Política y Social* (DIPS).

Os agentes da DFS fizeram uso dos mais variados mecanismos para controlar e perseguir os movimentos sociais e estiveram diretamente

³¹ Sobre o assunto, ver: SIERRA GUZMAN, 2003.

³² O organismo foi extinto em 1985 no governo Miguel de la Madrid e, desde 1989, o órgão responsável pela segurança nacional no México é o *Centro de Investigación y Seguridad Nacional* (CISEN). Ver: <http://www.cisen.gob.mx>.

implicados nas graves violações aos direitos humanos que se constatam entre as décadas de 1960 e 1980. Para perseguir e aniquilar a oposição armada, a DFS e o exército criaram grupos paramilitares, tais como os *Halcones*, o *Grupo Sangre* e a *Brigada Blanca*³³. A utilização desses grupos era a certeza de que, em caso de investigações ou denúncias, os membros do exército, do governo e do partido seriam protegidos de qualquer responsabilização pelas violações cometidas.

Nesse contexto houve, ainda, ampla cooperação externa, sobretudo dos Estados Unidos, para o aprimoramento das estratégias de perseguição ao movimento armado. O Informe Histórico da *Fiscalía Especial* (2008, p. 703) aponta que a *Secretaria de la Defensa Nacional* (SEDENA) enviou mais de mil efetivos militares para fazer cursos na Escola das Américas, centro de treinamento conhecido por aplicar técnicas avançadas de tortura, terror psicológico e ameaça social para a obtenção de informações, entre 1953 e 1996.

Soma-se a isso a utilização de instalações oficiais e militares como centros de detenção e execução clandestinos, bem como espaços para a realização de interrogatórios e o exercício da tortura não só de militantes dos grupos armados, mas de seus familiares, amigos ou qualquer pessoa que representasse alguma conexão com os grupos armados (PIÑEYRO, 2005). Locais como o Campo Militar N.1, na Cidade do México, bem como a base aérea de *Pie de la Cuesta*, em Acapulco, delegacias de polícia e oficinas da DFS, aparecem com frequência nos relatos de sobreviventes. Por esses locais passaram muitos presos posteriormente desaparecidos pelas forças de segurança, com destaque para a base aérea de *Pie de la Cuesta*, da qual saíram os “voos da morte” que tiveram como objetivo

³³ A *Brigada Blanca* ou *Brigada Especial* foi criada em junho de 1976, quando a LC23S estava iniciando seu período de reestruturação e colocando em prática ações bem-sucedidas de assaltos, toma de armas e dinheiro e sequestros. Com o objetivo de colocar em prática as estratégias de contrainsurgência – tortura, prisões ilegais, desaparecimento – a *Brigada Blanca* era composta pelos indivíduos mais destacados da *Dirección Federal de Seguridad*, do exército, da Procuradoria Geral da República, entre outras instituições oficiais como a *Dirección General de Policía y Tránsito* (DGPYT). (ORTIZ ROSAS, 2014).

desaparecer corpos de militantes assassinados atirando-os desde os aviões no Oceano Pacífico.³⁴

Os operativos coordenados pelas forças oficiais e paramilitares chefiadas pela DFS promoviam a infiltração de agentes em escolas e organizações estudantis, além da cooptação, por meio de ameaça ou suborno, das organizações independentes com o propósito de utilizá-las como estruturas de mediação e de controle. Foram corrompidos órgãos de justiça, além de negar-se o acesso à justiça a inúmeras pessoas, principalmente aos camponeses, trabalhadores e estudantes das áreas socialmente mais vulneráveis do país (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.84). Utilizou-se o exército como recurso para o controle social e para obtenção de informações como provas, depoimentos e confissões forçadas, cujo conteúdo poderia ser manipulado ou ocultado. Vale ressaltar, por fim, que as ações foram encaminhadas, desde sempre, com a anuência dos presidentes da República e com a cumplicidade de seus assessores diretos, como secretários de governo, ministros e governadores estaduais.

Como resultado das estratégias empreendidas, registraram-se cerca de 2141 casos de presos torturados em todo o país, entre 1960 e 1990, com exceção dos casos em que houve relatos de tortura nos episódios de conflitos envolvendo estudantes, como os casos de 1968 e 1971 (idem, 2008, p.569). No mesmo período, foram presas mais de 1.500 pessoas só no estado de Guerrero, foco da atividade contrainsurgente daquele momento (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.624-625). O maior índice de prisões se deu justamente entre 1971 e 1976 quando se intensificou o combate e a perseguição do exército e dos grupos paramilitares contra as guerrilhas. No Informe Histórico da Femospa existem ainda casos de crianças que foram torturadas em frente de seus familiares, de mulheres presas e torturadas que deram à luz em cativeiro, e estupros de mulheres e menores de idade. O Informe documenta que 204 menores de idade foram vítimas de

³⁴ O Informe da *Fiscalía Especial* (2008, p. 440) denuncia um total de 30 voos da morte, dos quais 19 foram realizados durante o mandato de Luis Echeverría, e 11 durante o governo de José López Portillo. Sobre o assunto ver ainda CASTELLANOS, 2011, p.160-161.

detenções arbitrárias, torturas, execuções e desaparecimento forçado (*idem*, 2008, 603-605).

Existem registros de quase 800 casos de desaparecimento forçado, dos quais 436 foram classificados pela Femospa como “plenamente acreditados” (*Idem*, p.513)³⁵ Destes, 255 aconteceram no estado de Guerrero. Todos eles fazem parte do período compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 e a maioria se registra durante a década de 1970. Camilo Ovalle (2019), no entanto, chama a atenção para o fato de que, nem o Informe da Femospa, nem as investigações realizadas previamente pela Comissão Nacional de Direitos Humanos incluem a categoria de “presos-desaparecidos” que sobreviveram³⁶. Ou seja, aquelas vítimas que estiveram presas e desaparecidas por algum tempo, mas que conseguiram sobreviver à tentativa de execução e desaparecimento. A *Comisión de la Verdad del Estado de Guerrero* (COMVERDAD)³⁷, criada em 2012, documentou 205 casos de pessoas que sobreviveram à “prisão-desaparecimento” e para os quais ela criou a categoria de “*desaparición-transitoria*” (OVALLE, 2019).

4 Conclusões

Através de um profundo controle da imprensa (GAMIÑO MUÑOZ, 2011), os governos *priistas* negaram a existência de movimentos organizados e armados que contestaram, a níveis regional e nacional, sua hegemonia. Durante o período que antecedeu à transição de 2001,

³⁵ Casos “plenamente acreditados” são aqueles em que os familiares e organizações apresentaram denúncia formal e sobre os quais se encontraram documentos em arquivos das policiais políticas que comprovam a detenção do desaparecido. Além disso, são casos em que existem testemunhos que corroboram os dados da denúncia e da documentação encontrada, certificando que o desaparecido foi visto em prisões clandestinas, por exemplo. A partir desses elementos, a *Fiscalía Especial* considerou “plenamente acreditado” o desaparecimento forçado da pessoa em questão. (FISCALÍA ESPECIAL, 2008, p.517)

³⁶ A Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) realizou investigações de casos de desaparecimento forçado a partir de denúncias recebidas desde 1990 pelo Programa Especial sobre Presuntos Desaparecidos (PREDES). Essas investigações resultaram na Recomendação 26/2001 que, juntamente com um Informe, foram entregues ao então presidente Vicente Fox (PAN), na mesma sessão solene em que foi anunciada a criação da *Fiscalía Especial*, em 27 de novembro de 2001. Sobre o assunto, ver: RIBERTI, 2017.

³⁷ O Informe final da Comverdad foi publicado em 2014 e pode ser acessado em: https://cedema.org/digital_items/6717

protagonizada por Vicente Fox (PAN), também foram negadas as sistemáticas e graves violações aos direitos humanos cometidas não apenas contra os membros dos grupos armados, mas contra os estudantes, ferroviários, camponeses e professores no contexto da Guerra Fria. Esse silêncio sobre o passado contribuiu para que, por muito tempo, a experiência do MAS permanecesse desconhecida para boa parte da sociedade civil, além de favorecer a perpetuação da impunidade.

Além disso, os movimentos estudantis de 1968 e 1971, seja pela amplitude de suas mobilizações ou pela intensidade da repressão desatada contra eles, também gozaram de um lugar privilegiado, seja nas discussões acadêmicas ou na opinião pública. Tais experiências foram legitimadas pela sociedade civil, em parte pelo silêncio sobre a existência das guerrilhas, em parte porque setores mais moderados e conservadores tendem a exaltar os manifestantes dessa luta pacífica como legítimos representantes da democratização do Estado.

É recente, portanto, a ampliação de um debate dentro e fora das universidades que busca destacar o papel da militância armada em zonas rurais ou urbanas, como expressão fundamental de uma sociedade que se organizou contra um sistema político repressor e autoritário. Mais ainda, esse é um esforço que busca preencher um vazio histórico sobre um período marcado por lutas conduzidas por grupos que acreditavam ser possível um outro modelo de sociedade que não aquele alinhado ao capitalismo mundial.

A criação da *Fiscalía Especial para Movimientos Armados y Políticos del Pasado*, em 2001, pelo então presidente Vicente Fox, também promoveu uma relativa ampliação dos debates sobre o assunto. Apesar de não ter conseguido responsabilizar nenhum dos implicados em graves violações aos direitos humanos durante o período da contrainsurgência, como o ex-presidente Luis Echeverría e membros da DFS, de grupos paramilitares e do exército, a *Fiscalía Especial* logrou publicar um informe – diversas vezes utilizado neste artigo – que, à despeito das críticas, reúne informações e dados importantes sobre o período. Além disso, as

investigações da Femospa foram incluídas no processo encaminhado por Tita Radilla Ramírez, Presidenta da *Asociación de Familiares de Detenidos Desaparecidos y Víctimas de Violaciones de Derechos Humanos en México* (AFADEM), à Corte Interamericana de Direitos Humanos, para a investigação do desaparecimento forçado de Rosendo Radilla Pacheco, ocorrido em 25 de agosto de 1974, por efetivos do exército. Com base na reconstrução histórica e na documentação analisada pelo Informe, a CIDH proferiu sentença responsabilizando o Estado mexicano pelo desaparecimento do militante, reconhecendo, ainda, a prática sistemática de violações no contexto em questão (RIBERTI, 2017, p.266)

Nas últimas décadas, principalmente em função da atuação pública de organismos civis de direitos humanos, também foram ampliadas as discussões sobre a prática recorrente do desaparecimento forçado no México. Desde a década de 1960 até os tempos mais recentes, o desaparecimento de militantes continua sendo estratégia fundamental de repressão aos movimentos sociais, à exemplo do que aconteceu com os 43 estudantes de Ayotzinapa, desaparecidos em 2014 quando se dirigiam desde Guerrero à Cidade do México para participar da Marcha em alusão ao 2 de outubro.

Apesar da ampliação dos debates e da maior projeção que a experiência armada ganhou entre os círculos acadêmicos e na sociedade civil, as violações aos direitos humanos cometidas naquele período seguem impunes. Mais do isso, muitos dos agentes implicados nesses crimes seguem atuando no sistema político ou na segurança pública, gozando de prestígio e legitimidade. Em muitos casos, os antigos torturadores, executores e violadores da contrainsurgência encontram-se aposentados e vivendo uma vida confortável. Identifica-se, ainda, uma continuidade nas práticas repressivas, como o desaparecimento forçado, ostensivamente praticado em contextos em que há profunda violência de gênero ou em regiões controladas pelos grupos narcotraficantes.

Sem dúvida alguma, quando se trata de pensar e analisar o Movimento Armado Socialista, a responsabilização de violações aos direitos

humanos e pelo cometimento de uma série de práticas violentas e persecutórias é, portanto, a mais urgente das tarefas incumpridas da transição mexicana.

5 Referências

AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução Mexicana. História Mexicana Contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: Edusp, 2000.

AGUAYO, Sergio. **“La charola”: una historia de los servicios de inteligencia en México**, México: Grijalbo, 2001.

ÁLVAREZ GARÍN, Raúl. **La estela de Tlatelolco: una reconstrucción histórica del movimiento estudiantil de 68**. México: Itaca, 1998.

BARRIOS CASTRO, Roberto. **México, en su lucha por la tierra. De la independencia a la revolución. (1521-1987)**. México: Editores SIA, 1987.

BARTRA, Armando. **Los nuevos herederos de Zapata. Campesinos en movimiento 1920-2012**. México: PRD, 2012.

BELLINGERI, Marco. **Del agrarismo armado a la guerra de los pobres: ensayos de guerrilla rural en el México contemporáneo, 1940-1974**. México: Ediciones Casa Juan Pablos, 2003.

CASTELLANOS, Laura. **México armado, 1943-1981**. México: Era, 2011.

CARPIZO, Jorge. **El presidencialismo mexicano**. México: Siglo XXI, 1985.

CEDILLO, Adela. **El fuego y el silencio**. Historia de las FLP. Série “México: Genocídio y delitos de lesa humanidad”. México: Comité 68, 2008. Tomo VIII.

CERVANTES, Macías; FEDERICO, César. **Genaro Vázquez, Lucio Cabañas y las guerrillas en México entre 1960 y 1974**. México: Universidad de Guanajuato: 2008

CÓRDOVA, Arnaldo. **La formación del poder político en México**. México: Era, 1972.

COSÍO VILLEGAS, Daniel. **El sistema político mexicano. Las posibilidades de cambio**. México: Ed. Joaquín Mortíz, 1973.

DEL CASTILLO TRONCOSO, Alberto. **La fotografía y la construcción de un imaginario. Ensayo sobre el movimiento estudiantil de 1968.** México: Instituto Mora/IISUE, 2012.

ESTEVE DÍAZ, Hugo. El festín de las balas: la guerrilla en la década de los setenta. In: BIZBERG, Ilán; ZAPATA, Francisco (Coord). **Movimientos sociales.** v. 6. Série Los Grandes Problemas de México (ORDORICA; Manuel; PRUD'HOMME, Jean-François, Coords.). México, D.F. : El Colegio de México, 2016, p.475-499.

FAVELA, Margarita. "Sistema político y protesta social: del autoritarismo a la pluralidad". In: BIZBERG, Ilán; ZAPATA, Francisco (Coord). **Movimientos sociales.** v. 6. Série Los Grandes Problemas de México (ORDORICA; Manuel; PRUD'HOMME, Jean-François, Coords.). México, D.F.: El Colegio de México, 2010, p. 101 - 146. Disponível em: <https://2010.colmex.mx/16tomos/VI.pdf>. Acesso em 23 jun. 2023.

FISCALÍA ESPECIAL PARA MOVIMIENTOS POLÍTICOS DEL PASADO (FEMOSPP). **Informe Histórico Presentado a La Sociedad Mexicana.** Série. "México: Genocidio y delitos de lesa humanidad". México: Comité 68 Pró Libertades Democráticas, 2008.

FOURNIER, MARTÍNEZ HERRERA, Jorge Martínez. "México 1968: entre as comemorações olímpicas, a repressão governamental e o genocídio". In. FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ZARANKIN, Andrés; REIS, José Alberione dos. (Orgs.). **Arqueologia da repressão e da resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980).** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008. p. 49-81.

GAMIÑO MUÑOZ, Rodolfo. **Guerrilla, represión y prensa en la década de los setenta en México. Invisibilidad y olvido.** México: Instituto Mora, 2011.

GAMIÑO MUÑOZ, Rodolfo. Resistir al olvido. "La memoria ante las políticas de olvido. Los informes de la Femospa según ex militantes del movimiento armado socialista". In: **La liga Comunista 23 de Septiembre.** Cuatro décadas a debate: historia, memoria, testimonio y literatura. México: UNAM y UAT, 2014. p. 401-432.

GARCÍA RAMÍREZ, Sergio. "Bibliografía". In. ACADEMIA MEXICANA DE CIENCIAS PENALES. **Los delitos de disolución social.** México: Ediciones Botas, 1969. p. 683-685.

GÓMEZ PELLÓN, Eloy. "Clientelismo/caciquismo". SALOMÓN, Alejandra. **Diccionario del agro Iberoamericano.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: José Muzlera, 2021. Disponível em: <https://www.teseopress.com/diccionarioagro/chapter/clientelismo-caciquismo-espana-y-latinoamerica-siglos/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GÓMEZ UNAMUNO, Aurelia. **Entre fuegos, memoria y violencia de Estado. Los textos literarios y testimoniales del movimiento armado en México.** México: Contracorriente, 2020.

GOMEZJARA, Francisco, **El movimiento campesino en México**, México, Campesina, 1970.

GUERRERO, Francisco Javier. "El movimiento campesino de los años sesenta y setenta". In. MARTÍNEZ NATERAS, Arturo (Coord.), **La izquierda mexicana del siglo XX. Libro 2. Movimientos Sociales.** México: UNAM, 2016, p. 291-303.

GUEVARA NIEBLA, Gilberto. **La democracia en la calle: crónica del movimiento estudiantil.** México: Siglo XXI, 1988.

HERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Rogelio. **Historia mínima del Partido Revolucionario Institucional.** México: El Colegio de México, 2016.

LOAEZA, Soledad. "Elecciones y partidos en México en el siglo XX". In.: **Gran Historia de México Ilustrada.** T.5 El Siglo XX Mexicano. México: Planeta/CONACULTA/INAH, 2001.

MARTINEZ NATERAS, Arturo (Coord.), JUÁREZ, Joel Ortega (Comp.). *La izquierda mexicana del siglo XX. Libro 2. Movimientos Sociales.* México: UNAM, 2016, 217-230.

MELGAR BAO, Ricardo. La memoria sumergida. Martirologio y sacralización de la violencia en las guerrillas latinoamericanas. In.: SOLANO, Verónica Oikión; UGARTE, Marta Eugenia García (eds.), **Movimientos armados en México, siglo xx.** México: El Colegio de Michoacán; Ciesas; UNAM; IIS, 3 tomos., 2006. p. 29-68.

MEYER, Lorenzo. "El presidencialismo. Del populismo al neoliberalismo". **Revista Mexicana de Sociología**, v. 55, n.2, abr.-jul. pp. 57-81. 1993.

MONTEMAYOR, Carlos. **La guerrilla recurrente.** México: Debate, 2012.

MONTEMAYOR, Carlos. **La violencia de Estado en México: antes y después de 1968.** México: Debate, 2009.

ORTIZ ROSAS, Rubén. **La Brigada Especial. Un instrumento de la contrainsurgencia urbana en el Valle de México (1976-1981).** Director de Tesis. Hever Ramón Arzápalo Marín. 2014. 205f. Tesis de Licenciatura em História. Colegio de Historia. México: UNAM, 2014. Disponível em: <https://cedema.org/articles/345>. Acesso em: 23 jun. 2023

OVALLE, Camilo Vicente. **[Tiempo suspendido]: Una historia de la desaparición forzada en México, 1940-1980.** Edição do Kindle. México: Bonilla Artigas Editores, 2019.

PEDRAZA REYES, Héctor. Apuntes sobre el movimiento armado socialista en México (1969-1974). **Nóesis**, v. 17, n.34, pp. 92-124, ago.-dec., 2008.

PELÁEZ RAMOS, Gerardo. La primera crisis del corporativismo sindical en el movimiento ferrocarrilero de 1958-1959 y en las luchas de 1956-1960. In. MARTINEZ NATERAS, Arturo (Coord.), JUÁREZ, Joel Ortega (Comp.). **La izquierda mexicana del siglo XX. Libro 2. Movimientos Sociales**. México: UNAM, 2016, p. 217-230.

PIÑEYRO, José Luis. Las fuerzas armadas y la contraguerrilla rural en México: pasado y presente. **Nueva antropología**, v. 20, n. 65., pp.75-92, mai.-ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/na/v20n65/v20n65a5.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

REYNA, José Luis; TREJO DELARBRE, Raúl. **La Clase obrera en la historia de México, de Adolfo Ruiz Cortines a Adolfo López Mateos (1952-1964)**. México: Siglo XXI, v.12, 1981.

REYNOSO JAIME, Irving. **Machetes rojos: el Partido Comunista de México y el agrarismo radical (1919-1929)**. México: Universidad Autónoma del Estado de Morelos, Centro de Investigación en Ciencias Sociales y Estudios Regionales, 2018.

RIBERTI, Larissa Jacheta. **Entre gritos e granadeiros: a memória do movimento estudantil e do massacre de 1968 no México**. Orientadora: Maria Paula Nascimento Araújo. 2013. 205f. Dissertação de mestrado em História. PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000812073&local_base=UFR01. Acesso em 23 jun. 2023.

RIBERTI, Larissa Jacheta. **Justiça de transição no México: as investigações jurídicas e o Informe Histórico da Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado (2001-2006)**. Orientadora: Maria Paula Nascimento Araújo. 2017. 300f. Tese de doutorado em História. PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000869025&local_base=UFR01. Acesso em: 23 jun. 2023.

RUIZ MENDOZA, Florencia. El Movimiento Estudiantil de 1968 en el proceso de radicalización hacia la lucha armada en México: 1968-1971. **Conflicto Social**, Año 4, n. 5, p. 355 - 373. jun. 2011.

SCHERER GARCÍA, Julio; MONSIVÁIS, Carlos. **Parte de Guerra: Tlatelolco 1968. Documentos del general Marcelino García Barragán**. Los hechos y la historia. México: Aguilar, 1999.

SIERRA GUZMÁN, Jorge Luis. **El enemigo interno. Contrainsurgencia y fuerzas armadas en México.** México, Editorial Plaza y Valdés, 2003.

WOLDENBERG, José. **Historia mínima de la transición democrática en México.** México: El Colegio de México, 2012.



AMÉRICA LATINA: LA TRAMPA PARA LAS CLASES REINANTES

AMÉRICA LATINA: A ARMADILHA PARA AS CLASSES REINANTES

LATIN AMERICA: THE TRAP FOR THE REIGNING CLASSES

Marcos Cueva Perus¹ 

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Resumen: Este artículo se propone examinar algunas de las contradicciones sociales en las que se desenvuelven los gobiernos latinoamericanos actuales, en particular los progresistas. A partir de lo que entiende Michel Foucault por “soberanía” y mediante una metodología hipotético-deductiva, se afirma que la región latinoamericana, pese a la penetración capitalista generalizada, conserva rasgos arcaicos no sencillos de desterrar. Habida cuenta de un estado de crisis y de desnacionalización, bajo fuerte influencia estadounidense, ciertas “capas ideológicas y políticas”, no desligadas de las capas medias, podrían haberse visto llamadas a gestionarlo, pero sin cambiar estructuras de raíz, en un tipo de proceso que ya ha ocurrido antes en la historia. Desde este punto de vista, sigue siendo importante distinguir entre clase dirigente y “clase reinante”, y recordar que “progresismo”, a fin de cuentas, no es sinónimo de acceso de los sectores populares al poder, sobre todo en sociedades polarizadas.

Palabras clave: Latinoamérica; Soberanía; Violencia; Personalismo; Progresismo.

Resumo: Este artigo pretende examinar algumas das contradições sociais nas quais operam os atuais governos latino-americanos, particularmente os progressistas. Partindo do que Michel Foucault entende por “soberania” e por meio de uma metodologia hipotética dedutiva, afirma-se que a região latino-americana, apesar da penetração capitalista generalizada, preserva traços arcaicos que não são fáceis de banir. Dado um estado de crise e desnacionalização, sob forte influência dos EUA, na crise, certas “camadas ideológicas e políticas”, não desvinculadas das camadas médias, poderiam ter sido chamadas a geri-lo, mas sem alterar as estruturas de raiz, de um

¹ Investigador Titular del Instituto de Investigaciones Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México (IISUNAM). Doctor por la Universidad Pierre Mendés-France, Grenoble II, Francia. E-mail: cuevaperus@yahoo.com.mx.

tipo de processo que já aconteceu antes na história. Desse ponto de vista, ainda é importante distinguir entre classe dominante e “classe reinante”, e lembrar que “progressismo”, afinal, não é sinônimo de acesso ao poder para os setores populares, especialmente em sociedades polarizadas.

Palavras-chave: América Latina; Soberania; Violência; Personalismo; Progressismo.

Abstract: This article intends to examine some of the social contradictions in which current Latin American governments operate, particularly the progressive ones. Starting from what Michel Foucault understands by “sovereignty” and through a hypothetical deductive methodology, it is affirmed that the Latin American region, despite the generalized capitalist penetration, preserves archaic features that are not easy to banish. Given a state of crisis and denationalization, under strong US influence, in the crisis, certain “ideological and political layers”, not detached from the middle layers, could have been called upon to manage it, but without changing root structures, in a kind of process that has happened before in history. From this point of view, it is still important to distinguish between the ruling class and the “class which reigns”, and to remember that “progressivism”, after all, is not synonymous with access to power for the popular sectors, especially in polarized societies.

Keywords: Latin America; Sovereignty; Violence; Personalism; Progressivism.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.205274](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.205274)

*Recebido em: 03/12/2022
Aprovado em: 22/06/2023
Publicado em: 30/07/2023*

1 Introdução

No es poco lo que se ha escrito sobre el llamado “progresismo” en América Latina, para reivindicarlo o para criticarlo, pero nunca está de más ir más allá de declaraciones, intenciones y escaramuzas verbales, y de lo que los protagonistas expresan de sí mismos. Siempre hay lugar para examinar este tipo de fenómenos como muchos otros en proceso: a la luz de las contradicciones en las que se insertan, y sin descuidar su carácter social. Estos progresismos han tenido que actuar en una región en transición, donde todavía están presentes atavismos que chocan o también

se hibridan con la gran penetración capitalista, que se ha dado en nombre de la “globalización”, algo de lo que por cierto se habla menos de un tiempo a esta parte. A partir de una metodología hipotético-deductiva, hemos formulado la hipótesis de que los progresismos se debaten entre el papel capitalista que suele asignárseles, incluso desde el exterior, y la herencia de prácticas señoriales: esta contradicción se debe a la persistencia de una sobredeterminación política -no económica, ni social- que, siendo característica del pasado precapitalista en América Latina, resulta serlo también ahora, hasta donde las clases dominantes, que no son homogéneas, llegan a delegar en otros sectores sociales el aparato de Estado.

Con frecuencia, los análisis sobre los progresismos y otros espacios del espectro político tienen por límite el de ceñirse a dos grandes bloques, el del pueblo y el de la oligarquía, algo comprensible al cabo de décadas de influencia nacional-popular y nacional-revolucionaria². Aquí sugerimos en cambio que América Latina vive una transición no exenta de mediatizaciones, que suelen expresarse en los torneos electorales muy reñidos. Dichas mediatizaciones tienen que ver con el hecho de que, para seguir a Jaime Osorio, la burguesía juega sobre el hiato entre Estado y aparato de Estado, separándose de su administración y manejo (OSORIO, 2010, p. 76): puede delegar este último, hasta cierto punto, siempre y cuando no se radicalice al grado de cuestionar a la clase dirigente. La

² Se esté o no de acuerdo con la crítica al “autonomismo”, análisis como los de Atilio Borón y Paula Klachko adolecen, a nuestro juicio, de tres problemas: reivindican en su núcleo la clase, pero ésta se diluye en el pueblo, las masas o las “masas populares”, cambio que data de hace tiempo, y que reemplaza el hablar de trabajadores o “clase trabajadora”, aunque sin hacer obrerismo ni campesinismo, que no corresponden a las condiciones actuales. En segundo lugar, se hace referencia de manera indiferenciada a la oligarquía y la burguesía, con lo que se impide captar la heterogeneidad de las clases dominantes. Finalmente, se habla de un imperio monolítico, cuando la diferencia es marcada entre Demócratas y Republicanos en Estados Unidos, y es igualmente notoria la inclinación de los progresismos por uno de los partidos, trátase del Grupo de Puebla (que no parece ver neocolonialismo en la presencia del español José Luis Rodríguez Zapatero, del Partido Socialista Obrero Español) o de la presencia de muy connotados progresistas latinoamericanos (incluidos Fernando Haddad y Celso Amorim) en la Internacional Progresista del Demócrata estadounidense Bernard Sanders. La alianza de los Demócratas con la alta finanza (BlackRock), el gran capital transnacional (Foro Económico Mundial) y el complejo militar-industrial no parece incomodar mayormente a un progresismo latinoamericano que, creyendo ver Roosevelts, Kennedys (o Carters), no toma en cuenta los cambios demócratas desde William Clinton para acá. Véase Borón y Klachko (2019). Arkonada y Klachko (1916), cuyo texto está publicado en Cuba, adolecen del mismo problema: además, en las resistencias incluyen comportamientos *lumpen* (saqueos en Venezuela y Argentina), fracasos a la larga en el olvido (Ejército Zapatista de Liberación Nacional), levantamientos indígenas (Ecuador) que ocultan las fracturas en los pueblos originarios y la alianza de algunas organizaciones de éstos con la oligarquía (Yaku Pérez con Guillermo Lasso), la escasa atención de Lula al Movimiento de los Sin Tierra o el declive del Foro de São Paulo.

pugna por el aparato de Estado se produciría hoy entre un bloque con sectores del pueblo, capas medias y una oligarquía de origen terrateniente (sectores con frecuencia lumpenizados) y otro bloque, no forzosamente antiestadounidense, con otros sectores populares, otra parte de las capas medias y sectores no de oligarquía, sino de burguesía a la vez con anclas en el mercado nacional, en ocasiones en el regional y en el espacio transnacional (alta finanza incluida). Para este segundo bloque, con frecuente sensibilidad social, pero no forzosamente dispuesto a ceder el lugar de las capas medias al pueblo en el aparato mencionado, hacer llamados al mismo pueblo no estaría reñido con adoptar “capitalismos serios” e intereses transnacionales; quedaría por saber si puede desprenderse entre otros de los atavismos que describimos aquí. El socialismo no tiene nada que ver en el debate, contra lo que sugieren algunos: aquél es el horizonte no del pueblo, sino de los trabajadores, algo muy distinto, y no es cuestión ya del “socialismo del siglo XXI” (Venezuela y Ecuador), ni se habla tanto de “socialismo comunitario” (Bolivia, donde se trata más bien del original “capitalismo andino-amazónico”), a reserva de la lectura no simplificada que pueda hacerse del socialismo cubano (sin burguesía) y del socialismo cristiano nicaragüense (con burguesía antioligárquica), ambos no exentos de rasgos en común con regímenes nacional-populares. En estas circunstancias, los progresismos intervienen en la disputa por el aparato de Estado buscando ser la clase reinante -que no es propiamente una clase, pero llega a tener cohesión y espíritu de cuerpo (OSORIO, 2010, p. 76) - en la que una fracción de la dirigente delegue un poder político que no deja de ejercer fascinación. Curiosamente, el aparato de Estado así delegado, y que es confundido con el Estado, llega a ser el pararrayos -al aparecer como si estuviera por encima de la sociedad (OSORIO, 2010, p. 79) - de un descontento que se expresa contra la política y los políticos, pero que no toca al problema de las clases dominantes en la economía ni su hegemonía social.

Después de examinar algunas pervivencias del pasado, en particular en las formas de violencia y de personalismo, a partir de la distinción de

Foucault entre soberanía y biopoder, mostramos cómo se han forjado con el paso del tiempo alianzas políticas nuevas, larvadas, que, hay que insistir, van más allá de dos dicotomías pueblo/oligarquía y nación/imperialismo. Concluiremos insistiendo en algunas contradicciones de la alianza o bloque progresista, no sin considerar que no hay verdaderamente “oleadas” con toda la fuerza que ésto supondría.

2 Soberanía, no biopoder

De las transiciones a la democracia emprendidas en muchos países de América Latina desde mediados de los años '80 y de procesos paralelos, como el de México, país que en el año 2000 no salía de una dictadura, podía esperarse que se propagara un comportamiento cívico, de ciudadanos. Tal vez no sea la mejor manera de hacerlo notar, pero no ocurrió como podía esperarse, en la medida en que la violencia no se ausentó, sino que cambió de forma, manteniendo a la región como la más violenta del mundo, e incluso a países como México como más violentos que unos en guerra como Siria en su momento.

Las formas de matar están codificadas. En un país latinoamericano, nadie se espera al asesino serial (aunque llega a haberlos), como el “carnicero de Milwaukee”³, ni al estudiante que llegue a la escuela a disparar contra todos, estudiantes y profesores. De la misma manera, ciertas formas de crueldad están ausentes en los países centrales, donde no se naturalizan los cuerpos colgados de puentes⁴ o descuartizados⁵, ni las cabezas sueltas a modo de mensaje a un grupo criminal rival. La policía tampoco es forzosamente tan brutal como puede serlo en una favela de Río de Janeiro, y los motines carcelarios, de Brasil (en particular en 2017, con participación del Primer Comando de la Capital) a México, pasando por

³ Jeffrey Dahmer asesinó de manera macabra a 17 personas entre 1978 y 1991 en Estados Unidos. Practicaba el canibalismo. Aunque llegan a existir, los asesinos seriales son cosa más bien rara en América Latina.

⁴ Esta es en México una práctica que ya existía en una variante durante la guerra cristera (1926-1929), por ejemplo.

⁵ En la guerra cristera ya mencionada, los cristeros cortaban las orejas de sus enemigos, lo que también hicieron los conservadores contra los liberales durante La Violencia en Colombia a partir de 1948.

Ecuador, no son para nada frecuentes en el centro, por contraste con la periferia. Lo dicho no exculpa la violencia colonial de antaño, pero no es usual en las metrópolis. Si se quiere decir al modo de Foucault, no es igual la manera de disponer de los cuerpos en la violencia. No lo era en tiempos de las dictaduras, que torturaban a su propia población, cosa distinta de metrópolis o de imperios como el estadounidense que lo han hecho con otros, al grado de asesorar a las dictaduras mencionadas⁶.

Salvo excepciones, la respuesta a la violencia multiforme -del crimen organizado, sobre todo el narcotráfico, a las pandillas- ha sido más bien ineficaz⁷. Las ciudades latinoamericanas, en especial de México, Colombia y Brasil, seguían hasta hace poco llenando el *ranking* de las 50 más violentas del mundo, al lado de unas contadas estadounidenses y sudafricanas⁸. Esta violencia siguió siendo la misma o incluso peor (en sus formas) que la de tiempos pasados y hasta antiguos -de la Conquista- en muchos lugares de América Latina. Recogiendo a Foucault, no se trata de biopoder ni de disciplinamiento, aunque existan, sino de una violencia propia de la soberanía, con la ventaja sobre y la disposición de la víctima. Si se admite este hecho, quiere decir que, por lo menos en ciertos sectores de la sociedad latinoamericana, el paso a la democracia se traslapó con la sobrevivencia de formas de violencia antiguas y precapitalistas, si se

⁶ Lo dicho no impidió que torturadores franceses de la guerra de Argelia, o ex nazis asesoraran las torturas en varios países del Cono Sur, como en los casos más conocidos de Argentina y Bolivia. También está la represión de 1961 en París contra la población argelina, incluyendo la llamada "masacre de Charonne". El prefecto de la policía, Maurice Papon, había sido un antiguo colaborador de los nazis. Sin embargo, en la actualidad es difícil que la policía francesa pueda actuar contra inmigrantes que la maltratan, lo que llevó hace poco a una ola de suicidios entre policías.

⁷ Una excepción notoria es el actual gobierno salvadoreño, en un país con decenas de miles de pandilleros, y en donde los homicidios se han reducido a cero por periodos prolongados.

⁸ En 2021, entre las 50 ciudades más violentas del mundo estaban 17 mexicanas. Había 11 brasileñas, 7 estadounidenses y 3 sudafricanas. En total, 40 eran latinoamericanas. Al examinar la lista, que se publica desde hace unos 15 años, no se puede correlacionar pobreza o pobreza extrema y violencia. Curiosamente, en algunas de las regiones más pobres de México, como el estado de Chiapas, están las ciudades más seguras (Tuxtla Gutiérrez). La excepción es León (Guanajuato), municipio con el mayor número de pobres en el país (en términos absolutos). Tampoco es el caso de Colombia, aunque sí tiende a haber en Brasil relación entre violencia y ciudades nordestinas. Los tradicionales barrios o vecindarios muy pobres y al mismo tiempo *lumpen* en América Latina, como Tepito en la Ciudad de México o la localidad de Colón en Panamá, son peligrosos, de larga data, pero no están entre los más inseguros, como tampoco gigantescas localidades-tugurio como Ecatepec en México. En México y Colombia, parte del drama tiene que ver con la disputa por las rutas de la droga. El norte/noreste de Brasil no está exento, al haberse convertido en objeto de disputa entre el Primer Comando de la Capital y el Comando Rojo (Comando Vermelho). El norte de Brasil es una ruta de drogas. Apenas llegado al gobierno, Lula tuvo que enviar fuerzas federales a la región (Natal, con presencia del Sindicato del Crimen, contrario al Primer Comando de la Capital). Es curioso constatar cómo Puerto Príncipe, capital haitiana en manos de bandas armadas, no aparece en 2023 entre las 50 ciudades más inseguras del mundo (incluso habiendo en Haití un intenso tráfico de droga).

conviene en que la soberanía de la que habla Foucault corresponde a los tiempos feudales. Otra parte de las sociedades latinoamericanas permaneció indiferente a las crueldades descritas, como si ocurrieran en otro lugar. Puede colegirse que no se instauró con las democracias un sentido pleno de la ciudadanía ni de la igualdad. Como se ha dejado entrever, lo dicho no significa que el biopoder y su disciplinamiento no hayan llegado a América Latina, al menos a ciertos sectores de la población. Siempre en términos de Foucault, no hubo transición de la soberanía al biopoder y la disciplina, como en el siglo XVIII francés, sino que ambas modalidades pasaron a coexistir. En la medida en que en la política del soberano en la forma de matar cuentan el suplicio (hacer sufrir) y su puesta en escena para escarmiento, no se excluye, en algunos de sus rasgos (no en todos), lo que Rita Segato (2019) llama pedagogía de la crueldad, ciertamente con su mandato de masculinidad -potencia y espectacularización de la misma, lo que sí implica una ritualización- y las reglas de la fraternidad (pares o cofrades), que por lo demás pueden convertir al soberano de hoy en la víctima de mañana.⁹ Dicho de otro modo, la crueldad no está presente en todas las formas de matar y no lo está en el biopoder, en el cual en todo caso tiende a ser más bien excepcional, al impedir lo que la autora llama una gramática compartida la suspensión de las *normativas que dan previsibilidad y amparo* (SEGATO, 2019). Achille Mbembe (2011) señala correctamente la ausencia de legalidad (MBEMBE, 2011, pp. 83-86) y por ende de ciudadanía en determinados “estados de excepción”, pero cabe discrepar, al igual que con Segato, sobre el alcance de la cosificación y mercantilización capitalista de las personas, incluso en lugares como las “casas de pique” (descuartizamiento en vida) colombianas: prueba de ello sería el bajo involucramiento de los cárteles de la droga en la trata de personas, en particular de mujeres¹⁰. Es probable que tanto en Segato como en Mbembe no termine de diferenciarse claramente

⁹ Al mismo tiempo, la periodista mexicana Anabel Hernández ha logrado mostrar la complicidad de más de una mujer con el mandato masculino, en *Emma y las otras señoras del narco* (HERNÁNDEZ, 2021).

¹⁰ En México, la excepción está en los cárteles del noreste (Golfo/Zetas/Noreste), pero cuando ya han perdido o han visto interrumpido el negocio del tráfico de drogas.

lo que distingue a la política del soberano del biopoder, que “deja morir”, algo distinto de “hacer morir” o designar lo que “debe morir”, como ocurre “por mandato” en Colombia contra los líderes sociales.

Foucault da dos pistas interesantes sobre la soberanía. En ésta, no hay simetría, es decir que no hay igualdad (FOUCAULT, 2001, p. 49), sino una relación de soberano a súbdito (la palabra “súbdito” se dice igual que “sujeto” en francés, *sujet*), con sumisión del segundo. Pese a un capitalismo generalizado, una parte de las sociedades latinoamericanas conservó este rasgo ajeno a la ciudadanía: el “hombre jerárquico” antes que el “igual”, pese a apariencias en contrario con cierto relajamiento de las costumbres. Escribe Foucault: “la vida y la muerte de los súbditos sólo se convierten en derechos por la voluntad soberana” (FOUCAULT, 2001, p. 218), es decir que el súbdito no existe sino como prolongación de la (buena o mala) voluntad del soberano. Siempre siguiendo a Foucault, es posible pensar en la herencia de la Conquista, puesto que la disimetría implica que se perfilan “la depredación, el saqueo, la guerra” (FOUCAULT, 1994, p. 62). En este tenor, la manera de hacer morir en la política del soberano pasa por el suplicio, “producción diferenciada de sufrimientos” y “ritual organizado para la marcación de las víctimas y la manifestación del poder que castiga” (FOUCAULT, 1994, p. 40), bien conocido del Medioevo o de la Inquisición, pero también, hasta hace pocas décadas, de la ranchera y el bolero mexicanos, el pasillo ecuatoriano, el vallenato colombiano o el huayno peruano. Es una forma no disciplinaria de castigar. Sobrevive en cierto tipo de música asociada al narcotráfico, como por ejemplo en la banda sinaloense mexicana, aunque no toda. Al mismo tiempo, si la soberanía, a juicio de Foucault, “hace morir” y “deja vivir” (es el derecho de vida o muerte, de espada), a diferencia del biopoder, la historia del “ellos no se meten contigo si tú no te metes con ellos” deja entender que el narcotráfico “deja vivir”, y es correspondido, por así decirlo, por sectores de la sociedad que lo “dejan vivir”. El crimen organizado no “deja morir”: mata, “hace morir”. La actitud de los mundos político y empresarial hasta hace poco en países como México o Colombia es similar: a discreción, “deja vivir”,

tolerando, lo que más difícilmente le está permitido a una oposición radical, como lo ejemplifica hasta hace poco la misma Colombia¹¹.

La forma de integración de base al capitalismo puede desintegrar la sociedad más atrasada: lo que está detectado en la economía tendría entonces también lugar en la sociedad. En este proceso de desintegración coexistirían polos de biopoder -en la misma indiferencia, para “dejar morir” lo no explotable- con “poros” de soberanía: lo que esto indicaría es que se estaría repitiendo un viejo patrón de modernización de fachada, sin llegar a un cambio verdadero que lleve al paso -no nada más económico y extranjerizante- a un disciplinamiento que tendría por lo demás como peculiaridad un espacio para el individualismo que, según Foucault, es ajeno a la “soberanía”. Se puede pasar entre algunos de la sumisión a una libertad vista como “derecho a la anarquía”: es probable que ni derecha ni izquierda hayan sabido colmar este vacío. Queda una hipótesis más dura: en la hibridación, algunos sectores sociales “hacen vivir” para lograr el máximo rendimiento, pero también “hacen morir” de no conseguirlo: esta posibilidad cabe en el crimen organizado y nuevas formas de violencia como el feminicidio, en ocasiones¹².

3 Un personalismo que persiste

Pese a ciertas tentaciones, como en la manera de armar un equipo de gobierno de Jair Bolsonaro en Brasil o de expulsar del país al presidente boliviano Evo Morales, América Latina prácticamente ya no tiene mandatarios de origen militar o guerrillero: queda la única excepción de Daniel Ortega en Nicaragua, como llegaron a quedar hasta hace algún

¹¹ Personalidades del narcotráfico llegan a codearse “en sociedad” con altos políticos, pero, por contraste, Colombia tenía hasta hace poco el *récord* mundial de líderes sociales ultimados. En México, no es raro que se sepa *vox populi* dónde están los narcotraficantes, pero hay una forma social de tolerancia.

¹² El crimen organizado puede buscar “hacer vivir” mientras esto permite el máximo rendimiento del “explotado”, como sucede cuando narcotraficantes incursionan en la minería (Michoacán, Coahuila hasta hace algún tiempo en México), pero a fin de cuentas pesa sobre el reacio la amenaza de ser ejecutado. El biopoder, como “hace vivir” para extraer el máximo rendimiento y, si no, “deja morir” en la indiferencia, es más propio de las empresas transnacionales en América Latina, y no exactamente de agentes políticos.

tiempo las de José Mujica en el Uruguay (2010-2015) o Dilma Rousseff (2011-2016) en Brasil (la salida de Raúl Castro y la llegada de Miguel Díaz-Canel en Cuba a partir de 2019 marca un hito). Terminó Salvador Sánchez Cerén en El Salvador (2014-2019), pero también Ollanta Humala en el Perú (2011-2016), y falleció Hugo Chávez en Venezuela (1999-2013).

Marx y Engels no creían mayormente en un determinismo económico, y el segundo lo negó explícitamente en una carta a Joseph Bloch en 1890 (MARX; ENGELS, 2012, p. 717-718)¹³. Para Samir Amin, el capitalismo se caracteriza por el “economicismo” a diferencia de las sociedades precapitalistas, en las cuales la instancia predominante suele ser la religiosa-ideológica-metafísica (AMIN, 1997, p. 58). No faltan ejemplos. El mundo maya, por ejemplo, se habría venido abajo porque la religión y la guerra predominantes supusieron una carga excesiva que agotó las condiciones económicas de reproducción. Menos aún debiera desconocerse lo ocurrido con el imperio español, señorial: nunca pudo sostenerse sobre bases económicas sólidas ni pasar al capitalismo habida cuenta del predominio de la guerra y la religión, además del dispendio cortesano, que llevaron al desperdicio de la riqueza obtenida de América y en buena medida a su paso a otros lugares de Europa Occidental.

Hasta hace poco, una característica del subdesarrollo era el mismo predominio precapitalista. Las cosas no cambiaron sino de manera muy reciente, si se hace caso de las figuras presidenciales: en parte a partir de Vicente Fox en México (2000-2006), gerente de empresa (Coca-Cola), otros empresarios llegaron al gobierno, como Sebastián Piñera en Chile (2010-2014 y 2018-2022), Mauricio Macri en Argentina (2015-2019), Pedro Pablo Kuczynski en Perú (2016-2018), Guillermo Lasso en el Ecuador (2021-) y Ricardo Martinelli (2009-2014) y Juan Carlos Varela en Panamá (2014-2019), a los que cabe agregar el asesinado Jovenel Moise en Haití (2017 hasta ser asesinado en el 2021) y el muy peculiar Nayib Bukele en El Salvador (2019-). No son pocos, y dan muestra del “economicismo” ya

¹³ El “economicismo” es propio del capitalismo, no del marxismo que lo analiza, salvo en ciertas corrientes de interpretación.

descrito, sobre todo en la medida en que pasó con frecuencia a creerse que la creación de riqueza depende no del trabajo, sino de la inversión y, con ella, de la “confianza de los mercados”. Con todo, con la excepción de Bukele, fracción burguesa antioligárquica y contraria en este sentido a la Alianza Republicana Nacionalista (ARENA), en la mayoría de los casos se ha tratado de incursiones infructuosas.

Foucault destacaba el carácter personalizante de la soberanía y la relación entre soberano y súbditos: “por un lado, cuerpos, pero no individualidad, por otro, una individualidad, pero una multiplicación de cuerpos” (FOUCAULT, 2007: 66). Más de un gobierno progresista en América Latina pasó a depender en mucho de una sola figura: Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011, 2023-) en Brasil (Fernando Haddad no consiguió nada comparable), pero también Evo Morales (2006-2019) en Bolivia, Hugo Chávez (2002-2023) en Venezuela, Daniel Ortega (1985-1990 y 2007-) en Nicaragua, Rafael Correa (2007-2017) en el Ecuador y, a su manera, Andrés Manuel López Obrador (2018-2024) en México, en un tipo de régimen conocido por su fuerte presidencialismo. Esta fuerte dependencia de una sola persona no deja de recordar el pasado precapitalista, sin que se pueda hablar empero de “caudillos”, pero sí tal vez, como lo expresara en México el estudioso Jorge G. Castañeda, de resabios de “pensamiento mágico” (CASTAÑEDA, 2021). A la par con lo señalado sobre el advenimiento de empresarios, este rasgo personalizante da cuenta a su manera de la hibridez de la transición latinoamericana.

En algunos casos, el problema está en que persistió la política por encima de la economía, aunque sin ser una política plenamente moderna. A falta de un mercado interno con posibilidades para prosperar desde abajo, “la política”, con frecuencia mal entendida y no sin tintes de religión (comulgar con una figura carismática), ideología (en nombre de un pueblo difícilmente definible en sus contornos) y metafísica (la reiterada interrogante identitaria), fue el vehículo para hacerse de negocios en la región, lo que no exime por lo demás a los empresarios mencionados. Por mucho tiempo, y en buena medida con México como modelo, “la política”

predominó sobre la economía, al mismo tiempo que se creó una simbiosis corrupta, de la que no estaban exentos, en sus versiones más caricaturescas, dictaduras como la del dominicano Rafael Leónidas Trujillo o la del nicaragüense Anastasio Somoza Debayle: el control político-militar permitía hacer punciones sobre la economía, por ejemplo en el sistema de aduanas (Trujillo, años 1930 y 1940) o sobre la ayuda mandada desde el exterior para paliar los efectos de un terremoto (Somoza, 1967-1979). No es que los gobiernos progresistas mencionados hagan lo mismo, pero no dejaron de conservar la “sobredeterminación de la política” (de política no profesionalizada, algo típico de los regímenes señoriales o de los caudillismos)¹⁴, sobre todo para operar cierta redistribución de riqueza, por lo demás limitada, salvo excepciones, y no sobre las condiciones de producción, desde expropiaciones hasta reformas agrarias. El caso de Lula, alguna vez estudiado por Mylène Gaulard (GAULARD, 2011, p. 111-134), es significativo: redistribuyó al mismo tiempo que, bajo sus primeros mandatos, Brasil se desindustrializaba y estaba lejos de resolver el gravísimo problema de la tierra. En México, con la excepción del litio, López Obrador no tocó en nada una estructura de producción subordinada por completo por el libre comercio acordado con Estados Unidos y Canadá, así haya habido redistribución con las ayudas sociales.

En el pasado, la soberanía (en este caso, nacional, no en el sentido de Foucault), más allá de las formalidades, pudo interpretarse sobre todo a partir de una base política, antes que económica, una de las razones que dio al traste con la ISI (industrialización por sustitución de importaciones), a la larga aprovechada por empresas transnacionales estadounidenses en la segunda posguerra. La soberanía “irrenunciable” era un modo de apropiarse de parte del excedente desde la posición política o, si se quiere, desde el Estado. Incapaces de levantar una economía, las antiguas oligarquías confiaban la tarea de hacerlo al capital extranjero, pero desde el poder político se reservaban su derecho a una tajada, en forma de renta o

¹⁴ El gobierno boliviano de Luis Arce es el primero en buscar resolver el problema: nombra en cargos a personalidades que saben de los mismos, antes que recompensas ideológicas, lo que no dejará de causar cierto descontento en parte del Movimiento al Socialismo (MAS)

alquiler, si se quiere. A su modo, es lo que heredó y practicó el oficialismo mexicano y que se consagró en plena crisis, a partir de 1988 en particular. Es probable que algo de lo mencionado haya quedado, no forzosamente bajo una forma corrupta, entre algunos progresismos: un papel de intermediación, para lo cual resultó clave la conquista del poder político al mismo tiempo que no se hizo mayor cosa para nacionalizar la producción. No es de descartar que más de un político-activista progresista no tuviera una idea clara de la economía, ni de la contradicción entre abogar por la soberanía política (aunque en muchos casos tampoco se hiciera con demasiada fuerza) y dejar la economía, y en particular la producción, a merced abrumadora del capital extranjero. Desde este punto de vista, gobiernos como el de Lula, Cristina Fernández de Kirchner o Andrés Manuel López Obrador estuvieron tomando las direcciones más contradictorias, algo que no podía dejar de notar una parte de la sociedad. Dicho sea de paso, no fue la manera de antaño de “congelar” las contradicciones en nombre de la unidad nacional y con la corporativización de las masas: si el populismo clásico latinoamericano tendía a ser aglutinante, los gobiernos progresistas recientes se encontraron en cambio en sociedades polarizadas, con la peculiaridad de un Brasil a la búsqueda de un “hombre fuerte”...en dos versiones de significados ciertamente distintos, lo que impide hablar de Bolsonaro, pero también de Lula, como populistas.

Lo que cuenta aquí, entonces, es el no haber sabido salir de la primacía de la política no profesionalizada, no exenta de las viejas usanzas de la maniobra con las masas (“cuerpos para una individualidad”), ni de un ámbito puramente redistributivo, si bien cabe hablar de excepciones parciales como las de Bolivia y Ecuador bajo Correa, que en más de un aspecto y no sin dificultades enrumbaron hacia el desarrollo: es probable que parte de esta capacidad tenga que ponerse a cuenta de Correa y del ex vicepresidente boliviano Álvaro García Linera, ambos con una fuerte capacidad conceptual/académica, lo que no nos parece menor. En otros casos, más de un proceso no resiste mucho a la ausencia de una persona o

a su no presencia: el gobierno chileno de Gabriel Boric, nacido de una revuelta en 2019-2020 que no fue popular, se estrelló tempranamente con la sombra del pinochetismo de José Antonio Kast.

4 Las nuevas alianzas, pero larvadas

A principios del siglo XX, salvo excepciones, las oligarquías terratenientes habían alcanzado su apogeo, y su decadencia habría de demorar, en particular frente a la llegada modernizante del capital estadounidense (CARMAGNANI, 1976, pp. 157-200). De acuerdo con la interpretación que propone Javier Garciadiego, la Revolución Mexicana hizo triunfar a la clase media (GARCIADIEGO, 2010). Habida cuenta de sus debilidades, esta clase oscilaba en aliarse con dichas oligarquías o con el extranjero “modernizante”. En la etapa anti-extranjerizante, es probable que las capas medias hayan conservado rasgos o influencias oligárquicas, como ocurrió hasta cierto punto en México.

A partir de 1959, con el triunfo de la Revolución Cubana, es posible encontrar un punto de quiebre: radicalización de parte de las capas medias, insistamos en que siempre sin perder rasgos oligárquicos, contra el extranjero imperialista, hasta los años '70; se trata de rasgos que se encuentran por ejemplo en algunos aspectos del régimen sandinista nicaragüense; y por otra parte, orientación de otro sector de capas medias hacia la admiración de todo lo estadounidense. Esta escisión no habría hecho más que reflejar la unidad contradictoria de la alianza entre oligarquías terratenientes y el capital extranjero de predominio estadounidense, ambos interesados en mantener barata la mano de obra y en extraer recursos naturales, pero en disputa por la parte de excedente a llevarse (bajo la forma de ganancia extraordinaria para el segundo o de renta para las primeras). Así pues, el eventual enfrentamiento nación/imperio tal vez no siempre fuera tan evidente, y mucho menos al margen de las clases dentro de los países latinoamericanos. No eran

tiempos en que se exacerbaba la confrontación entre pueblo y oligarquía, salvo en casos contados, como en México durante la fase armada de la Revolución o en la Revolución Nacionalista Boliviana de 1952. Una prioridad nacionalista podía servir para amortiguar un conflicto interno (el varguismo contra Prestes, por ejemplo...).

A partir de los años '70 y más aún de los '80, con frecuencia con naciones hipotecadas por el endeudamiento externo y en rápida urbanización, las oligarquías referidas fueron cambiando, hasta asociarse con frecuencia con el capital transnacional. Al mismo tiempo, el capital estadounidense fue poco a poco dejando de tener interés en un control directo o semidirecto, desde finales de los '80, luego de las invasiones a Granada (1983) y Panamá (1989), para privilegiar el consentimiento "gramsciano", según lo expresado en los Documentos de Santa Fe II, salvo en Haití, donde el Brasil de Lula jugó con la MINUSTAH (Misión de Estabilización de Naciones Unidas en Haití) un papel ambiguo, puesto que excluyó del gobierno a Jean-Bertrand Aristide. A la par de la penetración económica, pese a la diversificación de orígenes de los capitales, Estados Unidos se impuso en el llamado "poder blando", en particular el de los medios de comunicación masiva. En estas condiciones, las antiguas oligarquías perdieron sus habituales resortes de dominación, al mismo tiempo que Estados Unidos se desinteresó del injerencismo demasiado abierto para preferir el control en medio del "caos controlado". Es así que, luego de un periodo difícil en los '80, por los programas de ajuste estructural, las capas medias terminaron por convertirse en más de un caso en lo que desde mucho tiempo atrás había visto Mariátegui: la base de legitimación de la extranjerización, sin renunciar a la captura del poder para estar en condiciones de negociar con el exterior, así fuera ya no una tajada, sino ciertos matices en la visión de país, manteniendo la soberanía política, así quedara apenas como cascarón, y la alianza con "los pobres" y una parte de los empresarios, interesados en que se les creen clientes con cierta solvencia. Todo radicalismo se acabó, al grado de que el gran capital no tendría inconveniente en delegar el gobierno en parte de capas medias. Las capas medias progresistas, no

ajenas a cierta sensibilidad social, aunque sin darle protagonismo al “pueblo”, se inclinaron esta vez por la alianza con Estados Unidos, al menos en la versión Demócrata. Mariátegui escribía desde principios del siglo XX:

(...) ¿los intereses del capitalismo imperialista coinciden necesaria y fatalmente en nuestros países con los intereses feudales y semif feudales de la clase terrateniente? ¿La lucha contra la feudalidad se identifica forzosa y completamente con la lucha antiimperialista? Ciertamente, el capitalismo imperialista utiliza el poder de la clase feudal, en tanto que la considera clase políticamente dominante. Pero sus intereses económicos no son los mismos. La pequeña burguesía, sin exceptuar a la más demagógica, si atenúa en la práctica sus impulsos más marcadamente nacionalistas, puede llegar a la misma estrecha alianza con el capitalismo imperialista. El capital financiero se sentirá más seguro, si el poder está en manos de una clase más numerosa, que, satisfaciendo ciertas reivindicaciones apremiosas y estorbando la orientación clasista de las masas, esté en mejores condiciones que la vieja y odiada clase feudal de defender los intereses del capitalismo, de ser su custodio y ujier.” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 122).

En este sentido, para el pensador peruano, la pequeña burguesía puede terminar apareciendo como “más apta para garantizar la paz social (...) (MARIÁTEGUI, 2010, p. 122),, si bien es más conveniente hablar de capas medias (que incluyen a la pequeña burguesía).

Es un tipo de situación más clásico de lo que se supone, aunque encuentra en América Latina y en Estados Unidos su punto de arranque en la segunda posguerra, cuando quiso darse por terminado el conflicto de clases gracias a la “clase media” (y al papel que en América Latina le reservaba por ejemplo la Alianza para el Progreso). Marx y Engels sostenían que a las clases dominantes no les gustaba forzosamente el gobierno, y mucho menos hacerse visibles directamente, por lo que podían delegarlo¹⁵. Siempre habría el riesgo de que aquéllos en quienes se delegaba el gobierno actuaran por cuenta propia y más allá de los límites establecidos.

¹⁵ Se definen “capas ideológicas y políticas” en el Estado en la medida en que no son ubicables en el proceso de producción ni, de manera muy clara, en la esfera económica en general. Puede tomarse el caso del presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, hijo de pequeños comerciantes, pero activista sin oficio, o de la jefa de gobierno de la Ciudad de México, Claudia Sheinbaum, hija de científicos y ella misma científica de origen, pero ubicada en lo fundamental como activista. En ambos casos está ausente el “oficio político” propiamente dicho (profesionalizado sobre todo como autoridad legal, antes que carismática y tradicional, para decirlo en términos weberianos). Jaime Osorio retoma la expresión de “clase reinante” -clase que administra el poder del Estado- para referirse al peso desmesurado de lo que llama “pequeña burguesía”, pero que abarca en realidad un espectro de capas medias más amplio. (OSORIO, 2017). El tema de la autonomización de estas “capas” está tratado por Domenico Losurdo a propósito de los países socialistas (LOSURDO, 2007: 105), sobre la base del estudio de Marx a propósito de Luis-Napoleón Bonaparte. Se incluyen también “capas militares”.

Sin embargo, no es descabellado pensar que en el progresismo se haya dado un delegamiento de este tipo para administrar la crisis y, también, para crear en cierta medida, gracias a los programas sociales, clientes solventes para un gran capital en crisis y en búsqueda de mercados: después de todo, Bolsa Familia pudo ser del agrado del Banco Mundial.

Marx y Engels plantean en *La ideología alemana*, lejos también del determinismo, la posibilidad de que en determinados períodos históricos se separen de la burguesía comprometida en la economía capas ideológicas y políticas que se hacen cargo del gobierno y que pueden llegar incluso hasta la “escisión” de aquella (LOSURDO, 2007). La reacción es rápida cuando asoma este riesgo, como lo muestra por ejemplo la llegada de Pedro Castillo al gobierno peruano o la reacción de una parte del empresariado (representado en la Coparmex) contra cualquier actitud frontal de López Obrador en México. Al mismo tiempo, debe considerarse la añeja dificultad del empresariado – habida cuenta de su debilidad relativa- para llevar las riendas de los países latinoamericanos, por lo que el arbitraje es frecuente: con la excepción de México desde 1929 y de Costa Rica a partir de 1948, es por mucho tiempo la función del “cesarismo” militar. En estas condiciones de debilidad para gobernar, que llega a terminar por afectar a aquéllos en quienes se delega el gobierno, no es difícil pensar en el relevo de parte de las capas medias y “capas ideológicas y políticas” afines -donde puede ocasionalmente colarse un antiguo obrero metalúrgico, si la necesidad de acomodo al centro lo exige-: ahora es para garantizar mercados no nada más a una parte del empresariado nacional, sino a cuanta inversión extranjera lo desee, lo que en otros tiempos habría sido tomado incluso por “neocolonialismo”, aún sin serlo, considerando que Estados Unidos nunca tuvo colonias en América Latina (Puerto Rico no lo es). López Obrador es también Grupo Carso, como Lula es Henrique Meirelles, cuando predomina la alta finanza, pero no está para sentarse en la silla presidencial.

“Neocolonialismo” fue una palabra que quiso dar cuenta de un proceso específico: el de la presencia de antiguas metrópolis en sus antiguas

periferias ya no mediante una administración colonial directa (y mediante colonos), sino con procedimientos indirectos, “informales”, como la presencia de inversiones extranjeras (en la producción o en las finanzas, como por ejemplo los bancos españoles en México). Estados Unidos tendió a actuar de otra manera: no nada más en la economía, sino también de formas de “poder blando”, desde las organizaciones no gubernamentales (ONGs) para influir en la sociedad civil, como se lo proponían los Documentos de Santa Fe II, hasta poderosísimos medios de comunicación masiva, pasando por las inversiones de empresas transnacionales¹⁶. No puede tratarse en este caso de descolonizar, porque esta forma de poder jamás se presentó como colonial, sino a la larga como “natural” -consustancial a los “derechos y libertades”-, y en este sentido como un universalismo, no como un culturalismo, aunque lo sea (si bien entremezclado con el universalismo capitalista)¹⁷. Para una parte del imperio estadounidense, tampoco puede decirse que esté directamente en el relevo de la colonialidad del poder, entendida como distinta del colonialismo: no hay inconveniente en tener a Kamala Harris¹⁸, Lloyd Austin¹⁹ o Alejandro Mayorkas²⁰ en el gobierno, como no lo hay desde hace ya buen tiempo en tratar con pueblos originarios latinoamericanos²¹, por ejemplo (los británicos también habían hecho lo suyo)²², mientras el “poder blando” no sea cuestionado en lo que llega a encubrir: la explotación y la dominación “informal” . No es tan nuevo. Estados Unidos ayudó a Puerto Rico, pero también a Cuba y Filipinas a dejar de ser colonias mediante la

¹⁶ El hecho de que en más de un lugar se reivindique a los “afrodescendientes” no impide que se deje por completo en el olvido a un “país ONG” como Haití, con el que los Demócratas estadounidenses (Fundación Clinton) lucraron, destinando fondos...que fueron a parar ante todo a los bolsillos de las ONGs, un tipo de negocio que fue denunciado recientemente en El Salvador.

¹⁷ Es preciso distinguir, en lo que propaga Estados Unidos, la parte de capitalismo de la de culturalismo estadounidense.

¹⁸ Primera mujer en ocupar la vicepresidencia, es hija de padre jamaicano y madre hindú tamil.

¹⁹ Siendo negro, ocupa la secretaría de Defensa con Joseph Biden. Mismo caso para la representante de Estados Unidos ante Naciones Unidas, Linda Thomas-Greenfield.

²⁰ Secretario de Seguridad Nacional, nacido en Cuba, y bajo la presidencia de Joseph Biden.

²¹ Un ejemplo es el largo trabajo estadounidense con grupos indígenas ecuatorianos, aunque algunos de sus líderes hayan terminado por rechazar la “política de las reservaciones”. Gracias al hecho de que conservan una visión estamental, algunos de estos grupos no tienen inconveniente en hacer alianza con la oligarquía más retrógrada.

²² Los británicos practicaban una política diferenciada: en el Caribe se aliaron por ejemplo a los indígenas de la Mosquitia nicaragüense, en el siglo XIX (“reino misquito” hasta 1860-1894), dejando un legado complicado no para “los europeos”, sino para Nicaragua. Los británicos no dejaron de tener cierto papel favorable a los indígenas mayas en la península de Yucatán durante la “guerra de castas” a mediados del siglo XIX.

guerra hispanoamericana, así fuera para imponer en Cuba un semi-protectorado con la Enmienda Platt, abolida en 1934. Hay más: en 1918, con sus 14 puntos, el presidente estadounidense hizo suya la descolonización de Europa Oriental, al reclamar explícitamente la autodeterminación nacional -pero también de los pueblos (punto 5)- ante el derrumbe de los imperios austrohúngaro, ruso y otomano. Luego, pese al saldo de lo ocurrido en Vietnam, Estados Unidos aspiró a ir tomando el lugar que, al caer, iban dejando los imperios coloniales británico y francés, pero también a la larga español y portugués. Esta lucha acabó vinculándose con el reconocimiento formal a las minorías en Estados Unidos, dejando atrás las prácticas supremacistas blancas más odiosas, y atrayendo a personalidades emblemáticas hasta tener incluso un presidente de origen keniano y mulato, Barack Obama. No sin antecedentes, Estados Unidos terminó por aparecer como lo contrario de lo que solía ser: pasó a ser el país de la “inclusión”, gran factor de atracción para el sur latinoamericano, aunque hubiera más de un ribete de estafa. No es tan sencillo hablar entonces de colonialidad global, basada en jerarquías etno/raciales, como lo hace por ejemplo Ramón Grosfoguel (Grosfoguel, 2022, p. 93), sobre todo que la noción de “etnia” llega a ser dudosa: en efecto, los grupos nacionales que llegan a Estados Unidos dejan de ser nacionales, pero como hay que distinguir dentro de cada raza, se habla entonces de “etnias”, para proyectar luego esta visión en el exterior, por errónea que sea. No es que la discriminación racial, a su vez, no esté presente, pero lo propio de la habilidad estadounidense está en desviar hacia las minorías o las mujeres el problema más central de la explotación en el trabajo, lo que explica involuntariamente Grosfoguel cuando recuerda que Estados Unidos es ya más un país de consumo que de producción (Grosfoguel, 2022, p. 330): las identidades, “fijadas” y esencialistas, son con frecuencia más para consumo que otra cosa, sin que se resuelva en cambio el problema planteado por la “mentalidad de gueto”²³. Fijada una

²³ Después de todo, pese a lo sucedido en el caso de George Floyd, hay en Estados Unidos más negros que asesinan a negros que blancos que asesinan a negros.

“identidad”, no puede evolucionar si se impone lo que Ricardo Pérez Montfort y Ana Paula de Teresa (2020) llaman una razón cultural, que está hecha para opacar las contradicciones sociales. Si por lo demás hay explotación del trabajador, a nivel doméstico hay dominación sobre la pareja, pero no explotación, como tampoco hay forzosamente “explotación cultural” (entre culturas), por más que exista dominación, ni mucho menos entre Estados. El discurso libertario contra “toda dominación” puede dejar intocado el problema de la explotación, que deja de verse y entenderse: el capitalismo ofrece así la libertad mientras el tema mismo de la explotación permanezca intocado.

Es probable que no haya problema en América Latina para los resabios de una oligarquía terrateniente acostumbrada a la alianza con el capital extranjero, hasta quedar en posición subordinada, ni para sectores del empresariado industrial (como el de Monterrey en México) que, por debilidad, acabaron igualmente en una posición como la descrita. En este sentido, las clases dominantes locales en cierto modo se suicidaron políticamente, llegando al grado de que ciertas veleidades de independencia política no se pudieran traducir económicamente en nada. Algo similar le fue ocurriendo a parte de las capas medias en México, en medio de una corrupción galopante. Lo extraño del relevo es que no pareciera haberse dado cuenta de que no basta con acceder al control político, si al mismo tiempo prosigue la desnacionalización de las economías, lo que le hace decir por ejemplo a Alejandro Dabat que México, Centroamérica y Colombia perdieron la posibilidad de desenvolvimiento propio (Dabat, 2022, p. 534), al mismo tiempo que Sudamérica se reprimarizó. No es casual que en algunos progresismos no haya realmente “proyecto de nación” o de Estado nacional, por más que se reivindique -no demasiado- una soberanía política que no habría dejado de ser, después de todo, puramente formal y en contradicción con el rumbo de la economía y la sociedad, así tengan que evitarse los determinismos. Para algunos sectores de la sociedad, en lo que se les aparece como contraste con las antiguas prácticas señoriales, importa tener “derechos y libertades”

formales así se carezca de capacidad para el desenvolvimiento propio con soberanía económica, pero también social (y cultural), incluso en medio de la crisis: se resuelve en marcas de estatus que se hacen pasar por evidencias, de tal modo que se tiene tal o cual poder inmanente por ser indígena (pueblo originario), negro (afrodescendiente), mujer o parte de alguna minoría como antes se consideraba el poder un atributo de la persona.

Se dejó así sin defensas al nacionalismo económico, que llegó a existir, visto ahora como “particularismo”, y sin que se pudiera separar la herencia señorial de la colonial, a riesgo de deshacerse formalmente de la segunda, pero no de la primera, lo que ocurrió en América Latina, puesto que permanece en la forma de representarse el poder como una esencia, y no como algo recibido y/o que se pueda perder. Los rasgos señoriales terminarían eso sí por ser desplazados en algunos sectores de la población por los rasgos capitalistas “a la estadounidense”, es decir, ajenos a cualquier pretensión colonial, y libertarios. Este ha sido un proceso de “descolonización”, pero insidioso, al dar cabida a formas de poder menos visibles, pero de gran alcance y eficacia. Con los resabios de violencia (fratricida) ya descritos y la personalización del poder, rara vez podían ver ciertos progresismos su propia manera de minar la soberanía económica (Wilson ya buscada que la autodeterminación nacional se acompañara del mayor libre comercio posible).

Lo dicho no hace entonces de las capas medias un espacio ajeno a las contradicciones, a reserva de que faltan estudios para conocer mejor cómo están integradas, en particular para diferenciar entre sectores productivos e improductivos. Dichas capas tuvieron que empezar a actuar reivindicando la soberanía política y cierta unidad -a diferencia de antaño con el populismo, hoy imposible- en medio de una fuerte desintegración nacional y de la descomposición social, algo muy diferente de la segunda posguerra. Prueba de lo anterior está, entre otros elementos, en la división de los sufragios, con países prácticamente partidos a la mitad (Chile, Perú, Brasil, Ecuador, Argentina, Honduras...) e incluso con regionalismos cada vez más

acentuados (nordeste o sur de Brasil, costa y sierra en el Ecuador, norte y sur en México, costa limeña y sierra en el Perú...). Se ha hurgado poco en el significado de estas divisiones, pero ya no responderían a las de antaño, salvo en ciertos casos, sino a un asunto de clase apenas disfrazado, a riesgo de desembocar en más de un caso en lo que Gramsci llamaba -refiriéndose en particular al cesarismo y el bonapartismo- un “equilibrio de fuerzas de tendencia catastrófica” (GRAMSCI, 1986, p. 102), a riesgo de hundir a ambas partes, caso previsto por Marx y Engels en el *Manifiesto Comunista* -como “hundimiento conjunto de las clases en lucha” (MARX; ENGELS, 2019, p. 49).

5 Conclusiones

Aunque aparezcan por encima de la sociedad, los aparatos de Estado, con autonomía relativa, no se encuentran al margen de aquélla. En este sentido, tienen que hacer con las contradicciones de la misma sociedad, que en América Latina se encuentra a caballo entre el anhelo de un capitalismo inclusivo y la herencia persistente de prácticas de origen señorial, como el patrimonialismo, y propias de lo que Foucault llama “soberanía”. En la actualidad, esta fractura, que toca a las distintas clases sociales, más cuando no son homogéneas, ha tomado el lugar de las oposiciones nación/imperio (el antiimperialismo no está muy vigente, salvo en personalidades como la de Evo Morales) y pueblo/oligarquía, dada la heterogeneidad de ambas y el papel de las capas medias, tampoco homogéneas, pero de donde sale la clase reinante en los progresismos (Morales o Lula no hacen una diferencia sustancial).

Dos riesgos parecen cruciales en la actualidad: el problema de la inseguridad no es menor, pero rara vez ha sido prioridad para la izquierda, mientras la derecha no está exenta de complicidad con la delincuencia (Juan Orlando Hernández en Honduras de 2014 a 2022, Ariel Henry en Haití desde 2021, pero también el gobierno de Felipe Calderón 2006-2012 en México a través de Genaro García Luna, quien fuera secretario de Seguridad

Pública). Es el fantasma, ya explicado a partir de Foucault, de la reproducción del subdesarrollo en sus peores facetas, potenciado, si se quiere, por las formas de violencia exportadas desde los países centrales a través de los medios de comunicación masiva prevalecientes. El otro problema es el de las características de un capitalismo que ya no crea empleos formales como antes, y mucho menos en el mundo subdesarrollado, pese a ciertos éxitos en gobiernos como los anteriores de Lula. Pese a que se vio exacerbado a partir de los '80, el problema de la llamada "informalidad" es más antiguo en América Latina. La existencia de grandes sectores informales y del desempleo y el subempleo no son ajenos a un *modus vivendi* que permite la reproducción de distintas formas de crimen organizado. Así, el desafío está en revertir el proceso de implosión que comenzó y se profundizó durante la crisis, aunque tuviera antecedentes antes, desde la segunda posguerra o incluso los años '20 del siglo pasado.

No todo puede derivarse de reivindicaciones populares, aunque el descontento en las calles contribuyó a la llegada de Gustavo Petro (2022) en Colombia y a la de Gabriel Boric en Chile (2022), así como Correa llegó por protestas acumuladas contra gobiernos anteriores ("rebelión de los forajidos", la última) y Morales entre otras por las protestas de la llamada "guerra del agua". Otros casos son menos claros y, después de todo, no cabe olvidar cómo empezaron en algunos casos las transiciones a la democracia en los años '80: con cierta voluntad de los militares- a veces empujados (como Alfredo Stroessner en el Paraguay, 1954-1986)- de cargarle a civiles el peso de la crisis, en medio de los ajustes estructurales.

Si el economicismo pronto se topó con sus límites en América Latina, a diferencia de Estados Unidos, donde el entrelazamiento entre negocios y política es extremadamente fuerte (lo que suele olvidarse), sobre todo que no funcionó la "derrama" (la creencia de que la riqueza la crean...los ricos), la vuelta de la política quedó marcada por la contradicción: por las dependencias ya mencionadas hacia una figura fuerte y considerada carismática, en medio de una violencia de origen arcaico, y el deseo de

imitación de Estados Unidos, en lo que pudiera permitir de amortiguamiento de la animosidad social con una redistribución que volviera al sistema “incluyente”, que es exactamente como pueden haberlo vivido parte de las capas medias, más al verse dominadas, pero no forzosamente explotadas. No está de más recalcar esta dimensión libertaria, como ya se ha mencionado, que no toca el terreno del trabajo productivo. No puede decirse que se esté ante procesos de raigambre popular o, más aún, de reivindicación del trabajo, ni ante procesos nacionalistas y contrarios al imperio: salvo en Cuba y en Nicaragua, el tiempo nacional-popular, como el populista, llegó a su fin (tal vez con la excepción chavista), y “progresismo” no deja de remitir a cierta molición en la definición. Con todo, esta curiosa americanización abrió, más allá de lo libertario, la posibilidad y sobre todo el anhelo de terminar de romper con lo que la derecha no pudo, suponiendo que le haya interesado: no nada más la miseria, sino también los arcaísmos de la violencia “feudal”, como la nombraran Petro o por cierto que también Bukele²⁴, y el uso corrupto de los aparatos de gobierno, que no hicieron más que acentuarse con la crisis: el Antiguo Régimen previo al capitalismo permite, según Foucault, un juego de “ilegalismos recíprocos” que forma parte de “la vida política y económica de la sociedad” (FOUCAULT, 1994, p. 88). Es probable que buena parte de la población no esperara otra cosa -no poca cosa- de esta vertiente de la americanización, a falta de desarrollo (la palabra fue abandonada). Progreso social ha existido, como lo probaran los resultados en Brasil con Lula, o los de gobiernos como los de Correa o de Morales, pero sin una clara integración en el gobierno de los sectores populares -y menos aún, de trabajadores, pese a los antecedentes de Lula o Morales- a las capas políticas e ideológicas reinantes. En esta medida, dichas capas no han alcanzado a conformarse como clase dirigente -está en otra parte- ni a solidificarse como bloque histórico, ni a hacerse del Estado ni, en más de un caso, de todo el aparato de gobierno, en particular del aparato judicial, al

²⁴ Petro reivindicó al llegar al gobierno la construcción del capitalismo en una Colombia aún feudal, a su juicio, y Bukele no dudó en decir en entrevista televisiva que El Salvador es un país feudal.

grado que en la inmensa mayoría de América Latina el estado de Derecho está remplazado por las añejas prácticas de corrupción y discrecionalidad sumadas a los usos de la ley para formas de política muy al estilo estadounidense (cuando se atisba otro horizonte, la reforma del Estado, ocurre lo que en México con Luis Donaldo Colosio, asesinado en 1994, o con el defenestrado Pedro Castillo en el Perú). Al mismo tiempo dejó de entenderse hasta qué punto la integración al exterior impide salir a la larga del atolladero social interno: si se trata de “caos controlado”, algunos entendieron que un progresismo cada vez más centrista puede poner la parte de “control”, recurriendo a una forma de política no siempre ajena a rasgos clientelares de origen señorial.

6 Referencias

AMIN, Samir. **Los desafíos de la mundialización**. México: Siglo XXI-CIIECH-UNAM, 1997.

ARKONADA, Katu; KLACHKO, Paula. **Desde abajo, desde arriba. De la resistencia a los gobiernos populares: escenarios y horizontes del cambio de época en América Latina**. La Habana: Editorial Caminos. 2016.

BORÓN, Atilio; KLACHKO, Paula, El ciclo progresista nuestroamericano: aportes para un debate teórico-político de nuestro tiempo. In: CAVIAHUE, Matías; ARKONADA, Katu (coords). **Más allá de los monstruos. Entre lo viejo que no termina de morir y lo nuevo que no termina de nacer**. Río Cuarto: UniRío Editora, 2019.

CARMAGNANI, Marcello. **Formación y crisis de un sistema feudal. América Latina del siglo XVI a nuestros días**. México: Siglo XX, 1976.

CASTAÑEDA, Jorge G. La encuesta del pensamiento mágico. **Nexos**, 9 dic. 2021. Disponible en: <https://jorgegcastaneda.nexos.com.mx/la-encuesta-del-pensamiento-magico/>. Consultado en: 25 mayo 2023.

DABAT, Alejandro. **Del agotamiento del neoliberalismo hacia un mundo multipolar, inclusivo y sostenible**. México: Akal, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigilar y castigar**. Madrid: Siglo XXI, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Defender la sociedad. Curso en el Collège de France 1975-1976**, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

FOUCAULT, Michel **El poder psiquiátrico: Curso en el Collège de France, 1973-1974**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2007.

GARCIADIEGO, Javier. La Revolución mexicana: características esenciales y procesos definitorios, **Temas**, n. 61, p. 24-34, ene.-mar., 2010.

GAULARD, Mylène. Balance sobre la cuestión de las desigualdades en Brasil. **Problemas del desarrollo**, v. 42, n. 166, p. 111-134, jul.-sept., 2011. Disponible en: <https://www.scielo.org.mx/pdf/prode/v42n166/v42n166a6.pdf> . Consultado en: 25 mayo 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Cuadernos de la cárcel. 4**. México: Era, 1986

GROSGOUEL, Ramón. **De la sociología de la descolonización al nuevo antiimperialismo decolonial**. México: Akal, 2022.

HERNÁNDEZ, Anabel. **Emma y las otras señoras del narco**. México: Penguin Random House Debolsillo, 2021.

LOSURDO, Domenico. **Fuir l'Histoire? La révolution russe et la révolution chinoise aujourd'hui**. Paris: Delga, 2007.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política y otros escritos**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escogidas**. Granada: Editorial Comares, S.L., 2012.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifiesto comunista**, Madrid: Alianza Editorial, 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, **La ideología alemana**. Madrid: Akal., 2014

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. España: Melusina, 2011.

OSORIO, Jaime. El hiato entre Estado y aparato. Capital, poder y comunidad. **Argumentos**, n. 23, v. 64, p. 63-86 sept.-dic., 2010.

OSORIO, Jaime. El desmesurado peso político de la pequeña burguesía. **Nuestra Praxis**. n.1, v.1, p. 66-80, jul.-dic., 2017. DOI: <https://doi.org/10.52729/npricj.v1i1.10>

PÉREZ MONTFORT, Ricardo; DE TERESA, Ana Paula. **Cultura en venta 2; Claves de la razón cultural en el capitalismo contemporáneo**. México: Debate, 2020.


SEGATO, Rita. Pedagogías de la crueldad. El mandato de la masculinidad (Fragmentos). **Revista de la Universidad de México**, n. 854, nueva época, p. 27-31 nov, 2019. Disponible en: <https://www.revistadelauniversidad.mx/download/050fdfa1-d125-4b4b-afb8-b15279b6f615?filename=pedagogias-de-la-crueldad>. Consultado en: 25 mayo 2023.



“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: IDEIA-CHAVE DA MEDICINA SOCIAL LATINO-AMERICANA

“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: IDEA CLAVE DE LA
MEDICINA SOCIAL LATINOAMERICANA

“EL MARXISMO DARÁ SALUD A LOS ENFERMOS”: KEY IDEA OF LATIN
AMERICAN SOCIAL MEDICINE

Diego de Oliveira Souza¹ 
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Resumo: Neste artigo, analisamos a tela “*El marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), de autoria da mexicana Frida Kahlo. Metodologicamente, procedemos conforme a proposta de análise imanente, considerando a perspectiva estética lukacsiana. Iniciamos com uma breve descrição da trajetória de Frida, com destaque para a obra em análise. Em seguida, realizamos analogias com premissas da Medicina Social Latino-americana, destacando três aspectos decisivos da determinação social da saúde: o caráter ontológico, a natureza dialética e o horizonte político. Destacamos que, tanto na obra de Frida quanto nos principais autores da Medicina Social Latino-americana (ambos influenciados pelo marxismo), está presente a ideia-chave de que a saúde, no capitalismo, consiste em manifestação do antagonismo entre capital e trabalho. Essa ideia-chave representa, pois, a síntese entre singularidades, particularidades e universalidade; assim como a articulação orgânica entre as esferas biológica e social, o que pressupõe certo caráter político, no sentido das respostas que essa articulação suscita e do horizonte de transformação da saúde, em suas múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Frida Kahlo; Marxismo; Medicina Social Latino-americana; Capitalismo.

Resumen: En este artículo analizamos la obra artística “*El marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), producida por la mexicana Frida Kahlo. Metodológicamente, procedemos según la propuesta de análisis imanente, considerando la perspectiva estética lukacsiana. Comenzamos

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) e Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores da Universidade Federal de Alagoas. E-Mail : diego.souza@arapiraca.ufal.br

con una breve descripción de la trayectoria de Frida, haciendo hincapié en la obra analizada. Luego, hacemos analogías con premisas de la Medicina Social Latinoamericana, destacando tres aspectos decisivos de la determinación social de la salud: el carácter ontológico, la naturaleza dialéctica y el horizonte político. Destacamos que, tanto en la obra de Frida como en los principales autores de la Medicina Social Latinoamericana (ambos influenciados por el marxismo), está presente la idea clave de que la salud, en el capitalismo, consiste en la manifestación del antagonismo entre el capital y el trabajo. Esta idea clave representa, por lo tanto, la síntesis entre singularidades, particularidades y universalidad; así como la articulación orgánica entre las esferas biológica y social, lo que presupone un cierto carácter político, en el sentido de las respuestas que esta articulación suscita y del horizonte de transformación de la salud, en sus múltiples dimensiones.

Palabras clave: Frida Kahlo; Marxismo; Medicina Social Latinoamericana; Capitalismo.

Abstract: This article analyzes the work “*El Marxismo dará salud a los enfermos*” (1954), by the Mexican born Frida Kahlo. Methodologically, we applied the immanent analysis proposal based on the Lukacsian aesthetic perspective. We start with a brief description of Frida's trajectory emphasizing her abovementioned work. Next, we make analogies with premises of the Latin American Social Medicine, highlighting three decisive aspects of the social determination of health: the ontological character, the dialectic nature, and the political horizon. We emphasize that, both in Frida's work and in the main authors of Latin American Social Medicine (both influenced by Marxism), the key idea that health, in capitalism, consists in the manifestation of the antagonism between capital and labor. This key idea represents, then, the synthesis between singularities, particularities, and universality as well as the organic articulation between the biological and social spheres, which presupposes a certain political character, in the sense of the answers that this articulation raises and the horizon of health transformation, in its multiple dimensions.

Keywords: Frida Kahlo; Marxism; Latin American Social Medicine; Capitalism.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206201](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206201)

Recebido em: 22/12/2022
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/07/2023

1 Introdução

“*El marxismo dará salud a los enfermos*” é uma pintura em tela de 1954, de autoria de Frida Kahlo (1907 – 1954) – ver Figura 1. A obra é um dos vários autorretratos que a mexicana pintou ao longo de sua carreira artística, com as características peculiares de sua fase tardia, quando se destaca o caráter crítico às questões de seu tempo. Convém destacar que a prática de se autorretratar marca a obra de Frida face a uma relação peculiar com o próprio corpo e, mais especificamente, uma forma de lidar com as feridas e o sofrimento que lhe são patentes (RICO CERVANTES, 2004).

Figura 1 – Frida Kahlo. *El marxismo dará salud a los enfermos*, 1954.



Fonte: Museu Frida Kahlo, Ciudad de México, (óleo sobre tela, 76x61 cm).

Fotografia retirada de *Google Arts & Culture*².

Para Vargas García (2022), desde um ponto de vista psicanalítico, a centralidade do corpo nas obras de Frida demarca o processo de consubstanciação da identidade da artista no seu ato criativo, porquanto

² Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/marxism-will-give-health-to-the-ill/HAFIPnYYixEWA?hl=es>. Acesso em: 12 abril 2023.

seja reflexo de um corpo reimaginado, que figura potente mesmo que expresse, estética e concomitantemente, o sofrimento de seu corpo real. Essa condição revela a dialética entre o real e a arte, tão presente na obra de Frida, inclusive na forma como a artista se vê, pois o que poderia ser entendido como um enimesmamento, consiste em uma relação entre ela e um outro, entendido como um ente universal.

Rico Cervantes (2004) explica esse caráter, já que o corpo Frida, preso durante quase toda a vida em uma cadeira de rodas, converte-se no único veículo pelo qual ela pode enxergar o mundo. Macedo (2008) corrobora ao destacar que o grave acidente ocorrido com Frida em 1925, deixou-lhe graves lesões responsáveis pela realização de cerca de 34 cirurgias ao longo da vida, dores permanentes e a impossibilidade de andar. A autora salienta que, para além disso, a história de doenças se constituiu como a via de acesso da artista à realidade, caráter reproduzido em sua obra e que, de alguma maneira, exerce a função de ressignificação do seu sofrimento e, portanto, do próprio mundo (MACEDO, 2008).

O corpo de Frida se transforma em “palavra anatômica” que organiza o reflexo artístico do mundo real (RICO CERVANTES, 2004, p. 25), como se pode constatar em diversas de suas telas, a exemplo de *La columna rota* (1944), *El círculo* (1950), *Primera prueba en Detroit* (1963) e, também, na obra em análise neste artigo. Através da análise da relação entre o corpo e o mundo, Rico Cervantes (2004) reconhece o caráter ontológico (desde o prisma fenomenológico de Merleau Ponty) subjacente ao trabalho de Frida, já que nele se reproduz a ideia de que o corpo é a via de verificação da existência do mundo como algo anterior a qualquer reflexão, que “estar aí”, dado, embora seja passível de apreensão e transformação na experiência singular.

É importante destacar que a obra de Frida ganha notoriedade após a sua morte, mais precisamente na década de 1970, quando começou a ser estudada por historiadores e militantes, em especial afeitos ao feminismo e movimento LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e *queer*), uma vez que tratou, de forma recorrente, de

questões que fazem parte da pauta desses movimentos (MACEDO, 2008). Segundo Amezcua (2004), mais recentemente, Frida foi popularizada pelo universo cinematográfico e por outros veículos midiáticos, sendo que, muitas vezes, confere-se maior visibilidade à sua vida amorosa (seu relacionamento com o famoso pintor mexicano Diego Rivera é sempre enfatizado), à sua sexualidade e à sua militância política. Todavia, o autor destaca que, o fio condutor que permite entender a várias dimensões da vida complexa de Frida está na sua obra, uma vez que a representação dela mesma é o objeto central de suas criações.

Hoje, a produção artística de Frida é considerada uma obra heterogênea, complexa, mas de cunho popular. Nela, estão compilados traços da arte de vanguarda europeia, do comunismo e do feminismo, mesclados com elementos da cultura popular mexicana e a latino-americana em geral³, o que lhe permite dialogar com diversas culturas, sem perder sua identidade. Pode-se dizer, inclusive, que Frida, mesmo pós-morte, tem contribuído para que a cultura mexicana e a língua espanhola (em sua vertente latino-americana) tenham se tornado cada vez mais internacionais, devido ao interesse e estudo de sua obra (AMEZCUA, 2004; PACHECO, 2019).

Especificamente na obra analisada neste artigo, Frida traz uma crítica que coaduna sua visão de mundo (consustanciada desde uma perspectiva comunista) e as questões particulares que marcaram a sua vida pessoal. Isso porque, por um lado, o contexto trazido na tela diz respeito ao caráter destrutivo⁴ da sociedade capitalista em geral e, por outro, como isso se particularizou em sua vida pessoal, marcada por problemas de saúde. A tela de Frida reflete, estética e profundamente, esse caráter, apontando o horizonte que deve ser perseguido por aqueles que

³ A cultura latina está presente desde as vestimentas utilizadas pela sua figura retratada em algumas telas, até o sincretismo religioso que marca os países latino-americanos, com predominância do ideário religioso cristão. Para alguns, é possível observar nas telas de Frida uma ideia religiosa de redenção pelo sofrimento, embora a autora seja atea (RICO CERVANTES, 2004). Algumas telas trazem elementos cristãos em evidência. Por exemplo, de acordo com Amezcua (2004), a obra *Autorretrato con collar de espinas* (1940) traz Frida com uma coroa de espinhos em alusão à coroa colocada em Jesus Cristo no dia da crucificação.

⁴ Segundo Mészáros (2009), o caráter destrutivo do capital se expressa na degradação do trabalho, da natureza e, portanto, da sociedade em seu conjunto.

lutam por saúde (no âmbito individual e coletivo): a superação do capitalismo⁵.

Por ora, destacamos que essa ideia-chave está representada a partir de algumas nuances da tela e, por conta disso, dialoga com o mote teórico⁶ do que veio a ser chamado, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, de Medicina Social Latino-americana, conforme será demonstrado na seção seguinte. Trata-se de um movimento teórico-científico posterior às contribuições de Frida, mas que converge com a sua obra no que diz respeito ao ponto fulcral da análise da saúde enquanto processo social. Por conta disso, apresentamos esse breve texto, com o objetivo de analisar a obra “*El marxismo dará salud a los enfermos*”, depreendendo analogias com as premissas da Medicina Social Latino-americana.

Essa convergência de ideias-chave e, sobretudo, a contundente presença do reflexo dialético de um corpo “enfermo” na obra de Frida, justifica o interesse de um estudo inserido na área da Medicina Social Latino-americana/Saúde Coletiva. Embora alguns dos estudos sobre a obra de Frida tenham destacado a importância da questão do corpo enfermo no trabalho da mexicana, a articulação direta com o campo da Medicina Social Latino-americana se coloca como uma abordagem original nesse âmbito, que pode consubstanciar um intercâmbio fecundo para os dois campos: o interesse da Medicina Social Latino-americana sobre os trabalhos de Frida, pode contribuir para ampliar as análises artísticas; assim como as análises artísticas que incorporam a temática da saúde convergem e fortalecem os pilares da Medicina Social Latino-americana.

Metodologicamente, procede-se com uma análise imanente da tela de Frida, consoante a proposta de José Chasin. Lessa (2011) explica que essa

⁵ Não obstante, esta articulação entre a convicção política e a análise mais profunda da saúde consiste em um dos aspectos centrais a serem recuperados ao longo deste artigo, quando desenvolvermos a análise de forma mais sistemática.

⁶ Esse mote teórico consiste, justamente, na ideia de que a transformação substancial do processo saúde-doença depende da transformação da sociedade (logo, da superação do capitalismo). Esse mote se constituiu sobre alguns pilares teórico-metodológicos, que são nosso objeto de discussão na próxima seção. Por ora, convém adiantar que esses pilares estão sintetizados no entendimento da saúde como processo determinado socialmente, somente possível de ser explicado através da articulação entre os casos singulares (a exemplo do corpo individual) com o processo universal (repleto de particularidades) que lhe rodeia. Para decifrar essa relação, a Medicina Social Latino-americana se aproximou de categorias teórico-metodológicas do marxismo, a exemplo da *contradição* como mediação dialética e a ideia de *trabalho* (processo de trabalho) como fundamento da sociedade.

proposta está em consonância com as premissas do materialismo histórico-dialético, porquanto respeite a existência objetiva do texto analisado – em vez de um texto, pode ser uma outra forma de expressão, considerando sua estrutura categorial e argumentativa própria. Obviamente, o sujeito que se apropria do texto, busca decifrar essa estrutura interna e, ao fazê-lo, estabelece conexões e confrontos com aquilo que é externo ao texto, de onde se consubstancia a análise. Portanto, analogamente ao caso dos textos, as obras de arte podem ser analisadas em sua estrutura interna, imanente, considerando a perspectiva estética de Lukács, para quem o reflexo estético se desenvolve no marco da realidade material e, por conseguinte, capta o *hic et nunc* (o aqui e agora), refletido sob a forma de arte (SANTOS, 2017).

Nessa perspectiva, a arte apresenta uma estrutura própria que reflete dadas circunstâncias históricas. Portanto, no ato da análise de uma obra de arte, é peremptória a capacidade de ir e vir entre a sua estrutura interna e o processo histórico ali refletido. Como demonstrou Lukács (2012), o método marxiano se sustenta justamente na ideia de “ida e volta”, na busca de articular singularidades, particularidades e universalidade sintetizadas nos objetos analisados. No movimento de ida, apenas é possível dizer o que o objeto não é, desconstruindo-o – momento no qual se depreendem as nuances de sua estrutura interna –, mas é no caminho de volta que se torna possível a reconstrução do objeto, a partir de sucessivas analogias com a realidade mais ampla e externa ao objeto, aproximando-se do que ele é em si, essencialmente.

Neste artigo, no momento de ida, busca-se apreender os elementos da tela que sustentam a ideia-chave pressuposta desde o título da obra e aqui já mencionada. Com isso, pode-se percorrer um caminho de volta, (re)analisando a obra mediante analogias ante o contexto histórico em que foi produzida, assim como se faz possível o diálogo com os estudos realizados sobre contextos/realidades semelhantes em outras áreas ou atividades humanas. No caso deste artigo, o diálogo se dá com a Medicina

Social Latino-americana ou, ao menos, com a ideia-chave apreendida a partir das análises dos seus autores pioneiros.

Como método de exposição, optou-se por apresentar duas seções. Primeiro, trazemos uma síntese dos pilares teórico-metodológicos e principais autores da Medicina Social Latino-americana, como uma espécie de prelúdio à análise propriamente dita, apresentada posteriormente. Na seção seguinte, a análise realizada depreende três aspectos da tela de Frida que são de interesse para a analogia pretendida, concretizando-se o diálogo com a Medicina Social Latino-americana.

2 A Medicina Social Latino-americana

O reconhecimento da relação entre saúde e sociedade já vinha presente em diferentes perspectivas da Saúde Pública⁷, desde aquelas que tomam o social como fator objetivo quantificável até aquelas que entendem o social como produto dos comportamentos individuais. O debate avança com a Medicina Social na Europa, no século XIX e início do século XX, quando a observação das condições sociais dos bairros mais pobres no bojo da industrialização revela fatores importantes para o estado de saúde daquelas populações. Nessa corrente, podemos mencionar pesquisadores como Louis Villermé (1782 – 1863) na França, John Snow (1813 – 1858) na Inglaterra ou Rudolf Virchow (1821 – 1902) na Alemanha, todos eles buscando compreender a face social da saúde (NUNES, 1998).

Apesar de suas importantes contribuições, a Medicina Social tradicional não alcançou o âmago das contradições sociais que se particularizam no processo saúde-doença, por vezes, naturalizando o antagonismo da sociedade que produz riqueza como nunca, ao mesmo tempo em que produz, na mesma proporção, pobreza, doenças e morte. Esse patamar de reflexão e teorização só veio à tona com a Medicina Social

⁷ Esse campo científico é tradicionalmente conhecido como Saúde Pública. Somente após o movimento crítico inaugurado pela Medicina Social Latino-americana, surge a denominação Saúde Coletiva, embora coexistindo com a nomenclatura conservadora (PAIM; ALMEIDA-FILHO, 1998).

de países inseridos nessa lógica contraditória de forma desfavorecida e, por isso, com problemas sociais exponenciados – a exemplo da fome, desemprego, dependência econômica internacional, ausência de saneamento, segurança e educação –, inclusive no âmbito sanitário. Mais especificamente, a Medicina Social Latino-americana, a partir das décadas de 1960/1970, começa a descortinar a relação entre produção/reprodução capitalista e saúde.

O contexto histórico de alguns cientistas, médicos e outros profissionais de saúde de países latino-americanos favoreceu a tomada desse caminho, haja vista o fato de que, também, já havia um capitalismo mundialmente amadurecido, com suas contradições bem estabelecidas, o que se refletia de forma desigual e combinada por todo o mundo. Nos países dependentes, como ocorre na América Latina, o nível de desemprego, fome, miséria, problemas de saúde e educação etc. ganhava contornos trágicos ante a corrida capitalista por desenvolvimento. No caso da saúde, assistia-se homens e mulheres pauperizados, cada vez mais doentes, com a mortalidade infantil em ascensão e sistemas de saúde incapazes de atuarem para além da mitigação de danos, até porque estavam totalmente imbricados em uma lógica mercadológica.

O horizonte de transformação social e, conseqüentemente, de transformação dos serviços/práticas de saúde foi um dos fatores contributivos para a formação de uma nova corrente de pensamento, que se distanciou radicalmente da Saúde Pública e, inclusive, da Medicina Social tradicional. Esse horizonte acentuou o diálogo de alguns cientistas da saúde com as Ciências Sociais e a Filosofia, notadamente as de matrizes marxistas⁸. Desse diálogo se consubstanciou o ponto central das origens do

⁸ Coelho e Almeida-Filho (1999) apontam a influência da concepção de normal e patológico de Georges Canguilhem em boa parte dos teóricos da Medicina Social Latino-americana. Argumentam, inclusive, que o marxismo utilizado é aquele filtrado desde Canguilhem, quando alguns autores não citavam diretamente Marx como forma estratégica de contornar a repressão das ditaduras militares da época. De fato, há alguma influência de Canguilhem, sobretudo com a ideia de rejeitar a dicotomia entre normal e patológico, uma vez que a norma é dinâmica e, portanto, diz respeito à capacidade do indivíduo se adaptar. Isso fica bem evidente na categoria “modos de andar a vida” em Tambellini (1975). Assim, ainda segundo Coelho e Almeida-Filho (1999), a existência de um normal patológico lança luz para o entendimento da saúde como resultado da luta de forças opostas. Porém, constatamos que a Medicina Latino-americana ultrapassa a discussão mediada por Canguilhem, referenciando diretamente Marx e rompendo os limites de uma suposta normatividade à mercê do indivíduo, alcançando a esfera da determinação social/coletiva, para a qual a categoria “processo de trabalho”, de Marx, é peremptória. Diga-se de passagem, Coelho e Almeida-Filho (1999) estendem a ideia de marxismo indireto,

novo campo teórico, qual seja: a relação entre processo de trabalho (e processo de produção) e saúde⁹.

Essa relação esteve no centro dos debates de autoras pioneiras nesse campo, a exemplo da brasileira Anamaria Testa Tambellini (1975) e da mexicana (naturalizada) Asa Cristina Laurell (1982). Essas autoras, guardadas importantes diferenças entre elas, partiram da categoria trabalho em Marx¹⁰, enquanto processo que transforma o mundo e, ao mesmo, permite a autotransformação humana. Mais à frente, Asa Cristina Laurell escreveu, com o também mexicano Mariano Noriega, uma obra fundante do campo da Saúde do Trabalhador, “Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário” (LAURELL; NORIEGA, 1989), quando deram eminência à questão de classe, porquanto a saúde da classe trabalhadora passa a refletir, diretamente, o processo de produção de capital. Já Tambellini (1975) foi tecendo essa relação por outras vias, fazendo a discussão sobre o território (organizado para a reprodução social do capital), mediação decisiva na determinação da problemática dos acidentes de trânsito, conforme defendeu em sua tese de doutorado “Contribuição à análise epidemiológica dos acidentes de trânsito”¹¹.

Aliás, é preciso dizer que essa corrente teórica reconstrói, inclusive, o campo da Epidemiologia, tarefa para qual a principal contribuição veio do grupo de Quito¹², no Equador, com destaque para Jaime Breilh (1989).

sobretudo via Canguilhem, para a obra de Laurell e Noriega (1989). Todavia, essa constatação é um equívoco dos autores. Em nossa análise de Laurell e Noriega (1989), registramos referências diretas aos escritos de Marx, sobretudo a versão de *O capital* publicada no México pela editora *Siglo XXI*. Por outro lado, não há referência direta a Canguilhem na obra de Laurell e Noriega (1989), mas apenas uma incorporação da categoria “modos de andar a vida” via Tambellini (1975). Note-se, inclusive, que a discussão sobre o normal que subjaz os “modos de andar a vida” é criticada por Laurell e Noriega (1989) e classificada como uma “robinsonada”. Para esses autores, os “modos de andar a vida” são características das coletividades e, não, dos indivíduos, pois a ideia de o indivíduo que enfrenta sozinho um mundo natural, sobrevivendo graças à sua capacidade de se adaptar (estabelecer uma nova normatividade), só teria lugar, talvez, nos escritos de Daniel Defoe. Cf. Laurell e Noriega (1989, p. 99-101).

⁹ Pode-se considerar que esta ideia sintetiza o fundamento teórico da Medicina Social Latino-americana: a apropriação da categoria trabalho em Marx e, conseqüentemente, a articulação entre produção e reprodução social para explicar o processo saúde-doença. Obviamente, este último processo também é concebido como algo genuinamente social. Mais à frente, essa ideia vai sendo retomada com os principais argumentos dos autores pioneiros na área.

¹⁰ Cf. Marx (1988a), capítulo V.

¹¹ O debate aqui proposto visa recuperar as origens da Medicina Social Latino-americana, o que explica o uso das referências fundantes do campo nas décadas de 1970 e 1980. Atualizando o debate, podemos sugerir a leitura de Souza (2019), uma vez que amplia a perspectiva de Laurell e Noriega (1989), ao localizar as raízes da degradação da saúde dos trabalhadores no modo de produção, dinamizado por suas transformações contemporâneas. No campo da discussão ambiental/territorial, a discussão de Tambellini (1975) é revitalizada em Miranda (2012), embora com maior foco na crise ambiental provocada pelo capitalismo e seus efeitos na saúde humana.

¹² *Centro de Estudios y Asesoría en Salud (CEAS)*.

Diferentemente da Epidemiologia tradicional, o autor desenvolve uma análise da distribuição das doenças a partir da ideia de centralidade das classes sociais, defendendo que a epidemiologia, para ser emancipadora, deve adquirir uma identidade contestatária. Isto é, para além de descobrir os determinantes da saúde (fatores quantificáveis), deveria entender o processo de produção desses supostos fatores, considerando um amplo processo de determinação social, arraigado no antagonismo de classes¹³.

Outro importante nome na difusão das ideias da Medicina Social Latino-americana foi Juan César Garcia. Esse argentino, consultor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), foi responsável por estimular mudanças no ensino da Medicina nos países da América Latina. Impulsionado por missões financiadas pela OPAS, conseguiu contribuir para a introdução da nova corrente nas Universidades de alguns países, a exemplo do Brasil, convergindo com os interesses de transformação dos sistemas de saúde daqueles países (NUNES, 2015)

Convém destacar que, antes mesmo da atuação de Garcia mais voltada à transformação do ensino da Medicina, ele foi pioneiro em realizar o debate da prática médica como reflexo das relações estruturais da sociedade, com ênfase para a estrutura econômica (NUNES, 2015). Essa preocupação, forjada no bojo de um pensamento marxista na área da saúde, também esteve presente no Brasil, nas obras pioneiras de Maria Cecília Donnangelo, em especial na sua tese de doutorado publicada como livro em Donnangelo e Pereira (1976) e, posteriormente, na obra de Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves, discípulo de Donnangelo, com uma tese defendida em 1986 sobre a tecnologia e a organização social do trabalho médico (MENDES-GONÇALVES, 1994)¹⁴.

¹³ Atualmente, esse debate está vívido nas críticas à forma positivista de entender aquilo que a epidemiologia tradicional chama de determinantes sociais da saúde. Para a Saúde Coletiva, essa proposta não passa de uma fragmentação mecânica do que Breilh (1989) chamou de determinação social da saúde, fazendo com que as contradições do capitalismo que estão por trás do processo saúde-doença sejam naturalizadas nas análises (CARMONA MORENO, 2020; SOUZA, 2020). Esse caminho positivista de entender a relação entre saúde e sociedade também distorce a ideia de saúde como processo social (ideia cunhada por Laurell, 1982), pois assume uma noção de "social" como algo desprovido de contradições, objeto positivo.

¹⁴ No debate sobre trabalho em saúde, Emerson Merhy deu sequência aos estudos de Cecília Donnangelo e Luiz Pereira (1976) e Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves (1994). Mantendo o referencial marxista, Merhy (2007) analisa a práxis da saúde pela mediação das categorias marxianas do trabalho morto e do trabalho vivo, alçando o entendimento das tecnologias em saúde para além dos instrumentos que representam a noção convencional de tecnologias – produtos palpáveis fruto de trabalho anterior (morto).

Entre esses autores¹⁵ há em comum a forma de conceber o trabalho médico desde a perspectiva marxiana de trabalho, portanto, como práxis social que, no capitalismo, está inserida no processo de produção antagonizado pelas classes sociais fundamentais: burguesia e trabalhadores. Nesse horizonte, negam a existência de uma medicina neutra, entendendo-a desde a divisão do trabalho do tipo capitalista, assim como rechaçam a perpetuação da prática curativista sobre os corpos reduzidos à sua anátomo-fisiologia. Para além disso, vislumbram intervenções sobre as necessidades de saúde (consubstanciadas socialmente) e a transformação societária como chave do enfrentamento dos problemas de saúde.

Em síntese, para entender a saúde para além de sua manifestação biológica e individual, ficou demonstrado que era preciso entender, primeiro, como as coletividades satisfazem ou não suas necessidades e, com isso, como a saúde reflete as relações sociais. Ao se debruçarem sobre essa dinâmica, *grosso modo*, os autores da Medicina Social Latino-americana desvelaram como o antagonismo de classe se metamorfoseia em uma questão insolúvel, representada pela contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e a desigualdade das relações sociais de produção. Todo o conjunto social (incluam-se cultura, educação, política, arte etc.) que se desdobra dessa contradição, consubstancia suas próprias contradições que, direta ou indiretamente, afetam a saúde. Portanto, seja em processos de desgaste no trabalho em si, ou na reprodução social para além do trabalho, a saúde humana (sobremodo, da classe trabalhadora) é degradada pelo capital.

Esse processo de determinação social comparece de forma pujante em várias manifestações intelectuais da América Latina. Não por um acaso, Frida Kahlo conseguiu apreendê-lo esteticamente, trazendo à tona reflexões muito próximas das apresentadas pelos teóricos da Medicina Social Latino-americana, inclusive antes mesmo desse movimento eclodir.

¹⁵ Referimo-nos aos autores citados, que estão entre os pioneiros da Medicina Social Latino-americana, como Anamaria Tambellini, Asa Cristina Laurell, Mariano Noriega, Jaime Breilh, Cecília Donnangelo e Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves.

Ressaltamos que, nesta seção, apenas apresentamos a ideia-chave da Medicina Social Latino-americana, consubstanciada a partir de sua aproximação com a teoria de Marx. Por isso mesmo, acreditamos que o título da obra de Frida vem a calhar para sintetizar essa ideia-chave, pois os teóricos dessa vertente, ao menos em suas origens, estariam de acordo de que o marxismo dará saúde aos doentes. Os porquês e as formas como o marxismo pode contribuir para tal, estão diluídos em uma vasta produção teórica dessa corrente, que se perpetua, de alguma forma, aos dias de hoje, através da Saúde Coletiva de viés crítico¹⁶. Porém, algumas dessas contribuições podem ser apreendidas da tela de Frida, sobremaneira em três aspectos da determinação social saúde, conforme debatemos a seguir.

3 O caráter ontológico, dialético e político de “*El marxismo dará salud a los enfermos*”

Defendemos que a teoria marxiana tem um caráter ontológico, clarividente na máxima “[...] toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (MARX, 1988b, p. 253). Portanto, como demonstrou Lukács (2012), Marx buscou, diuturnamente, demonstrar qual era a essência do capital, sem ignorar sua expressão imediata, mas indo para além dela. Claro que não se trata de uma ontologia metafísica e especulativa, como foram algumas filosofias na Antiguidade e Idade Média (TONET, 2013). Ao contrário disso, é uma ontologia radicalmente histórica, porquanto entenda que a essência dos objetos de análise é constituída nas relações sociais, históricas e dialéticas.

Também defendemos que alguns autores da Medicina Social Latino-americana e, posteriormente, da Saúde Coletiva – que foram buscar a teoria de Marx para entender a saúde – possuem uma impoção ontológica em suas análises, ainda que não as apresentem com esses

¹⁶ O campo da Saúde Coletiva é um desdobramento histórico da Medicina Social Latino-americana, sobretudo a partir da experiência brasileira no bojo do movimento pela Reforma Sanitária, década de 1980, incorporando outras disciplinas científicas, profissões da saúde e movimentos sociais (PAIM; ALMEIDA-FILHO, 1998).

termos. Isso porque, com diferença entre eles, esses autores circulam em torno da ideia-chave que apresentamos alhures, com a manifestação biológica e individual da saúde sendo determinada, no capitalismo, por um processo social mais amplo, forjado no antagonismo entre capital e trabalho. A nosso ver, trata-se de uma viagem metodologicamente dialética, que parte do superficial para o profundo e volta à superfície, reconstruindo-a, pois conecta o singular ao universal, desvendando as diversas particularidades dessa conexão (SOUZA, 2019).

“El marxismo dará salud a los enfermos” compartilha dessa postura metodológica. Frida está no centro da tela, com as muletas e o colete que passaram a lhe acompanhar após o acidente já mencionado. Portanto, a artista mexicana traz sua condição de saúde, seu corpo enfermo, para o interior da análise estética que desenvolve: é um ponto de partida; um caso singular que coaduna os aspectos fenomênicos mais eminentes do processo analisado. Por trás dessa singularidade, há um pano de fundo repleto de elementos que lhes exercem determinação. O pano de fundo representa os elementos mais profundos, essenciais, que se conectam à faceta fenomênica mais imediata do primeiro plano e, assim, compõem um processo ontologicamente constituído.

Já fizemos menção à centralidade do corpo enfermo na obra de Frida, inclusive como forma de retratar a experiência que consubstancia o caráter ontológico da existência do mundo, consoante a análise de Rico Cervantes (2004) baseada na fenomenologia de Merleau Ponty. Contudo, convém registrar algumas diferenças entre essa ontologia – na qual se sobressai a experiência para definir a *o ser-aí* – e a ontologia lukacsiana-marxiana, agora evocada à análise. Na ontologia de Lukács, baseada em Marx, o ponto central é a busca por entender a essência da realidade, consubstanciada pela articulação entre universalidade, particularidade e singularidade, em uma relação que é sempre contraditória, como uma unidade heterogênea e histórica.

Lembremos que a relação fenômeno e essência, na ontologia lukacsiana-marxiana, escapa dos reducionismos que atribuem à primeira o

status de esfera do falseamento do ser, enquanto a segunda teria um caráter mecânico de determinação imutável. Ao contrário, tanto fenômeno quanto essência são constituintes do ser, como também são mutáveis porque históricos. A diferença está no predomínio da continuidade ou da diferença, uma vez que, enquanto a esfera fenomênica coaduna aqueles elementos de menor continuidade, logo mais fugazes, a esfera da essência se constitui de elementos mais duradouros, logo contínuos (LESSA, 1999). Então, apenas o “laboratório” do processo histórico – o que implica ir além da experiência singular – pode lançar luz a essa relação, revelando o que marca a espiral histórico-ontológica dos processos sociais tomados para análise e transformação pelos sujeitos, também históricos.

Nessa perspectiva, Frida traz aqueles elementos mais duradouros e universais de seu tempo, representados pela polarização mundial da época, com destaque para países “comunistas” no lado esquerdo da tela (China e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), pintados de vermelho em um globo terrestre e, do outro lado, os Estados Unidos da América (EUA), representados pela águia com cabeça de Tio Sam. A obra indica qual deve ser o horizonte perseguido diante dessa dicotomia, pois coloca uma pomba branca, em geral associada à esperança e à paz, ao lado dos países comunistas e, do outro lado, a cabeça de Marx, da qual brota uma mão que enforca a águia que possui cabeça de Tio Sam. Fica clara a alusão à potência intelectual do fundador do marxismo e da perspectiva revolucionária que dele se desdobra. Inclusive, a própria Frida, na tela, segura um livro vermelho na mão esquerda, representando uma obra da literatura marxista.

Em que pese as experiências do “socialismo real” terem se distanciado do horizonte comunista tal qual concebido na perspectiva marxiana, deparando-se com diversas limitações objetivas e subjetivas para a sua plena efetivação, as quais não nos ocuparemos aqui¹⁷; é mister destacar o claro posicionamento de Frida, sobretudo sua convicção de que o comunismo pudesse salvar os enfermos dos males capitalistas. Esse

¹⁷ Para uma análise dos limites das experiências do “socialismo real”, Cf. Mészáros (2009).

posicionamento da autora não perde o mérito por ser influenciado pelas contingências e distorções conjunturais de sua época.

Notemos, portanto, que se trata de uma análise que vai além do caso singular da própria autora. O pano de fundo da tela é de caráter genuinamente social, embora esteja em determinação dialética com um fenômeno biológico e individual. A crítica de Frida é sobre o caráter universalmente destruidor do capitalismo, que precisa ser combatido e tem no marxismo a força teórico-prática para tal. Por se tratar de problemática universal, a tela faz alusão ao conjunto dos enfermos, que só tem a ganhar quando quebrados os grilhões do modo de produção vigente.

Nesse ponto, concordamos com a relação dialética apontada por Rico Cervantes (2004), pois a obra de Frida representa a si mesma como mediação para explicar um outro universal. No bojo dessa mediação, fica patente o papel da expressão artística do corpo enfermo como forma de enfrentar o sofrimento, inclusive no sentido de uma cura coletiva, catártica. Nesse ponto, há uma convergência para o que Amezcua (2004) chamou de estética do padecimento, na qual o caso particular de Frida é expressão genuína de um mundo que padece. A nosso ver, esses argumentos válidos para o conjunto da obra de Frida se amplificam na tela específica em análise, uma vez que a arte como via de cura coletiva aponta, claramente, para uma solução (de caráter universal, para além da situação do corpo singular), através do marxismo como força capaz de superar o capitalismo.

Esse vai-e-vem entre singular e universal, através de mediações particulares, é um pilar metodológico da teoria da determinação social da saúde. Vejamos nas palavras de Breilh (2013, p. 20):

A determinação social vai e vem dialeticamente entre as dimensões geral, particular e singular: reproduz-se do geral ao particular e gera-se do particular ao geral. Nesse processo se dão as formas de subsunção nas quais os processos de dimensão mais simples se desenvolvem subsumidos aos mais complexos e, então, aparece que a relação social-natural, ou social-biológico ocorre como um

movimento entre partes de um todo concatenado, que é a natureza¹⁸ (trad. livre).

Não se pode perder de vista que esse movimento é dialético. Enquanto processo histórico, a realidade social, para Marx, só pode ser resultado da síntese de contradições; e esse caráter se reproduz nos seus complexos parciais (LUKÁCS, 2012). Com a saúde não é diferente, pois sua natureza é eminentemente dialética, processual. Embora a Medicina hegemônica tenha vencido ideologicamente com a ideia de que a saúde é a ausência de doença e, por consequência, as práticas de saúde se constituem enquanto técnicas biologicamente fundamentadas, a Medicina Social Latino-americana contribuiu para a crítica dessa ideia. Para Laurell (1982, p. 8):

A melhor forma de comprovar empiricamente o caráter histórico da doença não está dada pelo estudo de sua aparência nos indivíduos, mas na medida em que o processo se dá na coletividade humana. Isto é, a natureza social da doença não se verifica no caso clínico, mas no modo característico de adoecer e morrer dos grupos humanos. [...] antes de discutir como definir os grupos a serem estudados, deve ser possível verificar as diferenças nos perfis patológicos ao longo do tempo como resultado das transformações da sociedade. Da mesma forma, as sociedades que diferem em seu grau de desenvolvimento e organização social devem apresentar uma patologia coletiva diferente. Finalmente, dentro de uma mesma sociedade, as classes que a compõem apresentarão condições de saúde diferentes¹⁹. (trad. livre)

Como processo, não podemos separar saúde e doença, porquanto elas coexistem; uma justifica a existência da outra, porque só existem em relação. Como afirma Rezende (1989), ninguém está absolutamente são, nem absolutamente doente, mas em processo. Saúde e doença são dois

¹⁸ No original: *La determinación social va y viene dialécticamente entre las dimensiones general, particular y singular: se reproduce de lo general a lo particular, y se genera de lo particular a lo general. En el proceso se dan formas de subsunción en las cuales los procesos de la dimensión más simple se desarrollan bajo subsunción respecto a las más complejas y entonces aparece que la relación social-natural, o social-biológico ocurre como un movimiento entre partes de un todo concatenado que es la naturaliza* (BREILH, 2013, p. 20).

¹⁹ No original: *La mejor forma de comprobar empíricamente el carácter histórico de la enfermedad no está dada por el estudio de su apariencia en los individuos sino en cuanto al proceso que se da en la colectividad humana. Es decir, la naturaleza social de la enfermedad no se verifica en el caso clínico sino en el modo característico de enfermar y morir de los grupos humanos. [...] antes de discutir cómo construir los grupos por estudiar, debería ser posible comprobar diferencias en los perfiles patológicos a lo largo del tiempo como el resultado de las transformaciones de la sociedad. Asimismo, las sociedades que se distinguen en su grado de desarrollo y de organización social, deben exhibir una patología colectiva diferente. Finalmente, dentro de una misma sociedad las clases que la componen mostrarán condiciones de salud distintas* (LAURELL, 1982, p. 8).

momentos de um mesmo processo e o fato de uma ou outra predominar, depende do recorte singular que se analisa ou enfrenta.

Frida traz esse elemento processual de unidade dos opostos ao colocar, no mesmo pano de fundo, um rio de água (a saúde) e um rio de sangue (a doença). O seu autorretrato está situado exatamente entre os dois rios, revelando o caráter processual, porque dialético, vivido pelos enfermos, que somos todos nós, ali representados por Frida. Ressaltemos que as figuras que aludem ao comunismo estão do lado esquerdo da tela, mesmo lado do rio de água que, ao nosso ver, representa a saúde.

Com esse horizonte, as práticas de saúde, sem precisar abandonar sua fundamentação nas Ciências Biológicas, alcançam um novo patamar, pois devem se constituir como intervenções sociais, coletivas. Desse caráter social, destaca-se a sua faceta política, tendo em vista o caráter de classes (logo, antagônico) que marca o complexo fundante da sociedade capitalista, o trabalho alienado²⁰. Aqui, entenda-se política como complexo social amplo, consubstanciado em conjunção à cisão das sociedades em classes e que, por isso, diz respeito ao processo de lutas entre elas. É um complexo social que ultrapassa, portanto, o nicho político-partidário ou, ainda, meramente estatal, mas que diz respeito a como essa força totalizante de controle político, o Estado, está em determinação recíproca para com a sociedade civil (SARTORI, 2020).

Sem perder de vista essa amplitude, o caráter político da saúde – retratado por Frida e teorizado pela Medicina Social Latino-americana – assume, também, formas mais específicas, a exemplo das lutas por políticas sociais de saúde. De acordo com Paim (2008), a Reforma Sanitária brasileira, da qual se originou a proposta original do Sistema Único de Saúde (SUS), tem raízes teóricas oriundas, também, da Medicina Social Latino-americana, incorporando uma concepção mais ampla de saúde e,

²⁰ O trabalho alienado é a forma típica do trabalho no capitalismo, baseado na compra e venda da força de trabalho e, a partir disso, valorização do valor. Nesse processo, o produto do trabalho (no capitalismo, mercadoria) passa a ser algo alheio às efetivas necessidades de quem o produziu, consubstanciando uma força fetichizante que inverte a relação entre criador e criatura. As mercadorias, criaturas dos trabalhadores, passa a dominá-los. Esse mecanismo de dominação abstrata retroalimenta o processo de exploração e a desigualdade social que dele se desdobra (LUKÁCS, 2013).

portanto, práticas socialmente referenciadas. É imprescindível que o movimento mais específico de lutas por saúde não se desconecte do horizonte mais genérico, das lutas contra o capital, tanto que o movimento pela Reforma Sanitária mirava a construção do socialismo, consoante explícito, inclusive, no Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Embora o movimento tenha assumido contornos reformistas, há de se reconhecer o esforço no sentido da referida conexão (PAIM, 2008).

Pensando nessa perspectiva mais ampla, podemos reconhecer o caráter político da obra de Frida como algo que transcende a polarização da época, embora a perpassa. A tela reflete o antagonismo de classe do capitalismo (particularizado na saúde) e aponta um horizonte de revolução política com alma social (MARX, 2010), uma vez que o marxismo dará saúde aos enfermos na medida em que transformar aquele pano de fundo, inerentemente adoecedor. A equalização do processo saúde-doença comparece como particularidade desse processo, quando as mãos do marxismo amparam Frida, possibilitando livrar-se das muletas, o que abre um horizonte para a emancipação da saúde ante o capital e, portanto, para práticas de saúde destituídas de seu caráter alienado, simplista e mercantil, tão bem representado pela perspectiva biomédica hoje hegemônica.

É claro que a crítica de Frida ultrapassa a particularidade da saúde (em especial, dos enfermos), pois aponta para a possibilidade de a sociedade se libertar de todas as mazelas sociais típicas do capitalismo e, como acrescenta Rico Cervantes (2004), também do patriarcalismo. Da mesma forma, a Medicina Social Latino-americana mirou transformações do processo saúde-doença que só podem ter lugar quando em conjunção à transformação societária desde as suas bases. Trata-se de um horizonte histórico, possível e necessário, no sentido de libertar a humanidade dessa doença chamada capital.

4 Considerações finais

É preciso destacar que não há correspondência histórica entre a obra de Frida e o desenvolvimento histórico da Medicina Social Latino-americana, tampouco há uma influência direta. Nossa reflexão foi apenas no sentido de destacar que, partindo-se de uma matriz teórico-metodológica comum (o marxismo) para analisar o mesmo objeto (a relação entre saúde e sociedade), Frida e os teóricos da Medicina Social Latino-americana contribuíram para desenvolver a mesma ideia-chave e apontar para o mesmo horizonte.

A ideia-chave é de que o processo saúde-doença, no capitalismo, é determinado pelo antagonismo entre capital e trabalho. O horizonte é a superação do capitalismo, para o qual o marxismo tem enorme potencial de contribuição. Com efeito, arte e ciência podem e devem contribuir para a compreensão e transformação da realidade social, inclusive no campo da saúde.

Ademais, é necessário destacar a atualidade da ideia-chave aqui defendida. É claro que houve transformações no modo de produção desde a década de 1950 aos dias atuais. Contudo, também há fios de continuidade tecidos na esfera da essência do trabalho alienado e dos demais complexos sociais a ele correspondentes. Basta olharmos a crise sócio-sanitária vivida, mundialmente, desde 2020 com a pandemia da *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19), crise essa que lançou uma lupa para a relação de reciprocidade entre saúde e relações sociais.

Questões contemporâneas como o desmonte das políticas sociais de saúde, a precarização das relações de trabalho (e suas consequências para a saúde dos trabalhadores) e os efeitos da crise ambiental se revelam expressões do modo de produção e de seu antagonismo fundamental. Por essa razão, essas questões assumem eminência na agenda atual da Saúde Coletiva de viés crítico.

A ideia-chave em questão, portanto, sem cair no anacronismo, renova-se e permanece sendo um ponto fulcral para entender e

transformar o processo saúde-doença, ainda que por mecanismos que estão, permanentemente, em metamorfose.

5 Referências

AMEZCUA, Manuel. Frida Kahlo o la estética del padecimiento. **Index de Enfermería, Granada**, v. 13, n. 46, p. 64-68, 2004. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962004000200014. Acesso em: 06 abr. 2023.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia: economia, medicina y política**. Cidade do México: Fontamara, 1989.

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31, supl. 1, p. 13-27, 2013.

CARMONA MORENO, Luz Dary. La determinación social, una visión epistemológica para comprender el proceso salud-enfermedad. **Revista Ciencias de la Salud**, v. 18, n. especial, p. 1-17. 19 mai. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/revsalud/a.9135>. Acesso em: 08 abr. 2021.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis**, v. 9, n. 1, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311999000100002>. Acesso em: 01 feb. 2022.

DONNANGELO, Maria Cecília; PEREIRA, Luiz. **Saúde e Sociedade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976

LAURELL, Asa Cristina. La salud-enfermedad como proceso social. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista Latinoamericana de Salud**, n. 2, p. 7-25, 1982.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Proceso de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LESSA, Sérgio. Notas sobre a historicidade da essência em Lukács. **Novos Rumos**, v. 30, p. 22-30, 1999.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACEDO, Vanessa Freitas de Paiva. **Frida Kahlo: Entre Chagas e Borboletas**. Orientador: Julia Ziviani Vitiello. 2008. 92 f. Dissertação – Mestrado em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo O Rei da Prússia e a Reforma Social. De um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **O Capital - crítica da economia política**. Tomo I. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.

MARX, Karl. **O Capital - crítica da economia política**. Tomo V. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988b.

MENDES-GONÇALVES, Ricardo Bruno. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec/Abrasco, 1994.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MIRANDA, Ary Carvalho de. **Reflexões acerca da situação e dos problemas referentes à crise socioambiental e seus reflexos à saúde humana**: uma contribuição a partir do materialismo histórico e dialético. Orientadores: Josino Costa Moreira e Anamaria Testa Tambellini. 2012. 263 f. Tese - Doutorado em Saúde Pública e Meio Ambiente, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

NUNES, Everardo Duarte. Juan César García: a medicina social como projeto e realização. **Ciência & saúde coletiva**, v. 20, n. 1, p. 139-144, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014201.17312014>. Acesso em: 25 jan. 2022.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: história e paradigmas. **Interface**, v.2, n.3, p. 107-116, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831998000200008>. Acesso em: 25 jan. 2022.

PACHECO, Froehlich Luana. **Frida Kahlo y la Cultura Pop: Posibles implicaciones de la utilización de la iconografía en clase de ELE**. Orientador: Foschiera, Silvia Maturro Panzardi. 2019. 128 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Letras, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

PAIM, Jairnilson. **Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

PAIM, Jairnilson; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101998000400001>. Acesso em: 25 jan. 2022.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. **Saúde: dialética do pensar e do fazer**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

RICO CERVANTES, Araceli. **Frida Kahlo: fantasía de un cuerpo herido**. 3ª reimpr. Ciudad de México: Plaza y Valdés editores, 2004.

SANTOS, Deribaldo. Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na estética de Georg Lukács. **Estudos avançados**, v. 31, n. 89, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890025>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SARTORI, Vitor Bartoletti. Política, gênero humano e direitos humanos na formação do pensamento de Karl Marx. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, n. 4, p.2440-2479, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2019/43146>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira. **Saúde do(s) trabalhador(es): análise ontológica da “questão” e do “campo”**. Maceió: Edufal, 2019.

SOUZA, Diego de Oliveira. O caráter ontológico da determinação social da saúde. **Serviço Social & Sociedade**, n. 137, p. 174–191. jan. - abril 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.207> Acesso em: 08 abr. 2020.

TAMBELLINI, Anamaria Testa. **Contribuição à análise epidemiológica dos acidentes de trânsito**. Orientador: Ruy Laurenti. 1975. 224 f. Tese – doutorado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1975.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VARGAS GARCÍA, Kelly. Frida Kahlo, sobre vestido y cuerpo en psicoanálisis. **Análisis. Revista Colombiana de Humanidades**, v. 54, n. 100, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5155/515570457005/515570457005.pdf>.

Acesso em: 06 abr. 2023.



**EN BÚSQUEDA DE UN CINE SIMBIÓTICO: SHUN DE LA
ECUATORIANA SANI MONTAHUANO Y YOLLOTL DEL
MEXICANO FERNANDO COLIN ROQUE**

*EM BUSCA DE UM CINEMA SIMBIÓTICO: SHUN DA EQUATORIANA SANI
MONTAHUANO E YOLLOTL DO MEXICANO FERNANDO COLIN ROQUE*

*IN PURSUIT OF A SYMBIOTIC CINEMA: SHUN BY THE ECUADORIAN SANI
MONTAHUANO AND YOLLOTL BY THE MEXICAN FERNANDO COLIN
ROQUE*

Lucía Fernanda Romero Paz y Miño¹ 
Universidad Andina Simón Bolívar, Ecuador

Resumen: Este artículo desarrolla un análisis comparativo de los cortometrajes *Shun* (2021), de la cineasta ecuatoriana de nacionalidad indígena Sápara, Sani Montahuano, y *Yollotl* (2020) del cineasta mexicano Fernando Colin Roque. El estudio se enmarca en las discusiones sobre el llamado *giro ontológico* desde la perspectiva del arte y la visualidad, y realiza su indagación desde una metodología visual crítica, que incluye un análisis composicional y otro interpretativo, a partir de la descripción de las películas y entrevistas a ambos autores. Se concluye que ambos cortometrajes representan la posibilidad de un cine simbiótico; uno cuya visualidad proponga una simbiosis inter-especies a partir de un tratamiento de la cámara que asuma diversas perspectivas corpóreas y sumergidas, mostrando la inter-representación entre humanos y no humanos. Siempre pensado como una potencialidad, este cine podría poner en relieve el pensamiento amerindio como posibilidad de respuesta ante la crisis climática que afecta particularmente a poblaciones y culturas empobrecidas y racializadas de América Latina.

Palabras Clave: Sani Montahuano; Fernando Colin Roque; Cineastas latinoamericanos; Perspectivismo amerindio; Cine simbiótico.

¹ Magíster en Comunicación con Mención en Visualidad y Diversidades. Universidad Andina Simón Bolívar, Quito-Ecuador. Su tesis sobre cine experimental de creadoras ecuatorianas fue aprobada con distinción. Cineasta y creadora audiovisual. E-mail: lucia.romero.audiovisual@gmail.com.

Resumo: Este artigo desenvolve uma análise comparativa entre os curtas-metragens *Shun* (2021), da cineasta equatoriana de nacionalidade indígena Sápara: Sani Montahuano, e *Yollotl* (2020) do cineasta mexicano Fernando Colin Roque. O estudo se insere nas discussões sobre a chamada *virada ontológica* a partir da ótica da arte e da visualidade, e conduz sua investigação assente na metodologia visual crítica, que inclui uma análise compositiva e uma análise interpretativa com base na descrição dos filmes e entrevistas com ambos os autores. Conclui-se que os dois curtas-metragens representam a possibilidade de um cinema simbiótico; um cinema cuja visualidade proponha uma simbiose interespecies a partir de um tratamento da câmara que assuma diversas perspectivas corpóreas e submersas, mostrando a inter-representação entre humanos e não-humanos. Sempre pensado como uma potencialidade, esse cinema poderia destacar o pensamento ameríndio como uma possível resposta à crise climática que afeta particularmente as populações e culturas empobrecidas e racializadas da América Latina.

Palavras-chave: Sani Montahuano; Fernando Colin Roque; Cineastas latino-americanos; Perspectivismo ameríndio; Cinema simbiótico.

Abstract: This article develops a comparative analysis of the short films *Shun* (2021) by the Ecuadorian filmmaker of indigenous Sápara nationality, Sani Montahuano, and *Yollotl* (2020) by the Mexican filmmaker Fernando Colin Roque. The study is framed in the discussions on the so-called ontological turn from the perspective of art and visuality and conducts its inquiry from a critical visual methodology, which includes a compositional and an interpretative analysis based on the description of the films and interviews with both authors. The article arrives at the conclusion that both short films represent the possibility of a symbiotic cinema, one whose visuality proposes an inter-species symbiosis from a treatment of the camera that assumes diverse corporeal and submerged perspectives, showing the inter-representation between humans and non-humans. Always thought of as a potentiality, this cinema could highlight Amerindian thought as a possible response to the climate crisis that principally affects impoverished and racialized populations and cultures in Latin America.

Keywords: Sani Montahuano; Fernando Colin Roque; Latin American filmmakers; Amerindian perspectivism; Symbiotic cinema.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206924](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206924)

Recebido em: 16/01/2023
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/0/2023

1 **Shun, Yollotl y la posibilidad de un cine simbiótico**

Este trabajo es un análisis comparativo de los cortometrajes *Shun* (2021), de la cineasta ecuatoriana de nacionalidad indígena Sápara, Sani Montahuano, y *Yollotl* (2020) del cineasta mexicano Fernando Colin Roque. Ambos filmes piensan la relación entre lo humano y lo no humano desde la perspectiva de pueblos indígenas, el Sápara en la Amazonía sudamericana y el Nahuatl junto al Maya en Mesoamérica, y de otros seres -árboles, espíritus- con los que estos se relacionan. Las sinopsis oficiales de los cortometrajes son las siguientes: “*Yollotl conecta el pasado y el presente a través de una historia de amor inspirada en la mitología mesoamericana y en testimonios de niños que viven en la selva maya. Un relato en náhuatl y un canto ritual acompañan el viaje por el interior de los árboles milenarios hacia el universo*” (MAAM, 2021); y, en el caso de *Shun*, “*Un espíritu maligno advierte a los habitantes de estas comunidades antiguas de la Amazonía los peligros que a futuro pueden poner en riesgo su modo de vida*” (TAWNA, 2021).

El artículo se enmarca en las discusiones sobre el llamado *giro ontológico* desde la perspectiva del arte y la visualidad, a partir de lo que el cine puede hacer para visibilizar maneras diversas de entender la relación con la naturaleza, cosmovivencias que puedan hacer frente a la crisis climática global causada por el fenómeno geológico-cultural llamado antropoceno (TRISCHLER, 2017).² Si a partir de lo visual surgiera la posibilidad de representar formas de entender la vida que podrían tener otros seres más allá de los humanos, estaríamos frente a algún tipo de simbiosis entre seres a partir de la visualidad. ¿Es posible para el cine generar una visualidad que permita conectarse con el mundo perceptivo

² A partir de que Paul J. Crutzen y Eugene F. Stoermer (2000) usaron el término *antropoceno* para un nuevo período geológico que comenzó en el siglo XVIII con la industrialización, esta denominación ha sido adoptada por múltiples disciplinas de las humanidades y las artes como posibilidad de pensar las relaciones actuales con la naturaleza. *Antropoceno* se refiere a la influencia de la actividad humana en el cambio en las capas geológicas, principalmente debido al aumento de CO₂ en la atmósfera y la pérdida de la biodiversidad. Aportes como los de Donna Haraway y Helen Torres (2020) insisten en asociarlo al capitalismo y sus consecuencias negativas para la vida en el planeta.

de seres no humanos? ¿logran construir *Shun* y *Yollotl* una visualidad simbiótica?

2 El cine y el giro ontológico

Asistimos, en estos tiempos de catástrofe ecológica producida por el capitalismo, el extractivismo de los recursos naturales y la contaminación, a la emergencia de reflexiones que insisten en desdibujar, desde la filosofía y otros ámbitos del pensamiento, la separación conceptual moderna entre naturaleza y cultura, lo que se ha llamado *el giro ontológico*. Empieza a comprenderse la responsabilidad de la humanidad en la producción de la debacle ambiental al asumir una posición externa y reconocerse superior a *lo natural*, por ello *“no sorprende que en el nuevo milenio una nueva y controvertida corriente filosófica, el realismo especulativo, aspire a concebir una ontología plana y una democracia de los objetos que desestime la centralidad del hombre en el universo”* (SPERANZA, 2019, p. 4). Para Ruiz Serna y Del Cairo (2016, p. 194) el giro ontológico *“comporta un variado conjunto de planteamientos que coinciden en su búsqueda por formular alternativas teóricas que apunten a reconocer formas de conceptualización de la naturaleza diferentes a las que dominan en el naturalismo heredero de la racionalidad moderna occidental”*.

En este contexto, se vuelve primordial reconocer que las responsabilidades y consecuencias de la crisis climática no son iguales para todos los grupos humanos; que las poblaciones más afectadas se ubican en el sur global y son precisamente aquellas más empobrecidas, racializadas, y culturalmente en conflicto con las concepciones moderno-coloniales, particularmente los pueblos y nacionalidades indígenas en Latinoamérica. Paradójicamente, son estas poblaciones las que ofrecen alternativas, en su forma de concebir la naturaleza, que pueden generar los cambios necesarios para la supervivencia humana y no humana.

Dentro del marco de pensamiento del *giro ontológico*, resaltan las ideas del ecuatoriano Eduardo Kohn en su libro *Cómo Piensan los Bosques*, quien propone *una antropología más allá de lo humano* (KOHN, 2013, p. 7), y para quien lo que entendemos por lenguaje se basa en la noción de que la representación solo se da mediante signos convencionales y arbitrarios, cuando en realidad ésta es posible también por medio de relaciones icónicas e indexicales que los humanos comparten con otros seres biológicos no humanos (KOHN, 2015, p. 8).

Los bosques tendrían, para Kohn (2007, p 16-17), una semiótica propia, en la que los seres vivos que los habitan estarían *interrepresentados*, ya que, si la relación entre ellos se basa en la producción e interpretación de signos, existiría una *ecología de las subjetividades* según la cual los distintos seres se representarían unos a otros en formas que les permitirían sobrevivir; incluso ponerse en el lugar unos de otros, al reconocer que todos tienen su punto de vista.

Estas propuestas son configuradas por Kohn (2013) a partir del pensamiento de la comunidad Runa Kichwa de la población de Ávila, en la Amazonía ecuatoriana, entretejido con concepciones heredadas de la semiótica de Peirce. Las ideas de Kohn (2013) están en estrecha conversación con lo que Viveiros de Castro (2016) denomina como *perspectivismo amerindio* y el papel que una nueva manera de concebir la antropología tendría, una en la que un antropólogo sería aquel que se disponga a pensar *con o a partir del* pensamiento de una cultura determinada, pudiendo ésta ser la suya propia: “¿Cuándo el propósito del antropólogo deja de ser el de explicar, interpretar, contextualizar, racionalizar ese pensamiento, y pasa a ser el de utilizar, derivar sus consecuencias, verificar los efectos que él puede producir en nuestro pensamiento?” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.53), se pregunta. Sobre el concepto de *perspectivismo amerindio* que se desprende del encuentro con diversas comunidades indígenas, como por ejemplo los Ese Eja de la Amazonía boliviana (2016, p.57) o los Piro en la peruana (2016, p.62) Viveiros de Castro (2016, p.47) dice: “ellos piensan que todos los humanos, y más

allá de ellos, muchos otros sujetos no-humanos, piensan exactamente 'como ellos', pero que eso, lejos de producir [o resultar de] una convergencia referencial universal, es exactamente la razón de las divergencias de perspectivas".

Desde la academia anglosajona, Donna Haraway y Hellen Torres (2020) retoma estos pensamientos y propone la idea de simbiosis, de cooperación entre especies para crear *nuevos parentescos* de mutuo cuidado, desde una perspectiva *cosmopolítica* (STENGERS, 2014)³:

Las decisiones y transformaciones que son tan urgentes en nuestros tiempos para volver a aprender- o para aprender por primera vez- cómo devenir menos mortíferos, más respons-hábiles, más en sintonía, más capaces de sorprendernos y de practicar las artes de vivir y morir bien en una simbiosis multiespecies, en simpoiesis y sinanimagénesis en un planeta dañado, deben realizarse sin garantías o expectativas de armonía con quienes no son uno mismo, y tampoco son 'el otro' con certeza. Ni Uno ni Otro, eso es lo que somos y lo que siempre hemos sido, es tarea de todos devenir ontológicamente más creativos y sensibles dentro del arrogante holobioma que es la tierra [...]. (HARAWAY; TORRES, 2020, 152)

Esta forma creativa y sensible de respuesta ante la crisis ecológica encuentra su lugar en el arte, tal como lo expresa Speranza (2019): *"la imaginación artística puede atisbar configuraciones todavía inaccesibles a otros lenguajes. El arte casi por definición vuelve visible lo que no se ve, pero lo mueve ahora una urgencia cosmopolítica"*. Sin embargo, la perspectiva de los no humanos no es universalizable, está siempre determinada o concebida en relación a un pueblo o nacionalidad indígena específica en la vasta región latinoamericana.

Para los Mayas, según se desprende de los *libros* del *Popol Vuh* y *Chilam Balam*, que recogen lo transmitido por generaciones en la tradición oral y poética, el universo:

³ Isabelle Stengers (2014) piensa la cosmopolítica como posibilidad de ralentizar los tiempos de la economía política, al cuestionar las urgencias impuestas por los saberes compartimentados de las ciencias. En oposición, propone una diplomacia basada en los saberes particulares generados por las comunidades de consternados por las acciones de la gran política, una apuesta capaz de interpelar a humanos y no humanos para re-pensar un mundo en común que obligue a detenerse y cuestionar los saberes expertos generalizantes que excluyen a las voces afectadas.

[...] estaba conformado por tres grandes ámbitos espaciales: cielo, tierra e inframundo. El cielo fue concebido como una pirámide de 13 niveles; la tierra, como una plancha cuadrangular, y el inframundo como una pirámide invertida de nueve cuerpos. La comunicación entre ambos niveles la establecía una ceiba que atravesaba los tres estratos. (ROMERO SANDOVAL, 2012, p. 3)

Esta es una particular manera de entender las relaciones cosmogónicas y cosmológicas del universo, donde los árboles, en particular la ceiba, cumplen un papel fundamental de interconexión entre el mundo del cielo y el espacio y el mundo subterráneo o *Xilbalbá*, mundo de los muertos. (ROMERO SANDOVAL, 2012, p. 4)

Los Sápara, por su parte, son un pueblo que da especial importancia a la comunicación con el mundo de los sueños, *“el sueño es un medio de experimentar el mundo, de conocerlo y comprenderlo. Está estrechamente vinculado al territorio y al uso que se le da.”* (CASTILLO, et al., 2016, p. 24). Para ellos, a través de los sueños se configura una constante interrelación entre el mundo espiritual, donde habitan ancestros y espíritus poderosos, y el mundo material donde están los animales y seres sagrados de los que ellos forman parte (CASTILLO, et al., 2016, p. 24). Esta relación se explica en la siguiente narración sobre el origen de su pueblo:

[...] en el mundo espiritual convivían espíritus poderosos y débiles, quienes crearon el mundo. Después de un tiempo, un espíritu llamado Piatsaw visualizó todo el mundo en su mente y convirtió sus pensamientos en realidad, dando a sus creaciones espirituales forma física. Así, empezó a crear el mundo material en permanente conexión con los espíritus que le guiaban: el agua, el sol, el día, la noche, las plantas, el fuego, los pensamientos, las montañas... incluso creó a los seres humanos. El mismo Piatsaw tomó forma física convirtiéndose en el primer hombre sápara. (CASTILLO, et al., 2016, p. 23)

Aunque, desde sus inicios, el cine ha visualizado a los pueblos originarios americanos como objeto de la mirada occidental, en tiempos actuales éste comienza a conectarse con las mencionadas ideas filosóficas y visualizaciones desde las propias culturas indígenas, en relación a lo que Macarena Gómez-Barris (2017) denomina *perspectivas sumergidas*, formas creativas que pueden *“nombrar las fuerzas invisibles entre lo humano y lo*

no humano, entre vida animada e inanimada, percibir una red con frecuencia ignorada de relacionalidad o ecologías sociales” (GÓMEZ-BARRIS, 2017, p. 36). Sobre el cine que puede generar visualidades desde las concepciones de las *nuevas ontologías y nuevas antropologías*, que proponen la descentralización de lo humano, dice Cristóbal Escobar (2017):

[...] presume exactamente esta suerte de mirada que observa desde un ángulo distinto al del ojo humano. Este es un estilo audiovisual que busca romper con las barreras sistémicas entre sujetos y objetos para ofrecer una cámara-cuerpo que descentra y fragmenta constantemente la simetría ocular; una estructura que, al igual que en el Amazonas, sitúa a las cosas en variación intensiva consigo mismas; una zona de indiferenciación entre los cuerpos que busca poner en perspectiva la multiplicidad del observar. (ESCOBAR, 2017, p.3).

Es interesante la creación cinematográfica, como propone Escobar, a partir de lo que él llama una *cosmología amerindia* que “[...] se transforma en una mirada plural y heterogénea; sus premisas quedan determinadas por experimentos corporales más que por las categorías metafísicas impuestas por la tradición occidental: Los cuerpos son aquí la estructura básica de disposición cognitiva y capacidad perceptual” (ESCOBAR, 2017, 3).

Si esos cuerpos pueden ser no humanos, podrían incluir también los de los árboles, animales y espíritus en relación a los de las personas de las comunidades que se relacionan con ellos desde una perspectiva y cultura particular, desde una relación de simbiosis y mutua colaboración. Tal vez, en esa relación de una mirada corporal, asumida por la cámara, desde lo humano, inter-representada con una mirada corporal desde lo no humano, en la idea de esta visualidad *sumergida y corpórea*, se encuentre la posibilidad de un *cine simbiótico*.

3 La imagen, el sonido, la palabra

Para ir comprendiendo cómo *Shun* y *Yollotl* construyen sus visualidades y si éstas pueden considerarse simbióticas, recurro a lo que Gillian Rose (2019, p. 67) denomina una metodología visual crítica. Realizo primero un análisis cercano a lo que ella llama interpretación composicional (ROSE, 2019, p. 177) haciendo una descripción formal y técnica de la película a partir de mi observación. Esto permite encontrar detalles que posibilitan continuar con un análisis interpretativo de ambas películas, desde la perspectiva de la cultura visual en relación a sus contextos de realización descritos en una entrevista presente en la *web*, sobre el trabajo en el cortometraje *Yollotl*, a Fernando Colin Roque (COLIN ROQUE, 2022) y otra entrevista personal realizada a Sani Montahuano sobre el cortometraje *Shun* (2022).

Según Mieke Bal (2020, p. 52) *“los estudios de cultura visual deben analizar críticamente los objetos visibles y los eventos de visión”*, es decir *“dar cuenta de las relaciones cargadas de afecto entre la cosa vista y el sujeto que lleva a cabo el visionado”* (BAL, 2020, p. 55), mientras que se pone énfasis en *“los diferentes encuadres que afectan a la visibilidad, no sólo del objeto encuadrado, sino también del hecho de ver las cosas y las formas en que se encuadra ese acto”* (BAL, 2020, p. 31). Por lo mencionado, al considerarme yo misma una espectadora-creadora, mi análisis está centrado en la relación entre los eventos de visión desde los que la película fue realizada, y aquellos que configuran la manera en que yo puedo interpretarla, un viaje entre tiempos, culturas, subjetividades.

4 Inter-representaciones entre seres de los bosques

Shun (2021): La película comienza mostrando la tierra amazónica cubierta de hojas caídas de los árboles. Varios pies descalzos de mujeres van pasando entre la maleza frente a la cámara, que flota a ras del suelo,

viajando hacia atrás, para seguir las. Aparece, en rojo sobre negro, el logo de *Tawna Cine desde el Territorio* y el de *If Not Us Then Who?* (Montahuano, 2021, 00:20). Las piernas de una mujer ayudada por una lanza de madera a modo de bastón, seguida de otras más que vienen detrás, caminan entre las hojas. La cámara sube, flotante, para descubrir su falda blanca en la que están pintados varios rostros de mujeres indígenas. Sobre negro, aparece el título en enormes letras rojas que ocupan toda la pantalla: “*Shun*” (00:30).

Con un *top* hecho de hojas y pintura facial de *achiote* - una semilla de la que se extrae un intenso pigmento de color rojo -, la mujer de larga cabellera negra y lacia camina entre la frondosa vegetación de la selva, mirando cuidadosa a su alrededor. Suenan fuerte los insectos y animales en el ambiente. Tres mujeres más vienen tras ella. La mujer levanta la mano pintada de rojo para indicar a las demás que se detengan. Un sonido grave y aprehensivo inunda la escena. La cámara mira entre las copas de los árboles a contraluz. Los rostros de las mujeres lucen extrañados y alerta. “¿*Qué es eso?*” (01:10) pregunta la mujer en idioma kichwa. “*Un espíritu*” (01:13) le responde otra, traducida al español por subtítulos blancos. Las mujeres deciden seguir andando y mantenerse juntas hasta encontrar un lugar dónde construir su casa. La cámara parece buscar el lugar del que proviene el sonido, mirando al cielo por el que cruza una bandada de pájaros, luego este cesa. Las mujeres acuerdan dividirse, unas van a cazar y otras a iniciar la construcción de la vivienda. “*Yo no sé cazar*” (02:18) dice una de ellas. La otra le responde “*eso no importa, yo te enseño, antes yo tampoco sabía*” (02:21).

Las mujeres que van de caza caminan entre los árboles. La que va detrás pide a la otra detenerse, pues tiene miedo. Ella le responde: “*tienes que poner fuerte el corazón, ya hemos pasado por todo lo malo antes*” (02:44). La cámara las sigue mientras se ayudan mutuamente a bajar al agua, caminando por un pequeño arroyo, a veces adopta su punto de vista mientras se abren camino entre las grandes hojas alrededor del agua. Van con sus lanzas buscando animales para cazar en las orillas. La cámara las mira ahora desde lejos, como acechándolas (**Figura 1**).

Figura 1- Mujeres acechadas por un sonido fuerte y atemorizante. Fotograma del filme *Shun*. 2021.



FUENTE: SHUN. Dirección: Sani Montahuano. Tawna Cine desde el territorio. 2021. 7 min, digital. Disponible en: Youtube, link privado de la realizadora. Consultado en: 14 ene. 2023.

De pronto regresa el sonido apremiante. “*Espera, espera, escucha*” (04:04) dice una de ellas. La otra mujer decide liderar el camino hacia el lugar de donde éste proviene. La cámara sigue a ambas mujeres en sus desplazamientos, como flotante, mientras caminan alerta empuñando su lanza y su mazo. Ambas se separan y siguen caminos distintos. Los planos alternan seguir a una, luego a la otra, entre imágenes donde la cámara parece estar sola, buscando entre las copas de los árboles vistas desde debajo.

Una de ellas se detiene, le grita a la otra que pare, pues se ha cansado. La otra sigue camino, sola, con su lanza en posición de defensa, mirando alrededor del ambiente completamente invadido por este sonido grave e indescriptible. Los planos se acercan y se alejan a su cuerpo, los cortes muestran saltos de imagen en los que ella aparece en diferentes posiciones, la cámara inicia movimientos que no se corresponden con los de la mujer, creando la sensación de una mirada que la acecha, que se acerca y se aleja de ella, que la observa. La mujer encuentra de pronto, en el piso un pequeño libro de tapa verde y letras doradas. Lo huele, lo toca y retira rápidamente su mano. Lo toma con cuidado y lo revisa.

La mujer vuelve a buscar a su compañera, quien le dice que se ha quedado con un fuerte dolor de cabeza. Ambas emprenden camino para buscar al resto de mujeres, caminan abrazadas por la selva con el pequeño

libro en la mano. Toman pequeños frutos verdes de los árboles y se alimentan. Revisan el libro, lo auscultan: “no huele a nada ni sirve para comer” (06:43) comentan. Abren sus hojas con la cámara muy cerca de sus manos, es una biblia (**Figura 2**).

Figura 2- Mujeres encuentran una biblia. Fotograma del filme *Shun*. 2021.



FUENTE: SHUN. Dirección: Sani Montahuano. Tawna Cine desde el territorio. 2021. 7 min, digital. Disponible en: Youtube, link privado de la realizadora. Consultado en: 14 ene. 2023.

El sonido apremiante se intensifica. Aparecen imágenes de archivo que duran apenas fragmentos de segundo, de distintas épocas. Una pequeña capilla azul de madera entre la selva, una antorcha de quema de gas de un pozo petrolero que escupe su lengua de fuego. En blanco y negro, un hombre indígena, entre otros hombres mestizos, con su corona de plumas. El llenado de un barril de petróleo de madera. Varias personas con las manos arriba embarradas de petróleo, sonrientes, mostrándolas a cámara. Nuevamente a color, enormes tanques de almacenamiento de petróleo. Una refinería vista desde un lugar alto. Una protesta con mucha gente y un cartel sostenido hacia arriba. Corte a negro. El título *Shun* aparece de nuevo en enormes letras rojas. La película termina.

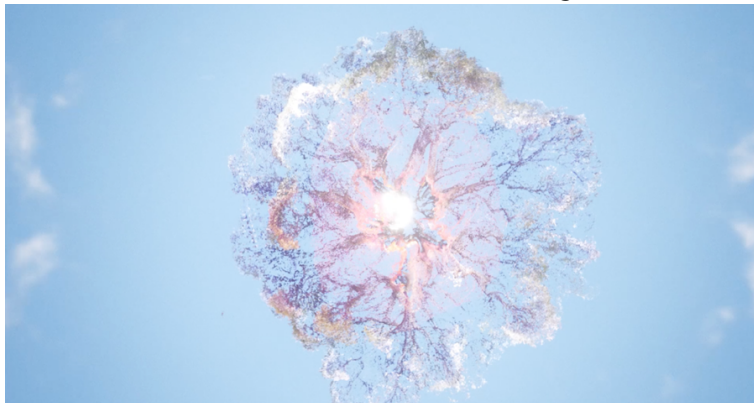
Yollotl (2020): Al comenzar el filme, suena una especie de tambor con gran eco sobre fondo negro. Una voz en idioma náhuatl, masculina y pausada, dice -la traducción al español, en letras blancas, aparece como subtítulos-: “*Venus brilla desde el bosque tropical maya*” (Colin Roque 2020, 00:03). Aparece, sobre fondo gris claro, en gris azulado oscuro y tonos

rojizos, la imagen de un árbol medianamente transparente, una mancha circular girando, como una sección transversal de tronco y ramas vista desde debajo. Suenan unos acordes de acordeón mientras continúa el tambor y la mancha va oscureciendo. Sobre imágenes de una cámara flotante, dentro de viejas ruinas de piedra, en una apertura de ventana, aparecen los créditos: *“Le Fresnoy- Studio des arts contemporains présentes, un film de Fernando Colin Roque, YOLLOTL”* (01:03). La cámara sale por la ventana hacia el bosque tupido y verde.

Al atardecer, un árbol seco se quema. A contraluz sobre el cielo naranja varios niños, sobre *el balde* de una camioneta en movimiento, señalan entre risas el cielo al encontrar Venus y Marte. Avanzan por un camino terroso mientras se encienden los sonidos de grillos de la noche. Llegan a una choza de madera. Evidentemente, la película ha organizado un viaje de todos hacia este lugar. Los niños juegan con la luz de una linterna roja sobre sus caras, ríen y hacen muecas mientras la cámara los recorre desde el centro, en círculo, rostro por rostro. Los árboles son iluminados por la misma luz roja, uno de ellos se quema con un gran fuego.

Dos niños caminan por una cueva a la luz amarilla de una linterna. *“El secreto sería revelado al activarse los dos portales dimensionales protegidos por los árboles centinelas. El acceso al primer portal es posible a través del árbol. El Tule”* (04:36), dice la voz. Aparecen imágenes del árbol circular semitransparente en negro y rojo, sobre fondo azul muy oscuro **(Figura 3)**.

Figura 3- Vista animada desde el interior de la Ceiba. Fotograma del filme *Yollotl*. 2020.



FUENTE: YOLLOYL. Dirección: Fernando Colin Roque. *Le Fresnoy - Studio national des arts contemporains*. 2020. 19 min, digital. Disponible en: Vimeo, link privado del realizador. Consultado en: 14 ene. 2023.

Desde el centro de lo que sería el tronco, un círculo blanco resplandece. Suenan los sonidos nocturnos del bosque y otros profundos, como vientos y golpes con eco. La cámara viaja por dentro del árbol hacia el astro entre los sonidos de acordeón. Se ven otras imágenes, en animación, de troncos de los árboles, un tejido transparente que conforma esos troncos y que se va prendiendo y apagando en rojo, como respirando y latiendo. Se ve llegar el día.

Aparece el rostro, sobre fondo de bosque, de una niña maya. La cámara recorre lentamente los detalles del tronco de un gran árbol cubierto de musgo. La niña pega su oído al tronco. Una canción cantada con voz infantil se escucha. Los subtítulos ponen: *“Caminando entre los árboles, mi corazón está feliz”* (07:10). La niña, hincada, se resguarda entre las enormes raíces y un fruto de cacao, alimento y moneda ancestral, cae a sus pies. La niña le canta al árbol las mismas frases ya escuchadas, el eco de su voz penetra, junto a sonidos musicales, las ramas transparentes de los árboles en animación (**Figura 4**). Un niño con palitos como antenas toca el tronco del árbol y también pega su oído. La cámara viaja entre las ramas transparentes y los tejidos de los árboles, con el astro brillante al fondo, o al cielo, y un sonido particular, como un golpe soplado con eco, se hace muy presente.

Figura 4- Niña Maya escucha el interior de los árboles. Fotograma del filme *Yolloyl*. 2020.



FUENTE: YOLLOYL. Dirección: Fernando Colin Roque. Le Fresnoy - Studio national des arts contemporains. 2020. 19 min, digital. Disponible en: Vimeo, link privado del realizador. Consultado en: 14 ene. 2023.

Una tercera niña pega su oído al tronco y mira fijamente a la cámara. *“Escuchaba que hablaban unos Mayas adentro de la Ceiba”* (10:38) dice. La voz del realizador pregunta *“¿En lengua Maya? – Y tronaban unos palos y gritaban los pájaros y estaban haciendo comida”* (10:40) responde ella. Los niños siguen jugando con la ceiba que un *tilt-up* muestra gigantesca. *“Una inscripción de cara al primer anillo del árbol que protegía con silencio la entrada: La memoria y el amor atraviesan el tiempo y el espacio.”* (10:40) dice la voz en náhuatl.

Aparece el árbol visto desde debajo a la luz del día y la cámara viaja por el tronco hacia la luz circular que se ve en el centro, mientras alrededor todo se oscurece. *“Venus volvió a brillar para acompañar la luz visible de las estrellas más distantes, que toman dos mil años en llegar a la Tierra, la misma duración de tiempo que el amor entre el Tule y la Ceiba se entreteje desde sus raíces y continúa floreciendo.”* (13:15) dice la voz en náhuatl.

Una luz amarilla baña el bosque y por allí camina una de las niñas, quien luego se junta a otros infantes que sostienen ramas, parados solemnemente. Con otro niño, mientras van cargando un dispositivo que expelle humo, caminan hacia las escalinatas de un templo en ruinas que suben para al fin quedarse, entre el humo gris, frente al enorme bosque. La película termina.

5 De la creación a la recepción de la imagen

Sani Montahuano, en entrevista personal,⁴ explica el significado del título *Shun*: *“es un animalito, es una sanguijuela. Es una representación. Muchas personas vienen a extraer el petróleo, el oro, es como esa sanguijuela que se te pega en la piel y empieza a consumir tu sangre, es algo así, algo metafórico”* (MONTAHUANO, 2022, p. 13). Sobre cómo nació la idea, Sani explica: *“en la película solo hay mujeres, es un espacio solo de*

⁴ Entrevista *online* a Sani Montahuano realizada por Lucía Romero para Alquimia Audiovisual, grabada en video vía Zoom en septiembre de 2022.

mujeres, donde descubren el peligro que llegaba a nuestra selva, como el petróleo, el caucho, las iglesias y las demás invasiones” (MONTAHUANO, 2022, p. 2). Luego amplía:

Estas mujeres que son de una tribu, por una pelea -que no se ve ahí- [...] deciden separarse de los hombres y continuar su camino; ellas empiezan a caminar, se van con sus cosas y la cámara está haciendo lo que nuestros ojos muchas veces hacen: de repente estás viendo algo y, de una, te enfocas en otras cosas y giras. Es la mirada de ellas. El espíritu es este sonido, ese que tú nunca vas a escuchar en la selva [...]; en la ciudad es el ruido del carro, del tractor o de que están demoliendo una casa, una moto, o cualquier herramienta, pero este sonido nunca va a sonar en la selva. Entonces era como una alerta a estas mujeres, un aviso de que esto era el futuro, esta bulla, este mal espíritu. Esta tribu era muy antigua, no conocía nada de la civilización y encontrarse una Biblia era la llegada del evangelio, la llegada de los misioneros a los pueblos indígenas y con la llegada del evangelio llegan las empresas petroleras, el caucho, llega toda la destrucción en nuestros territorios. (MONTAHUANO, 2022, p. 14)

Por su parte, Fernando Colin Roque (2022) en la entrevista *online* realizada por el *Festival Manuel Trujillo Durán*⁵, explica que *Yollotl* significa corazón y es una palabra en náhuatl, que “*es una lengua mexicana que era hablada por los Mexica, los Aztecas. Y todavía es una lengua que se habla en una parte del territorio, en el centro sur, y en algunas partes de Guatemala y El Salvador*” (COLIN ROQUE, 2022, 00:45). Explica, también que la idea de hacer la película surge:

[...] como una intención de escuchar los árboles, de escuchar el bosque, y de esa manera intenté conectar esta necesidad mía [...] de querer aprender más sobre los bosques, a escuchar. Entonces encontré este lugar que está en el sur de México cerca de la frontera con Guatemala, la reserva de Calakmul, que es la reserva del bosque Maya. (COLIN ROQUE, 2022, 01:46).

Siguiendo las palabras de Sani y de Fernando, en relación al análisis fílmico composicional previo, se puede entender que ambas películas se centran en la relación entre humanos y otros seres del bosque y de la selva.

⁵ Entrevista *online* a Fernando Colin Roque realizada por Belén Orsini para el Festival Manuel Trujillo Durán, grabada en video y subida a *Youtube* en enero de 2022.

En el caso de *Shun*, se trata de la aparición de un mal espíritu que aparece para advertir del futuro a las mujeres. En el caso de *Yollotl* se trata de una conexión de las diversas culturas en tránsito con los árboles de Calakmul, a los que se vuelve necesario escuchar. Ambas películas se relacionan con el *giro ontológico* desde su concepción de una interrelación entre los seres de la selva, de los que forman parte los seres humanos de una forma descentralizada y desjerarquizada, en territorios específicos, desde las realidades de los pueblos indígenas que los habitan.

En la provincia de Pastaza en Ecuador, donde se encuentran los territorios Sápara, la amenaza de la deforestación y la afectación por los bloques petroleros 79 y 83 vuelven un imperativo proteger estos territorios para sus habitantes, cuya cultura y medios de sustento corren peligro de desplazamiento y desaparición (CASTILLO, *et al.*, 2016, p. 20). Sani explica:

[...] es demostrar cómo está desapareciendo poco a poco nuestra selva. Y en *Shun* es también decir, entre comillas, gracias a estas cosas nuestras tribus han ido desapareciendo, gracias a la tala de caucho, al petróleo, a la minería. No sabemos lo que existía antes, en concreto. Quizá existían más culturas y desaparecieron, como nosotros hoy en la actualidad estamos siendo menos de 500 personas. (MONTAHUANO, 2022, p. 28)

Sobre el cine que Sani realiza con su colectivo, ella relata: “*lo llamamos cine desde el territorio porque estamos en las comunidades, estamos en casa y cuando hay un conflicto, estamos nosotros para poder dar voz a través de una cámara, para acompañar estos procesos a través de una cámara, a través del audiovisual*” (MONTAHUANO, 2022, p. 5).

Por otro lado, Calakmul, donde fue rodado *Yollotl*, es una reserva de la biosfera y un bosque tropical protegido en la península de Yucatán en México, muy cerca de Guatemala, una zona muy afectada por incendios forestales, que se producen por las necesidades agrícolas irresueltas de la población, y que varias veces no logran controlarse, por lo que terminan afectando el área protegida (RADWIN, 2019). Explica Fernando:

[...] es un lugar donde ocurre mucho pasaje de fauna, de flora y de humanos, entonces, de lenguas. [...] este lugar se había convertido,

durante mucho tiempo, en un lugar para reposarse, en un lugar para tomar otra vez energía. Y gran parte de estas personas que paseaban hace 500 años, 600, y actualmente, venían de la región centro y se iban hasta México, y así. Entonces náhuatl era lo que se hablaba también allí, junto con el maya, y el tsotsil, etc. Entonces yo quería conectar con la lengua de mi abuela, de mis abuelos, con la lengua que en México no nos enseñaron en mi generación y que apenas se está enseñando porque hubo un descontento con gran parte de las lenguas originarias hace unos 60 años más o menos, y este lenguaje náhuatl yo lo aprendí en la escuela y también lo aprendí por una decisión social, política, pero sobre todo por un tema de memoria. (COLIN ROQUE, 2022, 03:15).

Estas ideas sobre lo político de la defensa anti-extractivista del territorio desde el audiovisual y del uso del lenguaje a partir de los intercambios entre pueblos cruzando espacios, hoy divididos por fronteras nacionales, tienen correspondencia en particulares configuraciones de la forma fílmica. *Shun y Yoltl* visibilizan lo invisible a partir de una mirada y urgencia cosmopolíticas (SPERANZA, 2019), demostrando la necesidad de valoración de las culturas indígenas latinoamericanas a partir de las que un entenderse parte de la naturaleza emerge y puede llegar a combatir las concepciones moderno-coloniales que privilegian la imposición de los humanos sobre los llamados *recursos naturales*, justificando la explotación y extractivismo en los territorios. A partir de estas ideas en torno a la creación cinematográfica, Sani comenta acerca de su proceso de trabajo relacionado con la forma en que su cultura entiende la selva:

Nosotros en la selva vemos cosas que muchas personas de afuera, por así decir blancas, no pueden ver, [...] cómo se mueve un animalito que es bien chiquitito y carga muchos palitos y muchas personas dicen solo es basura, pero dentro de esos palos existe vida [...]. También el por qué tomamos medicina, hacemos tabaco y soñamos. Nosotros los Zápara soñamos para poder estar conectados con este mundo material y también estar conectados con el mundo espiritual. (MONTAHUANO, 2022, p. 3)

Ampliando estas nociones desarrolla:

[...] cuando vas caminando por la selva, puedes ver pasar un espíritu y quizás uno no se da cuenta. Muchas veces hay escépticos que dicen: ah, se cayó una hoja, y en realidad no es una hoja, es un espíritu de la selva. Y muchas veces los animales viven eso en la

selva. La selva es muy profunda, es mágica y la habitan muchos seres. (MONTAHUANO, 2022, p. 24-25)

Fernando, por su parte, explica:

Quería hacer una película completamente inmersiva, una película en donde nos preguntemos qué pasaría si de pronto hacemos un ejercicio de escucha, nos ponemos un poco a escuchar los árboles, a pegar un poco la oreja en los troncos y cerramos los ojos. Desde esa experiencia sensitiva partí. (COLIN ROQUE, 2022, 06:05).

Cuando el cineasta es preguntado sobre las lecciones de haber realizado la película, contesta:

Cuando empezamos a escuchar a los árboles y cuando empezamos a abrirnos a otro lenguaje que no es el lenguaje humano, sino un lenguaje no humano, de pronto aparecen como unas ramificaciones, desde el punto de vista humano también, y desde el punto de vista de los bosques, que pudieran abrirse. Es decir, pensar e intentar entender lo no humano, creo que es un aprendizaje atemporal que necesitamos hacer hoy día, porque esto nos puede permitir también plantearnos el espacio, el lugar que ocupa el ser humano actualmente, ¿no?. Y es que de esa manera solamente podríamos cambiar muchas cosas a cómo las hacemos como seres humanos contemporáneos. (COLIN ROQUE, 2022, 06:05).

A partir de estos comentarios se puede comprender que tanto Sani como Fernando trabajan con la idea de las perspectivas no humanas de una manera muy consciente, y enuncian su trabajo desde ese punto de vista. Sus concepciones resuenan con el concepto de Kohn (2013) de *ecología de las subjetividades*, según el cual existe una inter-representación entre los seres que habitan la selva. En *Shun*, la cámara, a veces adopta el punto de vista, la corporalidad de las mujeres en busca de aquello que emite el angustiante sonido, y otras un punto de vista flotante y movedizo donde ellas son observadas, acechadas. Así, habla de la adopción de diversas visualidades de forma corpórea en las que mujeres y espíritus de la selva tienen su propia forma de percibirse y representarse unos a otros y donde la cámara es capaz de volver estas percepciones visibles para quien mira la película. En *Yollotl*, la posibilidad visual de adoptar un punto de vista donde aparecen los niños observando y

escuchando los árboles y luego entrar dentro de los árboles y mirar sus conexiones con la tierra y los astros también implica una representación de la forma en que diversos habitantes del bosque y la naturaleza se representan y se perciben unos otros.

Estas formas de percepción y mutua representación presentes en ambos filmes, corresponden además al concepto de *perspectivismo amerindio* (VIVEIROS DE CASTRO, 2016). Ambas películas trabajan un respeto por la forma que seres no humanos de la selva y el bosque -árboles o espíritus- tienen de percibir, percepciones que son tan relevantes como las humanas, y, precisamente por ello, distintas. Esto busca ser mostrado en distintos tratamientos de la imagen. En *Shun*, la cámara adopta un ángulo contrapicado para asumir la perspectiva de las mujeres buscando el espíritu del que proviene el fuerte sonido y uno picado para representar la perspectiva que del espíritu de la selva tiene de ellas. En *Yollotl*, la cámara está sobre trípode para observar las acciones de los niños y viajera cuando se mete dentro de los árboles observando las conexiones sensoriales que conforman su tronco y ramas. En ambas películas la cámara encarna una concepción sin jerarquías de las diferentes percepciones entre los *cuerpos* que conforman el bosque, algunos, como el espíritu, inmateriales.

El espíritu en *Shun* es concebido también en su realidad humana, ya que animales y espíritus, para la cultura Sápara, fueron humanos alguna vez o se transformarán en humanos. La Gran Ceiba en *Yollotl* conecta el mundo de los muertos con el de los vivos y el de los dioses.

La profunda relación entre humanos y no humanos en estas películas, en estrecha relación con la cosmología y cosmogonía náhuatl, maya y sápara, que incluye el mundo material y el espiritual, vuelve visible las fuerzas entre lo humano y lo no humano desde una perspectiva sumergida (GÓMEZ- BARRIS, 2017) en las diferentes percepciones y perspectivas de los diversos seres.

Esta forma en que la cámara puede aprehender las diversas percepciones entre humanos y no humanos a partir de la adopción de las diversas corporalidades, entendiendo el cine como una producción de

visualidades a partir de una cámara-cuerpo, se corresponde con la idea de cine que rompe las ideas sistémicas entre objetos y sujetos (ESCOBAR, 2017) y su capacidad de descentrar la percepción y superioridad de lo humano. De esta manera, podemos hablar de un cine realizado desde una perspectiva *cosmopolítica* (STENGERS, 2014), que puede abrir mundos perceptivos que nos permitan devenir menos mortíferos, más sintonizados con lo que podría ser vivir en una real simbiosis inter-especies (HARAWAY; TORRES 2020).

6 Encuentros simbióticos interterritoriales

Shun y *Yollotl* son películas que propician un cambio de entendimiento. No tienen narrativas clásicas, lo que permite que mi percepción se disponga a dejarse llevar por el fluir de elementos: de las notas de acordeón, a los sonidos de profunda respiración y latidos desde lo profundo del bosque, de la cadencia de las palabras en náhuatl, que entiendo por los subtítulos, a la poesía visual y literaria de portales que se abren a través de los árboles, desde el fondo de la tierra a las estrellas; de la cadencia de los pasos descalzos en el bosque a las miradas asustadas de las mujeres, los desplazamientos visuales que se acercan y se alejan de sus acciones y guían un viaje entre el tiempo pasado, donde ellas quieren construir un modo de vida armónico, y uno futuro, donde un espíritu es capaz de advertir sobre la amenaza de destrucción y sufrimiento que crean la religión y el extractivismo.

Tal vez estas relaciones semióticas entre los seres del bosque, que incluyen a los humanos, tengan que ver con estos flujos de elementos materiales, como troncos, ramas, piernas, oídos, construcciones en piedra, agua, humo; y también energéticos, como el viento, la luz y el sonido. Entender y encarnar con la cámara estas relaciones desde la perspectiva de un árbol sagrado, que se entiende a sí mismo como conectado con el inframundo y las estrellas, en su relación con las niñas y los niños mayas

que viven en el entorno, o de un mal espíritu que viene a advertir al pueblo sápara de un futuro en el que todos los seres interrelacionados de la selva corren peligro, puede ser un ejercicio cinematográfico del concepto de perspectivismo amerindio. Ambas películas logran adoptar una *perspectiva sumergida* en la cosmovivencia de seres humanos y no humanos en interrelación. Este carácter lúdico de lo que acontece frente a la cámara habla de una vivencia actual que reactualiza los significados, los símbolos, los signos y las indexicalidades en algo que atraviesa los cuerpos de hoy, aquellos que continúan lo empezado por los de ayer, ya que, en ambas películas, las preguntas sobre cómo el pasado puede ayudar a construir un mejor futuro están vigentes. Las ideas de pensar con el pensamiento *otro* resuenan en la forma de realización de *Shun* y de *Yollotl*, donde los juegos intersubjetivos se reconfiguran para dar paso a formas plurales del ser, en nuestro caso, humano, pero desde diversas comprensiones de lo no humano a partir de la visualidad.

En la selva de Pastaza, el espíritu malo de la destrucción futura toma cuerpo para presentarse ante las mujeres de la tribu, en la reserva de Calakmul un Tule vive una historia de amor con la gran Ceiba. Se encuentran las lenguas y los pueblos que habitan esos territorios desde hace miles de años, pueblos en tránsito e intercambio. Hoy, las lenguas y las ideas siguen viajando, nos seguimos conectando, aunque en relaciones de lo valorado como conocimiento que no siempre son simétricas. En el generar esas interrelaciones desde sensorialidades que materializan otras visualidades, se encuentran las posibilidades de una simbiosis con seres no humanos a partir del cine. *Shun* y *Yollotl* abren las posibilidades perceptivas desde sus visualidades creadas desde una cámara corpórea y representan un muy bello portal abierto entre mundos, de la tierra y del cielo, de lo material y lo espiritual, para continuar esa búsqueda.

En estas perspectivas sumergidas, se encuentra la posibilidad de un cine simbiótico en el que, a partir de que la cámara asume una perspectiva corpórea y sumergida que muestra la inter-representación entre humanos y no humanos, se pueda asumir una simbiosis inter-especies capaz de

poner en relieve el pensamiento amerindio como posibilidad de respuesta ante la crisis climática que afecta particularmente a poblaciones y culturas empobrecidas y racializadas de América Latina.

7 Referencias

BAL, Mieke. **Tiempos Trastornados**. Madrid: Ediciones Akal, S.A, Edición para Kindle, 2020.

CASTILLO, Mauricio et alii. **La cultura Sápara en peligro. ¿Otro sueño es posible? La lucha de un pueblo por su supervivencia frente a la explotación petrolera**. Quito: Terra Mater, la Nación Sapara del Ecuador y NAKU, 2016. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/330347599_La_cultura_sapara_en_peligro_Otro_Sueno_es_Posible_La_lucha_de_un_pueblo_por_su_supervivencia_frente_a_la_explotacion_petrolera. Consultado en: 3 mayo 2023.

COLIN ROQUE Fernando. Conversa con Fernando Colin Roque - Cortometraje "YOLLOTL", Selección Oficial Festival MTD. [Entrevista concedida a] Belén Orsini. **Festival Manuel Trujillo Durán**. ene. 2022. Youtube. 22 min. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=fP_rGBQiyL4&ab_channel=FestivalManuelTrujilloDur%C3%A1n. Consultado en: 14 ene. 2023.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER Eugene F., The Anthropocene, **Global Change Newsletter**, n. 41, pp. 17 - 18, 2000. Disponible en <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf#page=17>. Consultado en: 3 mayo 2023.

ESCOBAR, Cristóbal. La imagen etnográfica, perspectivismo corpóreo en Eduardo Viveiros de Castro y el Sensory Ethnography Lab. **La Fuga**, n. 20, 2017. Disponible en <https://doi.org/https://lafuga.cl/la-imagen-etnografica/848>. Consultado en: 14 ene. 2023.

GÓMEZ-BARRIS, Macarena. **La zona extractiva: Ecologías sociales y perspectivas descoloniales**. Traducido por Catalina Arango Correa. Metales Pesados, 2017. Disponible en: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1wgvybf0>. Consultado en: 14 ene. 2023.

HARAWAY, Donna J.; TORRES, Helen. **Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno**. Bilbao: Consonni, 2020.

KOHN, Eduardo. **How Forests Think: Toward an Anthropology beyond**

the Human. Berkeley: University of California Press, 2013.

MAAM (Muestra de Antropología Audiovisual de Madrid). **Muestra de Antropología Audiovisual de Madrid**, 2021. Disponible en: <https://maamdocs.org/documentales-de-estudiantes-maam-2021/>. Consultado en: 14 ene. 2023.

MONTAHUANO, Sani. Entrevista a Sani Montahuano. [Entrevista concedida a] Lucía Romero. **Alquimia Audiovisual**, sept., 2022. Archivo de la empresa productora. 4 videos grabados vía zoom, 112 min.

RADWIN, Max. México: Deforestación e incendios afectan a la reserva de la biosfera de Calakmul. **Mongabay LATAM, Periodismo Ambiental Independiente**, 2019. Disponible en: <https://es.mongabay.com/2019/09/mexico-deforestacion-incendios-calakmul/>. Consultado en: 14 ene. 2023.

ROMERO SANDOVAL, Roberto. El devenir en el mundo subterráneo. **UNAM Revista Digital Universitaria**, 2012. Disponible en: <https://www.revista.unam.mx/vol.13/num11/art108/art108.pdf>. Consultado en: 14 ene. 2023.

ROSE, Gillian. **Metodologías visuales: una introducción a la investigación con materiales visuales**. Madrid: Centro de Estudios Avanzados y Arte Contemporáneo / CENDEAC, 2019.

RUIZ SERNA, Daniel; DEL CAIRO, Carlos. Los debates del giro ontológico en torno al naturalismo moderno. **Revista de Estudios Sociales**, no. 55 (January): 193–204, 2016. Disponible en: <https://doi.org/10.7440/res55.2016.13>. Consultado en: 14 ene. 2023.

SHUN. Dirección: Sani Montahuano. **Tawna Cine desde el territorio**. 2021. 7 min, digital. Disponible en: Youtube, link privado de la realizadora. Consultado en: 14 ene. 2023.

SPERANZA, Graciela. Visible / Invisible. Arte y Cosmopolítica. **Utopía Y Praxis Latinoamericana** v. 24, n.84, p. 1–13, 2019. Disponible en: <https://doi.org/10.5281/zenodo.2653173>. Consultado en: 14 ene. 2023.

STENGERS, Isabelle. La propuesta cosmopolítica. **Revista Pléyade**, p. 17-41, dic. 2014. Disponible en: <https://www.revistapleyade.cl/index.php/OJS/article/view/159>. Consultado en: 14 ene. 2023.

TAWNA (Tawna Cine desde el territorio). Shun. **Tawna Cine**. 2021. Disponible en: <https://tawna.org/peliculas/shun/>. Consultado en: 15 ene. 2023.

TRISCHLER, Helmut. El antropoceno, ¿un concepto geológico, cultural, o ambos? **Desacatos**. n. 54, mayo-ago. 2017. Disponible en

https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-050X2017000200040. Consultado en: 3 mayo 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. El nativo relativo. **Avá. Revista de Antropología** n. 29, p.29–69, 2016. Disponible en: <https://doi.org/https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169053775002>. Consultado en: 15 ene. 2023.

YOLLOYL. Dirección: Fernando Colin Roque. **Le Fresnoy - Studio national des arts contemporains**. 2020. 19 min, digital. Disponible en: Vimeo, link privado del realizador. Consultado en: 14 ene. 2023.



REVOLUÇÃO CUBANA ENTRE ARTISTAS E INTELLECTUAIS BRASILEIROS: O CASO DE “VIOLÃO DE RUA”

LA REVOLUCIÓN CUBANA ENTRE ARTISTAS E INTELLECTUALES
BRASILEÑOS: EL CASO DE “VIOLÃO DE RUA”

THE CUBAN REVOLUTION AMONG BRAZILIAN ARTISTS AND
INTELLECTUALS: THE “VIOLÃO DE RUA” CASE

Dédallo Neves¹ 

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Resumo: *Violão de Rua* foi uma antologia publicada em três volumes entre os anos 1962 e 1963. Integrou a coleção *Cadernos do Povo Brasileiro* como volume especial da editora Civilização Brasileira. Com seleção e edição do também poeta Moacyr Félix, o objetivo era popularizar a poesia entre as diferentes camadas sociais. Ao pôr a antologia em diálogo com a Revolução Cubana, será demonstrado como a poesia pode ser ferramenta estruturante de modos de vida e visões de mundo, e como ela está indissolúvelmente associada às dinâmicas e processos sociais, sendo partícipe de uma mesma “estrutura de sentimento”. Considerando a expressividade da Revolução Cubana nos países latino-americanos, o que interessa a este artigo é investigar como ela impactou a produção artística brasileira, particularmente a antologia *Violão de Rua*, e como esta, por sua vez, tornou-se uma possibilidade de avaliação dos acontecimentos da ilha caribenha, expressando e compartilhando uma consciência prática estruturada a partir da produção e organização material da vida.

Palavras-chave: Antologia *Violão de Rua*; Revolução Cubana; Intelectuais brasileiros de esquerda; Sociologia da cultura.

Resumen: *Violão de Rua* fue una antología publicada en tres volúmenes entre 1962 y 1963. Formó parte de la colección *Cadernos do Povo Brasileiro* como volumen especial de la editora *Civilização Brasileira*. Seleccionada y editada por el poeta Moacyr Félix, su objetivo era popularizar la poesía entre diferentes estratos sociales. Al ponerla en diálogo con la Revolución Cubana, se demostrará cómo la poesía puede ser una herramienta estructuradora de formas de vida y visiones de mundo, y cómo está inextricablemente asociada a las dinámicas y procesos sociales, formando parte de la misma “estructura de sentimiento”. Considerando la expresividad de la Revolución Cubana en los países latinoamericanos, lo que interesa investigar en este artículo es el modo cómo ella impactó en la producción artística brasileña, particularmente en la antología *Violão de Rua*, y cómo

¹ Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (PPGSocio/UFPR); bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); membro do grupo de pesquisa “Cultura, Política e Movimentos Sociais na América Latina” (CPMSAL/CNPq) e editor do periódico *Sociologias Plurais*, ambos vinculados ao PPGSocio/UFPR. E-mail: depaula.neves@hotmail.com.

ésta, a su vez, se convirtió en una clave interpretativa de los acontecimientos de la Isla caribeña, expresando y compartiendo una conciencia práctica estructurada a partir de la producción y organización material de la vida.

Palabras clave: Antología *Violão de Rua*; Revolución Cubana; Intelectuales de izquierda brasileños; Sociología de la cultura.

Abstract: *Violão de Rua* was an anthology published in three volumes between 1962 and 1963. It was part of the Civilização Brasileira collection Cadernos do Povo Brasileiro as a special volume. Selected and edited by the poet Moacyr Félix, the aim was to popularize poetry among different social strata. By putting it in dialogue with the Cuban Revolution, it will be demonstrated how poetry can be a structuring tool for ways of life and worldviews, and how it is indissolubly associated with social dynamics and processes, participating in the same "structure of feeling". What we intend to investigate is, considering the expressiveness of the Cuban Revolution in Latin American countries, how it impacted Brazilian artistic production, particularly *Violão de Rua* and how this became an interpretative key to the events of the Caribbean island, expressing and sharing a practical conscience structured from the material production and organization of life.

Keywords: *Violão de Rua*; Cuban Revolution; Brazilian leftist intellectuals; Sociology of culture.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.161614](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.161614)

Recebido em: 19/03/2023

Aprovado em: 28/06/2023

Publicado em: 30/07/2023

1 Introdução

O triunfo da Revolução Cubana (1959) foi um ponto de virada para a esquerda latino-americana. A fusão entre nacionalismo, humanismo e socialismo presentes nela marcou tanto o início de um novo período para os projetos socialistas da América Latina, quanto a síntese de um longo processo advindo desde o século XIX, a partir das lutas independentistas (PORTANTIERO, 1989).

A heterodoxia da ilha colocava o então Partido Comunista do Brasil (PCB) em conflito em relação às táticas e estratégias de viabilização e dos processos da revolução no Brasil, teórica e praticamente. Por outro lado, o partido não poderia deixar de reconhecer o sucesso de Cuba, especialmente após 1961, quando foi declarado o caráter socialista da Revolução. Inicialmente, no entanto, ela foi um grande marco para a intelectualidade brasileira, talvez o mais decisivo daquela geração, gestada em período democrático (1946-1964), que teve no processo cubano um polo catalisador do anticapitalismo e anti-imperialismo (RIDENTI, 2007, p. 192).

Vitoriosa a 90 milhas do imperialismo estadunidense, a Revolução Cubana foi acontecimento histórico grandioso para o continente, estimulando outros projetos emancipatórios, demandando dos partidos comunistas e demais organizações de esquerda uma resposta teórica e prática às propostas castro-guevaristas (BARÃO, 2003, p. 305).

As demandas impostas afetaram os intelectuais expondo-os à ação que estaria “entre a pena e o fuzil”, ou seja, “[...] entre desenvolver sua ocupação específica ou participar do processo de transformação social mais amplo [...]” (RIDENTI, 2007, p. 186).

Em diálogo com as concepções de Guevara, que objetivava transformações sociais mais amplas e individuais mais específicas, ao ponto de criar o “homem novo”, estava o humanismo revolucionário do ideário cepecista (DE PAULA, 2009, p. 33). Aqueles que estavam vinculados ao Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE) viram na prática intelectual uma forma de engajamento com os processos latino-americanos em curso. *Violão de Rua — poemas para a liberdade* (1962-1963), uma publicação em parceria entre o CPC da UNE e a editora Civilização Brasileira foi uma das ferramentas de agitação e propaganda² originadas nesse contexto. Seus princípios estavam em diálogo com diferentes perspectivas de esquerda. Na definição do Prefácio do volume 3, Moacyr Félix, editor da antologia, afirma:

“Violão de Rua é um livro que se coloca, portanto, ao lado do proletariado e do campesinato, das suas lutas e das suas aspirações: o poeta deve ser o primeiro a saber e o último a esquecer que na singularidade de cada homem injustiçado é toda a humanidade que sofre [...]” (FÉLIX, 1963a, p. 12).

Entre os poetas que fizeram *Violão de Rua*, “o passado pré-moderno e o homem novo – ou seja, o engajamento poético, a utopia, o humanismo, o marxismo e o terceiro-mundismo – se confundem” (DE PAULA, 2009, p. 34).

² Ênio Silveira, editor e proprietário da Civilização Brasileira, define a *agit-prop* do CPC da UNE como “não subalterno, não partidário, com o propósito de despertar toda a população do marasmo cultural em que vivia, abrindo-lhe os olhos e a consciência para a necessidade de repensar o Brasil em termos brasileiros, segundo a óptica dos deserdados do poder, dos humildes e ofendidos que uma automeada elite sempre quis manter nos patamares inferiores da pirâmide social.” (SILVEIRA, 1994, p. 11-12).

Publicada em forma de antologia em três volumes entre os anos 1962 e 1963, integrou a coleção da Civilização Brasileira *Cadernos do Povo Brasileiro*³ como volume especial. Com seleção e edição do também poeta Moacyr Félix⁴. O objetivo era popularizar a poesia entre as diferentes camadas sociais, uma vez que fazendo parte do projeto dos *Cadernos* os livros eram vendidos a preço acessível. O projeto foi interrompido pelo golpe militar de 1964, embora já houvesse outros quinze volumes previstos.

Ao pôr em diálogo a Revolução Cubana e a publicação, será demonstrado como a poesia pode ser ferramenta estruturante de modos de vida e visões de mundo e como está indissolúvelmente associada às dinâmicas e processos sociais, sendo partícipe de uma mesma “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 1979) que formou e informou a intelectualidade brasileira entre os anos 1950 e 1970.

A “estrutura de sentimento”, definição teórico-metodológica, articula-se nas pesquisas de sociologia da cultura como uma hipótese para analisar o processo de institucionalização da produção da cultura através de suas formas e convenções artísticas e literárias. A estrutura de sentimento pode ser entendida como 1) significados e valores tal como são sentidos e vividos ativamente; 2) a presença de elementos comuns a várias obras de arte do mesmo período histórico; 3) a articulação de uma resposta a mudanças determinadas na organização social; e 4) hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender elementos sociais e suas ligações, numa geração ou período em diferentes artistas (Ibidem).

Adiciona-se a este caminho metodológico, as concepções de Lucien Goldmann (1967a) para a análise de objetos literários, cujo exercício parte de

³ Uma iniciativa da editora em conjunto com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Eles foram publicados entre 1962 e 1964 para debater, em formato de livros de bolso com baixo custo, temas considerados importantes para se compreender o Brasil. Os *Cadernos* foram coordenados e editados por Álvaro Vieira Pinto (do ISEB) e Ênio Silveira (editor e proprietário da Civilização Brasileira) (LOVATTO, 2010); enquanto os três volumes especiais de poesia ficaram a cargo de Moacyr Félix.

⁴ Moacyr Félix (1926-2005), poeta, editor e ensaísta carioca. Depois de formar-se em direito na Faculdade Católica, no Rio de Janeiro, no começo dos anos 1950, viajou para a França para estudar filosofia. Foi onde conheceu mais detalhadamente o existencialismo sartriano e as obras do jovem Marx. Ao retornar ao Brasil, esteve envolvido com a intelectualidade de esquerda próxima ao Partido Comunista, sendo um dos membros fundadores do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI), embora nunca tenha aderido à militância partidária oficialmente. Também esteve ao lado de Ênio Silveira por pelo menos duas décadas na Civilização Brasileira, editando livros e desenvolvendo projetos, como o *Violão de Rua*, as revistas da Civilização Brasileira e Paz e Terra, além de outros projetos.

uma visão de mundo configurada em grupos sociais de forma coerente e unitária, e expressada literariamente. Para isso, o autor destaca a necessidade de buscar no texto a “estrutura significativa”: o todo que estrutura o significado das partes. Para definir as estruturas significativas de um texto, Goldmann sugere uma cisão de totalidades, sendo cada uma integrante de uma totalidade mais ampla, ou seja, totalidades relativas. Com isso, chega-se na operacionalização metodológica goldmanniana a partir da relação entre “compreensão” e “explicação”, sendo a primeira “a descrição de uma estrutura significativa e de seus vínculos internos” (GOLDMANN, 1972, p. 16) e a segunda a inserção de tal estrutura em outra mais vasta. No caso deste artigo, os poemas de *Violão de Rua* são totalidades relativas presentes em totalidades mais amplas, que estruturam e dão significado aos processos materiais da produção cultural no Brasil dos anos 1960.

Considerando a expressividade da Revolução Cubana para os países latino-americanos – e o Terceiro Mundo de forma geral –, o que interessa a este artigo é investigar como ela impactou a produção artística brasileira, particularmente a publicação *Violão de Rua*, e como esta, por sua vez, foi uma possibilidade de compreensão dos debates relacionados ao Terceiro Mundo, tendo na Revolução Cubana não a sua origem, mas um acontecimento histórico que expressou e compartilhou uma consciência prática estruturada a partir da produção e organização material da vida.

A contribuição do presente artigo está ao trazer para a análise a produção de *Violão de Rua* e como ele foi um dos espaços em que elementos foram catalisados para compreender e dinamizar os processos e debates da Revolução Cubana em solo brasileiro, pois a cultura enquanto atividade material age não só como reprodutora, mas também como produtora de conhecimentos e tradições.⁵

⁵ Esta é uma análise que não se esgota neste artigo. Outras questões e abordagens sobre o *Violão de Rua* estão presentes na minha pesquisa de doutorado em desenvolvimento, em que há um capítulo destinado à publicação e onde se pode encontrar algumas das referências obrigatórias ausentes (conscientemente) no presente texto, como Czajka (2005, 2009) ; Napolitano (2001; 2011); Brêtas (2007); e De Paula (2009), citado brevemente. Na tese, desenvolve-se um diálogo crítico com algumas bibliografias que insistem em abordar a questão da literatura produzida pela esquerda brasileira (cujos rótulos se desenvolvem em “engajada”, “literatura social” ou ainda “literatura de protesto”) a partir da perspectiva do romantismo revolucionário, e observa-se como elas avançam pouco em relação ao que já fora apresentado por Ridenti, não obstante suas contribuições para os objetos em

2 A Revolução Cubana entre intelectuais brasileiros

Williams (2014, p. 100) afirma que a linguagem – forma e conteúdo em um tempo – pode incluir muitas vezes de modo inconsciente as relações reais entre o escritor e outros agentes (público ou seus pares), mas também pode partir de uma intencionalidade. A estrutura formal, o uso dos deslocamentos, dos espaços em branco, das alternâncias entre versos longos e curtos conjugados com a matéria da poesia em termos de conteúdo demonstra a defesa da possibilidade de expressão poética privilegiando forma e conteúdo. Moacyr Félix, apesar de ter ficado conhecido como um poeta engajado, pertencente à tradição da poesia social, criticou em *Violão de Rua* as duas faces da produção literária, a apegada à forma e a defensora do conteúdo.

O texto da nota introdutória fala em “desviar-se da ineficiente e superficial generosidade que se enreda no sectarismo, no dogmatismo dos slogans [...] [dos] erros já historicamente condenados, de uma estética que resulta apenas da aplicação mecânica de esquemas ideológicos” (FÉLIX, 1963a, p. 10). Para Félix, crítico de algumas posições adotadas por artistas entre os anos 1950 e 1960, o projeto de *Violão de Rua* deveria ser uma “obra participante, mas não partidária [...] um solavanco nas torres de marfim de uma estética puramente formal, conservadora e reacionária [...] [que] resvala sempre para o sentido *divertissement* e do ornamental” (FÉLIX, 1963a, p. 9-10), uma crítica direcionada às direções estético-partidárias do PCB, naquele momento ainda bastante influenciado pelo zdanovismo, e aos concretistas e neoconcretistas, que tinham na produção formal o contraponto ao conteudismo.

questão. O que propomos na tese – e não discutimos neste artigo – é a contribuição da formação católica de Moacyr Félix como um possível eixo orientador de publicações de esquerda no Brasil entre os anos 1950 e 1970. Portanto, consideramos necessárias outras abordagens que trabalhem com algumas “incongruências” presentes em projetos propostos pela intelectualidade de esquerda, caso do conservador Cassiano Ricardo, em *Violão de Rua*, que se aproxima de Félix através de formações culturais distintas daquelas próprias da esquerda que permeava a Civilização Brasileira (sobre o tema de formações culturais e a editora Civilização Brasileira, ver mais em Czajka [2005; 2009]), e que foi ignorado nas pesquisas que se utilizaram do romantismo revolucionário, de Marcelo Ridenti (2014) a Tadeu de Paula (2009), passando por Manuela Brêtas (2007) e Reginaldo Chaves (2021).

Tanto aos que cometeram os erros condenados historicamente (realismo socialista) quanto aos que gozaram de uma estética puramente formal (conservadores formalistas), Félix destinou o poema “Fala irritada”, no volume 3, cuja epígrafe diz: “Aos sectaristas, oportunistas, carreiristas e formalistas da política e das letras” (FÉLIX, 1963b, p. 92). Com isso, posicionava *Violão de Rua*, assim como a sua própria visão, no debate daqueles anos sobre a arte engajada ou a arte pela arte, que cerrou fileiras de intelectuais e dividiu grupos, inclusive politicamente, sendo os primeiros muitas vezes comunistas ou simpáticos à esquerda e os segundos, tidos como conservadores ou apoiados pelo establishment anticomunista, compartilhando espaços em publicações com futuros golpistas de 1964 (RIDENTI, 2022, p. 86).⁶

Uma tônica que estava posta à direita ou à esquerda, entre forma e conteúdo, era a do nacionalismo (RIDENTI, 2010; NAPOLITANO, 2022) enquanto eixo norteador.

Naquele contexto brasileiro, a valorização do *povo* não significava criar utopias anticapitalistas passadistas, mas progressistas; implicava o paradoxo de buscar no passado (nas raízes populares nacionais) as bases para construir o futuro de uma revolução nacional modernizante que, ao final do processo, poderia romper as fronteiras do capitalismo (RIDENTI, 2010, p. 89).

O que se observava nas produções artísticas era a construção de dramas relacionados à vida no campo, ao êxodo de nordestinos para grandes capitais, dado o momento de urbanização que o Brasil passava com a aceleração dos processos de modernização da sociedade iniciado com Juscelino Kubitschek, o latifúndio e a reforma agrária associada às lutas campesinas e às revoluções terceiro-mundistas (Ibidem). Temas que entram em comum acordo com a Revolução Cubana, tematizada em *Violão de Rua*. Ainda que alguns fatores como o anti-imperialismo apareçam não como prerrogativa da Revolução, mas como elemento contributivo para o debate da intelectualidade do período. Acrescem-se as

⁶ Ver mais sobre a Associação Brasileira do Congresso pela Liberdade da Cultura e a publicação *Cadernos Brasileiros* e envolvimento de notórios intelectuais, entre eles Manuel Bandeira, Afrânio Coutinho, Nélida Piñon (RIDENTI, 2022).

concepções do “homem novo” e do “humanismo” como características que os poetas elencaram nos três volumes da coleção.

O sentimento anti-imperialista presente em Ferreira Gullar no poema *Quatro mortos por minuto (à razão de mil dólares)*, publicado no volume 1 de *Violão de Rua*, associa a concepção de sofrimento dos povos do Terceiro Mundo à riqueza estadunidense. Se num primeiro momento, Gullar fala das condições subumanas que gozam os latino-americanos, afinal “aqui mal passam dos trinta” (GULLAR, 1962a, p. 20), por causa da febre, da tísica, da verminose, do cancro e sistosomose, todas doenças citadas no poema, a conclusão é que “todos esses defuntos / morrem de fato é de fome, / quer a chamemos de febre / ou de qualquer outro nome.” (Ibidem), ocorrendo na estatística de quatro homens por minuto que “[m]orrem de fome e miséria” (Ibidem); por outro lado, é na mesma quantidade de tempo que há a evasão de dólares do país para os Estados Unidos, voltando a perspectiva do poema para o anti-imperialismo. O que já estava anunciado no título, concretiza-se na segunda metade: “Mil dólares por minuto, / eis quanto nos rouba o ianque. / Time is Money: transformam / em moeda nosso sangue.” (Ibidem, p. 21). Gullar, expressando os debates do período, sabia que a riqueza do Primeiro Mundo se faz através da pobreza do Terceiro, e que no jogo das nações só há um caminho possível: “Fidel mostrou-nos a rota: / Pátria ou morte! Venceremos!” (Ibidem). A revolução deveria ser nacional.

Félix, ainda no volume 1, também enfatizou suas críticas às práticas do Ocidente imperialista, no poema “Aula Ocidental”.

Aprenda comigo a lei / da grandeza ocidental: / Deus fez tudo desigual: / quem fala inglês pra ser rico, / quem não fala pra ser mau. / Deus fez tudo desigual: / pra ser rico o industrial, / o usineiro, o fazendeiro / que podem gastar dinheiro / sem pensar nesta besteira / de haver classe social, / pois sabem ser *natural* terem eles alegrias / quando o povo passa mal (FÉLIX, 1962a, p. 62).

Além da temática terceiro-mundista, anticapitalista e, sobretudo, antiocidental com ênfase no deus judaico-cristão, que fez tudo desigual, é possível perceber um cuidado com a forma do poema. Feito em verso

heróico quebrado, os versos de seis sílabas poéticas, e com rimas emparelhadas e alternadas, o poema ganha ritmo e em alguma medida acelera a leitura, entrando em consonância com o objetivo da publicação *Violão de Rua*, cujo propósito era sua distribuição em larga escala em pontos de grande movimentação de pessoas como estações de trem. O público-alvo, a classe trabalhadora e o movimento estudantil, poderia a partir do movimento poético elaborar e compartilhar visões de mundo com os artistas.

Conforme a acepção de Goldmann (1967a, p. 73), a visão de mundo é uma perspectiva coerente e unitária sobre o conjunto da realidade. Ela não é uma entidade abstrata, pois se configura na realidade enquanto sistema de pensamento num grupo de pessoas que estão em certas situações econômicas e sociais, ou seja, em determinadas classes. As visões de mundo estão em constante disputa e reformulação, mesmo dentro de um mesmo espectro político.

Disputando determinadas visões de mundo, o PCB propunha maneiras de encarar o processo da revolução brasileira que não se casavam com as formulações da Revolução Cubana, contudo sendo esta um empreendimento bem-sucedido, o Partido brasileiro não poderia não reconhecer a ilha como uma alternativa ao regime socialista.

O PCB mantinha uma posição peculiar em relação à Revolução Cubana: em todos os documentos oficiais, declarava-se solidário com ela, estimulando também a formação de algumas entidades de solidariedade. No entanto, o partido opunha-se frontalmente à aplicação concreta da “via cubana” no Brasil, entendendo-se por isso a luta armada e a substituição do partido pelo núcleo armado como vanguarda da revolução (BARÃO, 2003, p. 289).

Paradoxalmente, no momento histórico proporcionado pela ilha caribenha em que se acirrava a politização, seduzindo amplos setores da sociedade, de estudantes a camponeses, o PCB, partido por excelência defensor da Revolução, considerou moderar as ações políticas para realizar alianças com a burguesia nacional e alcançar os objetivos de transformação social sem processos disruptivos (MORAES, 1989, p. 63).

A “via cubana” defendia que a etapa da revolução em toda a América Latina era anti-imperialista e socialista, pois seria dominante na região a oligarquia composta pela burguesia local e pelos latifundiários e aliada do imperialismo, sendo infrutífero tentar localizar alguma brecha neste amálgama que pudesse ocasionar uma mudança revolucionária na sociedade (BARÃO, 2003, p. 303).

Daí os temas em *Violão de Rua* estarem em constante diálogo com as definições da via cubana que historicamente mostrou-se mais assertiva do que o aliancismo do PCB, o que aponta para uma realidade que a América Latina compartilhava, por sua natureza histórica de “neocolônia” dos Estados Unidos no século XX, e pela longa tradição colonial nos séculos anteriores. Conforme a acepção de Goldmann (1967a; 1967b; 1972), estava posta uma relação de “homologia” entre as estruturas políticas e as concepções estéticas de artistas e intelectuais de esquerda, ou seja, um intercâmbio entre a produção estética que privilegiava a literatura engajada e o engajamento político. Este intercâmbio entre os extratos estéticos e os políticos pode ser compreendido da seguinte forma:

A relação entre o grupo criador e a obra apresenta-se, a maioria das vezes, de acordo com o seguinte modelo: o grupo constitui um processo de estruturação que elabora na consciência de seus membros as tendências afetivas, intelectuais e práticas, no sentido de uma resposta coerente aos problemas que suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas formulam (GOLDMANN, 1967b, p. 208).

A Revolução Cubana simbolicamente despertou entre a intelectualidade brasileira o sentimento de ser possível um outro projeto de sociedade para além das fronteiras estadunidenses. O acontecimento histórico de 1959 foi capaz de capturar e catapultar algo que já vinha sendo gestado entre artistas latino-americanos que pode ser definido como “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 1979), além de ser um eixo aglutinador e orientador de uma mesma “visão de mundo” (GOLDMANN, 1967a).

No Brasil, a presença dos elementos revolucionários na produção artística, que não têm a sua origem na Revolução Cubana, mas passam e

são transformados por ela, podem ser definidos como “brasilidade revolucionária”, que “envolveria o compartilhamento de ideias e sentimentos de que estava em andamento uma revolução, em cujo devir artistas e intelectuais teriam um papel expressivo, pela necessidade de conhecer o Brasil e de aproximar-se de seu povo” (RIDENTI, 2010, p. 10). Por esse motivo, observa-se a posição dos poetas, assim como os dois textos introdutórios de Moacyr Félix, numa posição de vanguarda política.

Geir Campos, no volume 1, em *Poética*, deseja ser a orientação intelectual e política do povo brasileiro: “Eu quisera ser claro de tal forma / que ao dizer / — rosa! / todos soubessem o que haviam de pensar. / Mais: quisera ser claro de tal forma / que ao dizer / — já! / Todos soubessem o que haviam de fazer” (CAMPOS, 1962, p. 40). Entendia o poeta o dever de vanguarda que a intelectualidade política e artística deveria assumir.

Félix traduz a poesia de Campos na nota introdutória do volume 3 ao afirmar: “Violão de Rua é um gesto resultante da poesia encarada como forma de conhecimento do mundo e servindo, portanto, ao esforço para uma tomada de consciência das realidades últimas que nos definem dentro deste mesmo mundo” (FÉLIX, 1963a, p. 9). Segundo a perspectiva de Félix, as poesias seriam o instrumento de seus leitores para possibilitá-los dominar o mundo em qual vivem. Mais do que isso, caberia também à publicação “levar a poesia para os terrenos em que ela se identifica com a ação de responder ao que substantiva o seu tempo” (Ibidem), o que retira o caráter de pura contemplação do fazer e do fruir poético, e insere a perspectiva engajada, tão em voga naquele tempo. Agindo dessa maneira, a poesia de *Violão de Rua* conseguiria “demonstrar a tendência a uma nova visão de mundo, apta a oferecer novos prismas para uma vivida compreensão da História, dos seres e das coisas” (Ibidem, p. 11). Ou seja, aos poetas caberia a construção de um novo país, pois segundo Félix, a nova visão de mundo só seria “verdadeira na medida em que for brasileira” (Ibidem).

O nacionalismo tão importante para as ex-colônias foi marcadamente presente à direita e à esquerda nos processos políticos do

século XX da América Latina, e para a construção da “brasilidade revolucionária” foi uma marca indelével que conjugava outros elementos cujas influências nem sempre foram uma consequência da Revolução Cubana, mas, assim como gestou o sentimento de transformação na ilha, também aconteceu no Brasil e em outros lugares da América Latina, como se a partir das diferentes tentativas de revolução no interior dos processos nacionais houvesse a internacionalização de uma estrutura de sentimento revolucionária (RIDENTI, 2010).

Daí, tanto Che Guevara quanto Moacyr Félix recuperarem o “homem novo” do jovem Marx. Na mesma nota, Félix estabelece uma aproximação entre o poeta e o proletariado a partir da negação enquanto contradição da realidade, tanto um quanto o outro quando negam a si mesmos, negam o destino histórico imposto: “[o proletariado é] a única classe que traz em si própria, historicamente, a morte do homem velho e o nascimento do homem novo. *Violão de Rua* é um livro que se coloca, portanto, ao lado do proletariado e do campesinato, das suas lutas e das suas aspirações” (FÉLIX, 1963a, p. 12).

A influência do jovem Marx por parte de Moacyr Félix vinha do início dos anos 1950, quando estudou na França. Logo, sua formação como marxista não provém do partido e da prática política enquanto militante, apesar de ter atuado posteriormente como militante intelectual, estando à frente de órgãos como o Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI). O poeta acentuava criticamente a leitura “economicista” do partido e a própria interpretação soviética. Esse motivo o levou a nunca se filiar ao PCB, embora estivesse nas mesmas trincheiras, o que o permitiu a tecer comentários críticos aos sectaristas e dogmáticos, bem como publicar nomes que o partido provavelmente não aprovaria, caso de Cassiano Ricardo (poeta associado à primeira geração de modernistas na vertente conservadora, integrante do grupo Anta, e, posteriormente, parte das neovanguardas, em especial da Poesia-práxis) que esteve presente com dois poemas no volume 3. A passagem dos anos 1950 para os 1960 foi um período em que uma série de valores eram compartilhados entre a

intelectualidade de esquerda, independentemente de sua filiação partidária.

Valorizava-se acima de tudo a vontade de transformação, a ação para mudar a História e para construir o *homem novo*, como propunha Che Guevara, recuperando o jovem Marx. Mas o modelo para esse *homem novo* estava, paradoxalmente, no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do “coração do Brasil”, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista (RIDENTI, 2010, p. 88).

O campo ganhou contornos além dos geográficos e passou a ser a representação simbólica da possibilidade de levar a cabo o processo revolucionário brasileiro, ainda mais com duas experiências que tinham nele o lugar de excelência: a Revolução Chinesa e a Cubana. Neste último caso, foi demonstrada a heterodoxia política e ideológica da revolução em terreno latino-americano e a sua imperatividade. A guerrilha necessitou combinar diferentes fatores para conseguir ser bem-sucedida, utilizando-se do conhecimento dos moradores da região de Sierra Maestra.⁷

A Revolução Cubana marcou profundamente a esquerda latino-americana e, em certa medida, também a esquerda mundial, não somente por demonstrar que era possível vencer o imperialismo norte-americano em seu próprio “quintal”, mas também por ter rompido os padrões clássicos de luta seguidos pela esquerda marxista-leninista da época, sempre centrados no partido revolucionário. O poder não foi alcançado por meio de um partido de vanguarda, como no modelo russo, nem basicamente como resultado de uma vitória militar camponesa, como no modelo chinês. Neste caso, o sucesso revolucionário foi resultado das vitórias político-militares da guerrilha e do movimento (insurrecional) urbano dirigido pelo Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26), o Partido Socialista Popular (PSP) e o Diretório Estudantil Revolucionário. Os revolucionários contaram com aliados na classe dominante e uma certa neutralidade em importantes setores da política norte-americana. (BARÃO, 2003, p. 263).

No Brasil, a influência da Revolução Cubana na atuação política, embora tenha tido impactos mais vigorosos após 1964, já demonstrava ser marcante na atuação das Ligas Camponesas de Francisco Julião. Em 1960,

⁷ Após o desembarque do Granma em Sierra Maestra, em 1956, e com muitas perdas materiais e de efetivo, Fidel Castro precisou reestruturar o grupo e de alguém que dominasse a região e tivesse uma gama de contatos para recrutar novos guerrilheiros. Não hesitou em eleger Crescencio Pérez um dos líderes do grupo. Crescencio era uma liderança entre os *guajiros* (agricultores pobres), atuava como motorista de caminhão do homem mais rico de Cuba, o magnata do açúcar Julio Lobo. Eleito um dos oficiais da guerrilha de Sierra Maestra, Crescencio era responsável por todos os recrutas camponeses (ANDERSON, 1997, p. 271).

numa comitiva liderada por Jânio Quadros, Julião foi a Havana e se impressionou com a ilha. “Fortemente influenciado pela experiência revolucionária em Cuba, Francisco Julião, o líder das Ligas, radicaliza a sua pregação pelo socialismo, abandonando a linha legalista que vinha adotando e colocando os camponeses na condição de protagonistas da revolução socialista.” (MORAES, 1989, p. 84).

Formalizado em outubro de 1962, o programa das Ligas Camponesas tinha como base uma agregação entre o campesinato e o proletariado urbano aos quais juntar-se-iam setores da intelectualidade progressista, estudantes e outros substratos da população. É possível perceber, como o programa de Julião é marcado pela *Segunda declaração de Havana*, e como está em diálogo com a definição de *povo* promovida naquele tempo, particularmente na perspectiva de Nelson Werneck Sodré (1962), publicada na série *Cadernos do Povo Brasileiro*, cujo primeiro volume foi escrito justamente por Francisco Julião (*Que são as ligas camponesas?*).

[A *Segunda declara o de Havana*] conclamava   luta dos povos pela revolu o, introduzindo uma análise sobre qual seria a vanguarda revolucionária (classe operária e intelectuais revolucionários), a área geográfica prioritária para o início da luta (o campo, por meio da organiza o do campesinato) — com o aproveitamento de contradi es internas entre os militares — e o fim dessa luta, com a tomada do poder estatal viabilizada pela união da classe operária, dos camponeses, dos trabalhadores intelectuais, da pequena burguesia e das camadas mais progressistas da burguesia nacional, sob hegemonia da vanguarda revolucionária. (BARÃO, 2003, p. 267).

Os agentes sociais elencados por Fidel Castro são os mesmos elencados por Sodré no volume 2 dos *Cadernos do povo brasileiro*, “Quem   o povo no Brasil?”. Publicado em 1962, Sodré definiu o povo como um conjunto amplo que ia do campesinato   burguesia nacional, passando pelo proletariado e a pequena burguesia. “O povo assumia a tarefa progressista e transformadora de realizar uma revolu o democrática e burguesa no Brasil, livre da interven o do imperialismo e do latifúndio” (GARCIA, 2007, p. 42).

Os desenvolvimentos na ilha, principalmente após a invasão da Baía dos Porcos, convenceram Julião de que era preciso estar preparado para uma invasão estadunidense também no Brasil, o que implicaria em guerrilha. Seria necessário organizar a luta armada de resistência (MORAES, 1989, p. 88). Preocupação ancorada também no fato de que, entre 1961 e 1963, sete golpes⁸ haviam derrubado governos constitucionalmente eleitos na América Latina, e os Estados Unidos tinham investido no programa “Aliança para o Progresso” para combater a ameaça comunista no continente (Ibidem, p. 65).

A Revolução Cubana foi determinante nas concepções que as Ligas Camponesas deveriam assumir, levando a discordâncias com o PCB, que priorizava a sindicalização em vez de a luta armada como processo disruptivo que aceleraria o socialismo no Brasil.

Realmente o Fidel Castro exerceu sobre mim uma influência poderosa. A Revolução Cubana me causou um profundo impacto. Sobretudo a figura de Fidel. Uma figura forte, carismática, um homem que transluzia sinceridade, honestidade nas suas palavras, na maneira de ser. [...] Voltei de Cuba impressionado com o fato de a revolução ter sido agrária, partido do campo para a cidade. Imaginei que, como já existia aqui no Brasil um movimento camponês que adquirira muita força, muita substância, poderíamos seguir a experiência cubana. Então, de certo modo, eu cometi essa distorção, quando me deixei conduzir, com certo romantismo, pelo grande processo revolucionário cubano [...]” (JULIÃO *apud* MORAES, 1989, p. 85).

Tal qual Fidel com Julião, Julião foi figura determinante para a intelectualidade progressista brasileira. Foi nomeadamente citado em alguns poemas de *Violão de Rua*. Na nota introdutória do volume 2, Moacyr Félix associa o ato de escrever com o de conhecer as causas e os efeitos “das atuais circunstâncias que determinam o pensamento e a ação — a revolução do homem brasileiro” (FÉLIX, 1962b, p. 10), e uma dessas circunstâncias sem dúvida eram as Ligas Camponesas, que nos poetas agiram de duas formas: a primeira demonstrava a pobreza do interior do Brasil, a que estava destinada a população sem o suporte do Estado, sob mandos e desmandos de latifundiários que estavam associados ao capital

⁸ El Salvador, Argentina, Peru, Equador, Guatemala, República Dominicana e Honduras.

imperialista estrangeiro; a segunda, menos resignada, indicava como os camponeses aglutinando-se coletivamente poderiam alterar a realidade anterior.

Na segunda perspectiva está o poema *João Boa-Morte (cabra marcado pra morrer)*, cujos elementos constroem a imagem do sofrimento passado pelo sertanejo ao viver sem destino, sem terra para trabalhar, com a fome presente e sendo instrumento de morte de um filho. “Lavradores, meus irmãos, / esta nossa escravidão / tem que ter um paradeiro. / Não temos terra nem pão, / vivemos num cativeiro. / Livremos nosso sertão / do jugo do fazendeiro.” (GULLAR, 1962b, p. 26). Na ação individual, porém, João Boa-Morte não tem força para formar um grupo para combater o fazendeiro, que o expulsa da fazenda e o impede de conseguir trabalho nas outras ao redor. Julião e as Ligas Camponesas são citadas. A Liga de Sapé é o lugar em que há organização política e para onde o camponês deve ir, cujo recado é dado pelo amigo Chico Vaqueiro: “[...] ele não estava sozinho / não devia se matar. / Devia se unir aos outros / para com os outros lutar.” (Ibidem, p. 33). João Boa-Morte vivia a tal momento de desespero que antes do encontro com Chico Vaqueiro tinha decidido matar a família (cinco filhos e a esposa) e matar-se logo em seguida.

Gullar termina exaltando as Ligas Camponesas, a luta e a revolução: “Já vão todos compreendendo, / como compreendeu João, / que o camponês vencerá / pela força da união. / Que é entrando para as Ligas / que ele derrota o patrão, / que o caminho da vitória / está na Revolução.” (Ibidem, p. 35).

Outro nome que despontou no poema de Gullar e foi uma liderança relevante, assassinada a tiros a queima roupa por dois policiais a mando de um latifundiário do interior da Paraíba, é o de Pedro Teixeira, objeto do filme de Eduardo Coutinho, *Cabra marcado pra morrer*, e do poema de Affonso Romano de Sant’Anna, no volume 2, “Poema para Pedro Teixeira Assassinado”. Nele, Sant’Anna demonstra como o processo histórico brasileiro esteve marcado pelo colonialismo e neocolonialismo: “Ontem,

senzala. / Hoje, cortiço. / Ontem, chibata. // Hoje, fuzil. // Ontem, Quilombos. / Hoje, Sapé.” (SANT’ANNA, 1962, p. 14).

O poema *Canto angustiado aos plantadores de cana*, de J. J. Paes Loureiro (1962) mostra como havia similaridades entre as realidades rurais de Cuba e Brasil, nesse caso sendo a mesma monocultura dominante, o que se torna compreensível o porquê de muitos intelectuais acreditarem na possibilidade de replicar o êxito cubano no Brasil, e no entusiasmo gerado em Julião:

“A reforma agrária será feita na lei ou na marra, com flores ou com sangue”, disse ele [Francisco Julião], gravando uma frase que seria repetida, daí em diante, pelos setores mais radicais da esquerda. A palavra de ordem de Julião, com efeito, o distanciava da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, entidade hegemônica pelo PCB. O choque ideológico se traduzia na insistência dos comunistas em prosseguirem no trabalho de sindicalização rural e de negociação com o governo para a ampliação dos direitos trabalhistas e sociais ao homem do campo. Já para julianistas queriam impor imediatamente uma reforma agrária profunda, que acelerasse a luta pelo socialismo (MORAES, 1989, p. 46-47).

E mesmo posteriormente, analisando as propostas teóricas de Che Guevara e Régis Debray, passa a ser factível a adoção do modelo cubano no interior do Brasil, dada a inserção social que as Ligas tinham (BARÃO, 2003, p. 287). Na primeira metade dos anos 1960, até o golpe militar, a política brasileira amplificou-se para além dos espaços tradicionais de atuação, cujo terreno foi galgado pelos movimentos sociais e outras organizações que surgiam, como o já citado CTI, além da forte presença do movimento estudantil. “As propostas nacionalistas, desenvolvimentistas, anti-imperialistas e pelas reformas de base encontravam, nesses segmentos, uma audiência crescente” (MORAES, 1989, p. 33). E foi nessa audiência que *Violão de Rua* encontrou seu público e para ela as obras eram destinadas.

3 Considerações finais

Após o golpe, dois processos desmobilizam os poetas de *Violão de Rua*. O primeiro foi a interrupção direta e imediata do projeto por parte dos militares, que fizeram questão de expor na televisão o *Violão de Rua* como exemplo de literatura subversiva. O segundo é o avanço promovido pela industrialização da cultura que alocou os intelectuais e artistas em espaços institucionalizados. “Aos poucos, a institucionalização de intelectuais e artistas neutralizaria eventuais sonhos revolucionários, que conviveriam com e cederiam espaço ao investimento na profissão, no qual prevaleceria a realidade cotidiana da burocratização e do emprego.” (RIDENTI, 2007, p. 195). Embora antes do recrudescimento do regime militar, através do AI-5, outros importantes centros intelectuais surgiram em decorrência das movimentações do CPC da UNE e do *Violão de Rua*.

A Revolução Cubana, por sua vez, continuaria impactando fortemente as ações políticas em busca da derrubada do regime. Neste artigo enfatizou-se o período pré-golpe e como ela, a antologia, foi decisiva na articulação da intelectualidade brasileira, com as Ligas Camponesas, na figura de Julião, e deste entre os poetas de *Violão de Rua*. Mas após as Ligas, a resistência nacionalista de Leonel Brizola e a Ação Libertadora Nacional, de Carlos Marighella, também tiveram na ilha uma referência de resistência e ação política.

O caso da aproximação de setores das Ligas Camponesas de ideias oriundas da revolução cubana, e, principalmente, a criação dos campos de treinamento guerrilheiro durante o governo de João Goulart (1961-1964) demonstra que a opção ou a simpatia de uma parte da esquerda brasileira pela luta armada antecede o golpe militar de 1964. Isso coloca em xeque uma interpretação que tem privilegiado a hipótese de que a luta armada no Brasil surgiu exclusivamente como resposta ao golpe de 1964, ou ao fechamento da ditadura com o Ato Institucional número 5. Não se trata de negar a importância do golpe militar como fator de desencadeamento da luta armada nos anos sessenta, mas sim de não obscurecer o debate interno das próprias organizações que surgiram antes de 1964, que não descartavam a utilização da luta armada para a transformação da sociedade brasileira (SALES, 2011, p. 8).

No momento em que *Violão de Rua* passa a veicular temas que estiveram presentes na Revolução Cubana, seus poemas tornam-se uma ferramenta de construção de realidades tal como queria seu editor Moacyr Félix. Pois, mais do que ser o reflexo de um acontecimento histórico, a literatura também age como produtora de um tipo de percepção histórica que se constrói através da linguagem. As convenções literárias são ferramentas de compreensão das relações estruturadas e a linguagem, por sua vez, dá forma às aspirações dessas relações. Um escritor “não apenas reproduz os significados e valores de seu grupo social, mas produz a linguagem através da qual esses valores significados se constituem. Conhecer essa linguagem é perceber como esses significados foram vivenciados, construídos e incorporados à história dos modos disponíveis de ver o mundo” (CEVASCO, 2001, p. 209-210).

Portanto, analisar a publicação em perspectiva e em diálogo com a Revolução Cubana é uma maneira de compreender como os poetas estão respondendo ao seu tempo histórico e sob quais limites e pressões, em uma palavra, sob qual realidade material; e qual a substância social das formas e convenções que estruturam os poemas. Se atingido diretamente pelos acontecimentos da ilha ou via outros atores do próprio país — caso de Francisco Julião —, *Violão de Rua* esteve ancorado num período que se viu obrigado a constituir-se em resposta ao devir da revolução brasileira, como muitos intelectuais latino-americanos do período. Por isso, foi tida e ainda hoje é como tal reconhecida como representante da literatura engajada na história da literatura brasileira. Sendo um importante polo aglutinador de intelectuais que acreditavam estar construindo um novo Brasil e seus poemas eram a contribuição mais do que necessária para um despertar de consciência de quem os lesse.

4 Referências

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

BARÃO, Carlos Alberto. A influência da Revolução Cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 1960. *In*: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). **História do marxismo no Brasil**: O impacto das revoluções (vol. 1). Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 259-316.

BRÊTAS, Manuela. **Violão de Rua**: memória, discurso e identidade da poesia revolucionária dos anos 60 (1962-63). Orientador: Nilson A. Moraes. 2007. 160 f. Dissertação – Mestrado em Memória Social, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss216.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.

CAMPOS, Geir. Poética. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua**: poemas para a liberdade, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 40.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAVES, Reginaldo S. CPC da UNE: engajamento, romantismo revolucionário e literatura (1961-1964). **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 274-290, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/politeia.v19i2.7422>

CZAJKA, Rodrigo. **Páginas de resistência**: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira. Orientador: Marcelo Ridenti. 2005. 126 f. Dissertação – Mestrado em Sociologia, Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/335094>. Acesso em: 29 maio 2023.

CZAJKA, Rodrigo. **Praticando delitos, formando opinião**: Intelectuais, comunismo e repressão no Brasil (1958-1968). Orientador: Marcelo Ridenti. 2009. 388 f. Tese – Doutorado em Sociologia, Unicamp, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/446733>. Acesso em: 29 maio 2023.

DE PAULA, Tadeu Paschoal. **Violão de rua**: canto de uma utopia romântica. Orientador: Wilton José Marques. 2009. 145 f. Dissertação – Mestrado em Estudos Literários, UNESP, Araraquara, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91531>. Acesso em: 29 maio 2023.

FÉLIX, Moacyr. Aula Ocidental. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua**: poemas para a liberdade, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962a, pp. 60-62.

FÉLIX, Moacyr. Nota introdutória. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962b, pp. 9-11.

FÉLIX, Moacyr. Nota introdutória. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963a, pp. 9-13.

FÉLIX, Moacyr. Fala irritada. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963b, pp. 92-102.

GARCIA, Miliandre. **Do teatro militante à música engajada: A experiência do CPC da UNE (1958-1964)**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967a.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967b.

GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: Difel, 1972.

GULLAR, Ferreira. Quatro mortos por minuto (à razão de mil dólares). *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962a, pp. 22-35.

GULLAR, Ferreira. João Boa-Morte (cabra marcado pra morrer). *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962b, pp. 22-35.

LOUREIRO, J. J. Paes. Canto angustiado aos plantadores de cana. *In*: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua: poemas para a liberdade**, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, pp. 68-71.

LOVATTO, Angélica. **Os Cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960: um projeto de revolução brasileira**. Orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida. 2010. 385f. Tese – Doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4175/1/Angelica%20Lovatto.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

MORAES, Dênis de. **A Esquerda e o Golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na trajetória da música popular brasileira (1959-1969)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 19, n. 37, p. 25-56, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v19i37.13670>.

NAPOLITANO, Marcos. O longo modernismo: reflexões sobre a agenda político-cultural do século XX brasileiro. **Revista Vórtex**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1-23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33871/23179937.2022.10.3.6948>.

PORTANTIERO, Juan Carlos. O marxismo latino-americano. In: HOBBSAWN, Eric (org.). **História do marxismo** (vol. 11). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: “entre a pena e o fuzil”. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun., 2007. Disponível em: https://historiapolitica.com/datos/biblioteca/brasil_ridenti.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

RIDENTI, Marcelo. **O segredo das senhoras americanas**: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária**: um século de cultura e política. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, jul. 2011, p. 1-9. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299973869_ARQUIVO_Revolucaocubanaerevolucaobrasileiranosanos1960.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. Poema para Pedro Teixeira assassinado. In: FÉLIX, Moacyr (org.). **Violão de rua**: poemas para a liberdade, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, pp. 14-17.

SILVEIRA, Ênio. Prefácio. In: BARCELLOS, Jalusa. **CPC da UNE**: história de paixão e consciência. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o povo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.



O PLURALISMO JURÍDICO COMO ALTERNATIVA PARA A AMÉRICA LATINA EM ÂMBITO SUPRANACIONAL DE PROTEÇÃO MULTINÍVEL DE DIREITOS HUMANOS

*EL PLURALISMO JURÍDICO COMO ALTERNATIVA PARA AMÉRICA LATINA
EN EL ÁMBITO SUPRANACIONAL DE LA PROTECCIÓN MULTINIVEL DE LOS
DERECHOS HUMANOS*

*LEGAL PLURALISM AS AN ALTERNATIVE FOR LATIN AMERICA IN THE
SUPRANATIONAL SCOPE OF MULTI-LEVEL PROTECTION OF HUMAN
RIGHTS*

Guilherme Marinho de Araújo Mendes¹ 

Claudyvan Jose dos Santos Nascimento Silva² 

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Resumo: O fortalecimento da proteção multinível de direitos humanos, que englobe os âmbitos internacional, supranacional, nacional e local de maneira integrada, é um constante esforço dos mais variados segmentos sociais para consolidar a efetividade e expansão do conceito de dignidade da pessoa humana. A proteção multinível de direitos humanos é um sistema jurídico estruturado que busca o diálogo entre as ordens jurídicas internas e externas. Nesse contexto, o objetivo do presente ensaio é refletir acerca da possibilidade de construção de um sistema multinível de proteção de direitos humanos no contexto da América Latina. O que se percebe é que na América Latina não se verifica a existência de um sistema multinível efetivo, de maneira que formas de integração e proteção de direitos humanos no bloco devem ser discutidas. Contribuir com o debate que visa formular instrumentos que tornem viável a efetivação de um modelo de proteção multinível dos direitos humanos na América Latina é o que se busca com o presente ensaio.

Palavras-chave: Pluralismo Jurídico; Proteção Multinível; Direitos Humanos; América Latina; Direito Internacional.

¹ Advogado. Professor de Direito. Doutorando em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Direito pela Universidade Potiguar. E-mail: guilhermemarin@outlook.com

² Advogado. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura de Pernambuco (ESMAPE). E-mail: claudyvansilva@gmail.com

Resumen: El fortalecimiento de la protección multinivel de los derechos humanos, que abarque de modo integrado los ámbitos internacional, supranacional, nacional y local, es un esfuerzo constante de los más variados segmentos sociales para consolidar la vigencia y ampliación del concepto de dignidad humana. La protección multinivel de los derechos humanos es un sistema jurídico estructurado que busca el diálogo entre los ordenamientos jurídicos interno y externo. En este contexto, el objetivo de este ensayo es reflexionar sobre la posibilidad de construir un sistema multinivel de protección de los derechos humanos en el contexto latinoamericano. Lo que se percibe es que en América Latina no existe un sistema multinivel efectivo, por lo que se deben discutir formas de integración y protección de los derechos humanos en el bloque. Contribuir al debate que pretende formular instrumentos que viabilicen la implementación de un modelo de protección multinivel de los derechos humanos en América Latina es lo que busca este ensayo.

Palabras clave: Pluralismo Jurídico; Protección Multinivel; Derechos humanos; América Latina; Derecho internacional.

Abstract: Strengthening the multilevel protection of human rights, which encompasses the international, supranational, national, and local spheres in an integrated manner, is a constant effort by the most varied social segments to consolidate the effectiveness and expansion of the concept of human dignity. The multilevel protection of human rights is a structured legal system that seeks dialogue between internal and external legal orders. In this context, the objective of this essay is to reflect on the possibility of building a multilevel system of human rights protection in Latin America. What is perceived is that in Latin America there is no effective multilevel system, so forms of integration and protection of human rights in the bloc must be discussed. This essay, therefore, seeks to contribute to the debate that aims to formulate instruments that facilitate the implementation of a model of multilevel protection of human rights in Latin America.

Keywords: Legal Pluralism; Multilevel Protection; Human rights; Latin America; International right.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.161614](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.161614)

*Recebido em: 21/03/2023
Aprovado em: 03/07/2023
Publicado em: 30/07/2023*

1 Introdução

O fortalecimento da proteção multinível de direitos humanos é um constante esforço dos mais variados segmentos sociais para consolidar a efetividade e expansão de tais direitos, considerando que os âmbitos

internacional, supranacional, nacional e local são integrados. Nesse cenário, o objetivo do presente ensaio é refletir acerca da possibilidade de construção de um sistema multinível de proteção de direitos humanos no contexto da América Latina.

A dignidade do ser humano assume a centralidade de uma tutela jurídica especial, especialmente no âmbito dos Estados Nacionais que, por meio de suas Constituições e órgãos de direito interno, se preocupam em refletir, construir e proteger de maneira efetiva o princípio da dignidade da pessoa humana. Desse modo, é necessário uma constante análise da forma como os limites das fronteiras nacionais podem estar desfavorecendo essa efetividade. Esse artigo visa apresentar reflexões acerca da governança multinível, em âmbito internacional e supranacional, que possibilite a construção de um sistema de proteção abrangente.

Na Europa, a discussão sobre a consolidação de um modelo de governança multinível em que diversas ordens jurídicas em âmbitos distintos - internacional, supranacional, nacional e local - comunicam-se sobre proteção de direitos humanos pode servir de referência para a formulação de um modelo latino-americano. Apesar das diferenças geográficas e políticas entre o bloco europeu e o bloco latino-americano, seja pela diversidade de modelo decorrente da peculiaridade de cada continente, seja pelo fato de que América Latina ainda está desenvolvendo instrumentos e mecanismos de proteção de direitos humanos, pode-se perceber um crescente processo de aperfeiçoamento de um sistema multinível de proteção de direitos humanos efetivo também em âmbito latino-americano.

Esse processo de reflexão e construção de um modelo multinível que seja adequado e condizente com a realidade latino-americana abre espaço para se refletir sobre modelos que podem ser desenvolvidos supranacionalmente, seja sob o caminho de construir uma Constituição supranacional (constitucionalismo global) seja um pluralismo latino-americano. Ambas as propostas apresentam vantagens e desvantagens, assim como características que tendem a ter melhor

aderência ao bloco supranacional, necessitando, portanto, de uma reflexão profunda sobre esses modelos em prol de encontrar uma alternativa viável de implementação.

Esse trabalho se inicia refletindo acerca do processo de concretização de um sistema multinível, explicando como a incorporação dos tribunais nacionais a um sistema transnacional (normas e tribunais supranacionais e internacionais pode incorporar um diálogo entre fontes de direito interno com fontes internacionais de direitos humanos. As experiências europeias servem de exemplo para se analisar a efetividade de um modelo “multinível” que seja condizente com as práticas e realidades das instituições comuns estatais latino-americanas, visando ampliar a dimensão de tutela não exclusivamente realizada nos limites de fronteiras dos Estados.

No segundo momento serão mapeadas as condições para se construir um sistema de proteção supranacional efetivo, verificando se há elementos que indiquem a possibilidade de elaboração de uma proteção supranacional de direitos humanos na América Latina. O principal protocolo de cooperação no contexto do Mercosul é o Protocolo de Cooperação e Assistência Jurisdicional em Matéria Civil, Comercial, Trabalhista e Administrativa, mais conhecido como Declaração de Las Lenãs, que institui a cooperação intergovernamental buscando favorecer a defesa e promoção dos direitos humanos, entretanto não estabelece um sistema de proteção em nível supranacional.

Por fim, buscando trazer alternativas para o tema, o presente ensaio debaterá qual seria o modelo mais adequado que contemplaria a tutela de direitos humanos de maneira integral na América Latina. Ontologicamente, um modelo deve ser sempre encarado como um “*tipo ideal*”, ou seja, como a melhor alternativa em âmbito teórico. Sabe-se que, a partir de sua aplicabilidade prática, surgirão novos problemas e soluções muitas vezes não previstos no debate teórico.

2 A tutela multinível de direitos humanos: aspectos introdutórios

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América e o Reino Unido iniciaram várias negociações para preparar o sistema mundial pós-guerra (FREITAS, 2015, p. 119). Com as conferências preparatórias da Organização das Nações Unidas (ONU) houve uma multiplicação de normas internacionais com o objetivo de proteger os direitos humanos. Neste tópico será apresentado o debate teórico em torno da possibilidade de aplicação do direito internacional perante o direito interno, para assim estabelecer a importância do tema e os argumentos a favor da viabilidade da construção na América Latina de um sistema multinível dos direitos humanos.

Preliminarmente, é preciso definir o que seria um sistema de proteção multinível. Com o avanço da preocupação com os direitos da pessoa humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos buscou fomentar, ainda que de maneira embrionária, a proteção em pelo menos três âmbitos: nacional, supranacional e internacional (BANDEIRA GALINDO; URUEÑA; TORRES PÉREZ, 2014). Tais âmbitos formaram o conceito embrionário de um sistema multinível de proteção. Esse modelo se desenvolveu e pode ser visto em âmbitos ainda mais amplos, como se pode perceber no exemplo europeu.

Na Europa, os direitos humanos são protegidos pelo menos em quatro âmbitos diferentes: **Âmbito subnacional**: Em alguns países europeus, as unidades subnacionais podem chegar a consagrar em suas ordens jurídicas certos direitos humanos, que podem ser protegidos nesse âmbito [...]. **Âmbito nacional**: As constituições nacionais de cada Estado-membro incluem nos seus artigos os direitos que o respectivo Estado-nação queira reconhecer aos seus cidadãos e residentes. **Âmbito supranacional**: Os direitos humanos também são protegidos pelo direito de União; inicialmente, mediante a expansão jurisprudencial do Tribunal de Justiça da União Europeia e atualmente mediante a Carta dos Direitos Fundamentais. Neste âmbito, os instrumentos estão principalmente destinados a proteger os direitos humanos de violações por parte da União Europeia e seus órgãos, bem como os Estados-membros, quando os mesmos aplicarem o direito da União. **Nível internacional**: Além disso, os direitos humanos são protegidos pelo Sistema Europeu de Direitos Humanos, criado pela Convenção Europeia de Direitos Humanos de 1950 no marco do Conselho da

Europa, cujo tribunal competente é o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, que é um tribunal internacional com funções similares (na Europa) às realizadas pelo Tribunal Interamericano de Direitos Humanos. (TORRES PÉREZ, 2009, p. 27-37)

O Direito tem como pressuposto ser um sistema de normas válido que regula a conduta humana, atribuindo-lhe direitos e deveres. Apesar de não haver um consenso, os direitos humanos podem ser vistos como “um conjunto de direitos considerado indispensável para uma vida humana pautada na liberdade, igualdade e dignidade. Os direitos humanos são os direitos essenciais e indispensáveis à vida digna” (RAMOS, 2020, p. 30). Esse conjunto de direitos inerentes à pessoa humana devem ser garantidos por meio de um arcabouço normativo que reconheça a dignidade de pessoas e grupos, proclamando justiça que demanda tutela efetiva e permanente desejo de expansão (DOUZINAS, 2009).

Os direitos humanos são garantias jurídicas para os quais se busca proteção efetiva a nível internacional. Entende-se com Tavares (2012) que os direitos são caracterizados pela universalidade, porque são fundamentados em valores comuns, sob a centralidade da dignidade do ser humano e com a força de produzir deveres para os Estados no que concerne à proteção de grupos e indivíduos.

Além da universalidade, os direitos humanos se pautam pelo princípio da indivisibilidade, já que a garantia dos direitos civis e políticos é condição necessária para os direitos sociais, econômicos e culturais, e vice-versa. A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 carrega esses princípios inovadores (PIOVESAN, 2019).

Os princípios de indivisibilidade, interdependência e inter-relação reúnem o conjunto de direitos civis e políticos com o agregado de direito sociais, econômicos e culturais, que pela universalização podem acolher a formulação de um sistema internacional de proteção dos direitos humanos (PIOVESAN, 2019).

O termo “proteção multinível de direitos humanos” foi desenvolvido a partir do sistema europeu de proteção de direitos humanos e da consolidação da Convenção Europeia de Direitos Humanos, bem como da

integração de países à União Europeia, o que permitiu diálogos entre variados tribunais em níveis transnacional e interno (LEAL; BONNA, 2016).

Ressalta-se que o tema da proteção está intrinsecamente ligado ao termo governança. Na Europa, o debate da governança multinível iniciou-se ainda na década de 1990, com a consolidação de normativas que variaram em âmbitos desde subnacional (províncias e municípios), nacional até chegar no supranacional (v.g. Comissão Europeia de Direitos Humanos); alterando um paradigma até então vigente e gerando um movimento de integração de Estados. Daí a concepção de um modelo “multinível”, pois envolve Estados nacionais em um sistema que vai além das instituições comuns estatais (URUEÑA, 2014). Nesse contexto, a governança multinível pode ser definida como um processo de coordenação de agentes, visando objetivos institucionais específicos e construindo políticas públicas conjuntas (LASCOURMES; LE GALÈS, 2007).

Considera-se a coexistência de diversas ordens jurídicas que, no entanto, estão em comunicação em vários níveis sobre os direitos humanos. As fontes não se tornam excludentes, os juízes praticam o pensamento sistemático e reflexivo para abordar o complexo acervo normativo (LEAL; BONNA, 2016).

A governação multinível, desdobramento da política de coesão europeia, tem a finalidade de alcançar o desenvolvimento equilibrado das regiões do continente europeu, inclusive para viabilizar a interação entre figuras subnacionais dos Estados e as instituições supranacionais, sem que tenha a necessária interferência de um governo.

No âmbito subnacional, é possível que entidades subnacionais já tenham positivado normas de proteção de direitos humanos localmente, logicamente com congruência à Constituição do respectivo país, em virtude do respeito da hierarquia normativa e da ordem constitucional.

No âmbito nacional, a proteção está contida nas Constituições nacionais, em cada dispositivo constitucional que reconhece essa tutela aos cidadãos e pessoas que se encontram naquele território. Já no âmbito supranacional, a proteção decorre do direito de União, especialmente com

a expansão da atuação do Tribunal de Justiça da União Europeia e pela Carta dos Direitos Fundamentais; ao passo que no âmbito internacional há o Sistema Europeu de Direitos Humanos, instituído pela Convenção Europeia de Direitos Humanos de 1950, sob a competência do Tribunal Europeu de Direitos Humanos - semelhante ao Tribunal Interamericano de Direitos Humanos (URUEÑA, 2014).

Assim, a aplicação das possíveis esferas de proteção tem como norte a norma mais benéfica para o ser humano. A concepção multinível integra os tribunais das nações a um sistema transnacional, principalmente pelo fato da Constituição não excluir os tratados internacionais ratificados, assim como a interpretação dos tribunais internacionais têm serventia como base hermenêutica para interpretar direitos reconhecidos na Constituição e nas leis internas em geral (LEAL; BONNA, 2016).

Por fim, pode-se concluir que a proteção multinível se refere a uma tutela que não se limita às fronteiras dos próprios Estados, superando a ideia de soberania que protege direitos exclusivamente nos níveis nacionais e subnacionais. Assim, para considerar a existência de proteção multinível a nível brasileiro, a Constituição federal de 1988 e demais legislações brasileiras devem coexistir com fontes de superior hierarquia, de igual força a nível internacional e supranacional (em termos de aplicabilidade e coercitividade no cumprimento das decisões) ou de comunicação efetiva entre os tribunais (diálogo interestatal), sejam internacionais ou de outros Estados latino-americanos.

3 Os mecanismos de proteção supranacional de Direitos Humanos na América Latina: dificuldades e perspectivas

A transcendência do âmbito constitucional - deve-se considerar a falibilidade das constituições nacionais e princípio da subsidiariedade - e diálogos supranacionais e internacionais fizeram surgir a doutrina de “constitucionalismo multinível” (URUEÑA, 2014). O objetivo desse tópico é

averiguar se atualmente pode-se afirmar que na América Latina existe um sistema multinível de proteção de direitos humanos.

Em termos introdutórios, quando se trata de proteção multinível de direitos humanos o alcance deve incluir normas locais (município), constituições das nações (país), prescrições nacionais que possibilitam a formação de um bloco, geralmente a nível continental, além de tratados e convenções em âmbito internacional (comunidade internacional), em conjunto para tutelar em diversos âmbitos os direitos humanos e ter o máximo de efetividade.

O questionamento sobre a possibilidade de construção de um sistema latino-americano supranacional de proteção de direitos humanos desdobra-se em problemas concretos, como na viabilidade de produzir ações coordenadas que promovam direitos humanos nos vários âmbitos.

Diante dessa ausência identificada, é possível formular duas alternativas de proteção para integração supranacional na América Latina: o constitucionalismo interamericano e o pluralismo (URUEÑA, 2014).

A primeira alternativa é composta por uma constituição supranacional na ordem jurídica internacional. Tal alternativa traz consigo a necessidade da idealização de uma Constituição supranacional para delimitar poderes de instituições e Estados, bem como a criação de mecanismos para proteção dos direitos humanos. Com a criação de uma Comissão ou Tribunal Interamericano de Direitos Humanos, por exemplo, estaria se ratificando a supremacia do Direito internacional sobre o nacional, permitindo, inclusive, uma atuação subsidiária em caso de que alguma autoridade nacional viesse a ser omissa ou abusiva, sem a devida reprimenda dos tribunais nacionais.

Na segunda, baseada no pluralismo, não existiria uma constituição supranacional, o que minimizaria a dualidade entre o direito internacional e o direito interno. Caberia assim, resolver as questões sobre as violações dos Direitos Humanos a partir de vários âmbitos jurídicos, sem hierarquia, o que exigiria a construção de um diálogo entre tribunais (AZEVEDO; CABACINHA, 2021). Dessa forma, percebe-se que o Pluralismo

interamericano outorgaria uma interação igualitária entre os Estados do bloco, compartilhando experiências, sem hegemonia.

É preciso atentar que a busca por criar uma constituição supranacional requer um esforço adicional do legislador visando respeitar a diversidade cultural existente, pois, apesar de o período da colonização ter historicamente se encerrado, sua estrutura de dominação continua permanentemente enraizada nas práticas humanitárias contemporâneas. A própria Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, por exemplo, foi um marco importante, sendo consolidado como novo paradigma internacional, influenciando as posteriores construções normativas internacionais de reconhecimento e garantia dos direitos humanos. Sempre que se fala em normatizar e delimitar esse tipo de conteúdo antropológico-filosófico é importante averiguar se foram colocadas em pauta as diversas expressões culturais existentes para garantir que o sujeito seja respeitado em todos seus contextos.

Portanto, a teoria mais influente sobre a fundamentação dos direitos humanos combina fatos históricos e concepções antropológico-filosóficas próprias do contexto europeu moderno, o que sugere não apenas a ausência de contribuições para além das fronteiras do Ocidente, como propõe que os direitos humanos ostentam o ideário próprio de sua cultura. (BRAGATO, 2014, p. 210)

Muito da discussão entre universalismo e relativismo dos direitos humanos tem por pano de fundo as discriminações sociais que são frutos desses mecanismos de hegemonia colonial impostos pela atual concepção de modernidade. Nesse contexto, há quem defenda a necessidade de refundação dos Estados Constitucionais latino-americanos (WOLKMER; FAGUNDES, 2013) no sentido de favorecer uma aproximação horizontal, mais democrática e inclusiva para garantir a atuação determinante dos povos originários e demais atores sociais, ao mesmo tempo que se preserve a diversidade típica do bloco geográfico, sinalizando o compromisso com a efetivação dos direitos humanos, inclusive na perspectiva decolonial. Constituir múltiplos mecanismos de amparo para proteção de direitos humanos representa o reconhecimento da pluralidade cultural, da busca

por preservação das raízes ancestrais, da riqueza natural e das peculiaridades em níveis supranacionais, nacionais e locais (CUNHA; SILVA FILHO, 2020).

O aprofundamento do debate sobre a dicotomia determinada pela relação de independência entre o Direito interno e o Direito internacional acaba por remeter ao clássico debate acerca do monismo e dualismo.

Na perspectiva do monismo, segundo Hans Kelsen (2000), o sistema jurídico nacional e o sistema jurídico internacional formam uma única ordem jurídica. O caráter coercitivo do Direito Internacional será incorporado nos ordenamentos jurídicos internos dos Estados e aplicado diretamente mediante a criação de direitos e obrigações para Estados, pessoas jurídicas e indivíduos. O autor (2000) aponta que normas de Direito Internacional são, em sua maioria, incompletas, cabendo aos Estados a complementação na ordem jurídica interna com maior detalhamento, prevendo condutas específicas e contextualizadas.

Kelsen assevera que pelo fato de os Estados serem independentes, não existe a possibilidade de imposição do ordenamento jurídico de um Estado, sendo objeto do Direito Internacional instituir contornos de validade da ordem jurídica interna. Qual norma deve prevalecer, seja a de Direito Internacional ou a de Direito Interno, Kelsen aponta que essa questão cabe estar definida na Constituição de cada nação. Logo, a critério da nação, seja um Estado mais nacionalista ou mais aberto às questões internacionais, haverá a definição se o Direito internacional terá prevalência ou não (KELSEN, 2000).

Já no que se refere ao dualismo, Karl Triepel (1966) *“utiliza o critério da necessidade de mecanismos de internalização dos tratados para distinguir fontes do direito interno de fontes do direito internacional”* (ARAÚJO; ANDREIUOLO, 1999, p. 87), a partir de critérios de relações sociais e de fontes jurídicas. O Direito interno regulamenta apenas as relações intersubjetivas dentro de um território de um Estado soberano (há uma relação de verticalidade), enquanto o Direito internacional pretende regulamentar interações entre os Estados, em situação de igualdade

(relação de horizontalidade).

Por fim, pode-se inferir que no contexto multinível na América Latina não se percebe a existência de uma proteção supranacional de direitos humanos. Não houve a concretização da Declaração de Las Leñas, o que existe na América Latina é uma cooperação intergovernamental para promover os direitos humanos, sem estabelecer um sistema de proteção em nível supranacional (URUEÑA, 2014). Douzinas (2016) opina no sentido de que uma única Constituição supranacional, numa região com povos e culturas diferentes, bem como com particularidades locais, parece ser inviável. A solução que se apresentaria como alternativa viável seria o desenvolvimento de uma cultura jurídica plural.

4 Constitucionalismo multinível: o pluralismo jurídico como alternativa

O pluralismo jurídico, que também abarca a qualificação de pluralismo constitucional, reconhece as normativas dos ordenamentos jurídicos, sem, no entanto, constituir uma relação de hierarquia ou de subordinação entre os sistemas. As principais características desta doutrina são: a relação entre ordenamentos constitucionais sem uma lógica hierarquizada e a existência de uma influência mútua (MAGALHÃES, 2015). Nesse contexto, esse tópico tem por objetivo responder ao questionamento: qual seria o modelo mais adequado que contemplaria a tutela de direitos humanos?

O pluralismo jurídico aceita os diversos sistemas jurídicos com aplicabilidade sobre um mesmo problema, sem preferência sobre qual interpretação deverá prevalecer a respeito da proteção dos direitos humanos, seja a interpretação do tribunal nacional ou do tribunal interamericano dos direitos humanos. A coexistência de tribunais distintos, em suas semelhanças e contrastes, contribuem para a construção de um modelo “multinível” de direitos humanos na região (URUEÑA, 2014).

A participação das nações, em diálogo, sem hierarquia, especialmente nas decisões dos tribunais envolvidos, contribuiriam para a criação de uma comunidade latino-americana que transcenderia as fronteiras nacionais, com o comprometimento de um resultado legítimo, fruto da participação deliberativa.

Portanto, um surgimento de uma governança compartilhada exigirá a reestruturação dos Estados por perceber que isoladamente não possuem força suficiente para superar os desafios postos pela globalização e pelos ditames dos interesses internacionais que exercem influência no funcionamento jurídico de cada país (CUNHA; SILVA FILHO, 2020).

Para a resolução de problemas e para a proteção de direitos, consideraria-se o pluralismo metodológico como alternativa viável, pluralismo que se caracterizaria pela aceitação da variedade de métodos acerca da abordagem do objeto e na compreensão do atributo meramente discursivo da verdade. Reputa-se que há verdades e métodos variados, pragmaticamente observados. Há uma descentralização do que é a verdade e de qual método deve ser usado, permitindo a variedade subjetiva para solucionar os problemas com os quais as cortes constitucionais se deparariam (FREITAS, 2009).

Como já explicitado em maiores detalhes anteriormente, a proteção a nível supranacional de direitos humanos tem relação direta com o esforço de integração da América Latina. Esse viés internacional de proteção transcende as fronteiras nacionais para tutelar os direitos humanos, gerando uma garantia internacional de maior força. Esse paradigma internacional tem a possibilidade de ser estabelecido por meio de tratados internacionais, os quais podem servir de parâmetros de fiscalização das leis de Direito interno (MAGALHÃES, 2015).

A teoria de Kelsen demonstra ter melhor aplicabilidade no que tange à defesa de direitos humanos em sua concepção teórica monista, já que admite incidência normativa sobre indivíduos no âmbito interno das nações, assim como reconhece força dos tratados internacionais à disposição dos indivíduos em face dos Estados. Mais do que isso, a proteção

multinível dos direitos humanos só é de fato possível sob a ótica da teoria monista, vez que há a possibilidade de conflito normativo que será solucionado pelo mesmo sistema jurídico (AZEVEDO; CABACINHA, 2021).

No entanto, faz-se necessário atentar à importância de manter constantes diálogos entre órgãos dos variados Estados pertencentes ao bloco, sobretudo das cortes constitucionais. Torna-se também relevante prestar atenção ao compromisso em consolidar uma cultura pluralista jurídica a ponto de o direito comparado ser sistematicamente observado nas decisões tomadas para a solução de problemas, envolvendo proteção de direitos humanos na seara interna das nações. A consolidação dos diálogos e a aplicabilidade efetiva das experiências compartilhadas seriam os fatores que solidificariam o pluralismo jurídico e afastariam uma possível insegurança jurídica, fortalecendo a integração do bloco latino-americano de proteção multinível.

O ponto forte do pluralismo reside no fortalecimento dos órgãos de direito interno, com maior possibilidade de efetividade local, já que o não cumprimento de uma decisão de órgãos internacionais será apenas um ilícito internacional do Estado, sem ser impositivo ao indivíduo em âmbito interno (AZEVEDO; CABACINHA, 2021). Nesse sentido, a força de aplicabilidade para tutelar direitos humanos se esvai, dependendo fortemente de uma cultura e de maturidade voltada à eficiência de cumprimento de decisões internacionais e executadas a contento por órgãos nacionais.

O pluralismo dá abertura para refletir filosoficamente que a violação de direitos humanos é uma inquietação própria de todos os indivíduos, não imputando responsabilidade exclusiva (e excludente) a governos ou agências internacionais. O acesso a tribunais internacionais também implica o surgimento de novos conflitos e contradições, diante de novos regimes normativos de natureza transnacional e da ampliação da atuação de sujeitos na ordem internacional. (ANJOS; CALIXTO, 2018).

Ademais, quanto à alternativa de uma constituição interamericana e seus órgãos instituídos, seria necessário vislumbrar pressupostos de

legitimidade e bom funcionamento, o que seria de extrema complexidade e de difícil implementação.

No âmbito do direito internacional, as instituições são moralmente justificadas na função de governança, para o uso de coerção de modo a garantir o cumprimento de regras, da gestão de poder e para o cumprimento das normas que o próprio órgão formula e impõe, bem como para o reconhecimento dos Estados e dos princípios congruentes de funcionamento. Não obstante, a legitimidade consiste no respeito a princípios democráticos, na efetiva proteção aos direitos humanos (prioridade à concepção humanista) e no tratamento igualitário desvinculado de pressões econômicas, culturais ou políticas hegemônicas (LEITE; LESSA, 2018)

A proteção multinível é uma estrutura complexa repleta de instrumentos que garantem a proteção de direitos e liberdades e de incidentes sobre relações entre órgãos nacionais, internacionais e supranacionais que promovem fiscalização. Finalmente, a judicialização acontece também em multinível sob o fundamento jurídico de proteção de direitos humanos (PADILLA, 2015).

O pluralismo jurídico reforça a premissa de haver várias fontes normativas vigentes simultaneamente para além daquelas sobre as quais o Estado exerce domínio naquele território. Assim, o reconhecimento de uma ordem jurídica dos povos indígenas, normas internacionais e decisões de cortes internacionais se comunicarão com o direito interno dos Estados latino-americanos reforçando a tendência ao pluralismo (BARCELLOS, 2019).

Essa aproximação com práticas voltadas ao pluralismo jurídico já facilita a construção de um bloco supranacional para a consolidação de uma espécie de proteção multinível de direitos humanos. Os direitos humanos não se encerram no “aqui e agora”, são um ideário que constantemente está em desenvolvimento ao englobar a perspectiva da construção de um sujeito jurídico livre ao passo que está subordinado à lei, bem como são discursos e práticas que se materializam no direito nacional

e internacional (DOUZINAS, 2009).

Dessa maneira, pode-se concluir que é necessária a formulação de um modelo que parta do pluralismo jurídico, sem hierarquia sobre as constituições nacionais e baseado no diálogo transnacional das interpretações incidentes sobre um mesmo problema (diálogo entre tribunais nacionais e internacionais), para que progressivamente seja desenvolvida a ideia de um pacto supranacional latino-americano na proteção e efetivação dos direitos humanos.

5 Considerações Finais

Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, os direitos humanos atingiram globalmente uma tutela especial nos ordenamentos jurídicos e o desafio de efetividade é o ponto crítico do debate.

A falibilidade de uma proteção exclusivamente limitada ao interior das fronteiras dos Estados, com mera abordagem constitucional, fez surgir a necessidade de uma tutela mais ampla e em diversos níveis. Embora no cenário de globalização o conceito de soberania já esteja sendo repensado, não há como dissociar que a proteção da dignidade humana possa se originar de integrações internacionais e supranacionais.

O modelo europeu encontra-se mais consolidado em virtude de uma própria sedimentação da União Europeia e de desdobramentos que geraram integração como um Sistema Europeu de Direitos Humanos e Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Logicamente, o continente europeu teve seu processo histórico de integração geopolítica e arranjos institucionais que formaram um modelo de sistema de proteção num formato multinível.

Não se pode esquecer que o próprio princípio de direitos humanos carrega uma concepção eurocêntrica e, portanto, universalista. Um projeto de proteção multinível de direitos humanos também não difere de um

universalismo eurocêntrico se for pensado apenas como um modelo necessário de ser estruturado em todos os continentes.

A literatura indica que a América Latina não dispõe de um sistema multinível a ponto supranacional, ou seja, no âmbito continental. E como alternativas surge ou um constitucionalismo global de incidência latino-americana ou um pluralismo jurídico a nível supranacional sobre a tutela de direitos humanos.

De fato, é paradoxal pensar como sendo uma necessidade supranacional latino-americana ter um sistema multinível semelhante a um sistema europeu, conservando uma lógica hegemônica do que é sofisticado institucionalmente. No entanto, justamente pensar a América Latina como um bloco que precisa de uma integração em matéria de proteção de direitos humanos remete à importância de preservação e fortalecimento do que há de peculiar no continente (como exemplo, a visibilidade e tutela dos povos indígenas).

O pluralismo jurídico demonstra-se como uma alternativa viável para estruturação de um sistema multinível no âmbito supranacional do continente latino-americano, conservando a força das constituições nacionais, respeitando as diversas culturas, estimulando o diálogo e relações horizontais entre os Estados para proteger os direitos humanos. Nessa perspectiva, o monismo, que considera o sistema jurídico nacional e o sistema jurídico internacional como uma única ordem jurídica, dá suporte teórico para vislumbrar como seria o funcionamento e constante estruturação desse sistema, devendo asseverar que o diálogo e a segurança jurídica devem constantemente ter manutenção.

6 Referências

ANJOS, Lucas Costa; CALIXTO, Vinícius Machado. A negligência da filosofia do direito internacional e a emergência do pluralismo jurídico. *In*: BUSTAMANTE, Thomas da Rosa; POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot (Orgs.). **Filosofia do Direito Internacional**. São Paulo: Almeida, 2018.

ARAÚJO, Nádia de; ANDREIUOLO, Inês da Matta. A internalização dos

tratados no Brasil e os direitos humanos. In: **Os direitos humanos e o direito internacional**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999, p. 63-113.

AZEVEDO, Paula Regina Arruda.; CABACINHA, Paulo Máximo de Castro. Proteção multinível dos direitos humanos: lógica monista ou dualista do direito? **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 22, p. 11-36, 2021. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1659> . Acesso 02 nov. 2022.

BANDEIRA GALINDO, George R.; URUEÑA, René; TORRES PÉREZ, Aida (Coord.). **Proteção multinível dos direitos humanos**. Manual. Barcelona: Comissão Europeia / Universitat Pompeu Fabra 2014. Disponível em: http://www.consorciodh.ufpa.br/livros/PMDH_Manual_portugues%20%281%29.pdf. Acesso em: 07 out. 2022.

BARCELLOS, Ana Paula Gonçalves Pereira. Constituição e pluralismo jurídico: a posição particular do Brasil no contexto latino-americano. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 9, n. 2, p. 169-181, 2019. DOI: 10.5102/rbpp.v9i2.6053.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. Para além do discurso eurocêntrico dos Direitos Humanos: contribuições da descolonialidade. **Novos Estudos Jurídicos**. v. 19, n. 1, pp. 201-230, 2014. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/nej/article/view/5548/2954>. Acesso em: 7 out. 2022.

CUNHA, Clarissa de Oliveira Gomes Marques da; SILVA FILHO, Lúcio Marcos da. Tutela multinível de direitos: alternativa para a efetivação do pluralismo jurídico no novo constitucionalismo latino-americano. **Revista Jurídica**, v. 3, n. 60, p. 498 - 529, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.26668/revistajur.2316-753X.v3i60.4198>.

DOUZINAS, Costas. **O fim dos direitos humanos**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

DOUZINAS, Costas. Sete teses sobre direitos humanos: parte 1. **Hendu**, v. 7 pp. 206 - 218, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/hendu/article/download/6016/4840>. Acesso em: 02 nov. 2022

FREITAS, Lorena de Melo. **Realismo Jurídico como pragmatismo: a retórica da tese realista de que direito é o que os juízes dizem que é direito**. Orientador: George Browne Rego, 2009. 166f. Tese (Doutorado), Centro de Ciências Jurídicas – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Pernambuco, Recife., 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3681/1/arquivo1059_1.pdf. Acesso 02 nov. 2022.

FREITAS, Pedro Caridade de. **História do Direito Internacional Público**: Da

Antiguidade à II Guerra Mundial. Cascais: Principia, 2015.

KELSEN, Hans. **Teoria Pura do Direito**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LASCOURMES, Pierre; LE GALÈS, Patrick. Introduction: Understanding Public Policy through Its Instruments—From the Nature of Instruments to the Sociology of Public Policy Instrumentation. **Governance**, v. 20, n. 1, pp. 1-21, jan. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0491.2007.00342.x>.

LEAL, Pastora do Socorro Teixeira; BONNA, A. P. **Proteção Multinível de Direitos Humanos nas Relações Privadas por meio do reconhecimento de novos danos**. In: V Encontro Internacional do CONPEDI Montevideu-Uruguaí, 2016, Montevideu. Anais do V Encontro Internacional do CONPEDI Montevideu-Uruguaí. Florianópolis: 2016. p. 95-115. Disponível em: <http://conpedi.danilolr.info/publicacoes/910506b2/081s6j67>. Acesso 02 nov. 2022

LEITE, Filipe Greco de Marco; LESSA, Rafaela Ribeiro Zauli. O conceito de legitimidade aplicado ao direito internacional e suas instituições. In: BUSTAMANTE, Thomas da Rosa; POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot (Orgs.). **Filosofia do Direito Internacional**. São Paulo: Almeida, 2018.

MAGALHÃES, Breno Baía. **Pluralismo constitucional interamericano: a leitura plural da constituição de 1988 e o diálogo entre o supremo tribunal federal e a corte interamericana de direitos humanos**. Orientador: Antonio Gomes Moreira Maués. 2015. 385 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/7497>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PADILLA, Carmen Montesinos. **Tutela multinivel de los derechos: Obstáculos procesales**. Directores de tesis: Pablo Pérez Tremps; Itziar Gómez Fernández. Departamento Derecho Público Del Estado, Universidad Carlos III de Madrid, Gatafe, 2015. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r38303.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos humanos e justiça internacional: um estudo comparado dos sistemas regionais europeu, interamericano e africano**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

RAMOS, André de Carvalho. **Curso de Direitos Humanos**. ed. 7. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

TAVARES, Raquel. **Direitos Humanos: De onde vêm, o que são e para que servem?** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

TORRES PÉREZ, Aida. **Conflicts of rights in the European Union: a theory of supranational adjudication**. New York: Oxford University Press, 2009.

TRIEPEL, Karl Heinrich. As relações entre o direito interno e o direito

internacional. **Revista da Faculdade de Direito**. n. 6, 1966. Disponível em: <https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/993>. Acesso em: 08 out. 2022.

URUEÑA, René. Proteção multinível dos direitos humanos na América Latina: Oportunidades, desafios e riscos. *In*: BANDEIRA GALINDO, George R.; URUEÑA, René; TORRES PÉREZ, Aida. **Proteção multinível dos direitos humanos**. Manual. Barcelona: Comissão Europeia / Universitat Pompeu Fabra 2014. pp. 14-47. Disponível em: http://www.consorciodh.ufpa.br/livros/PMDH_Manual_portugues%20%281%29.pdf. Acesso em: 07 out. 2022.

WOLKMER, Antonio Carlos; FAGUNDES, Lucas Machado. Para um novo paradigma de estado plurinacional na América Latina. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 18, n. 2, p. 329-342, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14210/nej.v18n2.p329-342>



O PRESENTE PERONISTA: “ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA” E “HORIZONTE DE EXPECTATIVA” NO DISCURSO POPULISTA DE JUAN DOMINGO PERÓN (1946-1955)¹

*EL PRESENTE PERONISTA: “ESPACIO DE EXPERIENCIA” Y “HORIZONTE DE
EXPECTATIVA” EN EL DISCURSO POPULISTA DE JUAN DOMINGO PERÓN
(1946-1955)*

*THE PERONIST PRESENT: “SPACE OF EXPERIENCE” AND “HORIZON OF
EXPECTATION” IN THE POPULIST DISCOURSE OF JUAN DOMINGO PERÓN
(1946-1955)*

Ana Laura Galvão Batista² 

Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Brasil

Resumo: O presente trabalho analisa a inserção particular do peronismo argentino (1946-1955) no regime de temporalidade moderno concebido pelo historiador Reinhart Koselleck a partir da identificação de dissonâncias temporais próprias do período e que precisavam ser consideradas nos discursos oficiais para se garantir a manutenção da hegemonia populista do regime. Em um primeiro momento, será apresentada uma breve articulação do que consideramos como as contribuições essenciais da metafísica do tempo histórico de Reinhart Koselleck para os estudos temporais, assim como a revisão crítica desse pensamento tradicional desdobrada por Stefan Helgesson no âmbito da historiografia pós-colonial. Nessa perspectiva, em seguida, identificaremos as “heterocronias”, ou seja, as conversões temporais do discurso populista de Juan Domingo Perón nos documentos oficiais, as quais possibilitariam deslocamentos específicos entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa” dos argentinos. Como resultado, identificamos uma temporalidade na qual o presente é destacado como o tempo das mudanças e das realizações sociais, rompendo com um “antes” oligárquico de exploração e cosmopolitismo e se estabelecendo um futuro determinado e planejado

¹O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

²Mestranda em História e Cultura Social pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: ana.galvao@unesp.br

pelo “agora” peronista. Tal análise, então, permite-nos conceber a Argentina sob Perón como um exemplo de modernidade alternativa.

Palavras-chave: Temporalidade; Reinhart Koselleck; Stefan Helgesson; Populismo; Peronismo.

Resumen: El presente trabajo se analiza la particular inserción del peronismo argentino (1946-1955) en el régimen de temporalidad moderno concebido por el historiador Reinhart Koselleck a partir de la identificación de disonancias temporales propias del período y que necesitaban ser consideradas en los discursos oficiales para garantizar el mantenimiento de la hegemonía populista del régimen. En un primer momento, se presentará una breve articulación de lo que consideramos los aportes esenciales de la Metafísica del tiempo histórico de Reinhart Koselleck a los estudios temporales, así como la revisión crítica de este pensamiento tradicional desplegado por Stefan Helgesson en el ámbito de la historiografía poscolonial. Desde esta perspectiva, luego, vamos a identificar las “heterocronías”, es decir, las conversiones temporales del discurso populista de Juan Domingo Perón en los documentos oficiales, lo que permitiría desplazamientos puntuales entre el “espacio de la experiencia” y el “horizonte de expectativa” de los argentinos. Como resultado, identificamos una temporalidad en la que se destaca el presente como tiempo de cambios y conquistas sociales, rompiendo con un “antes” oligárquico de exploración y cosmopolitismo y estableciendo un futuro determinado y planificado por el “ahora” peronista. Tal análisis, entonces, nos permite concebir a la Argentina de Perón como un ejemplo de modernidad alternativa.

Palabras clave: Temporalidad; Reinhart Koselleck; Stefan Helgesson; Populismo; Peronismo.

Abstract: The present work analyzes the particular insertion of Argentine Peronism (1946-1955) in the modern temporality regime conceived by the historian Reinhart Koselleck from the identification of temporal dissonances typical of the period and that needed to be considered in official discourses to guarantee the maintenance of the populist hegemony of the regime. At first, a brief articulation of what we consider to be the essential contributions of Reinhart Koselleck's Metaphysics of Historical Time to temporal studies will be presented, as well as the critical review of this traditional thought deployed by Stefan Helgesson in the scope of postcolonial historiography. From that perspective, then, we will identify the “heterochronies”, that is, the temporal conversions of the populist discourse of Juan Domingo Perón in the official documents, which would allow specific displacements between the “space of experience” and the “horizon of expectation” of argentinian people. As a result, we identified a temporality in which the present is highlighted as the time of changes and social achievements, breaking with an oligarchic “before” of exploration and cosmopolitanism and establishing a future determined and planned

by the Peronist “now”. Such analysis, then, allows us to conceive of Argentina under Perón as an example of alternative modernity.

Keywords: Temporality; Reinhart Koselleck; Stefan Helgesson; Populism; Peronism.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.201129](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.201129)

Recebido em: 15/08/2022

Aprovado em: 22/06/2023

Publicado em: 30/07/2023

1 Desafios de interpretar o tempo na Teoria da História

No âmbito da Teoria da História, destaca-se uma subdivisão específica para os estudos temporais, área denominada de Metafísica do Tempo Histórico, a qual se ocupa de todo tratamento temporal – teórico ou empírico – vinculado às distintas formas e caracterizações que a relação entre o presente, o passado e o futuro pode assumir em um determinado momento. Sobretudo a partir de 2010, essas análises vêm assumindo certo protagonismo nas discussões da área, com uma grande intensidade de debates e trabalhos que apresentam novos desafios historiográficos e filosóficos em relação ao tempo. Dentre as tendências fundadoras dessa sub-área que busca caracterizar os vínculos entre as três dimensões temporais em questão, destacamos a teoria das Múltiplas Temporalidades, ligada aos escritos do historiador alemão Reinhart Koselleck.

De acordo com Koselleck (2006), a universalidade do tempo natural é impossível de ser diretamente traduzida em um conceito de tempo histórico, sendo necessário especificar a definição deste último, o qual estaria essencialmente associado às ações concretas dos homens e às suas respectivas consequências nos âmbitos social e político, apresentando, assim, um ritmo próprio. Para explicar sua teoria, o historiador recorre a uma metáfora referente às formações geológicas – que se diferenciam em idade e profundidade e que se distanciam umas das outras em velocidades

distintas ao longo da história da Terra –, transferindo-a para o âmbito das histórias humanas, o que torna possível, segundo o historiador, “*separar analiticamente diferentes níveis temporais sobre os quais as pessoas se movimentam e os eventos se desdobram e, ainda, questionar as condições em longo prazo de tais acontecimentos*” (KOSELLECK, 2018, p.3. Tradução nossa).³

Na metafísica koselleckiana, o tempo histórico é constituído por múltiplas camadas independentes, porém, sobrepostas, comprimidas e simultâneas, as quais se organizam a partir de temporalidades que não são estáticas, mas apresentam velocidades relativas diferentes. Assim, qualquer recorte na cronologia natural selecionado por um historiador como objeto de estudo seria marcado pelo que denomina de contemporaneidade do não-contemporâneo, já que aquilo que acontece em determinado momento (presente) sempre leva em consideração outros sedimentos do tempo (passado ou futuro), sendo atravessado por transcurso históricos que se movem em ritmos diferentes e se interferem mutuamente (KOSELLECK, 2006).

As mobilizações do 17 de outubro de 1945, evento crucial para a consolidação do movimento peronista argentino, constituem um exemplo claro dessa sobreposição temporal. Na ocasião, Juan Domingo Perón, até então Secretário do Trabalho, havia sido preso pelo regime militar, o que gerou uma grande comoção entre as classes trabalhadoras e os sindicatos, grupos que tinham uma forte identificação com a sua figura. A insatisfação com os militares levou uma multidão para as ruas do centro da capital, concentrando-se na Praça de Maio no dia 17, com pedidos pela libertação de Perón e pela convocação de novas eleições.

A presença e a agitação dessa massa composta por empregados, trabalhadores e operários no centro de Buenos Aires – em sua maioria jovens emigrados das províncias do interior – nos é aqui extremamente significativa. Diante de uma população cidadina profundamente

³ Do original: “[...] *analytically separate different temporal levels upon which people move and events unfold, and thus ask about the longer-term preconditions for such events*”.

identificada com a temporalidade europeia do progresso, apresentava-se um sedimento social até então concentrado na periferia da capital e frequentemente excluído do cotidiano moderno e cosmopolita de uma sociedade étnica e socialmente hierarquizada (GRIMSON, 2017, p. 112). O choque, no presente, entre um imaginário urbano moderno e pretensamente homogêneo, identificado com o futuro do progresso, e uma realidade humana heterogênea, ligada a determinados valores tradicionais de um passado rural, traduziu-se em termos extremamente depreciativos que combinavam em si noções classistas e racistas com referências ao debate político vigente. Daí o uso recorrente pelos anti-peronistas de denominações pejorativas como *descamisados* ou *cabecitas negras* – associadas às ideias de atraso, pobreza, incivilidade e incultura – para se referirem a esses “estranhos” apoiadores de Perón, sobretudo no decorrer da campanha para as eleições de 1946 (GRIMSON, 2017, p. 113).

No geral, os eventos do 17 de outubro de 1945 expressam nada mais do que o transbordamento de conflitos e tensões provenientes do contato previamente existente entre distintas temporalidades. O urbano e o rural, a modernidade e a tradição, a capital e o interior, experiências e ritmos temporais convivendo ao mesmo tempo, pressionando-se mutuamente e interferindo diretamente no desdobramento político da Argentina.

A teoria de Koselleck (2006) também abrange o tratamento de outro campo: o dos regimes de temporalidade. Estes, por sua vez, referem-se ao modo como certo indivíduo ou uma determinada sociedade se relaciona com o seu tempo na prática, como vivencia a articulação entre o seu presente, o passado e o futuro, o que também é determinado historicamente. Essa vivência apresentaria dois balizadores temporais por ele denominados de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”.

O “espaço de experiência”, enquanto passado atual, incorpora os acontecimentos que podem ser lembrados, experiências recordadas resultantes da fusão entre um processo de elaboração racional e formas inconscientes de comportamento, podendo estas serem transmitidas

geracional ou institucionalmente. Já o “horizonte de expectativa”, simultaneamente ligado às esferas individual e coletiva, constitui um futuro-presente, um “ainda-não”, ou seja, volta-se para aquilo que não pode ser experimentado, apenas previsto através de análises racionais ou por meio de esperanças, medos, desejos, etc. (KOSELLECK, 2006, p. 324). Apesar de apresentarem formas de ser distintas, tais categorias não são alternativas entre si, estando íntima e mutuamente relacionadas, todavia, passado e futuro jamais chegam a coincidir, a experiência anterior nunca chega a determinar a expectativa. Como afirma Koselleck (2006, p. 313-314):

Eles (o espaço de experiência e o horizonte de expectativa) constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. Consciente ou não, a conexão que criam, modificando-se, possui uma estrutura de prognóstico. Talvez tenhamos ressaltado uma característica do tempo histórico que pode indicar sua capacidade de se modificar.

Para a teoria koselleckiana, a partir de uma perspectiva eurocêntrica, o período do Cristianismo que se estende até a década de 1780 na Europa compreende o regime de temporalidade por ele denominado de história *Magister vitae*, na qual a experiência humana estaria centrada na dimensão temporal do passado. Até então, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa seriam relativamente próximos. Logo, de acordo com a revelação bíblica, as experiências cotidianas e as expectativas, individuais ou coletivas, não poderiam estar separadas, sendo projetadas para além da experiência humana na Terra, concentrando-se no Apocalipse (KOSELLECK, 2006, p. 315-316).

A partir dessa superposição de uma grade temporal não-histórica na explicação dos eventos, o horizonte de expectativa tenderia a um padrão de repetição, ou seja, as pessoas esperariam que o futuro repetisse o passado, aprendendo com ele. Mas, o final do século XVIII, como aponta Koselleck (2006), mais especificamente a partir das Revoluções Industrial e Francesa, inauguraria gradativamente um novo regime de temporalidade no Ocidente: o “novo tempo”, mais conhecido como a Modernidade.

Os eventos revolucionários levam ao estabelecimento de um novo horizonte de expectativa que abandona o seu caráter natural e teológico e assume uma forma mundana e não espiritual. O objetivo do alcance da “perfeição”, antes localizado no além, passaria a fazer referência a um melhoramento da existência terrena dos seres humanos, superando-se a doutrina do fim do mundo e assumindo-se o risco de um futuro que agora se encontraria em aberto (KOSELLECK, 2006, p. 316-317). Desse modo, impõe-se ao Ocidente uma nova experiência temporal a partir da qual as sociedades passam a acreditar em um tempo burguês, positivo e de progresso, no qual o passado não está mais dado pelo Cristianismo, possibilitando aos homens construir o futuro no seu mundo.

Percebe-se, então, uma distinção e um distanciamento contínuos entre a experiência e a expectativa que, segundo Koselleck (2006), seriam característicos da era moderna devido à aceleração dos ritmos e prazos cotidianos do mundo terreno, derivada dos progressos sociopolítico e técnico-industrial. Essa nova experiência afastaria o tempo histórico dos padrões repetitivos que o tempo natural ou teológico oferecia anteriormente para os indivíduos, constituindo-se, assim, um regime de temporalidade centrado em um futuro que deveria ser diferente tanto do passado como do presente para se confirmar a expectativa do progresso (KOSELLECK, 2006, p. 318).

Nos estudos recentes a respeito da temporalidade, tem-se retomado as reflexões ligadas ao caráter múltiplo do tempo histórico e seus regimes a fim de analisá-las a partir de abordagens mais detalhadas. Destaca-se, então, uma geração de autores que, alinhando-se ao pensamento koselleckiano, buscam a verificação empírica desses aspectos teóricos. De acordo com os objetivos deste trabalho, restringiremos nossa análise às considerações de um importante nome dessa nova geração: o sul-africano Stefan Helgesson e o seu tratamento do tempo a partir da historiografia pós-colonial.

Os estudos temporais de Helgesson partem de uma crítica direta à maneira simplificada como muitos pesquisadores identificados com a

historiografia pós-colonial⁴ compreendem a ideia de temporalidade. Essas abordagens, segundo o sul-africano, alimentam uma concepção binária do tempo histórico marcada por duas tendências principais: o relativismo cultural e a concepção monolítica e simplificada da modernidade Ocidental como uma ideologia do progresso linear (HELGESSION, 2014, p.546). No primeiro caso, o relativismo colocaria um fim na hierarquização entre as culturas, porém, continuaria insistindo que elas estariam separadas umas das outras, o que, segundo Helgesson, pode ser facilmente traduzido para uma concepção de temporalidades que não se influenciariam mutuamente. Já a segunda perspectiva seria problemática, pois o tempo histórico de cada sociedade local seria “cancelado” pela expansão espacial da modernidade capitalista colonial (HELGESSION, 2014).

É tentando lançar um olhar mais crítico para o problema do conflito teórico entre a especificidade local e a força homogeneizadora da modernidade no âmbito das regiões coloniais ou pós-coloniais que Helgesson (2014) recorre à teoria koselleckiana. Apesar de culpar Koselleck pelo que entende como um processo de imposição universal da experiência europeia monolítica de uma modernidade calcada no progresso, em outras palavras, de atribuir um caráter eurocêntrico a suas contribuições aos estudos do tempo histórico, Helgesson apresenta uma solução a partir da própria metafísica do historiador alemão, revisando a noção das múltiplas temporalidades e as categorias que a acompanham, e apresentando uma concepção de tempo radicalmente múltiplo:

Se aceitarmos que são inúmeros os tempos, mas também que os significados fenomenológicos desses tempos são constituídos relacionalmente, então não é difícil imaginar que um determinado indivíduo ou comunidade possa transitar/encenar/experimentar vários tempos simultaneamente (HELGESSION, 2014, p.556.Tradução nossa).⁵

⁴ Dentre os autores que trabalham a questão da temporalidade a partir do campo pós-colonial destacam-se Johannes Fabian (2002), Fredric Jameson (2003) e Benita Parry (2009).

⁵ Do original: “If we accept that there are innumerable times, but also that the phenomenological meanings of these times are relationally constituted, then it is not difficult to imagine that a given individual or community may move through/enact/experience several times simultaneously”.

Desse modo, Helgesson (2014) nos apresenta uma noção de tempo mediado física, social e linguisticamente, sendo concebido enquanto categoria experimental que nunca é exclusivamente moldada por temporalidades hegemônicas, mas que acomoda diferentes ritmos em relacionamento conflituoso entre si. Nesse sentido, existiriam inúmeros modos de tempo, os quais constantemente dariam forma e sentido à vida humana, sendo impossível reduzi-los a um todo síncrono. No geral, o pensador sul-africano alerta para o erro de se tomar os termos de Koselleck, sobretudo as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, como neutros e universalmente compartilhados, devendo-se levar em conta que, na verdade, eles são antagonicamente constituídos e divergem entre as sociedades (HELGESSION, 2014).

Ao partir do conceito de “heterocronia” cunhado pelo historiador indiano Dipesh Chakrabarty (2000), Helgesson (2014) apresenta a sua interpretação de tempo radical partindo da análise de narrativas literárias produzidas em contextos coloniais ou pós-coloniais. Segundo o sul-africano, tais narrativas não negariam a tendência do tempo capitalista - centrada no futuro - em forçar as temporalidades locais a baterem em uníssono com a modernidade, buscando homogeneizar a experiência temporal dessas comunidades. Todavia, no mesmo recorte, elas expressariam a existência de tempos locais “heterocrônicos”, ou seja, temporalidades dissonantes que conviveriam simultaneamente com a temporalidade hegemônica do progresso, impedindo, assim, a submissão ao sincronismo geral.

Advogando por uma temporalidade alternativa à modernidade linear, Helgesson (2018, p. 146) afirma que não se trata apenas de opor um regime totalizante a regimes locais, mas de compreender que as arenas coloniais e pós-coloniais, mesmo imersas na temporalidade progressiva, produzem dissonâncias à hegemonia da modernidade europeia, constituindo versões alternativas dessa modernidade. Nesse sentido, pontua que o discurso literário apresentaria um potencial único de “heterocronia”, ou seja, uma capacidade de conversão de experiências temporais disjuntivas em uma

mesma narrativa (HELGESSION, 2014, p. 547). No geral, Helgesson realiza um alerta em favor de uma prática historiográfica que afirme a lógica de uma modernidade multitemporal, mesmo que ainda eurocêntrica, e que busque detectar em outros discursos coloniais ou pós-coloniais os deslocamentos entre as distintas camadas de tempo que se encontram em comunicação mútua e constante.

No que segue, colocamo-nos no desafio de contemplar o chamado de Helgesson à heterocronia a partir de outro recorte temporal, não-europeu, a Argentina. Deslocamos a análise para meados do século XX, mais especificamente para os dois primeiros governos de Juan Domingo Perón (1946-1955). Metodologicamente, assim como Helgesson, não descartaremos a metafísica koselleckiana, partindo das categorias temporais do espaço de experiência e do horizonte de expectativa para compreender como elas são mobilizadas nos discursos oficiais, ou seja, como a relação entre passado, presente e futuro se apresenta no caso da experiência histórica do peronismo. Dessa forma, busca-se evidenciar, a partir da documentação levantada⁶, o discurso populista de Perón e o que consideramos como a sua capacidade de realizar deslocamentos temporais específicos a fim de garantir o consenso político e social do regime.

Essas conversões no âmbito do discurso contestam a universalidade atribuída aos conceitos de Koselleck e demonstram, na verdade, as possibilidades plurais de interpretação de temporalidades outras de acordo com determinadas realidades. Ademais, a análise do caso peronista lança um olhar para uma experiência temporal profundamente atravessada pelo regime moderno ocidental progressivo, mas que, simultaneamente, apresenta especificidades que possibilitam que seja pensada como um exemplo de modernidade alternativa.

⁶ Analisamos dois documentos oficiais, ambos disponíveis online, referentes ao primeiro mandato do presidente Perón na Argentina entre 1946 e 1951: o documento do Primeiro Plano Quinquenal (1947-1951), publicado em 1947 e a *Constitución de la Nación*, texto resultante da reforma constitucional de 1949. Ademais, também analisamos trechos de discursos do presidente retirados de compêndios publicados posteriormente em seu nome e de bibliografia referente ao período do Primeiro Peronismo (1946-1955).

2 “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” no populismo peronista

Para fins deste trabalho, compactuamos com a concepção de populismo do teórico argentino Ernesto Laclau (2005), o qual concebe o fenômeno político em questão como uma forma específica de articulação discursiva voltada à promoção de determinados sentidos comuns em conjunturas sociais de crise de legitimidade. Nesse sentido, para que a experiência do populismo se efetive em uma determinada sociedade, é necessário que haja algum tipo de fratura no sistema institucional vigente, conjuntura que proporcionaria o aparecimento, no tecido social, de uma série de forças e demandas heterogêneas que não conseguiriam ser absorvidas organicamente por essa institucionalidade (LACLAU, 2005, p. 113).

O impacto dessas transformações levaria a uma divisão antagônica do campo social, marcada pela separação entre o poder institucionalizado e os grupos subalternos que não têm as suas demandas atendidas. A frustração em relação à insatisfação de cada uma dessas demandas, somada à percepção do acúmulo de outras necessidades também insatisfeitas, resulta no surgimento de uma “cadeia equivalencial” entre elas, o que, para Laclau (2005), constitui a emergência do “povo”. Este, por sua vez, apresenta-se, ao mesmo tempo, como uma ruptura subversiva em relação à ordem institucional vigente e como o início de um processo de reconstrução rumo a uma nova configuração.

O momento populista acontece quando essas diversas demandas - cuja equivalência, até esse ponto, não havia ido mais além do que um vago sentimento de solidariedade frente à negligência - são mobilizadas politicamente no sentido de sua unificação simbólica através de um sistema estável de significação (LACLAU, 2005, p. 99). Recorrendo a um conjunto de ferramentas retóricas, o discurso populista busca configurar um denominador comum que permita que essa pluralidade de vínculos

venha a se tornar uma singularidade, o que se dá através da construção de uma identidade ancorada em determinados significantes que possibilitem se referir à cadeia equivalencial, ou seja, ao povo, enquanto um todo único.

Essa identidade popular, somada a determinados mitos unificadores, ensejaria uma representação da totalidade social capaz de promover identificações tão amplas que, virtualmente, qualquer cidadão poderia fazer parte dela, e o próprio conceito de povo passa a ser concebido em oposição a tudo aquilo considerado como o “não-povo” (LACLAU, 2005, p. 114-117). Evocado por discursos que apresentam muitas vezes um caráter lírico e emotivo, o “povo do populismo” pode atingir o nível do mito, apresentando uma força regeneradora que confere um potencial legitimador ao Estado, o qual procura se apresentar como o único capaz de solucionar as tensões sociais (INCISA, 1992, p. 986).

O objetivo do presente trabalho é perceber a incursão particular da modernidade no caso do peronismo argentino a partir da dimensão do tempo. A articulação discursiva do populismo recorre às elaborações consideradas necessárias para tornar possível a emergência e a manutenção de um sujeito popular unificado, o que pode incluir, como se procurará demonstrar, “heterocronias” e deslocamentos temporais que ultrapassam as delimitações características da modernidade europeia.

A década de 1930 na Argentina foi marcada pelo acelerado processo de urbanização de Buenos Aires somado ao aumento da imigração para a capital de habitantes do interior do país e de estrangeiros que juntos conformavam a maior parte do proletariado industrial na cidade, em meio a uma realidade socioeconômica pautada em um modelo cada vez mais industrial e urbano (SVAMPA, 2006, p. 271). No âmbito político, o país se encontrava sob o governo de oligarquias que se mantinham no poder através de fraudes eleitorais e corrupção. Neste cenário, configura-se uma crise de legitimidade entre o sistema institucional então vigente e os grupos recém-chegados que se sentiam excluídos da vida política e simbólica da nação por não terem atendidas as suas demandas.

O cenário da Segunda Guerra Mundial abre espaço para novas lideranças políticas de caráter autoritário diante do enfraquecimento das oligarquias liberais no contexto latino-americano, tendo ocorrido, em 4 de junho de 1943, um golpe sobre o governo argentino de Ramón Castillo que dá início a uma série de governos militares que perdurariam até 1946 (CAPELATO, 2001, p.127-165). Durante o período militar, Perón atuou na Secretaria do Trabalho e Previdência (STP), criada em 1943, orientando-a no sentido de uma associação coordenada entre os âmbitos social e político, até então distanciados entre si, e implementando uma política de abertura aos trabalhadores, os quais passaram a apresentar uma participação política mais ativa. O contato direto com esses grupos subalternos recém-chegados seria fundamental para a sua eleição em 1946, já que esses, conscientes de suas demandas e visando o seu atendimento, constituíram a principal base eleitoral que permitiu a aliança nacional-popular proposta pelo peronismo ser concebida como uma saída política “democrática” para o golpe (MURMIS; PORTANTIERO, 2004, p. 178-179).

As análises dos documentos oficiais do período, o Primeiro Plano Quinquenal (1947) e a Constituição de 1949, revelam-nos que, desde o início do primeiro mandato de Perón (1946-1951), o tempo constituiu um balizador fundamental para a organização de sua experiência política, podendo ser considerado como eixo central de todo um sistema de enunciações dicotômicas que alimentaram cada vez mais os discursos, as propagandas e as políticas no decorrer do seu governo. No peronismo, a questão temporal assumiu a forma de um contraste essencial entre um passado oligárquico recente, o “antes”, e o presente peronista, o “agora”, concebido como um novo tempo (PUNTE, 2011, p.7).

A partir de sua eleição, o presidente localizava o seu governo como parte da obra “revolucionária” iniciada em 1943, com a atuação da STP em conjunto com os sindicatos durante o regime militar (1943-1946), e que teria desencadeado um lento processo que acompanhariam a evolução das próprias questões de índole social no país. Em 21 de outubro de 1946, na

Câmara dos Deputados da Nação, Perón realizou a apresentação geral do Primeiro Plano Quinquenal (PPQ), procedimento de planificação estatal que orientou a ação governamental durante o seu primeiro mandato, elaborado pela Secretaria Técnica da Presidência da Nação. Em discurso proferido a políticos, funcionários públicos e convidados especiais, o presidente enfatizou a diferença desse presente peronista do qual estavam diante, em relação a um passado político infame:

Se historicizarmos a política desde aqueles tempos de fraude, violência e engano em todas as situações, até chegar aos nossos dias, veremos como avançamos no cenário político, para o bem da Nação. [...]. Temos que atuar com moldes novos, mais honrosos e mais modernos. Já chamei a atenção de todos os argentinos e até de nossos adversários para essa realidade. Caso sigam com seus velhos hábitos, acabarão ficando sem gente (SECRETARIA TÉCNICA, 1946, p. 23.Tradução nossa).⁷

Nesse sentido, o peronismo inaugurou uma etapa ulterior da obra social desenvolvida desde então, já se pautando em uma tônica distinta para guiar o país a partir de uma nova política de verdade e de trabalho. Nota-se, desse modo, usando os termos koselleckianos, um espaço de experiência profundamente marcado pelos impactos sociais de uma política que se mantinha negligente em relação às demandas e interesses dos trabalhadores argentinos, o qual já era apresentado como distinto do “agora” e, a partir da obra a ser empreendida pelo governo de Perón, pretendia-se que se tornasse cada vez mais distante do presente.

Visando solucionar o que se considerava como os problemas concretos da situação argentina, o PPQ (1946) estabelecia os objetivos a serem cumpridos pelo governo peronista no decorrer de seu primeiro mandato (1947-1951) através de políticas populistas de caráter intervencionista que incidiram sobre diversos âmbitos da sociedade. Essas propostas orientadoras, voltadas, no geral, para o desenvolvimento das riquezas nacionais e o melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, já se pautaram por princípios fundamentais que tenderiam

⁷ Do original: “*Si historiamos la política desde aquellos tiempos del fraude, de la violencia y del engaño en todas las situaciones, hasta llegar a nuestros días, veremos cuánto hemos progresado en el panorama político, para bien de la Nación. [...] Hay que actuar con nuevos moldes, más honorables y más modernos. Respecto de esto, ya he llamado; la realidad a todos los argentinos e incluso a nuestros adversarios. Si siguen con sus antiguos procedimientos, van a terminar por quedarse sin gente*”.

à conformação de uma verdadeira doutrina nacional. Esse aspecto doutrinário, considerado a “alma” do plano, é concebido como “o *sentido e o sentimento coletivo que deve ser inculcado no povo, através do qual se alcança a unidade de ação nas realizações e soluções*” (SECRETARIA TÉCNICA, 1946, p. 10. Tradução nossa).⁸

Uma doutrina, portanto, que atendesse ao principal anseio por trás da obra peronista que já vinha se realizando e que deveria continuar sendo empreendida, no caso, a intenção de reunificar, organizar e orientar as massas trabalhadoras para que, assim, pudessem adquirir a consciência nacional necessária para alcançar e manter a unidade do povo. Nesse sentido, o peronismo recorre à lógica discursiva e propagandística de “peronização” da sociedade, a qual se organizava a partir da promoção de enunciados dicotômicos reiterados frequentemente e que possibilitaram a emergência, no plano social, de um campo antagônico mais amplo que pudesse promover todo um sistema de identificações capaz de estabelecer claramente quem eram os *compañeros* e quem eram os inimigos da Nação (LEGRÁS, 2010, p. 172-175).

Esses antagonismos, como já mencionado, derivariam de uma oposição primordial entre o “povo” (o agora) e a “oligarquia” (o antes), sendo esta última caracterizada como moralmente desviante, economicamente improdutiva e exploradora, culturalmente estrangeirizada e entreguista. Em suma, uma oligarquia que, como teria demonstrado a experiência no passado, defendia interesses contrários aos da nação, promovendo a dissolução dos verdadeiros valores argentinos e constituindo um fator de divisão contrário à obra peronista que priorizava a unidade. Apesar de aparentemente contraditória, a estratégia de alternar os discursos da divisão e da unidade e, sobretudo, localizá-los temporalmente, permite conformar um imaginário no qual o governo de Perón é concebido como uma ruptura em relação ao momento anterior de

⁸ Do original: “[...] *el sentido y sentimiento colectivo que ha de inculcarse en el pueblo, mediante la cual se llega a la unidad de acción en las realizaciones y soluciones*”.

desencontros e de distanciamento entre o Estado e os argentinos (SVAMPA, 2006, p. 204).

Ademais, ao se construir a imagem desse inimigo comum, considerado anti-argentino, anti-povo, anti-pátria, a qual era atribuída a todos aqueles que de alguma forma se opunham ou discordavam do movimento peronista, afirmava-se tanto uma identidade pautada na equivalência entre os interesses do povo, da pátria e de Perón, como a ordem dos princípios fundamentais que deveriam orientar a marcha do país rumo à finalidade suprema do peronismo: a Unidade Nacional (SVAMPA, 2006, p. 305-306). Ou seja, no fim das contas, a única divisão concebível era entre peronistas e anti-peronistas, alimentada por identificações recíprocas que legitimavam e centralizavam o poder nas mãos de Perón.

O conceito de povo apresentado por Laclau (2005) pressupõe a existência de uma instância superior, a qual pode ser o Estado, que reconheça esse povo enquanto sujeito e à qual as demandas sociais devem ser dirigidas. Entendendo-se o povo dessa maneira, Horácio Legrás (2010, p. 174. Tradução nossa) pontua que o líder populista “*é menos uma figura de manipulação das massas (teoria política bastante ingênua) que uma instância executiva do nexo representacional, o qual é por definição delegativo*”.⁹ Ou seja, no populismo, o povo concede ao líder a tarefa de representá-lo diante do poder e de agir em seu nome, devendo essa liderança direcionar suas energias para conter e orientar a mobilização popular que ele desencadeou com sua própria ascensão.

Em 1949, o anseio pelo estabelecimento de uma Doutrina Nacional Peronista que orientasse os argentinos rumo ao bem-estar e à unidade alcançou contornos bem determinados a partir da reformulação da Carta Constitucional e do estabelecimento dos princípios oficiais do Justicialismo. Logo no preâmbulo são listados os objetivos constitucionais com os quais deveriam se comprometer o governo e os cidadãos, ratificando, assim “a

⁹ Do original: “[...] es menos una figura de manipulación de las masas (teoría bastante ‘naíve’ de la política) que una instancia ejecutiva del nexo representacional, que es por definición delegativo”.

decisão irrevogável de estabelecer uma Nação socialmente justa, economicamente livre e politicamente soberana” (ARGENTINA, 1949, p. 41. Tradução nossa).¹⁰ A Constituição Justicialista, como ficou conhecida, estabelece os princípios morais que deveriam orientar harmonicamente Estado e povo para que as suas realizações fossem encaradas com unidade de concepção e de ação na marcha para se alcançar o êxito, evocado através da ideia de uma Nova Argentina.

Temporalmente, a Nova Argentina constituía o horizonte de expectativa estabelecido pelo peronismo, um futuro que se distanciava do passado, como este fora representado, e se afirmava como um tempo diferente e melhor. Nota-se, então, uma temporalidade que atende aos aspectos fundamentais do regime moderno koselleckiano. A perspectiva do progresso permeia o discurso peronista em seus alicerces fundamentais e o próprio Perón considera o seu governo como uma etapa evolutiva fundamental, posterior ao momento revolucionário da Secretaria do Trabalho e Previdência, rumo ao bem-estar comum e à grandeza nacional. Nessa linha evolutiva, a reforma constitucional constituiria mais uma etapa cumprida.

Na economia, desde o PPQ (1946), isso se refletiu em um forte ímpeto de industrialização do país. Adotando uma posição coerente com o léxico econômico nacional-desenvolvimentista que ganhava força na América Latina, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, o plano peronista visava proteger as indústrias argentinas existentes e fomentar o estabelecimento de novas, aumentar a produção em sua industrialização e comercialização no menor tempo possível, além de organizar e distribuir igualmente a riqueza nacional. Em suma, promover um progresso técnico-industrial considerado essencial para garantir a estabilidade social e a independência econômica do país, o que, de acordo com Perón, *“colocaria nossa Pátria no lugar que a ela corresponde no concerto mundial”* (SECRETARIA TÉCNICA, 1946, p. 63-64. Tradução nossa).¹¹

¹⁰ Do original: “[...] *la irrevocable decisión de constituir una Nación socialmente justa, económicamente libre y políticamente soberana [...]*”.

¹¹ Do original: “[...] *ha de colocar a nuestra Patria en el lugar que le corresponde en el concierto mundial*”.

Essa necessidade de inserir o país no jogo das nações consideradas industrializadas, ou seja, de acelerar o passo para alcançá-las como uma nação moderna e autônoma, é marcada por algumas especificidades no caso argentino. A Constituição Justicialista também estabeleceu, no campo doutrinário, uma orientação denominada oficialmente de “Terceira Posição”, a qual conferia contornos nacionais e peronistas à disputa ideológica que se desdobrava no cenário político internacional do pós-guerra entre os blocos capitalista e comunista. Criticando ferozmente as condições trabalhistas de exploração e abuso alimentadas pelo grupo social da oligarquia sob o sistema econômico capitalista e, ao mesmo tempo, procurando defender o país da influência dos agitadores comunistas que incitavam a luta de classes, Perón optou por um posicionamento anticapitalista e anticomunista pautado por um regime de colaboração entre patrões e trabalhadores. Diante da Assembleia Legislativa em 1º de Maio de 1952, Perón explicou a sua tese e finalizou o seu discurso justificando-se:

[...] Assim nasceu o Justicialismo sob a suprema aspiração de um alto ideal. O Justicialismo criado por nós e para os nossos filhos, como uma terceira posição ideológica tendente a nos libertar do capitalismo sem cair nas garras opressoras do coletivismo (PERÓN, 1952, apud. BARCO, 1983, p. 65. Tradução nossa).¹²

Nesse sentido, o que o discurso populista de Perón parece fazer é inserir esse embate ideológico internacional, radicalizado com a Guerra Fria, em sua rede de enunciados dicotômicos, concebendo-o como uma disputa entre interesses dissociadores e egoístas a qual remeteria, novamente, aos abusos do passado oligárquico (SVAMPA, 2006, p. 303). Desse modo, o presente precisava ser diferente, um tempo nem capitalista, nem comunista, mas peronista, de realizações e de justiça no campo social.

Uma doutrina peronista, para um povo peronista, para se garantir um devir também peronista. A perspectiva permanece voltada para o futuro, promovendo-se uma aceleração progressiva característica da

¹² Do original: “*Así nació el Justicialismo bajo la suprema aspiración de un alto ideal. El Justicialismo creado por nosotros y para nuestros hijos, como una tercera posición ideológica tendiente a liberarnos del capitalismo sin caer en las garras opresoras del colectivismo*”.

modernidade. Desde 1946, diante de todos os políticos que se faziam presentes naquela Câmara dos Deputados para serem apresentados ao PPQ, Perón, a partir de um olhar retrospectivo, aponta para dois objetivos considerados fundamentais e com os quais os estadistas de todo o mundo sempre teriam se preocupado: assegurar a felicidade do povo no presente e esculpir a futura grandeza da nação. De acordo com o presidente recém-eleito, muitos líderes políticos, deslumbrados com um futuro brilhante, sacrificaram o presente de várias gerações no trabalho, na luta e na dor para, no fim, não conseguir alcançá-lo; assim como também houve condutores que, imersos em um presente cheio de alegrias e conquistas, esqueceram-se das exigências do futuro da nação e acabaram levando suas pátrias à decadência ou ao desmoronamento (SECRETARIA TÉCNICA, 1946, p. 8).

Para Perón, seriam justamente os embates históricos entre os homens e os Estados, por ele concebidos como uma disputa entre presente e futuro, que levariam aos vícios do individualismo e do coletivismo. Defende, assim, que uma orientação política ideal deveria, harmoniosamente, assegurar o porvir da Nação sem desprezar o presente do povo, daí a importância conferida aos Planos Quinquenais e à necessidade de planificação dos esforços voltados às conquistas de seu povo e de seus descendentes. Como destaca, *“tudo isto para que, sem pôr em causa a felicidade presente do nosso povo, permita-se, sem hesitações, trabalhar abnegadamente pelo seu futuro, e onde o indivíduo e o Estado interpenetrem-se, compreendam-se e se complementem”* (SECRETARIA TÉCNICA, 1946, p. 10. Tradução nossa).¹³

O presente peronista, além de apresentado como uma ruptura em relação ao espaço de experiência ligado aos governos oligárquicos e como uma etapa de evolução progressiva que levaria à consolidação de uma Nova Argentina, não poderia ser negligenciado em nome de meros prognósticos ou promessas para um futuro considerado melhor. As

¹³ Do original: *“Todo ello para que, sin peligrar la felicidad presente de nuestro pueblo, permita sin hesitaciones, trabajar abnegadamente por su futuro, y donde el individuo y el Estado se compenetren, comprendan y complementen”*.

realizações sociais deveriam se iniciar no “agora”, a garantia da felicidade e do bem-estar do povo se estende para o futuro, mas deveria começar no presente, a Nova Argentina seria apenas a consolidação da obra “argentinista” que o peronismo já estaria empreendendo. Em 17 de outubro de 1952, ao discursar na Praça de Maio para os trabalhadores que comemoravam o Dia da Lealdade, Perón reforça:

Somos idealistas o suficiente para entender que a realidade é o ideal supremo. Os povos, como os homens, não foram capazes de aprender a ciência oculta de viver sonhando; Eles vivem em realidades. E os melhores sonhos são aqueles que se realizam (PERÓN, 2000, p. 691. Tradução nossa).¹⁴

Além disso, o horizonte de expectativa, apesar de concebido como positivamente diferente do passado, não parece estar totalmente em aberto, na verdade, ele deveria ser racional e objetivamente planejado, de acordo com a Doutrina Justicialista, tendência que se repete após Perón se reeleger em 1951 e imediatamente iniciar a elaboração do Segundo Plano Quinquenal, publicado em 1953. O futuro característico do regime de temporalidade moderno de Koselleck deveria ser diferente tanto do passado como do presente para se confirmar a expectativa do progresso, mas a Nova Argentina, finalidade suprema da marcha ordenada a ser percorrida pelo povo junto a Perón, não era e nem poderia ser pensada como um tempo distinto. Afinal, um futuro em aberto, sem planejamento, corria o risco de não ser peronista.

Como consequência, podemos identificar uma temporalidade peronista específica, a qual, imersa no tempo moderno acelerado e progressivo que nos apresenta Koselleck, simultaneamente explicita o que Helgesson já havia apontado no plano dos estudos pós-coloniais: o caráter não absoluto dos termos e categorias apresentados pelo historiador em sua metafísica do tempo histórico. Pautada pelo rompimento com um passado oligárquico recente, a experiência histórica do peronismo se apresentava como uma superação desse tempo no plano nacional, todavia,

¹⁴ Do original: “Somos lo suficientemente idealistas como para entender que la realidad constituye el supremo ideal. Los pueblos, como los hombres, no han podido aprender la ciencia oculta de vivir soñando; viven de realidades. Y los mejores sueños son los que se cumplen”.

a evocação desse espaço de experiência como exemplo negativo permanece alimentando frequentemente os discursos oficiais e o combate aos identificados como anti-peronistas.

Ademais, em um cenário global marcado pelas consequências do liberalismo político e econômico levadas ao último nível com a crise de 1929 nos Estados Unidos e as duas guerras mundiais, que ainda se apresentava como um mundo bipolarizado no qual um novo conflito poderia estourar a qualquer momento, confiar no tempo do progresso e deixar o futuro totalmente em aberto parecia arriscado. Por isso o ímpeto por planejar o devir da nação a partir do agora, um tempo não de promessas, mas de realizações sociais.

3 Considerações finais

Como destacado, as condições que tornam possíveis o surgimento de governos populistas, sobretudo na América Latina, geralmente estão ligadas a momentos de transformação do cenário social de um determinado país. Tais mudanças podem estar relacionadas a processos de industrialização, imigração, êxodo rural, urbanização, etc. Porém, o populismo não pode ser pensado como um mero regime de transição entre o tradicional e o moderno. Estudos como o de Svampa (2006) nos permitem conceber o fenômeno político em questão como uma forma particular de inserção da modernidade no sistema político latino-americano, a qual se fortalece e se legitima a partir de estratégias representacionais que buscam preencher o vazio de legitimidade resultante de uma fratura entre o Estado e os governados, entre o poder e a sociedade. Para isso, o populismo constrói um aspecto simbólico e afetivo capaz de resgatar um sentimento de coesão social e de pertencimento simultâneo a um mesmo coletivo.

Dentre as elaborações discursivas que tornam possível a emergência desse povo unificado no caso da Argentina peronista, os deslocamentos temporais constituem dispositivos importantes para a manutenção do consenso entre aqueles que compõem e se identificam com esse sujeito popular, garantindo a hegemonia do regime. Apresentando-se como um tempo de evolução, o peronismo em nenhum momento nega a modernidade ocidental característica da época, pelo contrário, no futuro, a Nova Argentina deveria se constituir como uma nação urbana de progresso e de riqueza. Entretanto, os discursos oficiais, visando a nacionalização e a “peronização” das massas, abusaram de enunciados dicotômicos que possibilitaram deslocamentos específicos entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa dos argentinos.

Como resultado, identifica-se uma temporalidade peronista na qual o presente ganha um foco significativo, sendo apresentado como o tempo das mudanças e das realizações sociais. Para tal, os discursos de Perón reiteram constantemente um “antes” oligárquico de exploração e cosmopolitismo como exemplo negativo a ser superado e, ao mesmo tempo, evocam um futuro melhor, diferente desse passado recente, mas necessariamente determinado e planejado por esse “agora” peronista. Conversões temporais estas que, características do discurso populista de Perón em sua busca pela unidade nacional, podem ser pensadas enquanto “heterocronias” indicadoras do que Helgesson, a partir da metafísica do tempo de Koselleck, concebe como uma modernidade alternativa.

4 Referências

ARGENTINA, **Constitución de la Nación**. Sancionada por la Convención Nacional Constituyente el 11 de marzo de 1949. BO de, v. 16, n. 03, 1949. Disponível em: http://www.jus.gob.ar/media/1306658/constitucion_1949.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

BARCO, Ricardo del. **El Régimen Peronista, 1946-1955**. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1983.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.127-165.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe**: Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton: Princeton University Press, 2000.

FABIAN, Johannes. **Time and the Other**: How Anthropology Makes Its Objects. New York: Columbia University Press, 2002.

GRIMSON, Alejandro. Raza y clase en los orígenes del peronismo: Argentina, 1945. **Desacatos**, n.55, p.110-127, 2017. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1607-050X2017000300110&script=sci_arttext. Acesso em: 23 mar. 2022.

HELGESSION, Stefan. Radical Time in (Post) Colonial Narratives. *In*: SVENUNGSSON, Jayne; HELGESSION, Stefan (org.). **The Ethos of History Time and Responsibility**, New York: Oxford, 144-159, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvw04kkp.12>.

HELGESSION, Stefan. Radicalizing temporal difference: Anthropology, postcolonial theory, and literary time. **History and theory**, v. 53, n. 4, p. 545-562, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/hith.10730>.

INCISA, Ludovico. Populismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PAQUINO, Gianfranco (org.). **Dicionário de Política**. vol. 2, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 981-986.

JAMESON, Fredric. The End of Temporality. **Critical Inquiry**, v. 29, n.4, p.695-718, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1086/377726>.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Sediments Of Time**: On Possible Histories. Tradução: Sean Franzel e Stefan-Ludwig Hoffmann. Stanford: Stanford University Press, 2018.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LEGRÁS, Horacio. Hacia una historia del populismo. *In*: SORIA, Claudia; CORTÉS ROCCA, Paola; DIELEKE, Edgardo (org.) **Políticas del sentimiento**: El peronismo y la construcción de la Argentina moderna. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. **Estudios sobre los orígenes del peronismo**. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores Argentina, 2004.

PARRY, Benita. Aspects of Peripheral Modernisms. **Ariel**, v.40, n.1, p.27-55, 2009. Disponible em: <https://journalhosting.ucalgary.ca/index.php/ariel/article/download/33561/27605>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PERÓN, Juan Domingo. **Obras completas**. v. 17, pt. 2. Buenos Aires: Editorial Proyecto Hernandarias, 2000.

PUNTE, María José. Los únicos privilegiados: rastros de las políticas sociales del primer peronismo en las obras de Osvaldo Soriano y Daniel Santoro. **Imagonautas - Revista Interdisciplinaria sobre imaginarios sociales**, v. 1, n. 1, p. 4-26, 2011. Disponible em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/15082>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SECRETARIA TÉCNICA. Presidencia de la Nación. Plan de Gobierno. 1947-1951. Tomo I. **Impreso en los Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional de Buenos Aires**. Buenos Aires, 1946.

SVAMPA, Maristella. **El dilema argentino**: civilización o barbarie. Buenos Aires: TAURUS, 2006.



CONJUNTURAS CRÍTICAS, MUDANÇAS DE CICLOS POLÍTICOS E DESDEMOCRATIZAÇÃO NA VENEZUELA AO LONGO DOS GOVERNOS CHAVISTAS

*COYUNTURAS CRÍTICAS, CAMBIOS EN LOS CICLOS POLÍTICOS Y
DESDEMOCRATIZACIÓN EN VENEZUELA A LO LARGO DE LOS
GOBIERNOS CHAVISTAS*

*CRITICAL CONJUNCTURES, CHANGES IN POLITICAL CYCLES AND
DE-DEMOCRATIZATION IN VENEZUELA THROUGHOUT THE CHAVISTA
GOVERNMENTS*

Jefferson Nascimento¹ 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo analisa as transformações sociopolíticas ocorridas na Venezuela desde a chegada de Chávez ao poder, utilizando os conceitos de *conjuntura crítica*, *ciclo político* e *(des)democratização* como ferramentas teóricas. Mais especificamente, objetivamos responder a seguinte pergunta: é possível afirmar que, na mudança do governo de Hugo Chávez para o governo de Nicolás Maduro, houve também uma mudança de *ciclo político*? Argumentamos que sim, pois houve uma significativa reformulação das agendas dominantes no debate público e uma rearticulação dos atores hegemônicos nas disputas políticas, fazendo emergir inclusive novos atores. Além disso, a maneira como as instituições funcionam foi radicalmente alterada, principalmente do ponto de vista do seu funcionamento informal. O resultado disso foi que, desde 2013, está em curso um processo no qual os elementos democratizantes que marcaram o *ciclo político* chavista (1999-2013) vêm desaparecendo e os traços desdemocratizantes herdados desse período se acentuam progressivamente.

¹ Doutorando e Mestre em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: jeffersonlnascimento@iesp.uerj.br

Palavras-chave: Chavismo; Ciclo Político; Conjuntura Crítica; Democratização; Mudança.

Resumen: Este artículo analiza las transformaciones sociopolíticas ocurridas en Venezuela desde la llegada al poder de Chávez, utilizando como instrumentos teóricos los conceptos de *coyuntura crítica*, *ciclo político* y *(des)democratización*. Específicamente, pretendemos responder a la siguiente pregunta: ¿es posible decir que, durante el cambio de gobierno de Hugo Chávez al gobierno de Nicolás Maduro, hubo también un cambio de *ciclo político*? Argumentamos que sí, porque hubo una reformulación significativa de las agendas dominantes en el debate público y una rearticulación de los actores hegemónicos en las disputas políticas, incluso dando lugar a nuevos actores. Además, el modo como funcionan las instituciones se ha visto radicalmente alterado, principalmente desde el punto de vista de su funcionamiento informal. El resultado de ello fue que, desde 2013, se viene gestando un proceso en el que los elementos democratizadores que marcaron el *ciclo político* chavista (1999-2013) han ido desapareciendo, mientras progresivamente se acentúan los rasgos desdemocratizadores heredados de ese período.

Palabras clave: Chavismo; Ciclo Político; Coyuntura Crítica; Democratización; Cambio.

Abstract: This article analyzes the sociopolitical transformations that have taken place in Venezuela since Chávez came to power, using the concepts of *critical conjuncture*, *political cycle* and *(de)democratization* as theoretical tools. More specifically, we aim to answer the following question: is it possible to say that, in the change from Hugo Chavez's government to Nicolás Maduro's government, there was also a change in the *political cycle*? We argue affirmatively that yes, because there was a significant reformulation of the dominant agendas in the public debate and a rearticulation of the hegemonic actors in political disputes, even giving rise to new actors. Furthermore, the way in which institutions function has been radically altered, mainly from the point of view of their informal functioning. The result of this was that, since 2013, a process has been under way in which the democratizing elements that marked the *Chavista political cycle* (1999-2013) have been disappearing and the de-democratizing traits inherited from that period have been progressively accentuated.

Keywords: Chavismo; Political Cycle; Critical Conjuncture; Democratization; Change.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.209613](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.209613)

Recebido em: 20/03/2020
Aprovado em: 03/07/2023
Publicado em: 30/07/2023

1 Introdução

A Venezuela tem sido objeto de acalorados debates políticos no âmbito internacional por conta das transformações que o Estado e a sociedade vêm passando nos últimos anos. O chavismo, força política que governa o país desde 1999, apresenta diversas contradições e divide opiniões dentro e fora do país. Compreender a complexidade da política venezuelana nas últimas décadas não é uma tarefa simples e demanda a análise de um conjunto amplo de fatores que incidem sobre as recorrentes crises por que passa o país.

Neste artigo, vamos discutir alguns desses fatores, contudo o nosso foco é examinar, mais precisamente, se, com a manutenção da hegemonia chavista no controle do Estado venezuelano após a morte de Hugo Chávez, em 2013, seria correto afirmar que o país permaneceu no mesmo *ciclo político*. O resultado desta pesquisa mostra que não. A partir da *conjuntura crítica* na qual Nicolás Maduro ascende à presidência, em 2013, mudanças substantivas vêm ocorrendo na maneira como se dão as disputas políticas. Houve uma reformulação das principais agendas e dos atores que hegemonizam o debate público, bem como do funcionamento das instituições, sobretudo no seu aspecto informal. Isso acarretou o aprofundamento dos processos desdemocratizantes estabelecidos no *ciclo político* chavista e a erosão dos elementos democratizantes presentes anteriormente.

Em diálogo com Pierre (2004) e Bringel e Domingues (2022), definimos *ciclo político* como um período entre duas conjunturas críticas no qual se estabelece uma relativa estabilidade das agendas e dos atores hegemônicos no debate público, bem como do funcionamento das instituições nas quais se dão as lutas políticas. O conceito de *conjuntura crítica*, por sua vez, consiste em um período de redução dos constrangimentos institucionais, em que mudanças significativas são

possíveis, mas que dependem da agência dos atores políticos para se concretizarem.

Caso as mudanças de fato ocorram, elas podem apontar para um caminho democratizante ou desdemocratizante, ou mesmo podem apresentar elementos ambivalentes. Tomamos emprestado o conceito de (des)democratização de Charles Tilly (2007), que o define como a ampliação da capacidade estatal para assegurar: (1) que mais grupos de cidadãos consigam expressar suas demandas; (2) que haja a redução da disparidade entre os grupos no que tange ao atendimento de suas demandas; (3) que as liberdades dos cidadãos sejam respeitadas; e (4) que as regras do jogo não sejam violadas.

Com base nesse arcabouço conceitual, analisaremos os processos de mudanças sociopolíticas que ocorreram na Venezuela desde 1999, quando Chávez chega ao poder. O artigo está dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. Na seção seguinte, discutiremos com maior profundidade os conceitos que utilizamos como ferramentas de análise. A terceira seção será dedicada a discutir as transformações ocorridas no período de 1999 a 2013, quando Chávez esteve na presidência, de forma a justificar por que defendemos que se constituiu em um *ciclo político* distinto daquele vigente entre 1958 e 1998. Na quarta seção, daremos enfoque às mudanças ocorridas ao longo do governo Maduro, herdeiro do chavismo, explicando os fatores que nos levam a considerar que se formou um novo ciclo, distinto daquele que começa a erodir em 2013. Por fim, teceremos alguns comentários a título de conclusão.

2 Conjuntura crítica, ciclo político e (des)democratização: o arcabouço conceitual

O conceito de *conjuntura crítica* tem sido utilizado nas Ciências Sociais para analisar processos de mudanças institucionais. Os irmãos Ruth

Collier e David Collier, por exemplo, têm alguns trabalhos importantes discutindo esse tema. Para os autores, uma *conjuntura crítica* seria “um período de mudança significativa”, que ganha feições distintas nos diferentes países e que produzem legados distintos. Esse legado pode constituir-se em mecanismos institucionalizados, como regimes mais estáveis, e com maior duração, ou podem configurar-se em mecanismos “autodestrutíveis” por sua instabilidade (COLLIER; COLLIER, 2002).

Sem embargo, Capoccia (2015; 2016) e Capoccia e Kelemen (2007) nos alertam para um problema relativo a essa lógica que estabelece uma relação causal e necessária entre *conjuntura crítica* e mudança social, por negligenciar a possibilidade de essas conjunturas não implicarem em nenhuma grande transformação: “se a mudança é possível, considerada e buscada, e por pouco falhou em se materializar, não há razão para não considerar tal situação como uma conjuntura crítica” (CAPOCCIA; KELEMEN, p. 350-351). Os autores defendem que somente a agência dos atores políticos poderá romper com esse status quo.

Dialogando com Capoccia, no sentido de questionar uma suposta relação de causalidade entre *conjuntura crítica* e mudança, Ferreira, Mariano e Neves (2023), descrevem o conceito da seguinte forma:

Um momento em que os atores que dão sustentação à determinada instituição divergem em suas expectativas, pois visualizam um futuro no qual a instituição, tal como está organizada, não fornece confiança suficiente para que os seus interesses sejam atendidos. É, portanto, um estado típico de crise de expectativas, situação na qual os atores perdem parte da capacidade de traçar perspectivas baseadas nas referências construídas ao longo do tempo, podendo consolidar uma percepção coletiva de que a trajetória institucional existente não dará conta das mudanças que se avizinham (FERREIRA; MARIANO; NEVES, 2023, p.12).

A *conjuntura crítica*, pois, caracteriza-se como um período de redução dos constrangimentos institucionais, em que mudanças significativas são possíveis e, ao mesmo tempo, imprevisíveis. Trata-se, portanto, de um momento de incerteza sobre o futuro arranjo institucional que permite que a ação política tenha papel causal protagonista na consolidação de determinada trajetória institucional. Os autores indicam

que seria mais adequado examinar quais as condições que possibilitam as mudanças em meio a uma *conjuntura crítica* e como tais mudanças ocorrem. Dessa maneira, a conjuntura não ocupa o papel da causa, mas sim de contexto no qual as transformações ocorrem.

Um dos possíveis resultados de uma *conjuntura crítica* é a formação de um novo *ciclo político*. Concebemos a noção de *ciclo* como um intervalo de tempo no qual um fato surge, se desenvolve, alcançando certa estabilidade até entrar em colapso; ou seja, é uma concepção que permite identificar momentos de ruptura, mapeando o início, o meio e o fim dos processos históricos. Ao explicar a relação entre *conjuntura crítica* e *ciclo político*, Pierre (2004) afirma que a *conjuntura crítica* é um momento durante o qual “se rompe o relativo equilíbrio entre as forças políticas ou a estabilidade política”, nas quais ocorrem “enfrentamentos limitados ou abertos, inclusive violentos, entre as principais forças políticas pelo controle de aparato do Estado”. Já o *ciclo político* é definido como “um período determinado por dois estados ou momentos sucessivos e diferentes de configuração ou ordenamento de forças políticas e grupos de pressão”. Dito de outra forma, o *ciclo político* é um período de relativa estabilidade entre duas conjunturas críticas no decorrer das quais os atores foram capazes de implementar mudanças sociopolíticas rompendo com o período de incerteza.

Não obstante, o autor faz dois alertas importantes. O primeiro refere-se ao cuidado de não confundirmos ciclos políticos com ciclos eleitorais ou ciclos presidenciais ou com mandatos constitucionais, já que estes possuem temporalidades distintas. Apesar disso, é importante compreender a sinergia que se estabelece entre eles. Por exemplo, embora o ciclo eleitoral seja mais curto que o *ciclo político*, ele pode ser determinante para criar uma *conjuntura crítica* na qual a ação dos atores políticos pudesse levar à transição para um novo *ciclo político*. Somado a essa advertência, acrescentamos ainda que um ciclo presidencial pode coincidir com um *ciclo político*, a depender da duração do tempo em que o mandatário se mantenha no poder e da intensidade e da natureza das

transformações que ocorrerão. Ademais, pode haver mudanças de ciclos políticos, ainda que se mantenha o mandato constitucional, desde que o funcionamento das instituições se altere significativamente do ponto de vista informal e/ou a constituição sofra reformas radicais.

A segunda advertência de Pierre (2004) é que, mesmo que o *ciclo político* mantenha certa estabilidade de correlação de forças por um dado período, pode haver alguns momentos de instabilidade e de acirramento dos conflitos ao longo do ciclo sem que o seu sentido geral se altere. Isso significa que o pesquisador pode dividir um dado ciclo em fases distintas como forma de não perder de vista inflexões que ocorrem dentro de período analisado, ajudando a operacionalizar melhor o conceito.

A discussão promovida por Bringel e Domingues (2022), a propósito, contribuiu nesse aspecto, ao delimitar o conceito de forma a torná-lo mais operacional. Os sociólogos definem *ciclo político* como um processo histórico de longo ou médio prazo que se caracteriza pela articulação de três elementos: as agendas políticas, os agentes políticos e as instituições. As agendas políticas, apesar de algumas variações, se mantêm firmes ao longo de um ciclo, ressoando fortemente na sociedade. Temas como fome, miséria, corrupção etc., são normalmente concebidos de uma maneira bastante particular, sem sofrer grandes transformações.

Além disso, a dinâmica cíclica é hegemônica por organizações coletivas e indivíduos específicos, porém, com o passar do tempo, eles tendem a perder a capacidade de exercer influência sobre a conjuntura, devido ao fato de não conseguirem se adaptar aos novos tempos ou de, no caso dos atores individuais, terem tempo de vida limitado. Com isso, novos agentes surgem - e/ou os antigos se reestruturam de forma a adequar-se às novas circunstâncias - abrindo espaço para a formação de um novo ciclo.

Para que isso ocorra, é necessário um rearranjo das instituições, que consistem em comportamentos padronizados e repetitivos dos indivíduos e das coletividades, formalmente definidos ou não. As instituições permitem reduzir a instabilidade e a heterogeneidade dos imaginários, redes simbólicas que abarcam valores, padrões normativos, quadros

cognitivos e repertórios de expressão que são instáveis e heterogêneos. Logo, dentre os três elementos que caracterizam o *ciclo político*, as instituições são aquelas que apresentam maior estabilidade, contudo, quando muda o ciclo, as instituições se alteram — ao menos, na sua dinâmica real de funcionamento — sem que necessariamente sejam modificadas ou substituídas na formalidade da lei. A substituição de uma coalizão institucional com suas regras e práticas, materializando um novo imaginário hegemônico, portanto, seria o que aqui estamos denominando de processo de transição de ciclos.

Para identificar a transição de ciclos, é necessário mapear o que os irmãos Collier (2002) denominaram de *condições antecedentes* e *condições permissivas*. Ou seja, em primeiro lugar, o pesquisador precisa elencar os traços que marcaram a estabilidade do arcabouço institucional antecedente. Já as condições permissivas ocorrem quando uma crise irrompe ou produz-se uma nova clivagem nas relações de poder, produzindo um cenário de incerteza e colocando em xeque o status quo.

Cumprido ressaltar que a transição de um ciclo para outro não se dá de forma estanque, mas sim de modo lento e gradual, fazendo com que o processo de desaparecimento da ordem antiga ocorra simultaneamente ao processo de nascimento da nova ordem. Como defende Bringel e Domingues (2022, p. 22): “para que um novo ciclo emergja, não basta que o anterior se desfaça. É necessário um processo de sedimentação do processo sociopolítico e que algumas agendas, atores e instituições se configurem de forma mais estável”. Logo, a escolha das datas de início e fim dos ciclos foi feita para fins analíticos. Elas indicam “acontecimentos” que produziram forte impacto na conjuntura de cada país, a ponto de acelerar transformações já em curso. Daí a necessidade de analisá-las de forma processual.

Ademais, tais processos podem conter traços democratizantes, desdemocratizantes ou mesmo ambivalentes, como nos mostra Charles Tilly (2007). Ao discutir a democracia, no lugar de concebê-la como um conceito estático, que visa a classificar os regimes políticos de forma

dicotômica, como democráticos ou não democráticos, Tilly produz uma tipologia que possibilita investigar transformações processuais. O conceito de democratização, na sua teoria, significa a ampliação da capacidade estatal para assegurar e expandir as quatro variáveis que o autor elenca como fundamentais para sustentar a democracia: a extensão (ou seja, é preciso identificar se são muitos ou poucos os grupos de cidadãos que conseguem expressar suas demandas), a igualdade (reflete a disparidade entre os grupos de terem suas demandas atendidas pelo Estado), a proteção (referente às liberdades que o Estado deve respeitar na relação com os cidadãos) e os compromissos mútuos assumidos (isto é, as regras do jogo). Já a desdemocratização seria o caminho inverso. Tal definição será utilizada como parâmetro para analisar o processo político venezuelano nos últimos 25 anos.

3 O chavismo e o “socialismo do século XXI”: a ambivalência de processos democratizantes e desdemocratizantes

Em 1958, após décadas de sucessivos golpes militares, foi firmado um acordo entre as elites venezuelanas que ficou conhecido como o Pacto de *Punto Fijo*, dando início a um *ciclo político* que, pela primeira vez na história, deu relativa estabilidade democrática àquele Estado. Enquanto grande parte dos países vizinhos, ao longo das décadas de 1960 e 1970, sofreram golpes que resultaram na instituição de regimes militares, na Venezuela as eleições passaram a ser realizadas periodicamente, o que levou o país a ser considerado um exemplo de “democracia” na região. Porém, cabe ressaltar que, na realidade, a alternância entre os partidos tradicionais e conservadores — a Aliança Democrática e o partido social cristão, COPEI² — somente mascarava um sistema político oligárquico.

² *Comité de Organización Política Electoral Independiente (COPEI)*.

Tratava-se de uma política clientelista e rentista petroleira, marcada por profunda desigualdade social (CICERO, 2010; VALENTE, 2013).

Na década de 1980, começaram a emergir as *condições permissivas* que possibilitaram a desestabilização do ciclo *punto-fijista*. A América Latina passou por um período de forte estagnação econômica, atingindo diretamente a Venezuela, que vivia décadas de bonança petrolífera. O PIB *per capita* regrediu a ponto de, no final dos anos 1990, retornar ao mesmo patamar dos anos 1950 (PENFOLD-BECERRA, 2007, p.69) e o nível da pobreza ter dobrado em relação ao início dos anos 1980 (LÓPEZ MAYA, 2017). As reformas neoliberais implementadas pelo presidente Carlos Andrés Pérez (1989-1983) em 1989, seguindo as diretrizes das principais organizações internacionais, agravaram a crise social e provocaram o *Caracazo*, uma feroz reação dos setores populares nas ruas da capital nacional. Muito embora duramente reprimido, o *Caracazo* constituiu uma onda de protestos que marcaram a ruptura do *ciclo político puntofijista* e iniciou a transição para um novo ciclo.

Tal evento teve impacto profundo na correlação de forças políticas, produzindo uma *conjuntura crítica* que abriu espaço para a ascensão de um *outsider* ao poder. Nas eleições presidenciais de 1998, o candidato vitorioso foi Hugo Chávez, ex-tenente coronel do Exército e líder do movimento político *Movimiento Bolivariano Revolucionario 200* (MBR-200), que, seis anos antes, havia tentado chegar ao poder mediante um golpe de Estado. Uma das primeiras iniciativas do novo governo foi convocar uma Assembleia Constituinte. Promulgada em 1999, a nova Carta Magna estabeleceu um novo pacto político, econômico e social em cujo cerne estava a busca de um desenvolvimento nacional sustentado na distribuição mais equânime da renda petroleira – que até então enriquecia a elite e parte da classe média ligada à produção petroleira, em detrimento da maioria da população venezuelana (ALTMAN, 2016; MARINGONI, 2008).

Em razão da nova ordem constitucional, foram convocadas eleições presidenciais e legislativas, nas quais Hugo Chávez se reelegeu e a sua

coalizão conseguiu conquistar 92% das cadeiras do congresso. Aproveitando o contexto favorável, em 2001, a Assembleia Nacional aprovou um pacote de 49 Decretos Lei, dentre eles a Lei Orgânica de Hidrocarbonetos, responsável pela ampliação da participação estatal sobre a extração de petróleo e gás. Como consequência, tais leis fomentaram o descontentamento das elites políticas e econômicas tradicionais, gerando um clima de intensa instabilidade política.

Nos anos 1920, a produção de petróleo no país já havia ocupado um lugar de destaque não apenas na economia, mas também na política e na sociedade. Criou-se o mito de que o “ouro negro” promoveria o milagre do desenvolvimento, capaz de romper com o atraso do passado colonial e finalmente levar o país ao “progresso”. Em partes, tal ilusão foi estimulada pelas narrativas fantasiosas fabricadas pelo Estado venezuelano – detentor do monopólio da violência e da exploração dos recursos naturais – ao criar grandes projetos de desenvolvimento. É o que Fernando Coronil (2002) chama de “Estado mágico”, conceito fundamental para entender as disputas políticas na Venezuela até os dias de hoje. Segundo o autor, a partir de então, a luta de classes passou a se dar em torno do acesso aos petrodólares.

Isso significa que, se o Estado assume um maior controle da renda proveniente da exportação de petróleo e adere a um projeto radical de redistribuição, é improvável que se estabeleça uma relação de conciliação dos interesses das classes que ocupam os extremos da pirâmide social. Ainda que a renda cresça em um ritmo acelerado, as classes proprietárias estão cientes de que o preço das *commodities* e o volume de suas exportações são bastante voláteis e vulneráveis às crises cíclicas da economia mundial³.

Com isso, ao perceberem a ascensão de um presidente que tem forte discurso antielitista e um projeto de redistribuição de renda, as elites econômicas passaram a adotar uma postura antidemocrática. Esse limite

³ Cabe acrescentar que, ao longo do governo de Chávez, a dependência do petróleo foi agravada. Em 1998, quando ganha sua primeira eleição, o minério representava 68,7% das exportações, subindo para 96% em 2013, ano em que o líder veio a falecer (LANDER, 2017).

ficou explícito na tentativa de golpe de Estado em abril de 2002, na qual Chávez foi preso, e Pedro Carmona, presidente da Federação de Câmaras de Comércio e Produção (Fedecamaras), assumiu a Presidência do país. Alguns setores militares, a mídia tradicional e a Igreja Católica apoiaram a tentativa de derrubar Chávez. No entanto, a pressão de militares aliados – sobretudo os de baixa patente e alguns oficiais do alto escalão – e a forte mobilização popular nas ruas em favor do governo eleito foram cruciais para que Chávez conseguisse reverter o golpe e, em 48 horas, restituir o cargo de presidente.

É fundamental ler essa reação popular como um evento de grande impacto, que salientava a correlação de forças favorável às propostas de mudanças que estavam em andamento. Nos anos seguintes, é possível observar que, a despeito de os grupos opositores continuarem frequentemente se mobilizando nas ruas contra o governo, inclusive realizando greves patronais – como a que ficou conhecida como o *Paro Petrolero* –, o governo não recuou e, ao contrário, apostou na radicalização das reformas (LÓPEZ MAYA, 2017; LANDER, 2017). Portanto, pode-se afirmar que, enquanto a *conjuntura crítica* no final dos anos 1980, evidenciada com o *Caracazo*, possibilitou uma mudança de *ciclo político*, a *conjuntura crítica* de 2002, engendrada pela reação golpista das elites econômicas ao governo de Chávez, resultou na aceleração das transformações que já estavam em curso no *ciclo político* chavista.

O *boom das commodities*, propiciado em larga medida pelo crescimento da China a partir de 2004, preparou o terreno para que o processo de transformações fosse intensificado. A bonança das divisas possibilitou o financiamento dos programas sociais. As *misiones sociales*, um conjunto de políticas sociais voltadas para o combate da pobreza e das desigualdades sociais, começaram a ter efeitos socioeconômicos positivos, de tal forma que, conforme demonstra um estudo da CEPAL (2013), a Venezuela se tornou o país menos desigual na América Latina durante o ápice do *ciclo político* chavista, atrás apenas do Uruguai. Houve avanços significativos em áreas como segurança alimentar, alfabetização,

assistência médica, matrícula universitária, emprego e moradia, como demonstra Lander (2017). Essa combinação de políticas públicas fez com que o Índice de Desenvolvimento Humano do país se elevasse de 0.662, no ano de 2000, a 0.748, em 2012, passando de um desenvolvimento humano "médio", a um desenvolvimento humano "alto", de acordo com o padrão do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (LANDER, 2017).

Penfold-Becerra (2007), todavia, descreve alguns problemas na maneira como essas políticas sociais foram planejadas e executadas. O autor observa que o presidente venezuelano desmantelou os programas sociais existentes sob administrações anteriores e criou o *Plan Bolívar 2000* e o *Fondo Único Social* (FUS), gerenciados diretamente pelas Forças Armadas, que resultariam em escândalos de corrupção e acusações de falta de transparência na prestação de contas e de ineficiência dos militares na condução dos programas. Os recursos empregados nas *misiones* não eram provenientes do orçamento oficial, mas sim dos lucros gerados pela Petróleos de Venezuela (PDVSA), a empresa estatal responsável pela extração e exportação do petróleo. Esses recursos, pois, não seriam monitorados nem pelo Congresso nem pelo Banco Central, violando regras orçamentárias. A conclusão de Penfold-Becerra é de que, desse modo, o governo conseguiria utilizar os programas sociais de forma clientelista, com o objetivo de comprar votos e distribuir a renda petroleira diretamente aos mais pobres, consolidando um apoio político e eleitoral de extrema importância.

Sem embargo, a maneira como Penfold-Becerra (2007) narra o processo de radicalização do "socialismo do século XXI"⁴ é passível de críticas. O autor deixa a impressão para o leitor de que as *misiones* só foram implementadas quando Chávez se sentiu ameaçado pelas elites e queria continuar no poder. É importante ressaltar que a iniciativa de promover uma redistribuição mais justa da renda já estava anunciada desde o início do governo, quando foi promulgada a Carta de 1999. Não

⁴ Esse era o slogan do projeto de nação adotado por Chávez, muito usado a partir de 2005.

parece ser correto atribuir a política social do chavismo apenas a uma estratégia clientelista de compra de votos e de consolidação de uma base eleitoral sólida.

Entretanto, é pertinente a crítica que o autor faz à incorporação dos militares na política institucional, atribuindo-lhes tarefas administrativas, normalmente conduzidas por civis. Tal incentivo já tinha sido explicitado na Constituição de 1999, ao afrouxar a proibição aos militares de engajarem-se em atividade política, rompendo assim com o histórico de despolitização das Forças Armadas (VILLA, 2022, p.84), que foi uma das marcas do ciclo do *puntofijista*. Havia, pois, um crescente ativismo militar na Venezuela antes mesmo da chegada de Chávez à presidência e que, no início do governo, se dividia em dois grupos: aqueles que rechaçavam o governo e os que o apoiavam. Sabendo da necessidade de fortalecer o seu escudo militar, o mandatário tomou um conjunto de medidas para favorecer os seus apoiadores e afastar ou mitigar o potencial desestabilizador dos seus opositores nas forças castrenses. Por conseguinte, essa *conjuntura crítica* aprofundou a militarização⁵ do Estado e da sociedade (HARNECKER, 2003; JÁCOME, 2011; KRUIJT, 2020; NASCIMENTO, 2020; RODRIGUEZ, 2019; VILLA, 2022).

Disso resultou um considerável retrocesso no que tange à garantia de liberdades fundamentais. Além de atuar na provisão das políticas sociais, as Forças Armadas passaram a exercer com maior frequência tarefas de segurança pública, ao passo que as forças policiais incorporavam a lógica de combate ao inimigo⁶, típica do mundo militar, o que implicou em uma série de acusações ao Estado de violar os direitos humanos (GAN GALAVÍS, 2020). Somado a isso, civis foram estimulados a integrar as atividades de segurança pública em conjunto com as forças policiais e militares, por meio da criação de instituições formais, como a

⁵ Definimos militarização como um conjunto de práticas voltadas para implementar a ideologia do militarismo. Militarismo, por sua vez, significa “um vasto conjunto de hábitos, interesses, ações e pensamentos associados com o uso das armas e com a guerra, mas que transcende os objetivos puramente militares” (PASQUINO, 2000, p.78). A ideologia militarista, segundo o autor, objetiva “penetrar em toda a sociedade, impregnar a indústria e a arte, conferir às forças armadas superioridade sobre o governo (...)”.

⁶ Embora, entre 2006 e 2012, as autoridades venezuelanas tenham iniciado uma reforma da polícia, no qual a desmilitarização se tornou um dos principais objetivos, na prática, prevaleceu a lógica militar (GAN GALAVÍS, 2020).

Milícia Nacional Bolivariana (MNB), e de grupos paramilitares, conhecidos como *colectivos*, elevando o índice de violência urbana, que historicamente tem sido alto no país (GAN GALAVÍS, 2020).

Paralelamente à militarização, foi posta em prática a estratégia de “politização da justiça” (OLIVEIRA; SOUZA, 2014). Apesar de a Carta magna de 1999 ter conferido ao Judiciário poderes robustos para fiscalizar o Executivo e o Legislativo, o chavismo passou a intimidar e substituir juízes, bem como ampliou o número de membros do Tribunal Superior de Justiça (TSJ), mitigando paulatinamente a autonomia das instituições de justiça (TAYLOR, 2014; URRIBARRI, 2011). Isso facilitou a interdição de adversários, alguns dos quais se tornaram inelegíveis, e a coibição do trabalho de jornalistas, reduzindo o índice de liberdade de imprensa (LEVINE; MOLINA, 2012).

Portanto, o modo como Chávez governava o país, por um lado, apresentava traços desdemocratizantes, que afetavam principalmente dois dos quatro elementos essenciais da democracia sugeridos por Tilly (2007): a “proteção” e os “compromissos mútuos assumidos”, que dizem respeito às liberdades fundamentais e às regras do jogo. Por outro lado, o projeto chavista apresentava características democratizantes, sobretudo no que tange aos outros dois elementos da teoria da Democracia formulada por Tilly (2007): a “extensão” e a “igualdade”, referentes ao aumento da probabilidade de um maior número de grupos de cidadãos terem suas demandas atendidas e à redução da disparidade de condições para que grupos normalmente marginalizados tenham suas necessidades satisfeitas.

Do ponto de vista do fortalecimento da democracia, além das *misiones sociales*, que, como vimos, contribuíram para a redução da pobreza e da desigualdade, a Venezuela se projetou como um ator de grande influência na região latino-americana, sendo protagonista da

criação de órgãos e acordos importantes, como a ALBA⁷, a UNASUL⁸, a CELAC⁹, o Petrocaribe¹⁰, além da participação na derrota da ALCA¹¹ (LÓPEZ MAYA, 2017), bem como da adesão ao Mercosul mais tarde¹². Neto (2019) nos mostra que essas organizações exercem um papel importante no enfrentamento à violência, à criminalidade, ao tráfico de drogas e de pessoas, na promoção dos direitos humanos, dentre outras questões que desestabilizam os regimes democráticos. Foi criado todo um aparato, incluindo programas, projetos, conselhos, comissões e grupos de trabalho para se pensar regionalmente como enfrentar a desestabilização; porém, a partir da metade da década de 2010, essa agenda regionalista “pós-hegemônica”¹³ perdeu força, devido, em larga medida, às contradições dos governos progressistas e à eleição de governos de direita.

A agenda de integração se coadunava com a proposta chavista de criar órgãos estatais de comunicação, como forma de contrabalancear a narrativa dos grupos hegemônicos que apoiaram o golpe frustrado de 2002 (WERZ; WINKENS, 2007). A Telesur, canal de televisão estatal, foi o principal símbolo desse projeto e tinha o objetivo, pelo menos inicialmente, de contribuir para a união dos países latino-americanos e de construir uma narrativa nova acerca dos povos da região. Suas fontes financeiras primordiais, no princípio do projeto, eram os petrodólares venezuelanos e o suporte de governos de centro-esquerda na América do Sul. Cumpre

⁷ Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América: uma plataforma de cooperação internacional baseada na ideia de integração social, econômica e política, idealizada e criada em 2004 por Fidel Castro e Hugo Chávez.

⁸ União de Nações Sul-Americanas, organização intergovernamental composta por países da América do Sul. Foi fundada em 2010, dentro dos ideais de integração região multissetorial.

⁹ Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos: criada em 2010 com o objetivo de projetar globalmente a região e promover a coordenação política em temas como o respeito ao direito internacional e aos direitos humanos, a igualdade entre Estados e a cooperação.

¹⁰ Aliança entre países do Caribe com a Venezuela, em torno da comercialização de petróleo a preços justos e formas de pagamento flexíveis com o fim de promover o desenvolvimento socioeconômico dos países membros.

¹¹ Área de Livre Comércio das Américas: proposta do governo estadunidense, feita em 1994, para eliminar as barreiras alfandegárias em todos os países do continente americano, exceto Cuba, à qual Hugo Chávez se colocou contra.

¹² O Paraguai estava, naquele momento, suspenso do bloco devido ao golpe que derrubou o presidente Fernando Lugo, em 2012. O novo mandatário, Federico Franco, disse à época ser contra o ingresso venezuelano, mas o Paraguai não participou do processo de admissão do novo membro.

¹³ Briceño Ruiz (2016) usa o conceito de “regionalismo pós-hegemônico” para se referir ao tipo de cooperação interestatal que se estabeleceu na América Latina no início do século XXI. Diferentemente do “regionalismo aberto”, vigente nos anos 1990, alicerçado na ideia de livre comércio e no Consenso de Washington, o “pós-hegemônico” inclinava-se mais em favor de outras pautas, como a cooperação política, militar e financeira, além do apoio mútuo entre os Estados para projetos na área de saúde e de infraestrutura. O autor nota, contudo, que, a partir de 2013, há um esfriamento dessa agenda pós-hegemônica. Em partes, isso se explica pelo próprio dissenso entre os países da região sobre como lidar com a crise na Venezuela.

ressalvar, contudo, que, no que tange às disputas político-discursivas travadas na Venezuela, a Telesur tende a privilegiar a produção de enquadramentos que privilegiam os atores e apoiadores do governo em detrimento dos opositores (PAINTER, 2008), o que mitiga o seu potencial democratizante e contribuiria para a polarização política no país.

Outra medida que apontava para o aprofundamento da democracia, mas que também apresentou contradições ao longo do tempo, foi a implementação de mecanismos de participação direta. Essa era uma demanda que vinha ganhando força desde os anos 1980 e que, embora já tivesse sido experimentada em nível local, foi institucionalizada como uma política de Estado na Carta de 1999 (LÓPEZ MAYA, 2021). Não obstante, López Maya (2021) relata uma série de problemas que foram surgindo conforme o projeto foi avançando. A cientista social venezuelana argumenta que o conceito de “democracia participativa e protagônica” presente na Constituição de 1999 atribuiu ao Estado o papel de criar as condições para o protagonismo popular, o que significa dizer que o Estado ocuparia a posição de “acompanhante” da sociedade civil. Ao longo do primeiro governo de Chávez, nos espaços abertos à participação direta das comunidades organizadas, havia a vontade política para transcender os defeitos do modelo representativo anterior e as práticas participativas, de fato, tinham como horizonte a superação da pobreza e da exclusão social.

No entanto, a partir de 2005, na esteira do processo de “radicalização da democracia”, o discurso oficial sofreu uma forte inflexão e o chavismo passou a adotar medidas com o objetivo de transformar o regime de democracia participativa e protagônica em um outro de natureza socialista, tendo como inspiração o marxismo-leninismo, em especial o modelo posto em prática em Cuba por Fidel Castro. O intuito era fazer com que as instituições participativas fossem paulatinamente substituindo as instituições liberais, contrariando os princípios de participação descritos na Carta de 1999.

A partir da Lei dos Conselhos Comunais, aprovada em 2006, retirou-se o vínculo dessas organizações comunitárias com os governos

municipais, que passaram a ser subordinadas ao Executivo nacional, mais especificamente ao Ministério do Poder Popular. Além disso, a Lei passou a conceber os conselhos comunais como um gestor – e não como um formulador – de políticas públicas, atuando como braço do governo e deixando de ser instâncias da sociedade civil para adquirirem um caráter quase estatal. Assim, a Lei Orgânica das Comunas, de 2010, dava um passo além no projeto de erosão da democracia liberal. Entretanto, como veremos, esse projeto foi interrompido em 2013, quando emergiu uma nova *conjuntura crítica*, na qual o chavismo, já sem a presença de seu líder carismático, se modificou significativamente (LÓPEZ MAYA, 2021).

Tendo debatido as contradições do *ciclo político* chavista, podemos afirmar, portanto, que aquele ciclo se diferenciava do anterior – o *puntofijista* - por dar centralidade à agenda da participação direta; por ampliar a esfera de ação do Estado no tange à redistribuição mais igualitária das divisas provenientes da comercialização de petróleo; e por incentivar a integração regional nos marcos pós-hegemônicos. A liderança carismática de Chávez foi fundamental nesse processo. Os militares, por seu turno, retomaram o seu protagonismo na política ao lado do presidente, participando ativamente da administração pública, seja ocupando ministérios, cargos nas empresas estatais ou atuando na implementação de políticas públicas junto à sociedade civil. Tais mudanças foram institucionalizadas e respaldadas pela Carta Magna de 1999. A reação golpista das elites econômicas em 2002 produziu uma nova *conjuntura crítica*, mas que não resultou em uma mudança de ciclo, como ocorreu a partir de 1989, mas sim impulsionou o avanço do projeto chavista que estava em andamento, tornando cada vez mais evidentes as suas contradições.

4 O chavismo sem Chávez: o aprofundamento do processo de desdemocratização e a liberalização da economia

Hugo Chávez veio a falecer em 2013 e, no governo do seu sucessor e correligionário, Nicolás Maduro, o cenário ficou mais adverso, devido a uma série de fatores, como: a própria perda da liderança carismática de Chávez, enfraquecendo o apoio popular; o aprofundamento da crise econômica iniciada em 2008, mas que ganha maior intensidade na América Latina a partir de 2014, devido sobretudo à queda no preço das *commodities*; além do esfriamento da agenda pós-hegemônica de integração latino-americana e do recrudescimento de setores da direita que passaram a se empenhar para derrubar o presidente, utilizando-se inclusive de táticas golpistas (NASCIMENTO, 2020). Essas foram algumas *condições permissivas* a partir das quais iniciou um processo de transição de ciclos.

Antigo líder sindical e vice-presidente da República, Nicolás Maduro era um ator importante na cúpula do governo e foi o escolhido para carregar o legado deixado por Chávez, diante dessas adversidades. Concorreu nas eleições presidenciais de 2013 e venceu por uma margem bastante estreita, conquistando 50,61% do total de votos. O candidato opositor Henrique Capriles não reconheceu a vitória do seu oponente, alegando irregularidades sem apresentar provas, o que contribuiu fortemente para debilitar a legitimidade do sistema político venezuelano.

Não tardou para que os primeiros sinais de esgotamento do chavismo aparecessem nas ruas. Em 2014, eclodiu o primeiro grande ciclo de protestos que tinha como alvo não apenas o governo Maduro, mas o sistema político como um todo. Entre 1999 e 2015, mais de 90% das mobilizações sociais nas ruas ocorreram por razões de caráter socioeconômico; porém, o ano de 2014 destoou dessa tendência. Pela primeira vez, as causas civis ou políticas, que envolviam, por exemplo, demonstrações de repúdio à insegurança e à injustiça, denunciando as condições desumanas do sistema penitenciário e judicial, bem como de

repúdio ao próprio presidente e aos partidos políticos, foram predominantes. Os protestos que levantavam essas bandeiras representaram 52% do total (LÓPEZ MAYA; UZCÁTEGUI, 2016).

Cabe ressaltar que isso não quer dizer que o número de protestos envolvendo questões socioeconômicas havia diminuído; afinal, a crise se agravava de forma bastante acelerada. O que ocorreu foi um aumento vertiginoso da temperatura nas ruas, o que elevou substancialmente a quantidade de manifestações demonstrando forte descontentamento com a política tradicional.

Tais protestos revelavam que havia algo de mais profundo ocorrendo no plano sociopolítico, o que ficou mais nítido no ano seguinte, com a expressiva derrota sofrida pelo partido governista, o Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), nas eleições legislativas, nas quais a Mesa da Unidade Democrática (MUD), coalizão formada por diversas forças opositoras, conquistou dois terços dos votos, representando o primeiro revés eleitoral do chavismo em 17 anos (ROSA; NUNES JR., 2019). Com a supermaioria na Assembleia Nacional, a oposição passaria a ter poder para aprovar sozinha a convocação de uma Assembleia Constituinte para reescrever a Constituição. Diante dessa *conjuntura crítica*, produzida por uma forte oposição popular nas ruas e agora no congresso, em meio à corrosão dos indicadores socioeconômicos e da legitimidade da política institucional, o governo optou por fortalecer o apoio do Judiciário como forma de se sustentar no poder.

No dia 23 de dezembro de 2015, a menos de duas semanas para a coalizão opositora assumir o controle do congresso, os deputados chavistas se articularam para aprovar a nomeação de 13 novos juízes para o Tribunal Superior de Justiça, que, dentre outras medidas favoráveis ao governo, viriam a impugnar a candidatura de três deputados eleitos pela oposição. Isso impedia a MUD de ter um número de assentos suficiente para convocar uma Constituinte, mitigando assim o potencial dos grupos opositores no legislativo de desestabilizar o governo.

Na esteira do acirramento dos conflitos políticos e da crescente

degradação das condições de vida, uma nova onda de protestos eclodiu em 2017. Seguindo a mesma linha de 2014, as manifestações salientavam o impacto social das crises política e econômica pelas quais o país atravessa. Curioso é que, nos dois momentos, embora participassem ativamente das mobilizações nas ruas, as principais lideranças políticas encontravam muitas dificuldades de coordená-las. Muitos protestos eram convocados por novos atores sociais, que não possuíam vínculos partidários, com perfis bastante heterogêneos e formados em sua maioria por jovens. Dentre os grupos mais atuantes, se destacava o *La Resistencia*, formado por jovens encapuzados dispostos a participar em confrontos físicos com as forças de segurança, que reagiram de forma bastante violenta. Intitulavam-se os “guerreiros” e, utilizando uma estética anarquista, exibiam repúdio tanto ao governo quanto aos políticos opositores, além de rechaçar os demais protestos que utilizavam repertórios pacíficos (LLORENS, 2018).

Portanto, é possível observar a formação de uma “nova geração” de atores sociais, renovando o debate público, trazendo elementos de críticas mais amplas. A reação do governo, cercado por uma série de ameaças, foi a de lançar uma Assembleia Constituinte, que a MUD decidiu boicotar por alegar não ter legitimidade e não seguir os trâmites legais. Os 545 membros da Constituinte, escolhidos pelo voto popular, portanto, foram todos apoiadores do chavismo. Como consequência disso, o Congresso foi perdendo uma série de atribuições, que passaram a ser assumidas pela Constituinte, o que contribuiu para proteger o governo das ameaças do legislativo.

No plano geopolítico, além do já mencionado enfraquecimento das pautas pro-hegemônicas de integração da América Latina, devido às contradições dos governos progressistas de centro-esquerda e ao avanço da direita conservadora na região, foi criado o Grupo de Lima em 2017, por iniciativa do governo peruano, com o objetivo de pressionar pelo restabelecimento da democracia na Venezuela, do qual fizeram parte os seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica,

Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Peru.

Somado a isso, Washington passou a exercer maior pressão sobre Caracas, questionando a legitimidade do governo Maduro. Donald Trump, ao longo de seu mandato, que teve início em janeiro de 2017, aplicou severas sanções com o intuito de estrangular a economia venezuelana, já bastante combalida, e de provocar uma mudança de governo. Uma série de trabalhos acadêmicos mostra os efeitos drásticos provocados por essas sanções, que inibiam a capacidade do Estado venezuelano de se recuperar da crise iniciada em 2014 e contribuía de forma determinante para que o país passasse por uma das hiperinflações mais longas da história mundial (BULL; ROSALES, 2023; RODRÍGUEZ, 2019; WEISBROT; SACHS, 2019; SUTHERLAND, 2020). Isso resultou em intenso fluxo migratório, com mais de sete milhões de venezuelanos saindo do país em busca de uma melhor qualidade de vida (BULL; ROSALES, 2023).

De forma a lidar com tais adversidades, o governo Maduro tomou diversas decisões que vão na contramão da política econômica vigente desde a chegada de Chávez ao poder. Maduro optou pelo pragmatismo, fazendo um ajuste estrutural, que incluiu a dolarização parcial da economia, a liberalização comercial e a privatização de ativos estatais. Tais iniciativas vêm possibilitando a aliança do governo com certos segmentos do capital privado e ajudando a conter a inflação e a atenuar o alto nível de escassez de produtos. Em 2021, o PIB voltou a crescer depois de sete anos seguidos de contração e a pobreza foi reduzida, ainda que permaneça em um nível alarmante. No início de 2021, mais de 90% dos lares estavam situados abaixo da linha da pobreza, mas estudos recentes mostram que, em 2023, o nível desceu para 80,3% (BULL; ROSALES, 2023).

Em consonância com López Maya (2023), podemos afirmar que essa inflexão na política econômica suplantou o projeto de “socialismo do século XXI”, idealizado por Chávez. O chavismo deixou de ser um movimento político rentista que visava à redistribuição para seguir um

modelo de “capitalismo autoritário” com traços neoliberais, mas que mantém a gramática discursiva da esquerda radical (BULL; ROSALES, 2023). Isso não significa dizer que a Venezuela, durante a administração de Chávez, tivesse de fato se tornado socialista, afinal o país ampliou seus laços de dependência aos países centrais do capitalismo, aumentando a exportação de petróleo, e limitou as suas atividades produtivas no âmbito doméstico. Entretanto, as políticas redistributivas eram um dos pilares fundamentais que caracterizaram o *ciclo político* chavista e que produziram impactos positivos na redução das desigualdades e da pobreza, o que explica em grande parte o apoio popular à figura de Hugo Chávez.

Outro pilar importante do ciclo anterior foi o projeto de participação direta. Apesar de suas contradições, como vimos na seção 3, a construção do Estado comunal estava no horizonte do chavismo e um conjunto de medidas foi tomado para institucionalizar o funcionamento das organizações comunitárias e endurecer o controle do Executivo sobre elas. Não obstante, ao longo do governo Maduro, as experiências comunais se tornaram pontuais, concentrando-se em sua maioria nas zonas rurais, sendo que mais de 92% da população venezuelana vive nos centros urbanos, o que mostra que a participação direta deixou de ser uma agenda central no debate público (LÓPEZ MAYA, 2021). Enquanto Maduro concentra-se em esquivar-se das ameaças e pressões internas e externas e se manter na presidência, grande parte da população preocupa-se, prioritariamente, em sobreviver, um cenário que tem provocado a fissura do tecido social.

A sobrevivência de Maduro no poder é firmemente sustentada pelos escudos judiciário e militar. A interferência no Judiciário e nas Forças Armadas se tornou uma prática comum durante o ciclo anterior, mas ganhou maior relevância ao longo da presidência de Maduro. Como vimos, a ampliação do número de ministros no Tribunal Superior de Justiça e a nomeação de aliados, com o aval do Congresso, à época ainda dominado pelo chavismo, foram decisões fundamentais para mitigar o

potencial dos opositores de remover Maduro do poder. Quanto ao processo de militarização, notamos um maior protagonismo de oficiais das Forças Armadas dentro do Poder Executivo e na defesa do presidente frente à multiplicação dos focos de pressão por mudança de governo. O Ministério do Poder Popular para a Defesa, chefiado pelo general Vladimir Padrino López, por exemplo, foi reunindo cada vez mais poder dentro do Executivo, tanto no que diz respeito à repressão popular quanto no que se refere ao controle administrativo de empresas estatais, por onde circula grande quantidade de dinheiro público, se convertendo na autoridade máxima do país, atrás apenas do presidente Mauro (JÁCOME, 2017).

O apoio dos militares foi posto à prova em algumas tentativas golpistas de derrubar Maduro, mas a alta cúpula das Forças Armadas em todas as ocasiões rechaçou prontamente os levantes e reforçou o seu vínculo com o governo (NASCIMENTO, 2020). A investida mais ousada contra Maduro ocorreu no dia 30 de abril de 2019 e foi denominada de Operação Liberdade. O líder do levante era Juan Guaidó, o então presidente do Congresso, que se proclamou presidente da Venezuela, sob a argumentação de que o governo de Maduro era ilegítimo, pois a eleição presidencial de 2018 supostamente teria sido fraudada. Guaidó havia sido um dos protagonistas dos protestos de 2014 e de 2017, o que lhe rendeu uma rápida ascensão dentro do partido Vontade Popular, que via a necessidade de lançar lideranças jovens, em vista da prisão de seu principal líder, Leopoldo López, e da insatisfação da população venezuelana com a “velha política”. A autoproclamação de Guaidó foi respaldada pelos EUA e por dezenas de outros países, que o reconheceram como o presidente legítimo da Venezuela.

No entanto, Guaidó não obteve sucesso na tentativa de unir a oposição contra o governo. Em partes, isso se deve ao fato de parte considerável da MUD não apoiar a estratégia golpista de tomar o Estado de assalto. Além disso, com as sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia, Guaidó passou a administrar recursos financeiros

que pertencem ao Estado venezuelano, e uma série de acusações de corrupção veio à tona¹⁴. Desse modo, o fato de a oposição ser bastante heterogênea e não conseguir se articular em torno de um mesmo projeto, que ofereça uma alternativa viável ao governo, contribui para que Maduro se mantenha na presidência, mesmo diante de inúmeras ameaças.

Tendo narrado os principais fatos e apontado os elementos que caracterizam as disputas políticas na Venezuela desde a morte de Chávez até os dias de hoje, podemos retomar os conceitos discutidos na seção 2, de forma a complexificar a análise e justificar por que defendemos a ideia de que o *ciclo político* chavista se encerrou e que agora a Venezuela experimenta um novo ciclo.

Algumas “condições permissivas” produziram uma *conjuntura crítica*, na qual ocorreu um processo de transição de ciclos. São elas: a perda da liderança carismática de Chávez; a crise econômica instalada em 2014; o enfraquecimento da agenda de integração regional; as sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia; e o recrudescimento dos grupos opositores nas ruas – resultando na onda de protestos de 2014 e de 2017 – e no Congresso – com a derrota massiva do chavismo nas eleições legislativas em 2015.

Diante das adversidades, o governo apostou no aprofundamento de processos iniciados no *ciclo político* chavista, como a politização do judiciário e a militarização da política, que têm resultado no favorecimento de aliados nas disputas político-eleitorais, em detrimentos dos grupos opositores, e em forte repressão aos movimentos sociais. A violência do Estado, inclusive, fez com que a Venezuela se tornasse o primeiro país da América Latina a ser investigado pelo Tribunal Penal Internacional por supostos crimes contra a humanidade¹⁵.

¹⁴ Para mais informações sobre o envolvimento de Guaidó em casos de corrupção, consultar a seguinte referência: EL NACIONAL. **Escândalo de corrupção en la oposición afectó la reputación de Guaidó**. EN El Nacional, 04 dez 2019. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/escandalo-de-corrupcion-en-la-oposicion-afecto-la-reputacion-de-guaido/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁵ O detalhamento das acusações está presente na seguinte referência: SINGER, Florantonia. **Tribunal Penal Internacional investigará a Venezuela por crimes contra a humanidade**. El País Internacional. Caracas, 03 nov.

Em contrapartida, duas pautas hegemônicas ao longo do ciclo chavista foram abandonadas: a atuação firme do Estado no que concerne à redistribuição dos petrodólares e as políticas voltadas para a participação direta. Com relação à primeira pauta, observou-se uma inflexão no projeto vigente desde 1999, com uma reestruturação liberalizante da economia, como forma de amenizar os efeitos da crise prolongada, em grande medida impulsionada pelas severas sanções internacionais. A agenda da democracia participativa, por sua vez, foi marginalizada, praticamente desaparecendo do debate público na última década.

Isso não quer dizer, contudo, que manifestações reivindicando uma maior presença do Estado ou mobilizações comunitárias visando a solucionar os problemas cotidianos enfrentados pela população tenham deixado de existir. Ao contrário, essas ações são corriqueiras e ocorrem de forma bastante intensa. O que argumentamos é que há uma insatisfação grande com o sistema político como um todo e um descrédito em relação aos atores políticos tradicionais. Isso ficou mostrado nos ciclos de protestos de 2014 e de 2017 e na iniciativa frustrada de Guaidó de articular uma coalizão anti-Maduro.

Percebemos, ainda, que o funcionamento das instituições vem sendo alterado do ponto de vista formal e informal. A medida que melhor simboliza essa corrosão institucional foi a transferência de atribuições do Congresso, com maioria opositora, para a Assembleia Constituinte, dominada pelo chavismo. O resultado de todas essas transformações desde a morte de Chávez é o aprofundamento de processos de desdemocratização, que já estavam em curso, ao passo que os processos democratizantes foram progressivamente perdendo a força.

4 Conclusão

2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-04/tribunal-penal-internacional-investigara-a-venezuela-por-crimes-contra-a-humanidade.html> . Acesso em: 19 maio 2023.

Neste artigo, discutimos os processos de mudança sociopolítica pelos quais a Venezuela vem passando desde a chegada de Hugo Chávez à presidência em 1999, tomando como base teórico-conceitual o debate sobre *conjuntura crítica*, *ciclo político* e (des)democratização. Defendemos que, desde 2013, embora o movimento político liderado por Chávez siga dirigindo o Estado venezuelano, houve mudanças significativas que permitem afirmar que está em curso um novo *ciclo político* no país.

Notamos que o chavismo, com a perda da sua liderança carismática em 2013, passou por grandes reformulações na sua natureza. O *ciclo político* chavista de Chávez foi marcado, por um lado, por elementos democratizantes, como o impulsionamento da agenda de ampliação do Estado no que concerne à redistribuição mais igualitária da renda petroleira e da agenda de aprofundamento da democracia, por meio da criação de instituições voltadas para a participação direta, demanda esta que vinha ganhando força desde o início dos anos 1980. Essas medidas foram propiciadas por um contexto favorável, no qual havia uma grande insatisfação com as políticas neoliberais, evidenciada com o *Caracazo*, e um cenário econômico internacional favorável à exportação de commodities. Além disso, a agenda da integração da América Latina avançava sob uma proposta pós-hegemônica, tendo Chávez sido um dos principais atores que lideraram o processo de criação de diferentes instituições regionais, essas por sua vez um papel importante para mitigar um conjunto de problemas comuns aos países da região.

Ao longo dos governos de Maduro, contudo, observamos o esgotamento desse processo democratizante. A partir de 2014, com a retração do preço das *commodities*, os gastos com políticas sociais foram fortemente reduzidos, revertendo os avanços socioeconômicos obtidos no ciclo anterior. Além disso, a administração de Maduro, sob forte pressão interna e externa, adotou um projeto econômico radicalmente distinto daquele que foi hegemônico no ciclo chavista, apostando na liberalização como forma de angariar o apoio de certos setores produtivos e de sobreviver às severas sanções internacionais impostas à Venezuela. Já as

políticas de participação direta praticamente desapareceram, ficando relegadas a experiências pontuais, enquanto a agenda de integração regional perdeu força na América Latina, tornando o clima regional bastante hostil a Maduro, com a eleição de governos de direita em países vizinhos e a formação do Grupo de Lima.

Em meio a esse cenário extremamente adverso, o governo optou por intensificar os processos desdemocratizantes que já estavam em curso no ciclo anterior, como a politização do Judiciário e a militarização da política, como forma de se sustentar no poder. O resultado disso foi um aumento expressivo da repressão nas ruas, a proibição de adversários de participar nas disputas eleitorais e a corrosão das instituições liberais, o que ficou evidente quando a Assembleia Constituinte, dominada pelo chavismo, retirou um conjunto de atribuições do Congresso, de maioria opositora.

Portanto, afirmamos que o projeto do socialismo do século XXI, com todas suas contradições, hegemônico no *ciclo político* chavista, começou a desaparecer a partir de 2013, em meio a uma *conjuntura crítica*, na qual a coalizão governista começou a tomar diversas medidas para se manter no poder. Disso resultou a transição para um modelo de capitalismo autoritário, bastante distinto do projeto de Estado institucionalizado na Constituição de 1999.

Não está claro o que o destino reserva para a política venezuelana. Nos últimos anos, houve algumas tentativas por parte dos governos da Noruega, do Vaticano, do México e da Colômbia de criar espaços de diálogo entre o governo venezuelano e os grupos opositores, com o fim de que ocorram eleições livres e justas no país. Aliado a isso, surge no horizonte a possibilidade de suspensão das sanções internacionais, motivadas em grande medida pelo aumento da demanda por petróleo, em decorrência dos efeitos da Guerra da Ucrânia. Entretanto, o cenário é incerto e qualquer previsão seria mero exercício especulativo.

5 Referências:

ALTMAN, Max. **Venezuela**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Venezuela%20web.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2023.

BRICEÑO RUIZ, José. Projeção, fragmentação e justaposição de processos - Regionalismo pós-hegemônico, retorno do regionalismo aberto: a atualidade do regionalismo na América Latina e no Caribe. **Conjuntura Internacional**, v. 13, n. 1, pp. 16-21, nov. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2016v13n1p16>

BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício. Ciclos políticos: conceptualización y América Latina Contemporánea. In: TORRES, Esteban; DOMINGUES, José Maurício (Eds.). **Nuevos actores y cambio social en América Latina**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. 2022. pp. 263-280, Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv2v88cbs.13>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BULL, Benedicte; ROSALES, Antulio. Cómo las sanciones a Venezuela abrieron paso a un capitalismo autoritario. **Revista Nueva Sociedad**, n. 304, mar.-abr. 2023. Disponível em: <https://www.nuso.org/articulo/dolor-pais-version-venezuela/https://nuso.org/articulo/304-sanciones-venezuela-capitalismo-autoritario/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CAPOCCIA, Giovanni; KELEMEN, Daniel. The study of critical junctures: theory, narrative, and counterfactuals in historical institutionalism. **World Politics**, v. 59, n.3, pp. 341-69, 2007. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/222749>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CAPOCCIA, Giovanni. Critical junctures and institutional change. *In*: MAHONEY, J.; THELEN, K. (orgs). **Advances in comparative-historical analysis, strategies for social inquiry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 147-79. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781316273104.007>.

CAPOCCIA, Giovanni. Critical junctures. *In*: FIORETOS Orfeo; FALLETI, Tullia G.; SHEINGATE, Adam. (orgs). **The Oxford handbook of historical institutionalism**. Oxford: Oxford University Press, 2016, pp. 89-106.

CEPAL. **Anuario Estadístico de América Latina y el Caribe**. Santiago: CEPAL, 2013. Disponível em: <https://www.cepal.org/en/publications/35864-anuario-estadistico-america-latina-caribe-2013-statistical-yearbook-latin-america>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CICERO, Pedro. **Revolução Bolivariana e lutas sociais: o confronto político nos primeiros anos do governo Hugo Chávez Frías**. Orientadora: Andréia Galvão, 2010. 194 f. Dissertação de Mestrado - Ciência Política, Unicamp, Campinas, 2010. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2010.774910>.

COLLIER, Ruth; COLLIER, David. **Shaping the political arena: critical junctures, the labor movement, and regime dynamics in Latin America**. Princeton: Princeton University Press, 1991. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=1750509>. Acesso em: 06 nov. 2022.

CORONIL, Fernando. **El Estado mágico: Naturaleza, dinero y modernidad en Venezuela**. Caracas: Nueva Sociedad/Consejo de Desarrollo Científico y Humanístico de la Universidad Central de Venezuela. 2002.

FERREIRA, Guilherme; MARIANO, Marcelo; NEVES, Bárbara. Uma crítica do conceito de conjuntura crítica: a questão da mudança no Institucionalismo Histórico. **Revista de Sociologia e Política**, v. 31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-98732331e001>.

GAN GALAVÍS, Natalia. Rule of law crisis, militarization of citizen security, and effects on human rights in Venezuela. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, n. 109, pp. 67-86, jan.-jun 2020. DOI: <http://doi.org/10.32992/erlacs.10557>

HARNECKER, Marta. **Venezuela. Militares junto al pueblo**. Madrid: El Viejo Topo, 2003. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/8482/3/milit.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2023.

JÁCOME, Francine. **Fuerza Armada, Estado y sociedad civil en Venezuela**. Caracas: Ed. Ildes, 2011. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files//bueros/caracas/08765.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2022.

JÁCOME, Francine. Venezuela: ¿un nuevo tipo de régimen militar? **Foreign Affairs Latinoamérica**, v. 17, n. 4, out.- dez. 2017.

KRUIJT, Dirk. Venezuela 's defense diplomacy under Chávez and Maduro (1999-2018). In: I. LIEBENBERG, KRUIJT, D.; PARANJPE, S. (eds). **Defense Diplomacy and National Security Strategy: views from the Global South**. Stellenbosch: African Sun Media, 2020. pp. 87-100. DOI: <https://doi.org/10.18820/9781928480556/05>.

LANDER, Edgardo. Venezuela: la experiencia bolivariana en la lucha por transcender el capitalismo. **América Latina en Movimiento** [online], 29 ago. 2017. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/187714>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LEVINE, Daniel; MOLINA, Enrique. Calidad de la Democracia en Venezuela. **América Latina Hoy**, v. 62, 2012, pp. 157-175. <https://doi.org/10.14201/alh.9349>

LLORENS, Manuel. Dolor país, Versión Venezuela: las protestas de 2017 y sus secuelas. **Nueva Sociedad** n. 274, mar.-abril, 2018. Disponível em:

<https://www.nuso.org/articulo/dolor-pais-version-venezuela/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LÓPEZ MAYA, Margarita. La crisis del chavismo en la Venezuela actual. **Estudios Latinoamericanos, Nueva Época**, n. 38, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22201/cela.24484946e.2016.38.57462>

LÓPEZ MAYA. Margarita. **Democracia para Venezuela: ¿representativa, participativa o populista?** Montevideo: Editorial Alfa, 2021.

LÓPEZ MAYA. Margarita. Autoritarismo, izquierdas y democracia participativa en Venezuela. **Nueva Sociedad**, n. 304, mar.-abril, 2023. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/304-autoritarismo-izquierdas-democracia-participativa-venezuela/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LÓPEZ MAYA, Margarita; UZCÁTEGUI, Rafael. Venezuela: conflictividad social, protesta e institucionalización democrática. In: ALARCÓN DEZA; Benigno ; MARTINEZ MEUCCI, Miguel Ángel (eds.), **Transición democrática o autocratización revolucionaria**. Caracas: Visión Venezuela-UCAB. 2016. pp. 255-276. Disponível em https://www.academia.edu/27961809/venezuela_conflictividad_social_protesta_e_institucionalizaci%C3%93n_democr%C3%81tica. Acesso em: 19 mai. 2023.

MARINGONI, Gilberto. **A revolução venezuelana**. São Paulo: UNESP, 2008.

NASCIMENTO, Jefferson. O governo de Nicolás Maduro resiste: um diálogo crítico com o modelo de quedas presidenciais proposto por Aníbal Pérez-Liñán. **Textos e Debates**, n. 34 1, pp. 121-134 jan. - jun 2020. <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v1i34.6966>

NETO, Octávio Forti. **A relação entre Organizações Regionais, consolidação da democracia e segurança cidadã na América Latina: um estudo voltado para o SICA e a UNASUL**. Orientador: Kai Enno Lehmann,

2019. 300p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, André; SOUZA, Carlos. O Judiciário Venezuelano e a Politização da Justiça. **Revista Política Hoje**, vol. 23, n. 2, pp. 203-222, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/3748/3050>. Acesso em: 27 jun. 2023.

PAINTER, James. **Counter-Hegemonic News: a case study of Al-Jazeera English and Telesur**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism: University of Oxford, 2008. Disponível em: <https://archive.org/details/counterhegemonic0000pain/mode/2up>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PASQUINO, Gianfranco. Militarismo. *In*: BOBBIO, Norberto, et al. **Dicionário de Política**. Coord. da Tradução: João Ferreira. v. 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 748-754.

PENFOLD-BECERRA, Michael. Clientelism and social funds: evidence from Chavez's missions. **Latin American Politics and Society**, v. 49, n.4, pp. 63-84, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30130824>. Acesso em: 19 mai. 2023.

PIERRE, Guy. Ciclos políticos largos en América Latina durante el siglo XX y sus efectos en el crecimiento económico. **Revista Latinoamericana de Economía Problemas del Desarrollo**, v. 35, n. 139, out.-dez., 2004. Disponível em: <http://www.ejournal.unam.mx/pde/pde139/PDE13903.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RODRÍGUEZ, Francisco. **Sanctions and the Venezuelan Economy: What the Data Say**. Latam Economics Viewpoints, Torino Economics, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://torinocap.com/wp-content/uploads/2019/06/Sanctions-and-Vzlan-Economy-June-2019.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.

ROSA, Beatriz Jesus de Andrade; NUNES JÚNIOR, Edson Mendes. Revirando a Venezuela: Os pilares e os desafios do governo de Nicolás Maduro. In: ENARA, Echart Munhoz; COELHO, André Luiz; VILLAREAL, María del Carmen (org.). **Sulatinidades: Debates do Grisul sobre a América Latina**. Rio de Janeiro, UNIRIO, Périplos, 2019, p. 85-100.

SUTHERLAND, Manuel. **Las sanciones económicas contra Venezuela: consecuencias, crisis humanitaria, alternativas y acuerdo humanitario**. Serie Investigaciones en Derechos Humanos, n. 6. Caracas: Provea, 2020. Disponível em: <https://provea.org/publicaciones/investigaciones/informe-especial-las-sanciones-economicas-contra-venezuela-consecuencias-crisis-humanitaria-alternativas-y-acuerdo-humanitario/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

TAYLOR, Matthew. The Limits of Judicial Independence: A Model with Illustration from Venezuela under Chávez. **Journal of Latin American Studies**. Cambridge Journals, v. 46, n. 2, pp. 229-259, mai. 2014. DOI:<http://dx.doi.org/10.1017/S0022216X14000017>

TILLY, Charles. **Democracy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. <https://doi.org/10.1017/s0022381608080560>

URRIBARRI, Rafael. Courts between Democracy and Hybrid Authoritarianism: Evidence from the Venezuelan Supreme Court, Law & Social Inquiry, **Journal of the American Bar Foundation**, v. 36, n. 4, pp. 854-884, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1747-4469.2011.01253.x>.

VALENTE, Leonardo. A política externa da Venezuela entre Punto Fijo e Hugo Chávez: rupturas e continuidades. **Boletim do Tempo Presente**, n. 7, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/4167>. Acesso em: 19 mai. 2023.

VILLA, Rafael. Venezuelan military: a political and ideological model in Chavista governments, **Defense Studies**, v. 22, n. 1, pp. 79-98, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/14702436.2021.1976061>

WERZ, Nikolaus; WINKENS, Simone. **El populismo de Chávez y el rol de los medios** (Preview). Institutional Repository of the Ibero-American Institute, Berlim, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/304708873.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2023.

WEISBROT, Mark; SACHS, Jeffrey. **Economic Sanctions as Collective Punishment: The Case of Venezuela**. Washington, DC: Center for Economic and Policy Research. 2019 Disponível em: <https://cepr.net/report/economic-sanctions-as-collective-punishment-the-case-of-venezuela/>. Acessado em: 09 jan. 2020.



KALDOR E PREBISCH: REFLEXÕES SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO E AS ECONOMIAS DE BRASIL E ARGENTINA

*KALDOR Y PREBISCH: REFLEXIONES SOBRE LA INDUSTRIALIZACIÓN Y
LAS ECONOMÍAS DE BRASIL Y ARGENTINA*

*KALDOR AND PREBISCH: REFLECTIONS ON INDUSTRIALIZATION AND THE
ECONOMIES OF BRAZIL AND ARGENTINA*

Francisco Thainan¹ 

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo abordará os pensamentos de Nicholas Kaldor e Raúl Prebisch acerca da dinâmica macroeconômica, enfatizando a importância da industrialização, a produção de produtos complexos e a relevância relativa da indústria para elevar os níveis de crescimento e redução do dreno atual de recursos na relação centro-periferia, trazendo como enfoque as economias de Argentina e Brasil. Para a execução deste trabalho, será feita uma revisão bibliográfica dos textos originais dos autores bem como de textos relevantes para a compreensão teórica do seu pensamento. Também se recorrerá a obras que versem sobre a dinâmica industrial dos dois países e seus respectivos dados empíricos sobre o tema. O desenvolvimento do trabalho permite a conclusão da relevância da construção teórica de ambos os autores na interpretação de problemas e determinantes para o crescimento das economias da Argentina e do Brasil.

Palavras-chave: Macroeconomia; Industrialização; Política Econômica; Brasil; Argentina.

Resumen: Este artículo abordará el pensamiento de Nicholas Kaldor y Raúl Prebisch sobre la dinámica macroeconómica, enfatizando la importancia de la industrialización, la producción de productos complejos y la importancia relativa de la industria para elevar los niveles de crecimiento y reducir el drenaje de los recursos corrientes de la relación centro-periferia, centrándose en las economías de Argentina y Brasil. Para la ejecución de este trabajo se realizará una revisión bibliográfica de los textos originales de los autores, así como de textos relevantes para la comprensión teórica de su

¹ Graduado em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: thainan.maia12@unifesp.br.

pensamiento. También se recurrirá a trabajos que traten sobre la dinámica industrial de los dos países y sus respectivos datos empíricos sobre el tema. El desarrollo del trabajo permite en la conclusión destacar la construcción teórica de ambos autores en la interpretación de problemas y determinantes para el crecimiento de las economías de Argentina y el Brasil.

Palabras clave: Macroeconomía; Industrialización; Política económica; Brasil; Argentina.

Abstract: This article will address the thoughts of Nicholas Kaldor and Raúl Prebisch about macroeconomic dynamics, emphasizing the importance of industrialization, the production of complex goods, and the relative importance of the industry to raise levels of growth and reduce the drain of current resources, through the center-periphery relationship, focusing on the economies of Argentina and Brazil. A bibliographic analysis of the authors' original writings as well as writings important to the theoretical comprehension of their thinking was done in order to complete this study. In addition to resorting to works that deal with the industrial dynamics of the two countries and their respective empirical data on the subject. The development of the work allows concluding the theoretical construction of both authors in the interpretation of problems and determinants for the growth of both economies.

Keywords: Macroeconomics, Industrialization; Economic-Policies; Brazil; Argentina.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.208276](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.208276)

*Recebido em: 15/02/2023
Aprovado em: 28/06/2023
Publicado em: 30/07/2023*

1 Introdução

O presente artigo no formato de ensaio tem por objetivo apresentar as principais contribuições teóricas para a ciência econômica fornecidas por Nicholas Kaldor (1908-1986) e Raúl Prebisch (1901-1986), relacionando o pensamento de ambos com o funcionamento das economias hodiernas de Argentina e Brasil, identificando, possíveis problemas através da ótica do pensamento desses dois autores. Ao longo do trabalho, será demonstrado também que as construções teóricas dos autores não são apenas complementares, como parte fundamental para o restabelecimento de

maiores níveis de crescimento e desenvolvimento econômico para esses países.

Dessa forma, o artigo será dividido em cinco partes, às quais se soma - primeiro - essa introdução. A segunda parte do artigo fará uma discussão relativa às chamadas Leis de Kaldor e tecerá considerações a respeito das conclusões que o autor sustenta sobre o crescimento econômico; em um terceiro momento serão apresentados esses mesmos fatores para o pensamento de Raúl Prebisch. O quarto tópico do artigo trará uma relação entre as teorias dos dois autores, bem como alguns estudos e políticas recomendadas aos países do trabalho pelas instituições unilaterais a partir da década de 1990, e como essas estão em desacordo com a estruturação teórica dos dois autores. Serão apresentados dados recentes sobre a participação da indústria e algumas breves características sobre a pauta exportadora de ambos.

Derradeiramente, serão trazidos os comentários finais do trabalho e alguns questionamentos e reflexões suscitadas pelo trabalho de Kaldor e Prebisch. Uma investigação dessa natureza, pode contribuir, ainda que marginalmente, na reflexão para a construção de uma vertente teórica de caráter desenvolvimentista que possa se opor às recomendações ortodoxas feitas nos últimos anos para as economias latino-americanas, confrontando o pensamento econômico dos dois autores com o que vem sendo discutido por economistas pertencentes ao pensamento neoclássico da economia.

No que diz respeito à metodologia, será realizada uma revisão bibliográfica dos textos originais de ambos os autores, bem como serão utilizadas literaturas que contribuíram teoricamente para o estabelecimento de seu pensamento sobre o desenvolvimento econômico. Soma-se a essa revisão a análise de dados empíricos de Brasil e Argentina sobre a indústria, crescimento econômico e a pauta exportadora, além de textos que versam sobre o processo desindustrializante desses dois países. Vale salientar, que dadas as particularidades dos dados, foram utilizadas

informações publicadas pelo Banco Mundial e por literatura específica sobre a indústria e desindustrialização em ambos os países.

2 Aspectos teóricos e determinantes do crescimento econômico por Nicholas Kaldor

Nicholas Kaldor foi um economista britânico nascido em 1908, membro de uma família judaica de classe média, iniciou seus estudos em 1925 na Humboldt University em Berlim, posteriormente, em 1927 ingressou na London School of Economics para se tornar um dos maiores economistas do Reino Unido. Seus estudos se concentram na área do desenvolvimento, em que o autor se colocou como crítico aos modelos neoclássicos de crescimento originados a partir dos modelos de Solow (1956) e Swan (1956). Para o autor as noções de equilíbrio intrínsecas aos modelos eram irrealistas, por desconsiderar o papel da oferta no crescimento de longo prazo e as flutuações na demanda, além de não endogeneizar as mudanças técnicas e as implicações dos ganhos de escala.

Segundo Amitrano (2013, p. 288) os modelos de crescimento desenvolvidos por Kaldor são um marco importante para o desenvolvimento da primeira geração teórica da escola pós-keynesiana. Suas reflexões iniciais acerca do crescimento econômico estão na publicação do artigo "*Causes of the Slow Rate of Economic Growth of the United Kingdom*" em 1966. No artigo, Kaldor busca discorrer sobre os problemas encontrados na economia britânica que geravam menores taxas de crescimento para essa economia quando comparadas às taxas observadas para outros países naquele período.

A partir da investigação feita sobre a problemática do crescimento britânico, o economista estruturou um conjunto de leis, que ficou conhecido na literatura econômica como Leis de Kaldor. Essas leis explicam as razões para o baixo dinamismo econômico do Reino Unido. Fundamentadas em testes econométricos feitos pelo autor interpretam a

diferença de performance entre os países do capitalismo. Esses princípios podem ser resumidos da seguinte forma:

(I) A taxa de crescimento do produto nacional tem uma relação positiva com o crescimento do segmento industrial, portanto, quanto maior a taxa de crescimento industrial, maior o impacto positivo sobre o produto agregado; (II) Kaldor observou empiricamente que existe uma relação positiva entre os níveis de produtividade na indústria com o crescimento industrial, portanto, quanto maior o crescimento industrial em uma economia, maior será o crescimento da produtividade; (III) Taxas de crescimento das exportações impactam positivamente as taxas de crescimento observadas para o produto da economia; (IV) O crescimento econômico tem um comportamento contrário do que é apresentado pela economia clássica. O mesmo não é restringido pela oferta, mas pela demanda. Logo, a principal restrição da demanda, portanto do crescimento, são as condições do balanço de pagamentos. (KALDOR, 1966).

A primeira lei de Kaldor mostra que a indústria é a principal indutora do crescimento econômico. Ou seja, é um setor chave para o desenvolvimento econômico devido a fatores plurais, dentre os quais está o fato de que é um agente que dinamiza o crescimento econômico no longo prazo devido a sua capacidade de gerar efeito de encadeamento produtivo de investimentos, por possuir ganhos de escala, maior difusão do conhecimento tecnológico e utilização do mesmo para possibilitar a ampliação de produtividade e uma maior elasticidade-renda de seus produtos o que alivia a restrição externa do país exportador de manufaturas.

A literatura econômica considera como ponto nevrálgico para o desenvolvimento o crescimento da produtividade², seus ganhos, quando contínuos possibilitam que economias alcancem aumentos em sua renda *per capita* mesmo quando essas economias passam por processo de crescimento populacional. O crescimento da produtividade geralmente

² Acerca da importância da produtividade para o crescimento na concepção keynesiana, ver: Harrod (1939) e Domar (1946) e na concepção neoclássica: Solow (1956) e Meade (1961).

ocorre pela promoção de inovações tecnológicas que garantem maiores retornos crescentes de escala. Verdoorn (1949) ao realizar estudos sobre esses ganhos de escala propiciados por ganhos tecnológicos industriais, verificou uma relação causal, estável e positiva entre a taxa de crescimento do produto e a taxa de crescimento da produtividade no setor de manufatura para o longo prazo. Através de testes empíricos o economista chegou à seguinte relação formal:

$$P = a + bq \quad (1)$$

Em que: (P) é a taxa de crescimento da produtividade, (q) a taxa de crescimento da produção, (a) intercepto e (b) é o coeficiente de Verdoorn. Intuitivamente, de acordo com a equação (1), o aumento de um ponto percentual na taxa de produtividade leva a um aumento do coeficiente percentual na taxa de crescimento da economia. A existência de economias de escala garante a fundamentação teórica para essa lei, ou seja, ela é fundamentada no fato de que o custo médio de produção decai com o aumento da quantidade de bens produzidos. (THIRLWALL, 1980)

O coeficiente de Verdoorn, é basilar para a segunda Lei de Kaldor, também chamada, por esse motivo de Lei de Kaldor-Verdoorn, que relaciona o crescimento da produtividade do trabalho e da produção da seguinte maneira:

$$e = i + dq \quad (2)$$

Em que (e) é taxa de crescimento da produtividade do trabalho na manufatura; (i) é o intercepto, (d) é o coeficiente de Kaldor-Verdoorn que mensura a relação entre produtividade e a produção e (q) é a taxa de crescimento real no setor industrial da economia. Vale salientar que a segunda lei, determina que o crescimento da produtividade industrial depende do crescimento da indústria, conforme citado anteriormente, o crescimento industrial depende dos ganhos de escala desse setor.

Ao desenvolver o conceito de causalidade cumulativa circular³, inspirado no trabalho de seu ex-professor Allyn Young (1928) que fornece informações sobre as relações entre especialização do trabalho, ganhos de escala e transformações tecnológicas. Kaldor interpreta que causas múltiplas são delineadas por variáveis originárias e suas respectivas ligações. Ora, o crescimento da produtividade industrial depende, mesmo que em partes, do estágio de desenvolvimento industrial imediatamente anterior, logo, essas variáveis se interligam na determinação do processo de crescimento (KALDOR, 1966).

Existe uma relação de causalidade entre a terceira e a quarta Lei de Kaldor. Essas leis se colocam de forma oposta à teoria neoclássica de que o crescimento se baseia nas condições de oferta, e de que sua sustentabilidade no longo prazo depende exclusivamente dessas, ignorando por completo o papel das flutuações de demanda. No equilíbrio, oferta e demanda se igualam, para a teoria clássica, qualquer ponto fora dele é uma exceção e as forças de mercado tendem a retomar a situação ergódica. Kaldor, considera que a demanda possui um papel relevante como indutora de investimentos, fomentando maior escala de produção e acelerando as transformações tecnológicas. Ou seja, para o autor demanda e oferta não são fatores isolados (KALDOR, 1972).

Na terceira Lei, ao considerar a exportação como o componente da demanda agregada responsável por contribuir para um crescimento econômico sustentável, o autor está se referindo a um modelo tratado nos manuais de economia como *exported-led Growth*, que determina que a principal restrição ao crescimento induzido pela demanda agregada é o balanço de pagamentos.

Diante dessa consideração, temos que a quarta lei é uma implicação da terceira: o crescimento econômico liderado pela demanda é limitado pela condição de equilíbrio do Balanço de Pagamentos, denominada Lei Kaldor-Thirlwall, também chamada de equilíbrio intertemporal do balanço

³ O conceito de *causalidade cumulativa circular* discorre que o crescimento econômico, o desenvolvimento e o nível de renda de determinado país têm forte influência das características anteriormente existentes.

de pagamentos. Nesse modelo, o comércio externo e a expansão do setor industrial da economia atuam como fontes de demanda dos produtos industriais, logo, determinam o crescimento da produção industrial; em uma economia aberta, o dinamismo econômico depende diretamente da demanda por exportação em relação à propensão a exportar (THIRLWALL, 1979).

Thirlwall desenvolveu um modelo em que o comércio externo e o crescimento da indústria doméstica atuam como fontes de demanda por produtos industriais, logo, determinam o crescimento da produção da manufatura. Em uma economia aberta, o aumento de importação é dependente da demanda por exportação relativa à propensão a exportar. (Thirlwall, 1980). Kaldor estabelece que o crescimento da força de trabalho, progresso técnico e acumulação do capital são variáveis endógenas à economia.

Portanto, o incremento da força de trabalho, a dinâmica de acumulação de capital, o funcionamento institucional da economia e o progresso técnico são variáveis determinadas endogenamente para Nicholas Kaldor, sendo o crescimento das exportações o componente da demanda agregada mais importante para diferenciar as taxas de crescimento entre as economias, conclusões obtidas em sua investigação sobre a economia britânica, que trouxeram grandes reflexões para se fazer acerca da estrutura de outras economias, mesmo considerando que essas possuem fatores subjetivos relevantes em seu funcionamento.

3 Estruturação teórica Raúl Prebisch

Raul Prebisch foi um economista com destaque em subdesenvolvimento e aspectos da industrialização latinoamericana, argentino e para muitos o maior intelectual que integrava a CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe). Sua principal obra sobre o subdesenvolvimento latinoamericano é o artigo publicado em 1949

“O Desenvolvimento Econômico na América Latina e seus principais Problemas”.

O trabalho foi elaborado através da observação de anos do comportamento do Balanço de Pagamentos da Argentina, ao realizar essa tarefa o autor concluiu que as condições comerciais eram extremamente desequilibradas para seu país, que exportava principalmente itens primários e produtos básicos, em detrimento dos países do ocidente que comerciavam produtos mais complexos e industrializados. Esse exame foi elaborado durante sua gestão como presidente do Banco Central Argentino, posto que chefiou entre 1935 e 1943.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, os países da América Latina passaram a desenvolver a produção de determinados bens industrializados, o que provocou uma expansão econômica. Esse crescimento foi motivado pelas dificuldades de importação no período; ainda que a expansão tenha sido limitada pela ausência de alternativas para obtenção de insumos essenciais e bens de capital que possibilitasse a ampliação da planta produtiva. Ainda assim, segundo Prebisch, essa dinâmica é primordial por propiciar razões políticas, para questionar minimamente o modelo de Divisão Internacional do Trabalho, em que se tinha bem presente a ideia de que países periféricos deveriam se limitar ao fornecimento de bens primários para os países ricos.

A fundamentação teórica de Prebisch é estruturada a partir da análise crítica acerca da Teoria das Vantagens Comparativas⁴, segundo Prebisch, países que têm a renda elevada buscam diversificar o consumo de bens, e dificilmente flutuações positivas de renda relativamente consideráveis vão elevar abruptamente o consumo de itens primários que já integrem a cesta de bens dessa economia. Ao contrário de produtos industriais ou tecnológicos que possuem um crescimento de demanda maior frente às variações de renda (PREBISCH, 1949. p. 90).

⁴ Ver: Ricardo (1996).

A interpretação moderna das Vantagens Comparativas é fundamentada no Modelo de Solow⁵. Segundo o modelo, os frutos do progresso tecnológico necessariamente têm a tendência de se distribuir gradualmente a todos os países, seja através da queda de preço propiciada pelo aumento da produtividade, seja pela elevação da renda oriunda dessa mesma produtividade e da integração do mercado global na economia doméstica dos países. A participação no comércio internacional possibilitaria que até mesmo países produtores de bens primários conseguissem obter uma gama variável de bens para consumo ao mesmo tempo que potencializam o crescimento econômico. Segundo Prebisch, a prática é distinta (PREBISCH, 1949. p. 54).

Ao analisar a relação entre preços dos produtos e dos artigos finais da indústria, considerando os preços médios de importação e exportação respectivamente, o autor conclui que a flutuação de preços se moveu de forma a prejudicar em termos relativos os países que compõem a periferia. Para comprar a mesma quantidade de produtos primários de 1880 a 1935, a título de exemplo, os países do centro industrializado precisavam vender apenas 62% do volume de bens que comercializavam naquele ano, ao contrário do argumento clássico supracitado de que com os ganhos de produtividade conquistados pela indústria haveria uma redução de preços que seria favorável à periferia. Isso leva o autor a três conclusões.

(I) mesmo com os ganhos de produtividade, houve uma elevação da acumulação e da remuneração do capital, o oposto da diminuição dos preços frente a queda nos custos; (II) caso houvesse um crescimento de renda proporcional no centro e na periferia em relação aos ganhos de produtividade, inexistiria uma diferença da queda nos preços, como o ganho de produtividade é maior nas indústrias que nos bens primários, o índice comparativo teria se deslocado em benefício dos produtos primários. O que ocorre é o contrário: o indicador entre a quantidade de produtos finais da indústria que pode ser obtido pela quantidade de produtos primários iniciado em 100 para o quadriênio 1876-1880, representa 73,3 para

⁵ Sobre o modelo, ver: Solow (1956)

o quadriênio 1926-1930 e ao fim da análise histórica no biênio 46-47 está em 68,7. (III) A renda dos empresários e dos fatores produtivos nos centros industriais cresceu mais rapidamente que a elevação da produtividade, e na periferia menos do que seu aumento correspondente. Ou seja, as economias de custos propiciadas pelo aumento produtivo foram repassadas mais que proporcionalmente como renda ao centro industrial (PREBISCH, 1949. p. 56).

Portanto, além de não possuir uma curva de crescimento tendencial que se aproxime dos países ricos, os países da periferia econômica transferiram os seus ganhos de produtividade aos países centrais, materializando dois golpes nestas economias. Para Prebisch existe uma discrepância contínua entre demanda e oferta globais de bens produzidos nos centros cíclicos. Teoricamente, quando há um excesso de demanda, o lucro é elevado pelo aumento dos preços, corrigindo a situação inicial, assim como o mesmo lucro diminui quantos os preços caem, corrigindo o excesso de oferta.

O lucro é transferido dos empresários do centro para os produtores das zonas periféricas via alta dos preços, quanto maior o tempo necessário para a elevação da produção primária em relação ao tempo das outras etapas que compõem o processo produtivo, e quanto menores os níveis de estoques acumulados, maior é a proporção do lucro que vai sendo transferido para a periferia (PREBISCH, 1949. p. 58).

A explicação para a transferência desses ganhos vem da velocidade de ciclos. Os preços dos produtos primários se elevam mais rapidamente que o dos produtos industriais, entretanto, possuem uma queda mais acentuada que os últimos na fase descendente. Na alta, o lucro dos bens primários tem um nível de dilatação elevado se contraindo nas baixas, em economias ditas desenvolvidas isso ocorre para compensar a disparidade entre oferta e demanda. Momentos de crescimento econômico tem um mercado de trabalho mais aquecido, com isso, os trabalhadores tendem a receber maiores salários, teoricamente, o mesmo ocorreria na baixa em sentido oposto: menor nível de emprego e menor rendimento do trabalho.

A dinâmica prática é diferente, no centro econômico as grandes empresas têm maior poder sobre o mercado de trabalho e dinâmica econômica devido a sua organização oligopolista, enquanto que a periferia, por seu estágio de (sub)desenvolvimento tem uma estrutura mais concorrencial, nessa última dinâmica, conforme Keynes na Teoria Geral, os trabalhadores têm enorme relutância em aceitar diminuições salariais, ou seja, o nível salarial não necessariamente é semelhante a desutilidade marginal do trabalho (KEYNES , 1936. p. 49). Nesse sentido, se o centro não “aceita” essa diminuição, temos um deslocamento da pressão para a periferia, que conta com trabalhadores mais desorganizados principalmente no setor agrícola, fazendo com que esse movimento de queda dos salários e lucros seja mais fácil na periferia.

Os ganhos de produtividade não são distribuídos de maneira equânime entre os países agrícolas e os industrializados, o autor defende a industrialização como uma necessidade para os países latinoamericanos, somando-se ainda, o fato de que a produtividade do setor agrícola, devido aos seus insumos, tem o crescimento muito limitado, enquanto a curva produtiva industrial tende ao infinito. A existência do subdesenvolvimento, não é gerada necessariamente pela presença de instituições arcaicas, mas pela perpetuação de um sistema cujo funcionamento remete a um neocolonialismo, pelos mecanismos de mercado que precisam ser rompidos pela elevação da complexidade de bens vendidos, decorrente de uma industrialização profunda (PREBISCH , 1949. p.61).

O pensamento construído por Raúl Prebisch aponta que dentro da dinâmica econômica periférica, que conta com todos os problemas do capitalismo somados aos que decorrem de seu próprio desenvolvimento, a participação do Estado tem respaldo necessário em um processo de reformulação de sua indústria, de forma a interromper a drenagem de recursos da periferia para o centro desenvolvido.

O texto acerca dos problemas do subdesenvolvimento da América Latina, posteriormente se consolidou como o Manifesto da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e o Caribe) que estruturava

bases de interpretação econômica centradas nas particularidades do desenvolvimento econômico para os países da periferia econômica mundial. Tanto o pensamento de Prebisch quanto o construído pela Comissão eram influenciados diretamente um pelo outro, servindo de base para elaboração de políticas econômicas em toda a região durante os anos que marcaram a industrialização via Estado em alguns países da América Latina. A teoria centro-periferia parte de fundamentos teóricos presentes na Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, entretanto, contribuindo cientificamente como uma narrativa analítica original para as economias periféricas.

4 Prebisch e Kaldor à luz do funcionamento econômico recente

As construções teóricas de Prebisch e Kaldor apesar de motivadas por razões distintas e tendo como objeto de estudo níveis de desenvolvimento econômico bastante díspares, apontam a importância da indústria como fator necessário para atingir maiores graus de crescimento e desenvolvimento econômico.

Conforme apresentado anteriormente no texto, Prebisch através da sua análise para os países em subdesenvolvimento, chega à conclusão de que em uma relação entre centro e periferia, em que os primeiros fornecem itens industriais complexos e os últimos itens predominantemente primários, há uma concentração de lucros e ganhos produtivos dos países que comercializam itens industrializados em condições oligopolistas em relação às nações agrícolas e subdesenvolvidas.

De acordo com a conclusão do autor, os ganhos de produtividade não têm uma distribuição equânime entre países agrícolas e industrializados, e, portanto, a industrialização passa a ser uma necessidade para os países latino-americanos. Soma-se ainda, o fato de que a produtividade do setor agrícola, devido aos seus insumos, possui um crescimento muito limitado, enquanto que a curva produtiva industrial

tende ao infinito. A existência do subdesenvolvimento não é gerada necessariamente pela presença de instituições arcaicas, e sim, pela perpetuação de um ciclo que remete a um neocolonialismo, pelos mecanismos de mercado que precisam ser rompidos pela elevação da complexidade de bens vendidos, cuja superação decorre da industrialização profunda (PREBISCH, 1949. p. 61).

Kaldor, em suas quatro leis, aponta que o desenvolvimento industrial implica o crescimento da produtividade, maiores ganhos de escala e encadeamentos para frente e para trás capazes de sustentar maiores níveis de crescimento econômico e sustentabilidade desse mesmo crescimento no longo prazo. Outro fator relevante, presente no pensamento dos dois teóricos - ainda que indiretamente em Prebisch - está no equilíbrio intertemporal do balanço de pagamentos.

Prebisch, ao estruturar a relação entre centro e periferia e a presente deterioração dos termos de troca, alerta que o comércio internacional entre economias primárias e industriais atua como um dreno de produtividade através de divisas que é exercida pelo centro na periferia. Enquanto que Kaldor, em sua teoria aponta que o crescimento econômico não pode fugir da restrição colocada pelo pagamento de divisas, que no longo prazo não devem superar as receitas em moeda estrangeira. Ao analisar conjuntamente o pensamento dos autores, podemos notar a importância da indústria e seu papel na pauta exportadora de determinada economia.

Essas contribuições, bem como todas as que foram desenvolvidas ao longo do artigo podem ser de extrema importância para as economias hodiernas de Brasil e Argentina. Isso porque, atualmente essas economias, segundo Cano (2000), observam elevado grau de desindustrialização⁶ a partir da década de 1990.

As políticas econômicas recomendadas aos países durante a década de 1990 e defendidas, ainda hoje, pela ortodoxia econômica, argumentam que em economias lideradas pelas exportações, não exista um foco em políticas que estimulem o valor agregado dessas. Ao contrário, salientam a

⁶ Para ver mais sobre a industrialização e desindustrialização desses dois países, ver: Morceiro (2021), Palma (2005).

relevância da neutralidade de atuação do Estado quanto a incentivos (tarifas, manipulação de câmbio real, subsídios, etc) e a abertura externa para uma alocação de recursos mais eficiente através do mercado. Segundo Medeiros e Serrano (2001), o receituário ofertado pelo Banco Mundial e outras entidades multilaterais, decorre da insuficiente interpretação por essas instituições do desenvolvimento desses países. Visto que a industrialização de ambos contou com a forte participação do Estado.

As alterações observadas nos países periféricos, os quais passam pelo processo de desindustrialização prematura⁷, é justamente uma inflexão do desenvolvimento industrial no momento que a política macroeconômica passa a ser pautada pelas políticas estabelecidas no Consenso de Washington, de forte abertura comercial, diminuição do papel do Estado na esfera produtiva – concentrando as atividades em apenas reguladoras de mercado – diminuição de tarifas protecionistas da indústria nacional, e reversão da política cambial.

Segundo Palma, o processo prematuro de desindustrialização ocorreu de forma acelerada em países da América Latina, principalmente os que passaram a conceber em suas políticas econômicas os preceitos recomendados pelo Consenso de Washington (PALMA, 2005. p. 102). Nesse sentido, as economias brasileira e argentina são os países que assistem uma redução brusca na participação da indústria sobre o valor agregado e observam uma queda acentuada da relevância dos itens industriais de alta complexidade em sua pauta exportadora, logo, as teorias apresentadas ao longo do estudo podem servir de apoio para medidas que garantam um maior nível de crescimento econômico do que os observados hodiernamente.

A Argentina passa por um movimento desindustrializante a partir de 1979, que foi motivada por uma brusca abertura econômica, tornando latente as assimetrias de seu desenvolvimento em relação aos países em

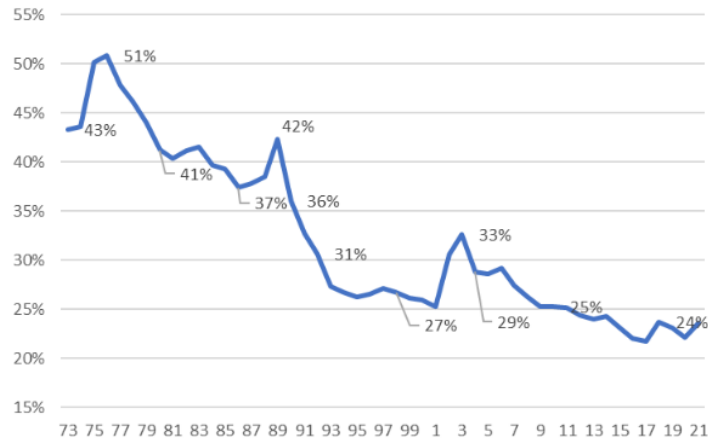
⁷ Sobre a desindustrialização prematura, ver: Palma (2005).

desenvolvimento, condicionando sua inserção comercial internacional de forma desfavorável à indústria.

Essa abertura tem início durante a gestão militar (1976-1983) que visando o combate inflacionário, passou a adotar em sua política econômica medidas de cunho ortodoxo: valorização artificial da moeda, redução das restrições vigentes até então de consumo a produtos importados e abandono da postura de um Estado com tendências desenvolvimentistas que vinham se construindo nas últimas décadas, ainda que com flutuações quanto a sua intensidade.

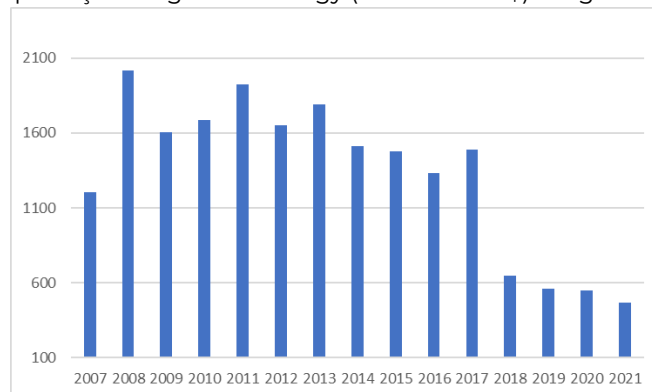
A política econômica adotada nos anos seguintes é fortemente influenciada pelo ideal militar de redução do intervencionismo estatal. Assiste-se à continuidade da valorização artificial da moeda, queda de demanda por itens domésticos, queda do valor adicionado da indústria e crescimento das taxas de desemprego. Seguindo os ditames propostos no Consenso de Washington, foi adotada uma reforma liberalizante por Carlo Menem (segundo presidente após a ditadura militar) que em sua essência consistia em cinco princípios para a reestruturação econômica argentina: (i) privatizações; (ii) abertura comercial; (iii) liberalização e abertura financeira; (iv) reformar a relação entre capital e trabalho; (v) programa de estabilização monetária a partir de uma taxa de câmbio fixa. (VADELL, 2006, p.199)

O baixo grau de competitividade, a ruptura com a dinâmica econômica desenvolvimentista e a forte abertura comercial, implicou a desindustrialização argentina, processo ainda mais agravado durante a década de 1990 devido à valorização artificial do câmbio e consequentemente a menor capacidade de competir com itens industriais estrangeiros, havendo uma reversão do consumo de itens predominantemente nacionais para mercadorias oriundas do exterior.

Gráfico 1: Indústria, valor agregado (% do PIB) - Argentina (1973-2021)

FONTE: elaborado pelo Autor com base em World Bank (2022a)

Concomitantemente à queda da participação da indústria no Produto Interno Bruto, podemos observar que a pauta exportadora argentina tem assistido nos últimos anos (Dados disponível a partir de 2007) a queda do nível de exportações para itens de alta tecnologia, ainda que apresente uma tendência de estagnação quanto à participação de itens primários, que respondem a números superiores à 60% entre 1985 e 2010 (recursos naturais e energia) (FERNANDEZ, 2014. p. 58).

Gráfico 2: Exportações High-technology (Milhões - US\$) - Argentina (2007-2021)

FONTE: Elaborado pelo Autor com base em World Bank (2022b)

O Brasil passa por um processo semelhante, com raízes também influenciadas pelas políticas determinadas no Consenso de Washington. A partir de 1990, cessando com o padrão das décadas anteriores, o Plano

Collor⁸ rompeu com mecanismos de contenção de importações, componente que era um dos mecanismos de defesa da indústria. Talvez o mais importante deles, foi a Lei do Similar Nacional que listava produtos cuja importação era proibida. Outro importante mecanismo interrompido foram os programas especiais de importação que eram conduzidos pela Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil.

Alíquotas médias de importação em patamares elevados foram descontinuadas de maneira brusca durante a década de 1990. Somado a abertura comercial, o governo Collor buscou desenvolver uma política industrial diametralmente oposta às que eram adotadas até então, o objetivo seria ampliar a competitividade e não expandir a capacidade produtiva, proposta que foi detalhada em um documento intitulado de “Diretrizes Gerais para a Política Industrial e de Comércio Exterior”, programa que objetivava elevar a eficiência na produção e comercialização de bens e serviços, com forte influência do que era recomendado pelo Consenso de Washington.

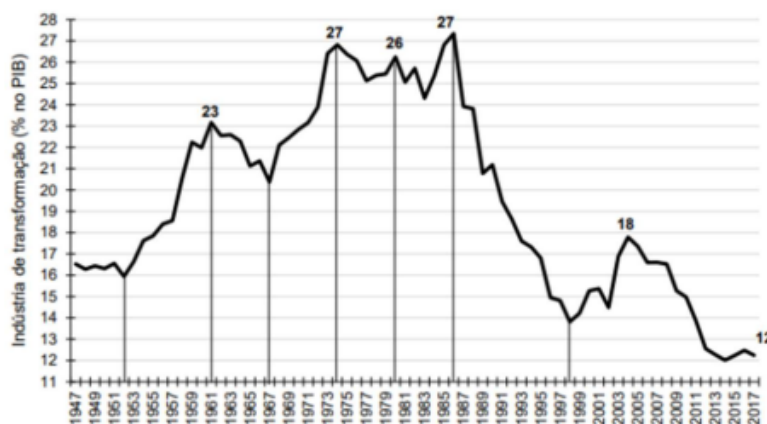
A nova maneira em que o país se inseriu no processo de globalização adotada a partir de 1990, pode ser considerada desfavorável à indústria nacional: a liberalização de importações, após um longo período em que o Brasil importou apenas petróleo, entrada de capitais descontroladas, maior competição para indústrias nacionais, elevadas taxas de juros para manutenção da estabilidade, dívida pública crescente, mesmo diante de privatizações e ausência de um plano industrial, alterou drasticamente a importância da indústria no Produto Nacional. (CANO, 2012)

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a participação da indústria de transformação no Brasil caiu de 36% em 1985 para 16,5% em 2018, ainda que os dados possam estar imprecisos devido a mudanças metodológicas no cálculo das contas nacionais na década de 1990, visto que o PIB nominal se elevou em 10% em 1995, enquanto o valor adicionado da indústria não sofreu alterações. Considerando isso, Morceiro

⁸ Plano Collor: conjunto de reformas econômicas e planos criados durante a presidência de Fernando Collor de Mello para estabilização da inflação.

(2021) traz uma nova série ajustada e compatibilizada para a metodologia atual das Contas Nacionais que o IBGE adota, e que pode ser replicado para outros setores que compõem a economia para comparação de resultados no longo prazo. Para o autor, a queda é de 27% de 1985 para 18% em 2005, chegando a 12% em 2017.

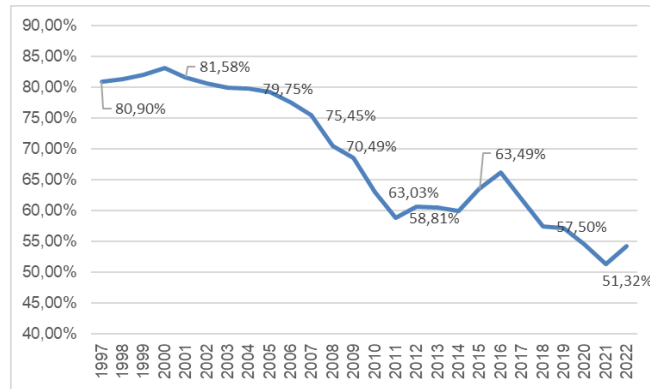
GRÁFICO 3: Indústria de transformação (% PIB), Brasil 1947-2017, a preços correntes: nova série compatibilizada para o SCN Ref. 2010 com o ajuste para dummy financeiro



FONTE: Morceiro, (2021)

As exportações ficam cada vez mais dependentes de produtos primários. Dados da Balança Comercial mostram que em 2011, ano do auge dos preços das *commodities*, o total de exportações foi de US \$256 bilhões, enquanto a de importações foi de US\$226 bilhões. Desse total, 57,8% corresponde a participação relativa da indústria de transformação, proporção bem abaixo da observada em 1993, em que esse segmento era responsável por 83,6% da pauta de exportações.

No ano, o superávit comercial dependia principalmente do setor agropecuário, que representava um saldo positivo de US \$78,5 bilhões, frente a um déficit de US\$48,7 bilhões da indústria de transformações. O Brasil exportava empregos industriais e seguia uma trajetória de maior dependência de ciclos instáveis dos preços das *commodities*.

Gráfico 4: Participação Indústria de transformação nas exportações totais (1997-2022) - Brasil

FONTE: Elaborado pelo Autor. MDICS (2022).

Esse contexto impactou o Brasil levando a reprimarização da pauta exportadora. Tanto a Argentina, quanto o Brasil passaram a partir da década de 1990 a importar produtos industriais mais complexos. Os itens atualmente exportados possuem uma baixa elasticidade renda, enquanto os importados são de alta elasticidade, segundo Prebisch, isso por si, justificaria a necessidade da industrialização dessas economias; esse argumento decorre, por serem os itens industriais complexos os únicos capazes de elevar a elasticidade renda das exportações, e, portanto, possibilitarem taxas de crescimento iguais, ou mais elevadas que os países centrais, sendo compatíveis com a restrição externa.

Evidentemente, conforme demonstrado por Kaldor, a tendência do investimento que cria capacidade produtiva não pode ser considerada exógena ao funcionamento econômico, pelo contrário, trata-se de um fator condicionado pelo nível de crescimento dos demais componentes da demanda final que não criam capacidade, logo seu incremento não é sustentável sem aqueles. Em síntese, no contexto do processo de acumulação o investimento é um componente induzido pelo mecanismo de multiplicador e depende da estrutura pré-existente da economia, conceito também chamado pelo autor de *path dependence*.

Logo nos termos de Kaldor e Prebisch, a diferença de crescimento observados entre os países centrais e os latinos, sobretudo durante a reversão dos processos industrializantes desses últimos, decorrem em larga

medida, ainda que não sejam as únicas, de dois fatores principais: a reprimarização da pauta exportadora, garantindo uma menor dinâmica econômica devido a perda de relevância da indústria desses países, e como segundo ponto, o dreno de recursos observados por Prebisch para as economias industrializadas devido aos seus ganhos de produtividade e alta elasticidade renda de seus produtos exportados.

6 Conclusão

Ao se estabelecer uma relação entre as construções teóricas de Raul Prebisch e Nicholas Kaldor à luz das economias brasileira e argentina, observamos que se faz necessário o fomento do debate acerca da importância para o desenvolvimento econômico da implantação de um setor de meios de produção, de produtos industriais de maior complexidade (bens de capital fixo), insumos intermediários e no longo-prazo um mercado de pesquisa e desenvolvimento nas economias periféricas.

Os dados referentes à complexidade industrial e pauta exportadora de Brasil e Argentina mostram uma tendência que está de acordo com a literatura desindustrializante tratada ao longo do artigo. Observa-se queda da importância relativa da indústria para ambos a partir de 1990, bem como uma queda no volume de exportações de itens industriais complexos. Nesse sentido, de acordo com a estruturação teórica dos autores, a inflexão industrial desses países impacta negativamente essas economias, reduzindo o potencial produtivo e consequentemente gerando taxas de crescimento econômico menores que as possibilitadas com uma superior importância relativa do segmento industrial.

Outro fato negativo observado através dos dados e à luz do pensamento de Kaldor e Prebisch diz respeito à pauta exportadora de ambos os países. O crescente ganho de importância de itens primários para a economia brasileira e o grau elevado de participação relativa dos

mesmos para a Argentina, quando somados à perda da participação de itens industriais mais complexos (principalmente os considerados *high tech*), elevam o que na literatura é chamada de deterioração dos termos de troca. Isto, visto que o valor adicionado por esses itens, bem como as receitas obtidas por sua comercialização pela periferia econômica são inferiores às que seriam conseguidas através da comercialização de produtos industriais mais complexos.

A partir da transformação desindustrializante, os potenciais de crescimento para a economia brasileira e argentina estão limitados por três fatores: (I) quanto aos ganhos de produtividade, que seriam superiores segundo os autores em economias mais dinâmicas no segmento industrial, (II) pela forte dependência da venda de itens primários em sua balança comercial, o que possibilitaria a exportação de empregos industriais de maior remuneração e elevado grau de postos formais de trabalho, e (III) ciclos de vulnerabilidade externa, dada a volatilidade dos preços desses itens.

Logo, observações sobre o comportamento dos últimos anos das pautas exportadoras, impactos das aberturas comerciais e análises quanto aos modelos de desenvolvimento desses países são um primeiro passo para conseguirmos estabelecer as implantações já citadas no primeiro parágrafo dessa conclusão - i. e. o desenvolvimento econômico da implantação de um setor de meios de produção, de produtos industriais de maior complexidade, insumos intermediários e no longo-prazo um mercado de pesquisa e desenvolvimento. Tais implantações são necessárias para lidar com o atual cenário econômico de ambos os países, conforme as teorias dos dois autores objeto deste artigo.

Isso implicaria o desenvolvimento econômico e científico dessas economias principalmente em dois sentidos. O primeiro deles traria em larga medida uma redução dos produtos de alta elasticidade renda importados por esses países. Também estabeleceria um segmento de produção complexo e com fortes multiplicadores econômicos, com capacidade de elevar o nível de produtividade, crescimento industrial e

volume de empregos. Tal procedimento, de acordo com os pensamentos de Kaldor e Prebisch em conjunto, elevaria os índices de crescimento econômico e impactaria positivamente o equilíbrio intertemporal do balanço de pagamentos, reduzindo o estrangulamento que esse fator poderia gerar à dinâmica econômica.

Uma política industrial de desenvolvimento voltada ao fomento da produção de bens mais complexos para esses países, pensada no médio-prazo, pode reduzir a dinâmica de escoamento de riquezas da periferia para o centro, através da implantação de um setor de bens intermediários. Isso porque os produtos desse setor garantem a autonomia para produzir, reduzindo os níveis de dependência do mercado industrial externo. Essa dinâmica é importante para diminuir a deterioração dos termos de troca - destacada por Prebisch - e para o equilíbrio intertemporal do balanço de pagamentos - problema mapeado pela teoria de Kaldor - dada a capacidade de geração de itens primordiais para o desenvolvimento da indústria interna.

Conforme se mostrou ao longo do estudo, as concepções teóricas de Kaldor e Prebisch são de grande valor para identificação de problemas atrelados à dinâmica econômica de Brasil e Argentina, bem como oferecem alternativas de políticas de desenvolvimento para que esses países consigam obter maiores níveis de crescimento através de uma reorganização produtiva direcionada pela indústria.

7 Referências

AMITRANO, Cláudio R. Regime de Crescimento, restrição externa e financeirização: uma proposta de conciliação. **Economia e Sociedade**. v. 22, n. 2. p. 285-316. ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000200001>. Acesso em: 10 maio 2023.

CANO, Wilson. **Soberania e política econômica na América Latina**. 1º ed. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Revista Economia e Sociedade**, v. 21, p. 831-851, 2012.

DOMAR, Eusey O. Capital Expansion, Rate of Growth and Employment, **Econométrica**, n. 14, pp. 137-147, abril 1946.

FERNANDEZ, Virginia L. **A inserção externa da Argentina**: um estudo sobre a relevância dos recursos naturais no padrão de exportações, a competitividade e o comércio intra-industrial, no período de 1985 a 2010. Orientador: Marcelo Luiz Curado; 2014. 168f. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Econômico – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2014. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37358/R%20-%20T%20-%20VIRGINIA%20LAURA%20FERNANDEZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Acesso em: 2 jun. 2023.

KALDOR, Nicholas. Alternative Theories of Distribution, in: STIGLITZ, Joseph. E.; UZAWA, Hirofumi. **Readings in the Modern Theory of Economic Growth**. Cambridge The MIT Press. 1969. DOI: <https://doi.org/10.2307/2296292>

KALDOR, Nicholas. **Causes of the slow rate of economic growth of the United Kingdom**: an inaugural lecture. Londres. Cambridge UP. 1966.

KALDOR, Nicholas. The Irrelevance of Equilibrium Economics. **The Economic Journal**. Oxford. v. 82. n. 328. p. 1237-1255. dez. 1972. DOI: The Irrelevance of Equilibrium Economics. Acesso em: 12 abr. 2023.

KEYNES, John M. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. 1º ed. São Paulo, Editora Saraiva, Coleção Clássicos da Economia, 2012.

HARROD, Roy Forbes. An essay in dynamic theory, **Economic Journal**, v. 49, n. 193, pp. 14–33. 1939.

MDICS (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS). **Resultados do Comércio Exterior Brasileiro - Dados Consolidados**. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC. 07 jun. 2023. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html. Acesso em: 02 mai. 2023.

MEADE, James E. **A Neo-Classical Theory of Economic Growth**. Londres: G. Allen & Irwin Ltd., 1961.

MEDEIROS, Carlos A.; SERRANO, Franklin. Inserção Externa, Exportações e Crescimento no Brasil. In: FIORI, José. L.; MEDEIROS, Carlos. (Org.). **Polarização Mundial e Crescimento**. 1ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

MORCEIRO. Paulo. C. Influência metodológica na desindustrialização brasileira. **Brazil. J. Polit. Econ.** v. 4 n 41. p. 700-722, out. - dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-31572021-3195>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PALMA, José G. Cuatro fuentes de “ desindustrialización” y un nuevo concepto del “síndrome holandés”. In: OCAMPO, José. A. **Más allá de las**

reformas: dinámica estructural y vulnerabilidad macroeconómica. 1ºed. Bogotá, Alfaomega Colombiana, 2005.

PREBISCH, Raúl. O Desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**. v. I. 3, n. 3. 1949. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/2443>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RICARDO, David. **Princípios da Economia Política e Tributação**. 3º ed. São Paulo. Editora Nova Cultural. Coleção os economistas. 1996.

SOLOW, R. M. A Contribution to the Theory of Economic Growth. **Quarterly Journal of Economics**, v. 70, n. 1, p. 65–94 , 1956.

THIRLWALL, Anthony. P. The Balance of payments constraint as an explanation of international growth rate differences. **PSL, Quarterly Review**, v. 64. n. 259, 1979. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2049757>. Acesso em: 10 maio 2023.

THIRLWALL, Anthony. P. Rowthorn 's Interpretation of Verdoorn' s Law. **The Economic Journal**. Oxford. v. 90. n 358, p. 386-388. jun. 1980. DOI: <https://doi.org/10.2307/2231799>. Acesso em: 12 abr. 2023.

VADELL, J. A. A política internacional, a conjuntura econômica e a Argentina de Néstor Kirchner. **Rev. bras. polít. int.** v. 1 n. 49. p. 194-214, jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292006000100011>. Acesso em: 30 abr. 2023.

VERDOORN, Johannes P. On the factors determining the growth of labor productivity. **Italian economic papers**, v. 2, p. 59-68, 1949.

WORLD BANK. Industry (including construction), value added (% of GDP) – Argentina, **World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files**, 2022a Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.TOTL.ZS?locations=AR>. Acesso em: 02 maio 2023.

WORLD BANK. Medium and high-tech exports (% manufactured exports) – Argentina, **Competitive Industrial Performance (CIP) database**. 2022b. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/TX.MNF.TECH.ZS.UN?locations=AR>. Acesso em: 02 maio 2023.

YOUNG, Allyn. Increasing Returns and Economic Progress. **History of Economic Thought Articles**, vol. 38, 527-542. 1928.



UMA AMÉRICA LATINA EM CONSTANTE (RE)DEFINIÇÃO

UNA AMÉRICA LATINA EN CONSTANTE (RE)DEFINICIÓN

A LATIN AMERICA IN CONSTANT (RE)DEFINITION

Igor Lemos Moreira¹ 

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Resumo: A obra “DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516p.”, a partir de um exercício de História Intelectual aliado à História dos Conceitos, apresenta uma perspectiva inovadora para a análise sobre as identidades americanas, latino-americanas, hispânicas ou ibero-americanas. Explorando, especialmente, a ideia de redes e as trajetórias de sujeitos fundamentais para a construção de representações sobre o continente, a coletânea apresenta uma América Latina que pode ser entendida enquanto Campo de representações e como Lugar de imaginários. Ao longo da presente resenha, exploramos as principais contribuições de cada texto, assim como analisamos as questões centrais e possíveis contribuições da obra. Como principal aspecto, se compreende que a obra é uma publicação singular e importante, tendo em vista que discute tema caro aos estudos sobre as Américas, mas constantemente naturalizado: as identidades e representações nacionais.

Palavras-Chave: América Latina, Identidades, Representações.

Resumen: La obra “DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516p.”, a partir de un ejercicio de Historia Intelectual combinada con la Historia de los Conceptos, presenta una perspectiva innovadora para el análisis de las identidades americana, latinoamericana, hispánica o iberoamericana. Explorando, especialmente, la idea de redes y las trayectorias de sujetos fundamentales para la construcción de representaciones sobre el continente, la colección presenta una América Latina que puede ser entendida como Campo de representaciones y como Lugar de imaginarios. A lo largo de esta reseña, exploramos las principales contribuciones de cada texto, así como analizamos los problemas centrales y las posibles contribuciones del trabajo. Como aspecto principal, se

¹ Doutorando em História, Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: igorlemoreira@gmail.com.

entende que la obra es una publicación única e importante, considerando que aborda un tema caro a los estudios sobre las Américas, pero constantemente naturalizado: las identidades y representaciones nacionales.

Palabras clave: América Latina, Identidades, Representaciones.

Abstract: The work”, based on an exercise in Intellectual History combined with the History of Concepts, presents an innovative perspective for the analysis of American, Latin American, Hispanic or Ibero-American identities. Exploring, especially, the idea of networks and the trajectories of fundamental subjects for the construction of representations about the continent, the collection presents a Latin America that can be understood as a Field of representations and as a Place of imaginaries. Throughout this review, we explore the main contributions of each text, as well as analyze the central issues and possible contributions of the work. As a main aspect, it is understood that the work is a unique and important publication, considering that it discusses a theme that is dear to studies on the Americas, but constantly naturalized: national identities and representations.

Keywords: Latin America, Identities, Representations.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206656](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206656)

Recebido em: 10/01/2023
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/07/2023

Publicado pela editora UFMG (Minas Gerais, Brasil) em 2022, *Continente por definir: As ideias de América no Século XX*, pode ser considerada uma obra de referência para pesquisadores que se debruçam a analisar as identidades americanas, latino-americanas, hispânicas ou ibero-americanas. Com organização de Eliana de Freitas Dutra e Jorge Myers, a coletânea é uma obra necessária cuja especificidade reside em um esforço que transita entre o regional/nacional e o panorama macro tanto a partir das contextualizações como do esforço por diálogos. Tal abordagem foi possível, em especial, pela obra ter como fio condutor trabalhos que perpassam a História Intelectual e a História Global, propondo uma perspectiva que pensa as produções em circulação junto a trajetórias, redes e projetos políticos. A concepção, inclusive, retoma a proposta teórico-metodológica presente em obra anterior organizada por Costa e

Maíz (2018), ao promover estudos que busquem o debate sobre as representações e ideias de América Latina, por vezes em diálogo inclusive com Estados Unidos, a partir de instituições e sujeitos que transitaram entre o pensamento do Estado-Nação, o continente e o global.

Dividido em seis partes, quase todas com dois artigos, *Continente por definir* se envereda por analisar a construção de imaginários sobre o continente latino-americano no século XX a partir de diferentes recortes temporais, temáticos e espaciais. A primeira parte da obra, *América Latina: Narrativas de Fundação*, empreende um esforço de História Intelectual, especialmente em diálogo com a literatura e os ensaios, para compreender a ideia de mitos e produção de uma narrativa fundacional sobre a América Latina. Eliana de Freitas Dutra, em “*Se existo não, não sou um outro*”: os desafios de ser, desenvolve uma genealogia para o conceito de América Latina a partir de uma visão plural e poligenia que dialogam com a história conceitual e Michel Foucault. Através de uma articulação importante entre literatura e produção “acadêmica”, Dutra atenta não apenas para o fato de a ideia de “América Latina” ser um conceito sempre relacional, que se dá pela diferença e semelhança, mas principalmente é uma construção que se desenvolve a partir de dois pressupostos: como *campo* identitário elaborado historicamente e enquanto *espaço* de representação e identificação. Tal entendimento seria estruturante para pensar as “elaborações identitárias que, fruto de longínquas sedimentações históricas, atravessam os séculos XIX e XX e alcançam o século XXI” (DUTRA, 2022, p. 29). Os dois pressupostos apresentados servem de base para pensar o restante da obra e apresentam hipóteses centrais para enfrentar outras questões, como as noções de “latinidade”, “hispanidade” e “latino-americanidade”.

Em “*Com os olhos de um grego da odisseia*”: o latino-americanismo de Rodó, de Ariel às crônicas de viagem pela Europa, Inês de Castro mergulha na produção do uruguaio Juan Enrique Rodó de forma a analisar a influência do helenismo para confrontar o imperialismo cultural estadunidense e promover uma nova utopia de modernidade

latino-americana. Concentrando-se na construção do movimento *arielista*, Castro analisa como Rodó tentava construir um modelo intelectual para a América Latina através de temas como democracia, juventude e o imperialismo cultural. A autora destaca que apesar da recepção um pouco tardia de seus escritos, Rodó não ficou isento de críticas ou mesmo da falta de circulação, como no Brasil, e afirma que suas provocações tiveram papel importante não apenas para a construção de representações sobre o continente, mas para o diálogo com outros autores, como Roberto Fernández Retamar.

A segunda parte da coletânea, *Por um americanismo cultural: nas trilhas do protagonismo africano e indígena*, reúne três artigos que se dedicam a analisar as fronteiras culturais e os processos de hibridismos na América Latina. Jorge Myers, autor de “*Eu também sou América*”: *música, história e transculturação na obra de Ildefonso Pereda Valdés e Fernando Ortiz* discorre sobre a presença africana na música popular a partir de um intelectual uruguaio e outro cubano. Ambos, conhecidos por suas produções antropológicas, desenvolveram interpretações próprias sobre as práticas afro-latino-americanas, sendo que cada um implementou uma perspectiva própria: Valdés apostou em uma perspectiva continental, o que o levou a destacar o indigenismo, enquanto Ortiz desenvolveu teorias sobre transculturação, especialmente a partir de um africanismo. No entanto, Myers não se limita apenas a uma análise das produções desses autores, mas tenta compreender os impactos das reflexões e a inspiração dos discursos americanistas, o que certamente é uma contribuição ímpar frente aos estudos anteriores.

Em *Arqueologia e estética na unidade espiritual do continente: sobre Ricardo Rojas e Joaquín Torres García*, Alejandra Mailhe explora a teoria estética indo-americanista do argentino Ricardo Rojas e do uruguaio Joaquín Torres García. A autora procura compreender a cristalização de um discurso sobre os povos originários na América, ao longo dos anos 1920 e 1930, que articulava o ideológico ao estético. Apesar do recorte no século XX, Mailhe promove um estudo interessante ao dialogar com a arqueologia

pré-colombiana para compreender a influência do que chamou de “unidade espiritual do continente”, que se materializaria nas artes plásticas. A partir de Ricardo Rojas, a autora afirma que “essa unidade americana, de base arqueológica, supõe uma mesma espiritualidade, fundada em um idealismo panteísta e religioso” (p. 152). Tal movimento não era apenas uma retomada objetiva de símbolos e iconografias indígenas, mas ao ser incorporado às vanguardas artísticas criava uma visão moderna e em diálogo com bases fundamentais da arte moderna.

Gabriela Pellegrino Soares assina o último capítulo da segunda seção. Intitulado *América ou Américas: olhares sobre as fronteiras culturais do continente na primeira metade do século XX*, o artigo analisa as “fronteiras culturais” e as reivindicações identitárias no continente americano a partir dos mexicanos José Vasconcelos e José Miguel Covarrubias e dos peruanos José Carlos Mariátegui e Luís E. Valcárcel. Abordando suas trajetórias intelectuais, políticas e as redes as quais integraram, Soares compara o papel das populações indígenas e mestiças na produção dos autores, interpretando sincronias e diacronias nas interpretações sobre passado e futuro da América. A autora demonstra como sentimentos de americanismos ou latino-americanismos emergem de um contexto de crise na virada do século, que colocava o chamado “Novo Mundo” frente à construção dos Estados-Nacionais e à I Guerra Mundial, processos que reafirmaram e tentaram reinserir as Américas a partir de outros grupos e da redefinição de fronteiras que não são territoriais, mas constituídas pelas identificações e as relações de poder.

Limiares do conhecimento, das letras e da política: polarizações teóricas na luta anti-imperialista na América Latina, terceira parte do livro, reúne dois textos entrelaçados na problemática do pensamento de esquerda e das teorias econômico-sociais. Patrícia Funes, em *Ensaio, literatura e ciências sociais entre Las venas abiertas de América Latina* analisa a trajetória de produção de “As veias abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, de forma a compreender sua interação no anos 1960 e a repercussão editorial da obra. A abordagem é particularmente interessante

pois estrutura uma forma de “rede de comunicação” da obra, que envolve desde a influência de ideias e seu contexto, até as circulações, inclusive com a retirada da obra de livrarias e bibliotecas em contextos ditatoriais.

Adriane Vidal Costa, em *Darcy Ribeiro e os dilemas da América Latina*, é a primeira a tomar como ponto de partida um intelectual brasileiro. Ao analisar *O dilema da América Latina*, escrita pelo antropólogo Darcy Ribeiro durante seu exílio, Costa insere a obra em um panorama maior da produção do autor de forma a compreender seu pensamento teórico, com ênfase nos diálogos com a teoria da dependência. Segundo Costa, o exílio ocupa um lugar central no pensamento de Ribeiro e da história intelectual latino-americana, tendo “facilitado a formulação de narrativas de autoafirmação que contêm construções metafóricas culturais (latino-americanismo, ibero-americanismo, hispano-americanismo etc.) e indagações identitárias mais amplas do que aquelas circunscritas aos limites do Estado Nação.” (COSTA, 2022, p. 259).

A quarta parte da obra, *Justiça e direito: Lugares de América*, tem como foco o estudo das produções de juristas e do campo do direito para entender as representações de identidades. Geralmente considerados como “Homens de Letras”, esses sujeitos foram centrais na produção de um pensamento jurídico, diplomático e de governança de seus respectivos países, projetando também ideias sobre o continente e suas fronteiras. Pablo Ortemberg, em *O ibero-americanismo no calor das tensões continentais: a militância de José León Suárez* analisa a trajetória de um jurista e diplomata argentino defensor do *arielismo*, dialogando com o capítulo de Alejandra Mailhe. Ortemberg analisa como o seguidor de Rodó produziu discursos americanistas em práticas e instituições fundamentais para moldar e dar segurança a suas ações.

Em *Advogados das Américas: Juristas e(m) imaginações continentais*, Mariana de Moraes Silveira discute o papel de juristas para a construção de identificações latino-americanas, com destaque à atuação de advogados e associações nas delimitações de políticas nacionais e na internacionalização das práticas jurídicas. Silveira compara a atuação dos

brasileiros Rodrigo Otávio e Haroldo Valladão com os argentinos Enrique Gil e J. Honorio Silgueira de forma a compreender as redes, a circulação de ideias e a construção de espaços transnacionais em entidades supostamente ligadas a Estados-Nação como o *Colegio de Abogados de Buenos Aires*, a *Federación Argentina de Colegios de Abogados* e o Instituto de Advogados Brasileiros. A interface entre sujeitos e instituições é analisada a partir da construção dos campos que buscavam a formação de “americanismos jurídicos” como uma chave que transitava entre as perspectivas nacionais, os projetos hemisféricos e idealismos.

O tema dos americanismos é retomado na quinta parte, *Americanismos impressos: uma comunidade política ou intelectual*, que reúne artigos de Kátia Baggio e Regina Crespo. Kátia Baggio empreende um estudo sobre o diretor da revista *América Brasileira* (Rio de Janeiro, 1921-1924), Elysio de Carvalho, com ênfase em seu ativismo político e nas ambiguidades de um homem que transitou entre posturas vanguardistas e anarquistas e inclusive o extremo conservadorismo. O capítulo, intitulado *Elysio de Carvalho: do anarquismo individualista ao nacionalismo militante de América Brasileira*, explora tanto a trajetória que atuou em órgãos de segurança quanto a revista que articulava nacionalismo e tradicionalismo na formulação de uma narrativa americanista. O periódico foi fervoroso defensor do sentimento nacionalista nesse processo, tendo um discurso com elementos positivistas influenciado pelos resquícios no militarismo republicano no país. O estudo de Baggio é particularmente potente pois não se trata de uma espécie de análise sobre a trajetória e obra do ponto de vista individualista de Carvalho, mas sim enquanto operação relacional na qual são entendidos os diálogos com diferentes intelectuais, como João Ribeiro, e grupos intelectuais, como o Congresso Internacional de Americanistas.

O artigo *As revistas Marcha, Crisis e Versus: hispano ou Latinoamérica? (1972-1979)*, de Regina Crespo compara as revistas *Marcha* (Uruguai), *Crisis* (Argentina) e *Versus* (Brasil) e seus editores para compreender as influências e afinidades entre as redes estabelecidas nos

periódicos. Com foco na década de 1970, Crespo aborda um tema crucial para as identidades latino-americanas: os vínculos e reconhecimentos (ou não) do Brasil com os países hispano-falantes. A partir dos periódicos, a autora destaca o papel de mediação das revistas literárias e ensaísticas procurando argumentar que tais veículos foram espaços de reflexão e proposição de um latino-americanismo programático, mesmo em suas divergências, em contextos ditatoriais e de repressão.

A última parte do trabalho, intitulada *Identidades de Esquerda: a América Latina entre experiências e imagens*, aborda os movimentos de esquerda no continente a partir do cinema e das redes intelectuais, com ênfase nos anos 1950 e 1970. Mariana Villaça, autora de *Os contornos da América Latina no cinema cubano pós-revolução*, analisa o papel da produção audiovisual cubana após o triunfo da Revolução e o estabelecimento de uma política cultural. Em um estudo sistemático sobre o órgão, citando inclusive outras iniciativas como o mundo musical entre as quais poderíamos incluir também a dança, Villaça problematiza como a Revolução passou a produzir sentidos sobre a América Latina em relação à Europa e aos EUA a partir de produções audiovisuais. A autora, se concentra em compreender qual “‘América Latina’ foi construída e quais contornos esta identidade ganhou no cinema produzido em Cuba, mostrando alguns intercâmbios e as ações de política cultural que contribuíram para essa franca disposição americanista.” (VILLAÇA, 2022, p. 456). Chama a atenção, em sua hipótese, a articulação entre Estado e produção audiovisual não apenas do ponto de vista estrutural e/ou de financiamento e controle, mas de atuação na circulação e transmissão das produções.

Por fim, a coletânea encerra com o artigo *Um momento anti-imperialista: intelectuais latino-americanos nas redes comunistas dos anos 1950*, assinado por Adriana Petra. Ao propor analisar a trajetória da argentina María Rosa Oliver, Petra traz para o centro das discussões uma mulher que se envolveu diretamente na construção de comunismo na América Latina pós-1956, com a crise internacional do movimento. Seu

texto explora vastamente a relação com o contexto, e a construção de uma latino-americanidade no bojo da reinvenção do movimento comunista, chamando a atenção para o papel de uma intelectual engajada em meio a um cenário recorrentemente associado ao mundo masculino. Mais que uma discussão conceitual e/ou de representações, Petra demonstra o papel dos sujeitos como indivíduos de agência e ação e a importância não apenas das trajetórias do ponto de vista produtivo, mas atuante e colaborativo para a produção de visão sobre o continente.

Continente por definir é uma obra de importância fundamental para historiadores das Américas ao tematizar os debates sobre as identidades latino-americanas, e suas variações como latinidade e hispanidade. As “Américas” dos capítulos reunidos são regiões imaginadas e marcadas por conflitos, tensões e processos de colonização que reforçam discursos ao passo que lutam contra vozes hegemônicas. A coletânea dialoga com estudos consolidados na área como Mignolo (2005), Morales (2019) e Palti (2020), ao encarnar identidades e narrativas múltiplas que elaboram as Américas como território imaginado e campo de constante disputa. Esse processo, marcado por colonialismos e imperialismos, no entanto, não é subalterno e/ou desestruturado de sua autorreflexão, seja ela nacional ou transnacional, como parte de uma determinada historiografia isolacionista defenderia.

A América Latina de *Continente por Definir* é pulsante, articulando categorias como raça, classe, etnia e gênero. A obra cumpre uma lacuna e um papel importante ao apresentar um grupo de historiadores que tem se dedicado a pensar a formação de uma representação da América Latina pós-discursos fundacionais, com ênfase no seu caráter conectado. A ideia de “por definir” condensa a proposta ao reforçar que como representação, o continente imaginado por intelectuais é vivo e relacional, e pode ser orientado por determinadas narrativas, mas cujo significado é constantemente disputado por seu pertencimento no tempo.

Entre semelhanças e diferenças, *Continente por definir* contribui para o entendimento de uma América Latina que olha para si e para dentro. As

redes são o principal eixo para a defesa da hipótese da América Latina como um continente imaginado e representado entre o coletivo e o individual, entre o político e o cultural, entre o social e a ideologia. A identidade latino-americana, e suas formas discursivas como o americanismo, são entendidas e defendidas na obra como uma pauta recorrente e sem respostas fechadas. No plano teórico-metodológico, os textos demonstram a importância de combater os essencialismos e buscar, nas contradições e na diversidade dos significados e significantes dos discursos americanistas. Ao passo que cada vez mais se tenta definir e analisar as Américas, *Continente por Definir* demonstra que a tarefa árdua é alimentada pela impossibilidade de uma única definição fechada e estática. Pensar uma identidade única latino-americana é, como se pode inferir pela obra, não somente utópico como não recomendado, o que não significa que não seja possível estabelecer relações, projetos e projetos de integração.

Referências

- COSTA, Adriane; MAÍZ, Claudio (Orgs). **Nas tramas da cidade letrada: Sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). **Continente por Definir: As Ideias de América no século XX**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516 p.
- MIGNOLO, Walter. **The idea of Latin America**. Nova Jersey: Blackwell, 2005.
- MORALES, Ed. **Latinx: The New Force in American Politics and Culture**. Nova York: Verso Books, 2019.
- PALTI, Elias. **O tempo da política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- PRADO, Maria Ligia. **América Latina no século XIX**. São Paulo: Edusp, 2014.



FLORA TRISTAN E O SISTEMA DE JUSTIÇA PATRIARCAL: A INSURGÊNCIA DE “PEREGRINAÇÕES DE UMA PÁRIA”

*FLORA TRISTÁN Y LA JUSTICIA PATRIARCAL: LA INSURGENCIA DE
“PEREGRINACIONES DE UNA PARIA”*

*FLORA TRISTAN AND THE PATRIARCHAL JUSTICE SYSTEM: THE
INSURGENCY OF “PILGRIMAGES OF AN PARIAH”*

Joana das Flores Duarte ¹ 

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Resumo: Flora Tristan escreveu *Peregrinaciones de una paria* [As peregrinações de uma pária] entre 1833-1834. O livro é um relato da sua viagem pelo Peru, em busca do reconhecimento de sua família paterna. O fito desta resenha é o de mostrar a atualidade e insurgência do pensamento de Flora Tristan. Destacamos, entre essas rebeldias, a sua transcendência cronológica ao tempo vivido e os elementos fundantes de uma crítica feminista ao sistema de justiça patriarcal. É partindo de sua experiência matrimonial (da tentativa de desfecho dessa experiência) que Flora explora as determinações patriarcais que se interseccionam com o sistema de justiça. Desvenda, a partir daí a relação de dominação e imposição do casamento, bem como a determinação do “papel feminino” no seio da família. Ao trazer a perseguição chancelada pelo Estado do homem sobre a mulher, Flora afirma a atualidade da sua obra após 188 anos da primeira publicação. Sua insurgência não reside apenas no tratamento analítico dado ao apagamento dos fundamentos filosóficos do direito de liberdade das mulheres, mas na sua arguta apreensão sobre a relação de dominação masculina com a formulação jurídica do direito de propriedade privada burguesa. Flora inaugura como princípio revolucionário que o privado, além de público, é político. Destaca-se a relevância contemporânea de sua obra para a América Latina e o Caribe, em especial no pensamento feminista.

Palavras-chave: Flora Tristan; Justiça Patriarcal; Gênero.

¹ Doutora e Professora na Universidade Federal de São Paulo, no Instituto de Saúde Sociedade (ISS). E-mail: jf.duarte@unifesp.br.

Resumen: Flora Tristán escribió *Peregrinaciones de una paria* entre 1833-1834. El libro es un relato de su viaje por Perú, en busca del reconocimiento de su familia paterna. El propósito de esta reseña es mostrar la actualidad y la insurgencia del pensamiento de Flora Tristán. Destacamos, entre estas rebeliones, su trascendencia cronológica al tiempo vivido y los elementos fundantes de una crítica feminista al sistema de justicia patriarcal. Es desde su experiencia conyugal (desde el intento de poner fin a esta experiencia) que Flora explora las determinaciones patriarcales que se entrecruzan con el sistema de justicia. Devela, a partir de ahí, la relación de dominación e imposición del matrimonio, así como la determinación del “rol femenino” dentro de la familia. Al traer a colación la persecución de los hombres sobre las mujeres sancionada por el Estado, Flora afirma la relevancia de su obra después de 188 años de su primera publicación. Su insurgencia reside no sólo en el tratamiento analítico que se le da al borramiento de los fundamentos filosóficos del derecho a la libertad de las mujeres, sino en su astuta aprehensión de la relación de la dominación masculina con la formulación jurídica del derecho a la propiedad privada burguesa. Flora inaugura como principio revolucionario que lo privado, además de público, es político. Se destaca la relevancia contemporánea de su obra para América Latina y el Caribe, especialmente en términos del pensamiento feminista en esa región.

Palabras clave: Flora Tristán; Justicia Patriarcal; Género.

Abstract: Flora Tristan wrote *Peregrinaciones de una paria* [*Peregrinations of a Pariah*] between 1833-1834. The book is an account of her journey through Peru, in search of recognition from her paternal family. The purpose of this review is to shed light on the relevance and insurgency of Flora Tristan's thought. We highlight, among these rebellions, their chronological transcendence to lived time and the founding elements of a feminist critique of the patriarchal justice system. It is from her marital experience (and the attempt to end this experience) that Flora explores the patriarchal determinations that intersect with the justice system. From there, she unveils the relationship between domination and imposition of marriage, as well as the determination of the “female role” within the family. By bringing the state-sanctioned persecution of men over women to light, Flora affirms the relevance of her work 188 years after its first publication. Her insurgency lies not only in the analytical treatment given to the erasure of the philosophical foundations of women's right to freedom but also in her astute apprehension of the relationship of male dominance with the legal formulation of the right to bourgeois private property. Flora inaugurates the revolutionary principle that the private, in addition to being public, is political. The contemporary relevance of her work for Latin America and the Caribbean is highlighted, especially in terms of feminist thought in that region.

Keywords: Flora Tristan; Patriarchal Justice; Gender.

Flora Celestina Teresa Enriqueta Tristán y Moscoso nasceu em 7 de abril de 1803, na França (Paris), em plena época napoleônica. Publicou em vida as obras *Nécessité de faire un bon accueil aux femmes Étrangères* (1836), *Pétition pour le rétablissement du divorce* (1837), *Pérégrinations d'une paria* (1838), *Lettres de Bolívar* (1838), *Pétition pour l'abolition de la peine de mort* (1838), *Méphis* (1838), *Promenades dans Londres* (1840), *L'Union Ouvrière* (1843). No que diz respeito à estrutura da obra, esta tem 519 páginas e está dividida em dois grandes tomos. O primeiro versa mais especificamente sobre o deslocamento do continente europeu para o americano, enquanto o segundo se dedica à sua temporada no Peru. Publicada pelo Fondo Editorial da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em 2003 e reimpressa em 2006, com apoio instituição Flora Tristan – Centro De la Mujer Peruano, a obra foi traduzida por Emilia Romeno, com prólogo de Mario Vargas Llosa, uma nota introdutória de Francesca Denegri e nota de abertura pela feminista e ativista peruana Virgínia Vargas.

Flora viveu intensamente e pensou muito além do seu tempo, mas faleceu jovem, com 41 anos. Em *Pérégrinations d'une paria*, Flora relata sua viagem ao Peru, essa que teve como motivação central o seu reconhecimento por parte de sua família paterna. Filha de pai hispano-peruano, o coronel da Armada espanhola Dom Mariano de Tristán y Moscoso, e de mãe francesa, Anne-Pierre Laisnay, Flora era considerada ilegítima, pois o casamento dos seus pais ocorreu apenas no marco religioso e sem validade civil. Situação que colocou Flora em um grande paradoxo: herdeira sem direitos. Com a perda do seu pai ainda criança, Flora teve uma vida marcada por dificuldades de todas as ordens, e com a chegada da vida adulta decide viajar até o Peru e ter o reconhecimento de filha por parte de sua rica família paterna. A escolha de *paria* no título da obra demarca bem essa posição política e ativista da autora, quando

demonstra que a ausência do reconhecimento da paternidade lhe projetou a tal condição. Flora demonstra como a sociedade patriarcal sustentada na figura masculina criou uma relação de segunda classe ou de mulher inferior para ela, devido a sua condição de filha sem pai. Chama a atenção como a autora naquele período já explorava os danos causados às mulheres e suas filhas sem a figura paterna. Isso tanto pelas questões financeiras, mas também pelo prestígio social e respeitabilidade impostos pela figura patriarca. No desenvolver da sua história, Flora busca situar como a sua condição de mulher na sociedade foi constituída também por essa relação de desamparo. Por outro lado, e de modo muito contraditório, é justamente a partir dessa ausência da figura paterna e de uma “referência masculina protetiva”, que Flora se lança como protagonista da sua história. A ida até o Peru trata em dois tempos de duas grandes questões: ser reconhecida como filha e herdeira e como mulher insurgente, demarcando um protagonismo fora de alcance para sua época, ou melhor, muito semelhante ao alcance dos homens de sua época.

Flora, em seus escritos, buscou afirmar o que hoje denominamos por *justiça social de gênero*. Em *Peregrinaciones de una paria*², a autora busca, por meio de crônicas, situar suas experiências dialeticamente com o mundo vivido. Das relações traumáticas, entre elas o casamento, Flora mostra de forma pioneira a formação do sistema jurídico patriarcal e androcêntrico. Perseguida e sem o direito à liberdade na condição de mulher, a autora desvenda a relação entre família, propriedade privada e burguesia. É neste livro que Flora marca seu pioneirismo e sua posição revolucionária diante do seu tempo. Não se trata de um “diário” de sua viagem ao Peru, mas dos efeitos que sofreu em sua vida por ser uma filha ilegítima e uma mulher bastarda. É partindo dessas contradições que a autora demarca as opressões do casamento e o lugar de “segunda classe” imposto às mulheres. Flora inova ao analisar as relações privadas como

² TRISTAN, Flora. **Peregrinaciones de una paria**. Lima, Perú: Fondo Editorial UNMSM, 2003. 539 p.

A obra também foi traduzida ao português: TRISTAN, Flora. **Peregrinações de uma pária**. Trad. Maria Nilda Pessoa, Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. 535 p.

intrínsecas ao mundo público, em especial na insegurança jurídica destinada às mulheres.

Flora conta sua história, mas sem cair nas armadilhas subjetivistas ou do que denominamos por “esfera privada”. Pelo contrário, ao transpor suas “falhas” e dores enquanto mulher para além do âmbito doméstico, Flora rompe com o pacto do silêncio e da subordinação imposto às mulheres. Flora, ao realizar uma exposição de si mesma, se pauta numa narrativa honesta e verdadeira à sua história. Por isso, a construção de pária se forja nessa contraditória relação vivida por ela. Ao assumir essa posição “inferior” e marginalizável, Flora se coloca em dois lugares ao mesmo tempo: escritora e sujeita vivente da escrita. A autora, diferentemente da literatura europeia de sua época, se posiciona como interlocutora de sua própria narrativa, sem desconectar-se da dimensão social e política que assume em seu conteúdo. Trabalha, nesse sentido, dialogicamente o seu discurso. Este é, sem dúvida, um dos maiores feitos de sua obra, pois, ao mostrar as perseguições e toda a peregrinação jurídica que lhe foram impostas por sua condição de sexo/gênero, explicita uma situação própria, mas, ao mesmo tempo, lança luzes sobre a sua dimensão coletiva.

Flora não se atenta apenas às questões conjugais, mostrando como as pessoas mais pobres são mais injustiçadas. Não por acaso, o/a leitor/a é interpelado pela narrativa de Flora, se dando conta dos fatos e do lugar de fala insurgente da autora. Ao mediar presente e passado, Flora aborda um outro elemento fundamental: sua condição fronteiriça. Liga dois continentes em processos sócio-históricos distintos. No Peru, desvenda elementos da colonização, das relações escravocratas, o que se contrasta em muitos aspectos com a realidade europeia, que efervescia com um movimento de organização da classe trabalhadora. Sua obra nos leva a conhecer dois mundos distintos e, ao mesmo tempo, intrinsecamente conectados. Em sua obra, desde as primeiras linhas, Flora pauta como proposta uma interlocução com seus leitores de confiança, o que é percebido inclusive quando mostra a desumanização e a humilhação nos controversos caminhos por ela percorridos.

Ciente da sua origem aristocrática, Flora demonstra como, sendo ela filha de uma relação não reconhecida, a condição de pária lhe é imposta. Sem direitos e prestígio, numa época em que os ideais burgueses de família faziam da mulher um ser valorizado em suas múltiplas funções socialmente determinadas, entre elas ser mãe, filha e esposa, Flora rompia com todos esses estereótipos. Ruptura que se dá tanto por sua condição material imposta quanto pela sua insurgência revolucionária. Essa condição de mulher à frente do seu tempo também promoveu inúmeros rumores sobre a sua orientação sexual. A demonização da sexualidade feminina nesse período consagrou um modelo normativo de sexualidade. Mulheres com desejo por outras mulheres eram tratadas como hereges e maléficas. Nesse viés, Flora, mais uma vez, aponta as relações de dominação e o surgimento da criminologia médica positivista, aos quais ela foi submetida, visto que foi ela própria atacada por um suposto romance com sua amiga Olympia. Cabe destacar que esses rumores dialogam mais com uma forma de punição de Flora do que propriamente da relação com outra mulher.

Para Virginia Vargas, feminista peruana e prefaciadora do livro em espanhol, as mulheres da nossa geração foram e ainda são impactadas pelos escritos de Flora Tristan. Trata-se de uma autora feminista e revolucionária de seu tempo e que coloca em xeque um conjunto de valores e crenças de uma sociedade que se sustenta das opressões de gênero. Trata, em sua obra, das opressões e explorações de gênero, em especial por sua relação direta com os movimentos dos trabalhadores. Atenta para as imbricações de gênero e classe, ainda que não tenha dado naquele tempo essa denominação. Flora nos convida à reflexão e virada de chave analítica ao tratar dessas opressões de gênero como raízes de uma sociabilidade; portanto, os próprios movimentos de trabalhadores tinham em sua gênese parte dessas discriminações. Ao dirigir sua vida para o campo público e político, logo fazendo da sua narrativa um lugar de publicização, Flora radicaliza a vertente emancipatória da luta das mulheres e nomeia o que hoje conhecemos por *violências de sexo e gênero*,

matrimonial, direito à maternidade, direito ao divórcio, e como essas violências se estendiam à classe trabalhadora, somadas à exploração da força de trabalho.

Dos elementos mais centrais de *Peregrinaciones de una paria*, destaca-se o trato dado à violência jurídica. Há que pensar, todavia, que o ato impositivo não se origina da natureza, não está na essência dos homens e das mulheres, pelo contrário, é um produto social e histórico. Por ser produto das relações sociais em seu contexto histórico, a imposição da violência é maleável, vai de acordo com o avanço ou retrocesso de uma determinada sociedade, na necessidade impositiva de maior controle sobre determinados sujeitos e grupos. Por isso não há relação social sem manifestações de violências, ela é inerente enquanto forma estabelecida de coerção. É essa base legal, jurídica, processual e detalhada que configura a ação de quem pode exercer poder e sobre quem se executa esse conjunto de normas. Trata-se de uma formação jurídica pública, ou seja, de uma instituição que pode ser soberana e incontestável perante o povo, por isso a junção entre Estado e Igreja foi tão profícua.

Esses elementos aparecem na obra de Flora e são demonstrados por ela como força de coerção feita por homens, mas não por quaisquer homens. O estabelecimento do saber jurídico formado por homens honestos emerge com a finalidade de criar um antagonismo jurídico entre os sexos, mas não somente isso: a posição da mulher, nesse caso, estará sempre em condição inferior. Isso possibilitou na formação sócio-histórica um tratado jurídico e penal de criminalização/marginalização das mulheres – é sobre isso que Flora versa de forma arguta em sua obra.

Embora tenha sido difundida pela Europa, a posição revolucionária de Flora ao que mais tarde seria conhecido como pensamento médico-biológico-positivista não foi suficiente para inibir 55 anos mais tarde a tese de Guglielmo Ferrero e Cesare Lombroso sobre *A mulher delinquente*, obra publicada em 1893. Tal publicação busca “explicar cientificamente” a mulher criminosa e prostituta. Para isso, os autores dedicaram-se às teorias das diferenças entre macho e fêmea na

diversidade dos animais e concluíram que, embora a fêmea fosse mais forte e maior em algumas espécies, nos mamíferos, era o macho que detinha maior força, tamanho e habilidade, sendo a fêmea inferior (FERRERO; LOMBROSO, [1893] 2017, p. 135-136).

Essa mediação da obra de Flora com a tese médico-positivista de Ferrero e Lombroso se faz necessária para mostrar como, no curso da história, a escrita, o pensamento e as posições revolucionárias das mulheres não somente foram apagadas, mas postas em xeque por um saber masculino dominante. Entende-se, assim, que, no século XIX, a construção do conhecimento psicopatológico sobre a sexualidade do sexo feminino formalizou ritualisticamente o padrão da mulher normal e anormal. Isso levou (e de certa forma segue levando) ao surgimento de novas regulações comportamentais, que se expressam em recursos sistemáticos de repressões sobre esses corpos ditos desviantes. O dispositivo da aliança – que pode ser brevemente descrito como uma estrutura familiar de comportamento sexual (heteronormativo e monogâmico) para casar traços definidos por lei (principalmente através do contrato de casamento, garantindo fidelidade, filiação, herança etc.) – permite distinguir o campo do que está autorizado e do que está proibido e, assim, desencoraja o comportamento dissidente justamente pelo ordenamento jurídico, moral e social que são impostos. Por isso é correlata a relação de poder e dominação exercidos sobre Flora e os ainda hoje praticados contra as mulheres em todo o mundo, visto que este segue governado por homens, mas não por quaisquer homens.

Flora foi insurgente em muitos aspectos, em especial na denúncia da desigualdade jurídica, mas também frisou a solidão da mulher pária e viajante. Ao mesmo tempo, tratou como libertária a possibilidade de desbravar o mundo sozinha. Esses elementos são necessários e atuais para pensarmos, por exemplo, a atualidade da obra da autora no tocante à imigração de mulheres pelo mundo, ainda que com perspectivas distintas, as mulheres imigrantes são compelidas ao desbravamento, à solidão e à ausência de direitos, recursos e assistência jurídica. Somado a isso,

destaca-se a relevância contemporânea de sua obra para a América Latina e o Caribe, em especial no pensamento feminista.

Referências

FERRERO, Guglielmo; LOMBROSO, Cesare. **A mulher delinquente**. Tradução: Antonio Fontoura, Editora Antonio Fontoura: Curitiba, 2017 [1893]

TRISTAN, Flora. **Peregrinaciones de una paria**. Trad. Francesca Denegri. Lima, Perú: Fondo Editorial UNMSM, 2006 [1938]. 539 p.



EL DESAFÍO DEL DESARROLLO. TRAYECTORIAS DE LOS GRANDES ECONOMISTAS LATINOAMERICANOS DEL SIGLO XX

*O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO: TRAJETÓRIAS DOS GRANDES
ECONOMISTAS LATINOAMERICANOS DO SÉCULO XX*

*THE DEVELOPMENT CHALLENGE: TRAJECTORIES OF THE GREAT LATIN
AMERICAN ECONOMISTS OF THE 20TH CENTURY*

Héctor López Terán¹ 

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Resumen: El libro *“El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX”* coordinado por Juan Odisio y Marcelo Rougier - publicado en Santander, España en 2022 por la editorial de la Universidad de Cantabria y la Universidad de Rosario, Colombia, dentro de su Colección Sociales #72 - reúne y despliega la configuración intelectual de diez economistas latinoamericanos atraídos por los problemas del desarrollo de la región. Desde una exploración sustancial, histórica e intelectual, muestran el entrecruce entre reminiscencias personales, desarrollo profesional y evolución intelectual de autores concernientes al núcleo cardinal del estructuralismo latinoamericano.

Palabras clave: Desarrollo económico; Estructuralismo; Pensamiento económico latinoamericano.

Resumo: O livro *“El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX”* [O desafio do desenvolvimento. Trajetorias dos grandes economistas latino-americanos do século XX] coordenado por Juan Odisio e Marcelo Rougier - publicado em Santander, Espanha em 2022 pela editora da Universidade de Cantábria e da Universidade de Rosário, Colômbia, no âmbito da Colección Sociales #72 - reúne e desdobra a configuração intelectual de dez economistas latino-americanos atraídos pelos problemas de desenvolvimento da região.

¹ Doctorando en el Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos de la Universidad Nacional Autónoma de México (PPELA-UNAM). Correo: lopezth6@gmail.com.

A partir de uma exploração substancial, histórica e intelectual, mostram o entrelaçamento de reminiscências pessoais, desenvolvimento profissional e evolução intelectual dos autores relativamente ao núcleo cardinal do estruturalismo latino-americano.

Palavras-chave: Desenvolvimento econômico; Estruturalismo; Pensamento econômico latino-americano.

Abstract: The book “El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX” coordinated by Juan Odisio and Marcelo Rougier, was published in Santander, Spain in 2022 by the publishing house of the University of Cantabria and the University of Rosario, Colombia, within its Colección Sociales #72, gathers and displays the intellectual configuration of ten Latin American economists attracted by the problems of development in the region. From a substantial, historical, and intellectual exploration, they show the interweaving of personal reminiscences, professional development, and intellectual evolution of authors concerning the cardinal nucleus of Latin American structuralism.

Keywords: Economic development; structuralism; Latin American economic thought.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.203838](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.203838)

Recebido em: 26/10/2022
Aprovado em: 28/10/2023
Publicado em: 30/07/2023

Juan Odisio y Marcelo Rougier reúnen en el libro “*El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX*” (ODISIO; ROUGIER, 2022) un conjunto de autores destacados en el conocimiento de la vida y obra intelectual de personalidades latinoamericanas preocupadas por el problema del desarrollo de la región. En un recorrido de 398 páginas – dividido en diez capítulos –, el texto expone la evolución intelectual, las rutas teórico-metodológicas y las claves conceptuales del legado erudito de personalidades nucleares en la órbita del pensamiento económico latinoamericano. La aproximación específica a cada uno de los autores esboza un viaje histórico a personalidades inquietantes, aventuradas y comprometidas con dilucidar una vía de transformación social desde una mirada situada y herramental propia.

Al abordar nociones claves de la intelectualidad latinoamericana, traza líneas reflexivas a preguntas concretas sobre las problemáticas histórico-estructurales de América Latina durante la segunda mitad del siglo XX. El texto acompaña la articulación y profundización de variables analíticas claves, que desde una lectura paralela acompaña el devenir latinoamericano en su búsqueda del desarrollo económico (BÉRTOLA; OCAMPO, 2013) y, al mismo tiempo, incorpora con su relevancia en el surgimiento y evolución de conceptos un plano histórico de la producción intelectual de las contribuciones teórica fundamentales (RODRÍGUEZ, 1993, 2006). Si bien cada capítulo remite a personalidades individuales, en conjunto entrelaza los intersticios profesionales y académicos que permiten una lectura hermenéutica de la evolución metódica y sistemática sobre el problema del desarrollo.

Desde una fluidez explicativa, el libro sumerge en la profundidad exploratoria de dos momentos interpuestos: el contexto de la economía mundial y latinoamericana y la correspondencia con el tratamiento intelectual de los grandes referentes. Asimismo, abre la rendija de posibilidades para observar momentos transversales entre el tiempo económico y el tiempo reflexivo, ayudándonos a comprender los entrecruces complejos y el abanico de posibilidades – no convencionales – en la evolución teórico-conceptual de los autores. Por un lado, desde una lectura general, el libro nos inserta en un momento cumbre del desarrollo intelectual latinoamericano en el que países, instituciones y universidades muestran un acompañamiento – con sus referidas especificidades y contrariedades – en las cavilaciones sobre los problemas del desarrollo. Por otro lado, desde una mirada centrada en los puntos clave de los autores guía por la lectura individual de cada capítulo, el libro nos brinda organizadamente una hoja de ruta para explorar un marco teórico-conceptual que nos sitúa en el devenir del abordaje heterodoxo latinoamericano. De manera que, en el rescate sustancial del legado intelectual, nos ofrece diferentes cortejos para aproximarnos a la vida de los

autores, a sus principales reflexiones teórico-metodológicas y al contexto histórico de donde emanan las preguntas centrales de sus elucubraciones.

El despliegue de la obra muestra el procedimiento intelectual por parte de una pluralidad de presentadores que en su devenir académico han profundizado significativamente en la vida y obra de los autores expuestos. Cada uno de los capítulos consigue una sustancialidad metodológica al ubicar los puntos centrales del legado intelectual y examinar sus aportes teóricos al estudio económico. En este sentido, el recorrido del libro despliega una red histórica – dilatada e interconectada – de configuración intelectual de una generación consecuente con la transformación de la realidad latinoamericana.

En el primer capítulo, la tarea de construir el rompecabezas intelectual de un autor clásico de las teorías del desarrollo como es Raúl Prebisch (1901-1986) no resulta una tarea sencilla ante la magnitud de su capacidad intelectual dinámica donde el propósito de encontrar una estrategia de desarrollo periférico fue su norte analítico. En este sentido, Juan Odisio responde a este compromiso al exponer un recorrido sustancial del autor del llamado “Manifiesto Latinoamericano” (PREBISCH, 1949). Al unir piezas bases y múltiples caras de un prisma intelectual, evidencia la inquietud interpretativa y transformativa de Prebisch hacia América Latina. Desde una mirada suscrita al vínculo regional con el sistema global, y desde sus afinidades y distancias teóricas, traza un recorrido de la columna vertebral analítica sobre la relación centro-periferia, la centralidad de la restricción externa y el problema de la distribución internacional.

En la construcción de la obra intelectual podemos encontrar la exposición de la capacidad analítica en constante evolución situada en su devenir histórico y en las peripecias, personales y políticas, que fue enfrentando Prebisch a lo largo de su vida académica y profesional. Las reflexiones que lo acompañaron constantemente sobre el problema de la industrialización, el deterioro de los términos de intercambio, la planificación, las limitaciones del desarrollo latinoamericano, el papel

limitado de la democracia y su intención de transitarlas a la práctica, marcan un punto nodal en la siembra del pensamiento económico latinoamericano y en la apertura parcelaria a grandes intelectuales dedicados a pensar el desarrollo. Asimismo, muestra el carácter contradictorio del ser humano y el reconocimiento del autor a sus resabios neoclásicos que en su momento impidieron dilucidar soluciones propias, no obstante, deja la reflexión de renovar el pensamiento económico para abordar los problemas latinoamericanos desde una perspectiva propia ante la incapacidad de “otras” teorías de responder a las particularidades de la región. Para muestra, el legado de sus reflexiones puede verse plasmado en el conjunto de economistas que integran el núcleo duro del pensamiento económico de la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, precisados en algunos de los capítulos subsecuentes del presente libro.

En el segundo capítulo, José Valenzuela Feijóo nos brinda un panorama descriptivo en cuatro etapas sobre Aníbal Pinto (1919-1986): el contexto emergente de una personalidad histórica del estructuralismo latinoamericano, los pequeños y trascendentales momentos biográficos que marcaron la vida del autor, la dimensión de su pensamiento y sus categorías centrales. Siguiendo un ejercicio metodológico hegeliano, aborda la relevancia histórica de momentos económicos coyunturales que configuraron las bases críticas y las ideas fuerza referentes al proceso de industrialización hacia dentro como eje de transformación social. Los hechos históricos que marcaron la vida de Aníbal Pinto resaltan las cualidades de un cepalino innato con amplio interés por los problemas del desarrollo, su travesía vivencial ostenta la herencia de un “hombre cabal” con esencia humanista, creyente en el progreso de la humanidad y en la razón como medio de materialización.

Mediante una ruta por el universo de la cosmovisión de Pinto, consciente y sistemática, se presentan los componentes científicos y filosóficos – integrales y subyacentes – que articulan un esquema metodológico encaminado a profundizar en los problemas del desarrollo

desde una dimensión macroeconómica. Al resaltar el universo cognoscente de este gran intelectual, se puede elucubrar una visión enfocada en entender variables estratégicas, dimensiones y aspectos articulados desde tres marcos analíticos: las formas de organización productiva, las pautas distributivas y las formas de relacionamiento externo. Dicha matriz analítica histórico-estructural, dinámica – en tiempo y espacio – e inmersa en relaciones de dominación, permite situar factores y causas que producen los cambios o saltos de un estilo de desarrollo a otro. Con ella, Pinto sitúa las economías latinoamericanas dentro de una dinámica integral de variables económicas, políticas, sociales y culturales, que rompen con un reduccionismo económico y determinista e inserta una visión dialéctica en donde las contradicciones resaltan por la emergencia al cambio. De ahí que el abordaje de los estilos de desarrollo haya logrado una consolidación teórica diferenciando los conceptos de sistema, estructura y estilos. Cabe resaltar en el abordaje analítico de Feijóo, la distinción de las aportaciones categóricas consideradas de mayor trascendencia en el pensamiento de Pinto y su búsqueda incansable por eliminar la dependencia estructural a través de una relativa endogeneidad del ciclo económico mediante la intervención y regulación del Estado.

Joseph Hodara, en el tercer capítulo, aborda la configuración personal e intelectual de Víctor Urquidi (1919-2004). Nos presenta a un lúcido economista con una personalidad impregnada de una multiplicidad sociocultural emanada del seno familiar y una alta capacidad erudita. La vida de Urquidi trasciende rodeada de grandes personalidades del mundo de los economistas que desde temprana edad configuraron un temperamento encaminado al libre pensar y actuar sin restricción de la coraza institucional. Su trayectoria muestra la articulación, profundidad y necesidad reflexiva de un autor preocupado y consecuente con las problemáticas del momento y enarbola el interés por responder a los problemas del desarrollo desde una diversidad de variables imprescindibles. Desde una exposición nítida de las partes integrales de un economista con inquietud inquebrantable, con una personalidad reacia al

estilo burocrático e institucional y una actitud consecuente con un espíritu crítico, se identifican la pasión por los temas de finanzas públicas, la teoría fiscal y monetaria, el desarrollo económico, los mercados regionales y la cuestión ambiental.

En el cuarto capítulo, Carlos Mallorquín presenta el desenvolvimiento intelectual de un pensador arriesgado y aventurado a trascender el plano de las ideas interpretativas convencionales sobre la región latinoamericana como fue Celso Furtado. El trabajo señala la virtud intelectual de un pensador impaciente de respuestas a un conjunto de preguntas formuladas en su trajín vivencial. Desgrana los componentes integrales del marco interpretativo de un autor que apostó por el carácter interdisciplinario para construir un método histórico-estructural que coadyuvara a trazar una ruta de superación analítica distante de los marcos interpretativos económicos convencionales sobre el problema del subdesarrollo. A través de la revisión extensa de la obra de Furtado, en la complejidad y evolución histórica en la que se configuran y reconfiguran el plano de su pensamiento, se develan las aproximaciones teóricas, sus enfoques de estudios y sus intereses.

Desde la remisión a un amplio conocimiento de la obra de Furtado, muestra la trayectoria evolutiva de un pensador trascendental. En su metodología para exponer la densa obra del autor, delinea un entrecruce histórico de las reflexiones surgidas en su paso por la CEPAL, su participación en el escenario público y la invención creativa de sus publicaciones. Mallorquín expone a un hombre de su tiempo, perteneciente a una generación latinoamericana ilusionada con la transformación social y, por añadidura, comprometida con trastocar las asimetrías de poder y las desigualdades. A través de un armado intelectual de las obras de Celso Furtado, entre sus eslabonamientos y reajustes reflexivos, realiza una concatenación de ideas centrales cimentadoras de una nueva visión teórica propositiva de alternativas superadoras del subdesarrollo latinoamericano.

En el capítulo cinco, Monika Meireles y Fernando Correa Prado exponen de manera sustancial momentos claves de la vida corta y la obra de la personalidad consecuente de Juan Noyola Vázquez (1922-1962). Los autores, en un recorrido metodológico, separan, pero no desvinculan, las piezas analíticas del eslabón reflexivo del autor. Abordan los intereses centrales por los desequilibrios externos, la búsqueda de herramientas para la planificación del desarrollo, pero, sobre todo, el componente central: “la inflación estructural”. En un recorrido minucioso, vislumbran la apertura hacia una perspectiva endógena y estructuralista de la inflación distanciada a la visión monetarista.

Al entrecruzar la vida y la obra de Noyola, los autores muestran el carácter multifacético del autor, su compromiso teórico-práctico que evidencia la consecuencia sustancial de su pensamiento y la razón de vinculación hacia un hecho significativo para la región latinoamericana como fue la Revolución Cubana. En un diálogo interactivo con la voz del autor, van relatando la claridad de su pensamiento y su carácter analítico, dejándonos claro que la resonancia de Noyola, más allá de su muerte prematura, se dispersa en tiempos donde la visión monetarista reclama ser la vía sustancial explicativa sobre los problemas de la inflación.

En el sexto capítulo, María Eugenia Romero Sotelo y Juan Pablo Arroyo Ortiz revelan la trayectoria académica, diplomática y funcionaria de Horacio Flores de la Peña (1923-2010). Al aproximarnos a su pensamiento, examinan la inquietud central en el itinerario reflexivo de un intelectual interesado en la visión desarrollista de la política económica, en el papel del Estado en la economía, en la estabilidad y los problemas de inflación, en la relevancia del sector rural y la producción agrícola, en la industrialización y el desarrollo tecnológico. La multiplicidad de intereses constituye las partes integrales de un pensamiento cautivado por los problemas del desarrollo desde una posición teórico-práctica ligada a su enfoque sobre el acontecer mexicano y latinoamericano.

Los autores develan a un intelectual atrayente a una visión del desarrollo suscrita a un enfoque situado de un fenómeno complejo,

distanciado de la sujeción analítica de los planteamientos ortodoxos de la ciencia económica de los países centrales. La criticidad de su pensamiento configura una radicalidad docto exigente sobre el abordaje de los problemas de desarrollo desde una realidad desprovista de moldes ajustables prevalecientes y dominantes. En esta aventura intelectual se observa la determinación a construir una teoría del desarrollo de acuerdo a las circunstancias históricas e institucionales desde un marco político y desde la sustancialidad del Estado en la planeación económica.

En el capítulo siete, Iván Colangelo Salomão y Alexander Macchione Saes presentan la vida personal y el camino intelectual de Hélio Jaguaribe (1923-2018). Entre las múltiples dimensiones vivenciales, centran su trabajo en el desenvolvimiento analítico sobre la economía brasileña durante su participación en el Grupo Itatiaia en el Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A través de una ruta histórica sobre Brasil, asientan las disputas intelectuales del autor y el contexto de efervescencia de su pensamiento. En este periplo, nos manifiestan un Brasil que se piensa constantemente. Los autores resaltan la construcción de una voz destacada en las propuestas de desarrollo nacional al profundizar en sus intereses intelectuales sobre la industrialización, la participación del Estado en el desarrollo, la acumulación de capital y el progreso técnico.

Asimismo, exponen su cercanía y afinidad visionaria al papel relevante de la burguesía nacional como elemento subyacente, colaborador e impulsor del desarrollo. Se puede observar que las aproximaciones reflexivas revelan un marco interpretativo de consideración teórico-burguesa al inducir la superación de la contradicción entre el socialismo y el capitalismo a través de una síntesis suscrita a “la socialización del capitalismo” y al contemplar una consideración positiva respecto al capital extranjero en la economía brasileña en contracorriente a los enfoques oscilantes en aquellos tiempos. No obstante, rescatan del autor la vanguardia reflexiva para pensar los problemas del desarrollo desde la interpretación nacional burguesa en Brasil y el temple de un líder en la formación de conocimiento en las ciencias sociales.

Marcelo Rougier, en el octavo capítulo, describe la inquietud, rebeldía y firmeza del pensador argentino Aldo Ferrer (1927-2016). La trayectoria del alumno de Prebisch y lector de José Ingenieros atestigua una influencia fundamental de grandes maestros en su formación intelectual sobre el acontecer de la economía capitalista a través del ciclo económico y sus efectos en la relación centro-periferia. En el despliegue de los constructos analíticos de Ferrer, se aprecia una perspectiva propositiva del desarrollo económico hacia adentro a través de la industrialización y la diversificación de la economía, sin distanciarse del plano mundial. Aciertan en sus trabajos la inquietud constante de argumentar posibilidades de alcanzar el desarrollo nacional en el marco de la imbricación con la dinámica económica mundial y la participación del capital extranjero.

Las reflexiones acompañan la lectura de la historia económica argentina y la búsqueda de soluciones teórico-prácticas a los problemas del desarrollo. La historia de Ferrer contempla relaciones intelectuales, con autores expuestos en este mismo libro, discusiones, acuerdos y disensos que originaron una órbita de ideas que le permitieron construir una lectura actualizada de la economía y desempeñar un papel protagónico en los debates económicos y en las decisiones de política pública para el desarrollo nacional.

En el capítulo nueve, Esteban Pérez Caldentey esclarece puntos centrales de la profusión intelectual del trabajo de Osvaldo Sunkel (1929-). El abordaje del autor recopila sustancialmente la evolución de un intelectual que desarrolló sus reflexiones dentro de la senda institucional y académica. Exterioriza una inmensa difusión de temas de interés que navegan desde los estudios de la inflación hasta la centralidad del medio ambiente en el desarrollo. De esta manera, encuentra en la transversalidad de sus estudios la utilidad del enfoque histórico-estructural en sus aproximaciones analíticas y explicativas – no tanto descriptivas – y la indagación en variables socioeconómicas internas y externas.

Por añadidura, señala la inserción del autor a la corriente neoestructuralista a partir de sus estudios centrados en aspectos

macroeconómicos y financieros, comerciales, de desarrollo social y de sostenibilidad ambiental. Pérez Caldentey enaltece el marco intelectual de Sunkel para pensar y repensar el desarrollo económico y social desde un marco metodológico que nos encamina a mirar la realidad de la estructura económica y social existente, el proceso de internacionalización y las formas de dependencia que sitúan a la región a un plano real y concreto. En este sentido, enuncia tres partes integrales del esfuerzo intelectual de Sunkel para construir un marco teórico analítico alternativo y un esfuerzo de teorización para superar límites del pensamiento estructuralista: la historia, la estructura y la dinámica de América Latina.

En el último capítulo, Matías Vernengo ofrece el recorrido de Maria da Conceição Tavares (1930-), una intelectual de sangre heterodoxa marcada con una amplia trayectoria académica y profesional influenciada por el pensamiento de Keynes y de Celso Furtado. El despliegue científico de Conceição Tavares deviene de una cercanía académica con grandes economistas latinoamericanos que fueron formando un linaje de intelectuales comprometidos con pensar y solucionar los problemas del desarrollo económico hasta nuestros días. Desde una visión histórica del proceso de desarrollo, muestra los aportes de la autora a la discusión sobre el estilo de desarrollo relacionado con el crecimiento impulsado por la demanda. El texto exhibe la búsqueda inquietante de una autora dedicada a construir, consolidar y trascender el pensamiento heterodoxo brasileño mediante la presencia de un legado reflexivo en la conformación institucional y de cuadros técnicos y políticos que coadyuven al desenvolvimiento de Brasil y la región.

La profundidad y el rigor intelectual de cada uno de los autores participantes queda impregnada con suma relevancia en sus trabajos. En la tarea de reseñar un texto tan amplio y rico en contenido, esbozamos de manera atrevida y sintética los puntos centrales de cada uno de los capítulos y, al mismo tiempo, invitamos a profundizar en una lectura detenida y sustanciosa para aproximarse a las claves analíticas y al contexto

vinculante de donde emergen grandes ideas del pensamiento económico latinoamericano.

En síntesis, el libro ofrece el universo intelectual de reflexiones exhaustivas y colectivas orientadas a resolver un interés común en la región desde especificidades analíticas concretas y heterogeneidades de grandes pensadores económicos. Precisamente, de manera armónica, se destaca en cada uno de los intelectuales los elementos sustanciales del cuerpo orgánico del proceder económico latinoamericano. Desde la trinchera histórica, el texto permite concatenar los contextos de emergencia intelectual, las coyunturas sustanciales de momentos claves, los actos y la toma de decisiones de personajes con convicciones, compromisos y retos personales e intelectuales que los llevaron a desmarcarse de los planteamientos de la ortodoxia económica. El entrecruce de trayectorias intelectuales del pensamiento económico latinoamericano nos permite comprender de manera general, en la transversalidad de la obra escrita a distintas manos, las diferentes miradas de un momento analítico emergente sobre pensar para y desde América Latina. En este recorrido, nos invita a la elección de dos posibles orientaciones en su lectura, la primera, nos traslada a escudriñar los distintos caminos de proximidad resolutive de un problema sustancial a través de dilucidar un acercamiento integral y conjunto a la ruta histórica y evolutiva del pensamiento económico regional. La segunda, nos orienta a indagar de manera específica en contextos particulares para acercarnos a la vida y obra de cada uno de los intelectuales. De manera plenaria, tenemos un trabajo que ofrenda un medio contiguo a las obras, reflexiones, axiomas y contribuciones de pensadores latinoamericanos desde una proximidad que refleja el trayecto de una historia intelectual sustancial para pensar el desarrollo en la región, a la vez que vislumbra la exigencia razonable en construir un marco teórico-metodológico que consolide el compromiso práctico de transformación económica y social de América Latina.

Referencias:

BÉRTOLA, Luís; OCAMPO, José António. **El desarrollo económico de América Latina desde la independencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

ODISIO, Juan; ROUGIER, Marcelo (coords). **El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX**. v. 72. Santander: Editorial de la Universidad de Cantabria, Editorial Universidad del Rosario, 2022. 398p.

PREBISCH, Raúl. El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas. **El trimestre económico**, México, v.16, p. 347-431. jul.-sept. 1949.

RODRÍGUEZ, Octavio. **La teoría del subdesarrollo de la CEPAL**. México: Siglo XXI Editores, 1993.

RODRÍGUEZ, Octavio. **El estructuralismo latinoamericano**. México: Siglo XXI Editores, 2006.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES